

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

**A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das  
cidades do Rio de Janeiro e Paris**

**Doutoranda: Manuela Vieira Blanc  
Orientadora: Wania Amélia Belchior Mesquita**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES  
Fevereiro de 2013**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do **CCH / UENF**

07/2013

**B639** Blanc, Manuela Vieira.

A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das cidades do Rio de Janeiro e Paris / Manuela Vieira Blanc -- Campos dos Goytacazes, RJ, 2013.

241 f. : il.

Orientador: Wania Amélia Belchior Mesquita.

Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2013.

Bibliografia: f. 234 - 241

1. Sociabilidade Urbana. 2. Sexo Grupal. 3. Libertinagem. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Centro de Ciências do Homem. II. Título.

CDD 306.7

—

**Manuela Vieira Blanc**



**A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das cidades do Rio de Janeiro e Paris**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Wania Amelia Belchior Mesquita

**CAMPOS DOS GOYTACAZES**  
**Fevereiro de 2013**

**Manuela Vieira Blanc**

**A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das  
cidades do Rio de Janeiro e Paris**

Tese apresentada como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Doutora, ao Programa de Pós-  
Graduação em Sociologia Política,  
da Universidade Estadual do Norte  
Fluminense Darcy Ribeiro.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Wania Amelia Belchior Mesquita (Orientadora)  
Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

---

Prof. Dr. Hélio Raymundo Santos Silva  
Professor Visitante FEBF/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Jussara Freire  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Vania Morales Sierra  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Profa. Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política - UENF

**CAMPOS DOS GOYTACAZES  
Fevereiro de 2013  
DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a  
Aperibé, por meus primeiros  
exercícios de *estranhamento*, e aos  
aperibeenses que mais amei: Orly  
Andrade e Dico Blanc.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente àqueles que se fizeram presentes mesmo quando a solidão era uma ferramenta de trabalho, que nunca admitiram a minha falta e a puderam combater ao me tornar dependente dos seus abraços. À Claudía e Sergio, meus pais, meus amores e meus amigos. Teremos que encontrar outra justificativa para o meu estresse a partir de agora...

A Renan Assis que, diante de tão estimulantes conversas, se transformou em uma presença sem a qual os meus dias perdem o sentido. Não agradeço apenas pela paciência, compreensão ou companheirismo, mas pelas discussões teóricas, pelos desacordos metodológicos, pelos confrontos analíticos. Por partilhar dos amores, interesses e persistências, pelo parceiro profissional que é e que o torna ainda mais irresistível pra mim. Boa parte deste trabalho eu devo a você, que não é o meu amor por acaso.

À parceira de amadurecimento, com a qual dividi algumas das minhas mais importantes experiências acadêmicas, Carine Farias. E às amigas de jornada, com as quais escrevi histórias, partilhei inseguranças e muito aprendi: Desiane Rosa, Lara Luna e Lorena Rodrigues. E a todos os demais colegas do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, em especial Rafael Santos, June Maria Silveira, Ana Carla Pinheiro, Anísio Pirozzi e todos os outros que me ajudaram a sentir parte do que um centro de pesquisa deve corresponder. Além dos professores com os quais tive o prazer de trocar coisas boas e construtivas, em especial a Sergio de Azevedo e Hugo Borsani.

Agradeço também a Philippe Combessie pela generosidade em receber-me durante o meu estágio doutoral em Paris, pela confiança depositada na aluna estrangeira e absolutamente desconhecida. Por endossar a realização de um sonho pessoal, tornando-o ainda mais proveitoso a partir da minha inserção em seu grupo de pesquisa, seminário e laboratório. Experimentar Paris foi uma espécie de delírio até hoje lembrado com ares de devaneio... O que torna esta experiência real são os aprendizados compartilhados. Meus agradecimentos a todos os colegas do *Seminaire de Socio-Anthropologie des Comportements Sexuels* e do *Laboratoire d'Analyses Socio-Anthropologiques du Contemporain*, em especial à Catherine Deschamps, Laurent Gassaid, Sybilla Mayer, Lucie Nayak, Gilles Verpraet e Ibtissem Ben Dridi.

A todos os membros do grupo de pesquisa Cidades, Espaços Públicos e Periferias (Cep 28/UFF/PUCG) pela acolhida, estímulo intelectual e amizade. Por me fazer me sentir menos só durante todo o processo de doutoramento, por me fazer sentir útil e, acima de tudo, por renovarem o meu amor pelo aprendizado. À Raissa Moquiche, Nathália Barros, Viviany Santos, Ulisses Martins, Marcelly de Paula e todos aqueles que passaram pelo grupo sem, contudo, deixarem de me marcar.

E à Jussara Freire, coordenadora do grupo, que se tornou um verdadeiro oásis no deserto campista. Entusiasta colaboradora, presença constante e motivadora. Pela generosidade em abrir a sua biblioteca pessoal e proporcionar oportunidades altamente estimulantes. Por todas as horas e horas em que se debruçou comigo sobre diferentes partes deste texto, me doando altruisticamente o seu tempo “livre”.

A Hélio Silva, com quem compartilhei de um longo e criativo percurso entre congressos e mais congressos junto de Soraya Simões. Pelas leituras sempre tão cuidadosas, pelas críticas detalhadas e tão respeitosas que se fazem passar por elogios. Pela generosidade e excelência profissional inspiradoras. À Soraya o meu agradecimento especial como membro simbólico desta banca de defesa de tese. Este trabalho também se delineia a partir das diferentes questões que me foram propostas por você ao longo dos últimos três anos e meio. Estar com ambos em cada um dos grupos de trabalho foi uma honra a qual jamais me sentirei a altura.

À Vania Sierra, sempre atenciosa, contestadora e divertida. Pela presença que se fez sentir mesmo à distância, quando eu estava em Paris; pelo apoio, paciência e carinho. Bem como pelos incentivos, questionamentos e *pitacos* teóricos.

À Thaddeus Blanchette, pelos surpreendentes artigos (alguns deles em coautoria com Ana Paula Silva) e todas as sugestões concedidas ainda na banca de qualificação. Mentes brilhantes iluminam a criatividade alheia, por isso também agradeço pelo dia em que os conheci através de seus trabalhos.

À Luciane Silva, membro da banca de qualificação, bem como a Alexandre Werneck, por todos os desafios que me propôs em muitos e muitos e-mails e, sobretudo, através do seu primoroso livro. Alguns deles já começam a serem ensaiados, outros guardam a pretensão dos próximos encontros.

À Fátima Cecchetto, membro da banca de defesa de projeto, por quem alimento uma gratidão imensa, pela acolhida em sua casa nas noites de realização de trabalho de campo, pelas excelentes discussões e presença sempre cativante.

À Wania Mesquita. Pela amizade que nutrimos ao longo de todos esses anos de trabalho e a oportunidade de trilhar o meu próprio caminho. Poderemos finalmente nos sentar apenas para partilhar da companhia uma da outra (até que um novo projeto volte a transformar jantares em reuniões de trabalho).

E, finalmente, a todos os meus sedentos interlocutores de pesquisa. Pela generosidade em compartilhar comigo seus segredos mais íntimos e seus desejos mais ardentes.



Quando a entrega é *verdadeira* o céu é o  
limite para o prazer (Aurora).

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar a sociabilidade enquanto forma lúdica de socialização e remontar empiricamente o dinâmico processo de estabelecimento de relações e construções de sentidos. A apreensão do modo de vida urbano através de um exemplar entre os possíveis é o meio escolhido em função de tais fins, diante do pressuposto de que os espaços de sociabilidade são microcosmos do contexto social no qual se inserem. A análise do exercício público de práticas de sociabilidade erótica em um clube de swing na cidade do Rio de Janeiro e em uma sauna libertina em Paris foi o caminho escolhido em favor do desenvolvimento de tais objetivos.

**Palavras chave:** modo de vida urbano, sociabilidade, swing, libertinagem.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the sociability while playful way of association and reassemble empirically the dynamic process of establishing relations and constructions of meaning. The seizure of the urban lifestyle through an exemplary among possible is the means chosen according to such purposes, on the assumption that the spaces of sociability are microcosms of the social context in which they operate. The analysis of the public exercise of erotic practices of sociability in a swing club in the city of Rio de Janeiro and a sauna libertine in Paris was the path chosen for the development of such goals.

**Keywords:** Urban lifestyle, sociability, swing and libertinism.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: Como eu me tornei uma swinger? .....</b>	<b>1</b>
<b>A FOFOQUEIRA, A PRAÇA E O ZÉ NINGUÉM: NOTAS SOBRE A VIDA MENTAL NA ALDEIA .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: Transando Fronteiras, Justificando Posicionamentos.....</b>	<b>34</b>
A pesquisa como um jogo de coqueteria .....	39
Lugares e caminhos .....	55
Uma breve apresentação dos meus interlocutores de pesquisa .....	69
<b>CAPÍTULO 2: Com quantos pares se faz uma <i>suruba</i>? .....</b>	<b>89</b>
Tramas e trocas .....	106
Sexo, sexos e posições.....	125
<b>CAPÍTULO 3: Aqueles sobre os quais se fala .....</b>	<b>144</b>
Tipos sociais no interior do clube de swing .....	151
Entre identidades e situações sociais: mostra como tu te portas que lhe será dito quem és.....	172
<b>CAPÍTULO 4: Os Serviços oferecidos, as possibilidades disponibilizadas.....</b>	<b>183</b>
O clube de swing: um espaço em função de práticas .....	193
Profitez! A sauna libertina como um ambiente para se criar e lambuzar .....	203
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: Notas sobre a assepsia moral .....</b>	<b>211</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>222</b>

## APRESENTAÇÃO: Como eu me tornei uma swinger?

Jeans apertado, saltão, camisetinha mostra-não mostra a barriga e maquiagem de noite: hoje é dia de trabalho de campo. Chegar ao clube de swing é sempre tenso. Familiares preocupados com os deslocamentos noturnos no Rio de Janeiro (isso porque nem imaginam o meu destino), taxistas ofendidos em fazer uma corrida até a *rua do swing* e a ansiedade são as causas de desconforto. Uma vez no interior do clube, tudo se acalma. Seguranças simpáticos, recepcionistas discretos, alguns lances de escada e pronto: muita gente animada. Cumprimento os meus conhecidos e já busco uma cerveja: *relaxar* é sempre importante por aqui. Começo por *dar uma olhadinha*, atividade básica aos frequentadores do espaço e adquirida desde a minha primeira vez no local. Vejo e sou vista. Nós todos nos estudamos do pé à cabeça, trocamos olhares interessados, importando apenas relativamente a razão para tanto. É hora de olhar.

No início da noite todos dançam (ou ao menos tentam). O álcool é apenas um elemento desinibidor, não devendo interferir nas sensações passíveis de serem sentidas. *Quem sabe hoje?* é o que perguntam os *iniciantes*. *Quem sabe agora?* anseiam os mais experientes... Agora não, mais tarde, daqui a pouco. Somente às onze horas as *zonas escuras*<sup>1</sup> serão abertas, enquanto isso a gente se conhece melhor. Uma vez abertas, já se pode dar uma olhadinha e *ver no que dá...* vai que dá ou que alguém dê!

Eu me sento na lateral da boate, senão me esparramo em um dos sofás do *lounge*. Depende do movimento, da concentração ou da vontade de assistir um pouco de TV, um filmezinho pornô nunca é demais. *Oi, eu posso me sentar com você?* (variando entre um *oi, você quer se sentar com a gente?*) é a deixa para a aproximação de um dos interessados em transar comigo. É importante estar bonita, é importante mostrar-se apazível apesar do fato de eu estar só já ser um elemento de atração considerável para os amantes de um ménage ou um casal capaz de aproveitar as oportunidades da vida. É sábado e não se veem muitas *rolinhas* por aqui. Loiras e altas então... A calça jeans destoante diante de tantas pernas desnudas parece provocar um interesse especial. O *você vem sempre aqui?* não é uma simples cantada clichê, é um código de identificação sinalizando a estranheza da presença daquele que é inquirido e a resposta dada é sempre

---

<sup>1</sup> O clube de swing selecionado para a realização do trabalho de campo é um espaço internamente subdividido no que se refere às suas instalações, bem como às atividades passíveis de serem realizadas em cada um desses espaços, como o descrito no Capítulo 1 e analisado no Capítulo IV. As zonas escuras, assim classificadas por mim por questões metodológicas, correspondem aos espaços nos quais é permitida a prática sexual.

mote para as sequências de situações definidas durante a relação face a face. O *não*, é a primeira vez me leva a questões quanto ao interesse em estar lá e, conseqüentemente, à minha identificação de interesses: *eu vim fazer uma pesquisa*. Mas o *sim*, já vim algumas vezes nos leva a outro patamar comunicacional, restrito àqueles que compartilham de algo mais do que uma situação de copresença eventual.

Lá vêm os galanteios, não importa a situação. Se direcionados a uma casta iniciante, discrição carinhosa e mensagens motivadoras à experimentação das práticas sexuais. Se a uma suposta iniciada, elogios diretos e propostas flexíveis quanto às atividades possíveis e as performances que podem ser esperadas. Em todos os casos, uma boa dose de autopropaganda (bem como de propaganda do parceiro) é sempre fundamental. Rapazes nunca aparecem sós, se apresentando juntamente com suas parceiras. As moças, por outro lado, têm a oportunidade de apontar para os seus companheiros de aventura ocasionalmente descrevendo seus pontos fortes, seja em termos físicos ou sexuais: estabelece-se uma boa e velha conversa de comadres em que os segredos íntimos são compartilhados como um incentivo à nova e promissora *amiga*.

*Vamos?* é a pergunta que norteia todo o diálogo. Para aonde? Para aonde *tudo é permitido e nada é obrigatório...* não apenas o clube de swing, onde já estamos, mas para os espaços nos quais os únicos limites são estabelecidos pelos próprios atores em relação.

Clubes de swing são estabelecimentos de lazer voltados à disponibilização de serviços e espaços em função de práticas liberalistas sexuais. Estes podem ser apreendidos como empreendimentos nos quais a atividade sexual passível de ser estabelecida por seus frequentadores tem um lugar físico e simbólico garantido e efetivado. Busco demonstrar como a simples situação de copresença coloca a todos em condição (ao menos) potencial de parceria sexual, o que lhe confere o caráter de um espaço de sociabilidade erótica completo: podem-se estabelecer contatos, flertar, abordar, seduzir e, caso se tenha um mínimo de *competência* para tanto, consumir fantasias sexuais.

A seleção inicial de um clube de swing em função da apreensão dos processos de sociação no contexto urbano se deu em resposta ao estranhamento vivenciado durante a minha estadia de dois anos no Rio para a realização do mestrado. Absorvida pela *selva de pedra* e distante dos referenciais que me eram familiares eu tive a oportunidade de vivenciar pessoalmente a possibilidade de ser apenas mais um *Zé*

*Ninguém*, com todas as expensas e todas as liberdades que lhes são de direito. Desde o início da minha formação eu sempre fui o tipo de pesquisador que articula vida pessoal e interesse analítico e já havia revertido a experiência de afastamento familiar em uma monografia<sup>2</sup> e uma dissertação<sup>3</sup> entre jovens moradores de república. A experiência vivenciada nesse primeiro momento de autonomização pessoal se deu em um contexto no qual as moradias coletivas, os espaços de lazer tipicamente universitários, e a própria instituição de ensino se inter cruzam como espaços de sociabilidade e referenciais identitários. *A casa do papai e da mamãe* numa cidadezinha de interior estava há apenas cem quilômetros da “cidade grande” (no caso Campos dos Goytacazes) e lá, além dos novos amigos, um novo mundo, adaptado a minha realidade e repleto de novos amigos e novas experiências.

Os trabalhos que desenvolvi a partir de tal experiência demonstraram como se constrói um mundo paralelo entre os estudantes da universidade com relação aos jovens nativos de Campos dos Goytacazes. Caracterizado por usos específicos do espaço urbano (e a definição de espaços de lazer típicos a esses usuários peculiares), uma relação dual com a instituição de ensino (onde um número expressivo de estudantes compatibilizavam atividades de estudos e o *trabalho* como bolsistas) e a formação de uma forma de coabitação entre pares (isento, portanto, da qualquer forma instituída de autoridade), tal contexto assume por um lado o caráter de extensão da casa familiar<sup>4</sup> e refúgio de autonomização juvenil. Estranhos no novo espaço urbano, meus interlocutores desenvolviam em suas redes uma forma de se relacionar com a cidade capaz de dotar o contexto urbano impessoal de uma relativa *familiaridade* (BLANC, 2006 e 2009).

Em contraposição à pequena cidade de interior onde cresci e ao novo ambiente universitário com o qual me deparei na cidade de “médio porte”, o centro urbano carioca trazia inquietações ainda mais incômodas e, talvez também por isso, aparentemente mais inacessíveis.

---

<sup>2</sup> O trabalho *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*, defendido como pré-requisito a conclusão do curso de Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, sob a orientação da Profa. Dra. Wania Amélia Belchior Mesquita.

<sup>3</sup> Curso de mestrado realizado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Barcellos Resende, e que teve como produto o trabalho *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*.

<sup>4</sup> Dada a participação ativa dos pais na manutenção financeira deste modo de vida, bem como as influências familiares ainda marcantes na assunção de posicionamentos diversos.

Algumas questões me foram especialmente despertadas a partir da oportunidade de visitar um *clube das mulheres* carioca no final do meu primeiro ano de mestrado, e que estavam diretamente relacionadas à minha trajetória pessoal e ao meu estranhamento diante do caráter aparente *ordinário*<sup>5</sup> da oferta deste tipo de lazer. Àquela ocasião eu acreditava ser possível apreender a formação de redes de relações a partir de práticas de lazer erótico através da observação dos grupos de frequentadoras do *clube das mulheres*, as relações entre estas e os gogo boys integrantes do espetáculo, estas e os rapazes que também frequentavam o clube (tendo a sua entrada limitada ao instante após os shows de strip-tease - cujo público é estritamente feminino), e estas e os responsáveis pela organização e montagem dos shows. Nem tanto, nem tão pouco.

Meses antes da experiência carioca, tive a oportunidade de ir a uma *festa ladies first*<sup>6</sup> numa cidade vizinha àquela em que cresci. Os boatos começaram desde o momento inicial de divulgação do evento, sejam especulações em torno do *tipo* de frequentadores que estariam presentes, o tipo de show que deveria ser oferecido, até mesmo questionamentos morais quanto à decisão dos responsáveis pela administração do clube (neste caso, um clube social) em alugar o espaço para *esses fins*. No dia do evento, uma notável *fofoqueira*<sup>7</sup> da cidade se sentou num banquinho público, em frente ao clube, para observar diretamente quem entrava e quem saía. Na rua a movimentação foi intensa, ao inverso do interior do clube, que contava com um volume médio, senão baixo, de pessoas em comparação aos eventos que lá costumam transcorrer.

O potencial de visibilidade e visibilização dos atores em relação parecia se sobrepor às ações empreendidas neste contexto. Mais do que rejeitar tal oportunidade de lazer, permanecendo em casa ou em uma área afastada do local do evento, combatê-lo moralmente, identificando cada um dos seus frequentadores é uma forma de conferir publicidade à atitude considerada *desviante*<sup>8</sup> pela fofoqueira. Assim também, antes deste e de diversos outros eventos de lazer na localidade, é recorrente que as pessoas que pretendem dele participar permaneçam na porta do clube, vendo o movimento, muito

---

<sup>5</sup> Em referência ao conceito de Erving Goffman, (1975).

<sup>6</sup> Esta categoria é frequentemente utilizada para denominar ou classificar eventos nos quais a entrada do público feminino é exclusiva nas primeiras horas de festa, período durante o qual são oferecidos produtos específicos à mulheres, normalmente envolvendo shows masculinos de strip-tease integral ou parcial e/ou até mesmo a oferta de bebidas alcoólicas gratuitamente. As mulheres entram primeiro e a entrada dos rapazes é adiada para um segundo momento da noite, no qual os serviços a elas oferecidos são suspensos.

<sup>7</sup> Esta personagem será analisada na discussão que se segue à apresentação.

<sup>8</sup> Vide Becker, 2008.



antes de entrar. Neste contexto, não basta frequentar. É necessário também ritualizar a iminência da presença na ocasião (sobretudo àqueles que dela não farão parte e, portanto, só podem ver *de fora*), tornar-se visível e conferir visibilidade a ação antes mesmo de empreendê-la.

O peso de tais classificações não suprime a liberdade individual de agir, mas implica em uma sobrevalorização da ação, exigindo um nível de consciência maior sobre as pequenas atitudes tomadas no dia-a-dia. Os conterrâneos presentes naquele show foram possivelmente mais lembrados durante a semana que se seguiu do que os próprios dançarinos.

A situação de *notoriedade generalizada*, que desenvolvo no ensaio de abertura a este trabalho, fica clara como um contexto relacional. Estes sujeitos estão engajados a um modo de agir no qual a *falta de privacidade* é também um valor capaz de conferir notoriedade. Mesmo que tal ambiente desfavoreça potenciais de desenvolvimento pessoal marcados por uma maior autonomia de posicionamentos em diferentes contextos, é altamente valorizado como ambiente de alta valorização das personalidades individuais. O choque provocado pelo evento específico é consequência do fato de que o seu conteúdo é considerado imoral mas, sobretudo, de que seus frequentadores são pessoas da *comunidade*, passíveis de serem reconhecidas e identificadas como familiares. A alta publicidade dos comportamentos, sejam eles individuais ou coletivos, maximiza os seus efeitos, implicando em um envolvimento subjetivo mesmo daqueles que estão de fora. Quando é a neta, filha ou aluna de alguém que vai a um clube para ver um homem se desnudar durante um show, esse ato *voyeur* passa a atingir diretamente, como se ele mesmo tivesse visto.

Contrastantemente, um dos ditos *Clubes das Mulheres* cariocas oferecia no momento de elaboração de meu projeto de tese um calendário de eventos semanal, boa parte deles voltados para o público feminino, no melhor estilo *ladies first* e estes, em sua maioria, durante o *happy hour*. Saídas do trabalho, suas frequentadoras iam diretamente para o clube, onde despendiam algumas horas, podendo chegar a casa antes da meia-noite, e sem perder o *bom da festa* e sem provocar grandes *suspeitas*. Algumas doses de bebida gratuitas (dependendo da programação do dia) show de strip-tease, seguido de dança e até *beijo na boca*<sup>9</sup>, se assim o quisessem, e pronto. Fim de dia

---

<sup>9</sup> Findadas as apresentações, as portas da boate são abertas aos homens e dá-se início a apresentação de Djs.

divertido e vida que segue. Sempre existe a possibilidade de encontrar alguém conhecido lá dentro, mas, caso contrário, ninguém precisa saber que lá se esteve senão as amigas de aventura. E, de qualquer forma, quem tem teto de vidro não atira a primeira pedra. Por fim, a *aventura*<sup>10</sup> se mantém coerentemente compatibilizada à ordinariedade da vida.

O interesse imediatamente provocado em mim foi o de compreender as formas de sociabilidade urbana que eu supunha serem de caráter erótico, simplesmente porque na realidade que conhecia até então nada parecido jamais me tinha sido apresentado.

A questão é que uma análise parcial dos dados obtidos a partir de um mapeamento do campo apontou para as limitações da apreensão desta forma de lazer enquanto forma de sociabilidade erótica (segundo a definição escolhida para tal “conceito” ainda àquela época). Superficialmente, o *clube das mulheres* pareceu se apresentar como um espaço de sociabilidade de caráter lúdico-recreativo no qual o conteúdo supostamente erótico é apropriado sob uma forma proeminentemente cômica.

Mais do que a excitação sexual passível de ser obtida através da observação, do toque ou das encenações sexuais protagonizadas entre os *gogo boys* e as próprias clientes da boate, as expectadoras poderiam buscar no clube apenas um espaço para dança, *pegação* ou conversa com as amigas (como o encontrado em qualquer outra boate), o show “erótico” se apresentando apenas como serviço extra oferecido pela casa, um diferencial de entretenimento. Estar no clube não implica em inserir-se em um contexto sexuado propriamente dito. Ao menos não em si mesmo.

O próprio show encenado no *clube das mulheres* era isento de alguns dos elementos básicos aos espetáculos de *strip-tease*, segundo os moldes dos serviços de entretenimento sexual oferecidos por termas, saunas e até mesmo algumas boates<sup>11</sup>, além do próprio clube de swing observado na cidade do Rio de Janeiro.

O conhecido clube das mulheres carioca oferece um show de *strip-tease* apenas parcial, dado que o espetáculo culmina com os rapazes vestidos com largos sungões, e estes sequer apresentam ereção durante as suas apresentações. Ir a um clube das mulheres parece ter um importante significado para essas moças (não necessariamente jovens) e a constituição das suas identidades de gênero, mas isso não é o mesmo que

---

<sup>10</sup> Simmel, 1998. Este conceito será desenvolvido detalhadamente ao longo deste trabalho.

<sup>11</sup> Segundo relatos de Max, gogo boy carioca há 4 anos, referindo-se a performances de sexo ao vivo, *pole dance*, etc. (BLANC, 2010).

dizer que elas de fato vivenciem essa experiência enquanto uma busca por prazer de caráter sexual diferenciada de qualquer outra (como àquela que a ida a um barzinho, a uma boate ou até mesmo a um supermercado pode propiciar enquanto espaços potenciais de encontro entre parceiros ou até mesmo obtenção de prazer sexual), e, portanto, que tais práticas se estabeleçam enquanto uma forma de sociabilidade e lazer de conteúdo eminentemente erótico.

Entende-se que o conteúdo erótico não é de exclusividade de nenhuma forma de lazer ou sociabilidade, tal caráter é dado pelas representações dos atores nela envolvidos. Ao mesmo tempo, a seleção do contexto de observação visava inicialmente um espaço de sociabilidade marcado por práticas de foro reconhecidamente erótico-sexual.

As trocas sexuais são aqui apreendidas como um tipo de sociação como qualquer outro, dotado de uma linguagem peculiar cujo foco está no desenvolvimento de relações entre corpos, mas que ao mesmo tempo extrapola quaisquer modelos em torno de atividades, representações, etc. Ela envolve corporalidade, seja como forma de comunicação entre parceiros, seja apenas enquanto estímulo centrado na simples copresença. O sexo é uma linguagem entre corpos, mensagem grafada através de sensações corporais, linguagem não verbal expressa em sons autoexplicativos entrecortados por silêncios que tendem a ecoar. Caberia questionar sobretudo qual é a forma concreta inerente às relações sexuais enquanto forma social abstrata.

Parto da hipótese de que as práticas analisadas especificamente nos clubes *liberais*<sup>12</sup> se constituem a partir de uma forma de consumo erotizada, a noção de erotismo sendo entendida como uma busca por satisfação sexual, em caráter lúdico ou não, que está desatrelada a uma busca pelo estabelecimento de relações afetivas de caráter monogâmico exclusivistas (DUARTE, 2005). Por mais que tais práticas não se limitem necessariamente aos eventos intraclube, esses estabelecimentos se apresentam como *espaços públicos*<sup>13</sup> de copresença entre *parceiros*<sup>14</sup> em potencial.

---

<sup>12</sup> Categoria nativa acionada por ambos os estabelecimentos de lazer selecionados para a realização do trabalho de campo em favor do desenvolvimento deste trabalho.

<sup>13</sup> Erving Goffman, 2011.

<sup>14</sup> Refiro-me neste caso não apenas às parcerias sexuais, mas às interações face a face, vide conceito de Goffman, 2011.

Por outro lado o swing não é uma prática exclusiva de nenhuma modalidade de lazer sexual oferecida no mercado, ou indústria, do sexo, mas pode conferir ao clube a sua identidade em *stricto sensu*, como o observado no clube brasileiro.

As trocas econômico-sexuais que são aqui compreendidas pela expressão *mercado do sexo* ou *mercado sexual* abrangem uma grande diversidade de serviços, produtos e espaços de lazer voltados para diferentes práticas de conteúdo sexual (ver PISCITELLI, 2005; BERNSTEIN, 2008, LOPES Jr. 2005). Cabe-se pensar, portanto, na seleção da prática swing como foco de observação em detrimento de outras modalidades possíveis. É o caráter eminentemente público dessas práticas que as torna centrais a análise desenvolvida. Assim busco apreender os processos de interação que incidem no estabelecimento de conteúdos específicos, o ato sexual sendo apreendido como matéria a esta forma social.

As práticas sexuais públicas e/ou grupais se constituem a partir de diferentes arranjos possíveis, tão variantes quanto à criatividade de seus adeptos (e criatividade não lhes falta). Mas a publicidade, em diferentes sentidos, é uma das características principais à frequência a estabelecimentos de lazer erótico. Assim também a seleção de uma sauna libertina como espaço de observação na cidade de Paris privilegiou o espaço de sociabilidade e a sua relação com o espaço urbano, e não as modalidades específicas ou mesmo uma similaridade nas estruturas físicas dos estabelecimentos observados, assim como o demonstrado no Capítulo 1.

Não se tratam necessariamente de espaços para oferta de serviços sexuais propriamente ditos, não se tratam estritamente de lugares onde se pode praticar o ato sexual publicamente ou observar intercursos alheios: o clube de swing e a sauna libertina se caracterizam, se estruturam e se apresentam como “o” lugar para a realização de fantasias sexuais de caráter público e/ou grupal. Ao mesmo tempo, estes se estruturam a partir de modelos de conduta pública autorreferidos às sequências de situações sociais que compõem e que em determinados níveis dialogam com os contextos urbanos nos quais estão localizados.

Pretendo remontar no Capítulo 2 como a distinção entre *ser* libertino e *praticar* a libertinagem envolve a delimitação de fronteiras políticas intragrupo com base nos comportamentos apresentados individualmente. O estabelecimento de lazer erótico swinger analisado no Brasil, por outro lado, é apreendido pelos seus clientes *habitués* como um espaço de iniciação de novos adeptos, ou seja: de *conversão*, de assimilação.

Ambos os espaços de lazer (os clubes brasileiro e parisiense) se apresentam como o espaço público de sociabilidade específico a esses grupos (sejam aqueles identificados com práticas swing ou libertinas) no qual os diferentes tipos sociais nele inseridos se colocam em contato e dialogam entre si, da mesma forma é um espaço de diferenciação e *conflito* (SIMMEL, 1983a).

Se a princípio as formas públicas de lazer erótico despertaram o meu interesse em analisar o urbano, num segundo momento a decisão de partir de uma análise destas relações especificamente enquanto contexto de observação se tornou parte do método.

A “forma” se coloca diante dos olhos do(a) pesquisador(a) em (quase) toda a sua multiplicidade nestes contextos. É possível observar os trânsitos, os rituais de interação, a chegada de novos atores, o encontro entre antigos conhecidos. Ao mesmo tempo, o caráter situado das práticas empreendidas nestes espaços faz com que tais relações se restrinjam, construindo uma espécie de laboratório de análises particular e que ao mesmo tempo se abre apenas relativamente ao pesquisador. As situações de copresença estabelecidas, com todo o seu dinamismo e diversidade, são dotada de discursos que brincam a todo o tempo entre o *nós* e o *outro*, eles, aqueles... Assumindo para si formas reapropriadas de um referencial simbólico e lúdico sobre o que não se é, ou não se pretende ser. Mas dependendo da situação, claro!

Assim se coloca a diversidade de tipos sociais no interior dos clubes, a polissemia de relatos que é objeto de análise ao Capítulo 3. É essa riqueza de sons, movimentos e formas de ser ou tornar-se, que permite apreender o que de fato me importa neste espaço: o jogo de construção de sentidos, de negociação entre pares, de estabelecimento contínuo de formas de relacionar-se entre si. O caráter desviante de tais práticas, na visão de seus adeptos quanto a uma moral extraclubes, os leva a estabelecer barreiras simbólicas que visam resguardar sua identidade, ou manter as *fachadas*<sup>15</sup>, bem como a delimitar as relações estabelecidas em seu interior. A iniciação de novos atores, por outro lado, faz parte da construção deste modo de vida enquanto parte de um processo de transmissão de saberes em torno de condutas e que é ele mesmo a assunção de um *savoir-faire*.

---

<sup>15</sup> Vide GOFFMAN, 2004.

Finalmente, podem ser observados processos de *efetivação*<sup>16</sup> das ações em caráter situacional. Através do estabelecimento de relações face a face esses *ajuntamentos*<sup>17</sup> assumem um sentido cuja apreensão está dada para além das diferenciações entre público e privado.

Os dados obtidos a partir do trabalho de campo em dois diferentes espaços de sociabilidade apontam a prática sexual de caráter público e/ou grupal propiciada pelos estabelecimentos comerciais de lazer como um contexto de inserção em uma *carreira*, de ritualização e confronto entre diferentes tipos sociais. Estas boates se constituindo como espaços públicos de comunicação, cruzamento, evitação ou enfrentamento (PAQUOT, 2009). Estas se constituem como atores não humanos em relação (como demonstro no Capítulo 4) compondo o conjunto de situações sociais que ali se desenrolam.

Mais do que um modo de vida subordinado a práticas e valores extraclube, os adeptos de tais práticas estabelecem novos parâmetros de comportamento, autorreferidos às relações estabelecidas e segundo diferentes modos possíveis de vivenciá-las. Compreender os processos através dos quais esses atores efetivam as suas ações servirá, portanto, como método de compreensão do processo mesmo de estabelecimento de formas de sociabilidade urbanas, aqui em um sentido genérico e amplo do termo.

---

<sup>16</sup> Werneck, 2012.

<sup>17</sup> Goffman, 2010.

## A FOFOQUEIRA, A PRAÇA E O ZÉ NINGUÉM: NOTAS SOBRE A VIDA MENTAL NA ALDEIA

O que você faz quando ninguém te vê fazendo o que você queria fazer se ninguém pudesse te ver?<sup>18</sup>

As diferentes formas de sociabilidade urbana refletem o seu modo de vida típico de forma geral. Alguns elementos já foram pioneiramente destacados como característicos ao modo de vida urbano por Georg Simmel (1979), como a condição de anonimato e a tendência ao nivelamento dos sujeitos dada pela economia monetária, bem como o desenvolvimento uma atitude para com o mundo e com os outros: o *blasé*. Ao mesmo tempo, tal ordem pública, caracterizada por Goffman como de prevalência de uma desatenção civil (2010), é um espaço de reserva e de desenvolvimento de uma instrumentalidade prática que ao mesmo tempo contribuem para uma maior liberdade individual (PARK, 1999).

O usufruto da liberdade de ir e vir entre diferentes meios sociais não é, por outro lado, uma possibilidade dada igual e irrestritamente para todos os cidadãos, mas o caráter altamente diferenciado da organização nas grandes cidades vai gerar a possibilidade de um *anonimato [ao menos] relativo* que lhe é peculiar (Velho e MACHADO DA SILVA 1977). O que caracteriza a metrópole desta forma é a *capacidade [que confere ao indivíduo] de desempenhar diferentes papéis em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estanques* (p. 81). Este, por outro lado, se trata apenas de uma dimensão de um estilo de vida e que não é determinado pela vida urbana em si. Finalmente, não é a morfologia espacial do contexto que determina o modo de vida, mas o desenvolvimento concomitante de um modo de relacionar-se *com e no* espaço público, como afirma Isaac Joseph (1990): um espaço de saberes (concorrentes ou compartilhados) e de exercício de competências.

Mais do que relativizar neste ensaio introdutório o caráter anônimo da vida na metrópole para seus diferentes habitantes em múltiplas situações, proponho pensar o estabelecimento de diferentes tipologias de exercício do anonimato. Bem como demonstrar como estas se combinam de diferentes formas na caracterização dos

---

<sup>18</sup> Trecho da música *Quatro vezes você*, de autoria de Alvin L e Dinho Ouro Preto.

contextos sócio-urbanos e, finalmente, implicam na efetivação de diferentes modos de conduta nos espaços públicos (ou mesmo semipúblicos).

Assim, *Notáveis* e *Zé Ninguéns* dialogam entre si, partilhando de uma maior ou menor liberdade de ação de acordo com o seu potencial de mobilidade entre meios sociais distintos. Pretendo remeter desta forma os leitores aos estranhamentos aos quais eu mesma fui sujeitada, remontar analiticamente os caminhos que me levaram à definição deste objeto de tese, bem como introduzi-los a um dos aspectos mais relevantes à compreensão das situações de sociabilidades analisadas: a possibilidade de estabelecimento de, sobretudo, uma forma de *anonimato compartilhada* (GUIMARAENS e CAVALCANTE, 2007).

Simmel inicia um dos mais importantes artigos já escritos sobre o modo de vida urbano afirmando que os

problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida (SIMMEL, 1979: p. 11).

O autor refere-se nesta frase de abertura às consequências de uma passagem progressiva e feroz a um contexto marcado pela proeminência de uma cultura objetiva sobre a cultura subjetiva, na qual os sujeitos se veem cada vez mais suprimidos em suas especificidades. Centra-se desta forma numa demonstração audaciosa e perspicaz dos efeitos cognitivos provocados pelo contexto urbano aos seus habitantes ao mesmo tempo em que delinea uma nova perspectiva analítica. Não há nada de pessimismo nesta constatação fatalista, há sobretudo a conclusão de que o excesso de consciência exigido pela profusão de estímulos contribui para o desenvolvimento de um modo de vida e comportamento autocentrado, mas ainda mais múltiplo e, em certo sentido, liberto.

O domínio da objetividade sobre a subjetividade cultural não implicam, sob a ótica simmeliana, na pressuposição de uma maior soberania do todo sobre as partes, ou da sociedade sobre o indivíduo, mas em uma sobrevalorização da impessoalidade nas relações cotidianas. A reserva com que se posicionam e relacionam entre si permite aos cidadãos, por outro lado, o acesso a ilhas resguardadas de desenvolvimento pessoal,



ainda mais heterogêneas e autônomas: as regiões morais analisadas por Robert Park (1999).

O anonimato, para Simmel, ao mesmo tempo em que provoca uma sensação de isolamento e irrelevância do ser, culminando na tentativa de preservação e busca de si mencionadas no trecho acima, favorece justamente esse cultivo. A fragmentação dos pertencimentos é objeto de angústia dada a falência de fontes valorativas supostamente totalizantes, mas permite uma maior autonomia, a possibilidade da construção de circuitos entre diferentes mundos sociais, bem como de desenvolvimento de potencialidades e interesses diversos. A mobilidade assume consequências subjetivas no que se refere ao trânsito entre diferentes meios sociais. É o contexto dos Zé Ninguéns, dos que por serem desconhecidos não têm importância nem são objeto geral de atenção.

Por outro lado, enquanto contexto ecológico, o modo de vida urbano não se confunde com a cidade ou com uma forma urbana de vida em caráter genérico, sendo, mais do que isso, uma forma de relacionar-se. É sobretudo *um estado de espírito* (PARK, 1979) cujo modo de vida não lhe está confinado. É uma entidade social, dirá Louis Wirth (1979).

A grande metrópole se constitui como estrutura física e ordem moral na qual as proximidades e distâncias incidem sobre o estabelecimento de diferentes tipos de relações: um mosaico de pequenos mundos sociais que se interpenetram. Tratando-se sobretudo de um contexto de desenvolvimento humano, ela é caracterizada pela heterogeneidade, bem como por uma existência individual marcada por múltiplos pertencimentos, pelo fluxo de identidades (PARK, 1999). Os seus usos, suas diferentes leituras, se constituem como processos de significação da experiência de vida na cidade, que se constrói através de percursos geográficos mas, sobretudo, morais.

A cidade não é um dado, é o objeto de um processo contínuo de construção que é estabelecido através de percursos percorridos e espaços ocupados. É um mapa de apropriações que se redefine a partir das relações entre seus habitantes, fixos ou transitórios, nativos ou migrantes entrelaçados entre *circuitos* e múltiplos *pórticos* (MAGNANI, 1996). A cidade é assim apresentada como um produto de relações e significados estabelecidos através dela, uma construção eminentemente social. Ela se apresenta, finalmente, como fenômeno inerente à análise social dos grupos que a habitam (OLIVEN, 2007).

Opositores diretos aos Zé Ninguéns, o contexto urbano metropolitano também é dotado de seus *notáveis*, sujeitos diferenciados no mar de rostos anônimos e que, estes sim, são objeto de atenção, curiosidade e dotados de uma *reputação*. A estima pública os diferencia dos demais, incidindo sobre um regime hierarquizado de valor. Este envolve o estabelecimento de uma forma de reconhecimento pressuposta na singularidade do ser, mas que de fato refere-se não à sua personalidade, mas aos elementos considerados como significativos em torno da construção da sua imagem perante os outros. De uma forma ou de outra, tais habitantes do contexto metropolitano são arrancados de sua condição humana e transformados em espécies de mitos, assumindo uma identidade que parte de alguma forma daquilo que são, fizeram, disseram ou buscaram, mas que se destaca absolutamente deles mesmos, tornando-os uma representação de si, mas absolutamente caricatural com relação ao que podem ser de alguma forma, ou múltiplas formas.

Os notáveis reverterem o caráter de desatenção civil com que se desenvolvem as relações entre anônimos no espaço público metropolitano, têm negado o seu direito à reserva, bem como subvertem a capacidade de reserva daqueles de cuja presença compartilham. A notoriedade é a quebra com a atitude blasée, é fruto do exercício de discriminação, incidindo sobre aquele que percebe, bem como sobre aquele que é percebido.

Destacar-se, neste caso, adquirir um reconhecimento público, não do que se faz ou diz, mas de sua própria existência no mundo, pode tornar-se um objetivo final, mesmo que visto como um meio de se obter vantagens adicionais. Talvez esta seja a forma crítica da reivindicação da *individualidade da existência* destacada por Simmel não apenas em seu texto sobre a metrópole mas, sobretudo, em *A Filosofia da Moda* (2008), como em um desespero em superar a banalidade de se ser apenas mais um. Se o nivelamento entre indivíduos e coisas é consequência de um modo mais calculista de vida, suprimindo as personalidades individuais, como dirá o autor, a notoriedade é uma forma de reversão de tal quadro a partir da supervalorização de aspectos individuais situados. Mas uma reversão apenas relativa.

Há a quem seja conferida notoriedade por herança. E há, finalmente, aqueles que alçam o estrelato efêmero por circunstância da vida, mesmo que estas possam ser dadas a partir de um feito, como um ato heroico ou criminoso que os transforma em notáveis graças, sobretudo, à ação midiática. É interessante observar como a

notoriedade, reversão do anonimato, não livra o sujeito das consequências cognitivas do modo de vida metropolitano, possivelmente tornando-o ainda mais incisivo, dado que o contexto para este é dotado de estímulos ainda mais intensificados do que para qualquer outro cidadão.

Pior, insere tais sujeitos em um ciclo esquizofrênico de estímulos personalistas que o consomem de fora para dentro, num ritmo que ele é tão menos capaz de acompanhar quanto maior o reconhecimento que possui. O insere em uma realidade na qual ele deixa de ser apenas mais um objeto neutro diante da multiplicidade de ofertas sensoriais no contexto daqueles que com ele esbarra cotidianamente – ele não é um Zé Ninguém passível de ser solenemente ignorado. Bem como lhe cobra a capacidade de agir coerentemente com relação a um conjunto de características específicas de si mesmo.

Ao mesmo tempo, se o básico já é demais para todos, a atenção da qual o notável é alvo regular implica em uma espécie de absorção com potenciais de sufocamento:

A gente não pode ir a todos os lugares, você não pode ter tudo ao mesmo tempo. Mas também, quando eu não to a fim de sair em lugar público, já que *eu sou uma pessoa pública*, eu não saio de casa. Entendeu? Quando eu quero eu vou. [...] Já me acostumei. Eu acho que é, tipo: *you pay for your freedom*, você não tem *toda a liberdade do mundo*. Ou seja: as pessoas que têm a liberdade do mundo não podem fazer e ter as coisas que eu tenho. Então é um balanço. Tem que ter um equilíbrio (XUXA<sup>19</sup>, 2012<sup>20</sup>).

Em tese, aquilo que é público é por definição de posse de todos, ou potencialmente acessível à dada generalidade. Em contrapartida, o *ser* se define a partir da unidade indivisível e inalienável de si mesmo. A própria noção de pessoa pública é um paradoxo, pois implica no pressuposto de generalização de uma existência individual por definição. A pessoa pública é uma super pessoa, dado adquirir um

---

<sup>19</sup> Após alçar o estrelato em meados da década de oitenta através de um programa infantil, ela adquiriu uma notoriedade crescente nos anos seguintes, e esta vêm se estendendo desde a sua primeira geração de *Baixinhos* até os dias de hoje e em prospecção internacional, graças a um programa lançado na Argentina e outro na Espanha no início da década de noventa.

<sup>20</sup> Entrevista concedida ao programa Na Moral, apresentado pelo jornalista Pedro Bial, na Rede Globo de televisão, no dia 30 de agosto de 2012.

reconhecimento supremo pela coletividade que lhe confere tal status<sup>21</sup> a partir de uma suposta *super competência*<sup>22</sup>.

Ao mesmo tempo, enquanto mera construção, a tal pessoa pública torna-se uma caricatura de si mesma, uma espécie de personagem totalizada, suprimindo a real existência do ser em nome de uma representação que lhe é externa, e em níveis diretamente proporcionais ao grau de publicidade que possui como tal. Neste caso, a posição privilegiada em dadas situações se reverte em ganhos financeiros apreendidos como privilégios em torno do fazer e ter *certas coisas*, bem como implica em uma restrição da liberdade. Assim, sendo *pública*, esta personagem deve abrir mão de *toda a liberdade do mundo*, o que se refere à interdição de simplesmente ser o que quer que seja no mundo ordinário das relações face a face e além da imagem que o público dela faz, ou seja: de ser *ela mesma*.

Quando questionada sobre o que faria se tivesse quinze segundos de anonimato, nossa personalidade exemplar responde pronta e ansiosamente como quem, apenas ao falar, já exercitasse a experiência de fazer: *Eu ia beijar muito, eu ia namorar muito, eu ia dar muito. Eu ia... eu ia ir pra alguns lugares que eu não posso ir e, tipo, fazer o que eu quiser sem ninguém escrever em lugar nenhum*. Resumindo: se *pudesse*, ela disporia da autonomia que nenhuma coisa pública possui por definição, a liberdade de relacionar-se publicamente, de forma contextualmente situada, e como um ator cuja significância é dada na própria situação de copresença.

Este fenômeno não se traduz simplesmente na impossibilidade de experimentar em diferentes contextos públicos as diversas faces da sua personalidade (restrição que incide sobre todos, de alguma forma e em diversas situações), mas em aceder a uma condição pública de interação no sentido goffmaniano (2010). Não há possibilidade de estabelecimento de uma interação desfocada, representada pelo simples comunicar da presença conjunta em uma mesma situação social, e isso requer não apenas a

---

<sup>21</sup> Com relação à categoria status, me refiro à Weber (1982).

<sup>22</sup> A noção de *competência* foi desenvolvida por Harold Garfinkel (2007) em seus estudos etnometodológicos, o autor se refere a um domínio dos atores quanto às situações em que se inserem e sua habilidade em tratá-las, à qualidade de fazer o trabalho detalhado que supõe o cumprimento evocado por dada situação. A *super competência*, aqui proposta como ferramenta analítica, implica em um potencial de agenciamento capaz de levar os sujeitos a adquirir notoriedade (e, portanto, reconhecimento público), bem como mantê-la coerentemente com os posicionamentos que a possibilitaram. Em Boltanski e Thévenot, a noção de competência refere-se a “uma capacidade de reconhecer a natureza de uma situação e de colocar em ação o princípio (...) a que ela corresponde” (1991 apud Werneck, 2012).

manutenção de um estado de permanente consciência da copresença e envolvimento com a situação, como a manutenção de uma fachada única neste caso.

A possibilidade de adequação à situação é limitada por uma espécie de equacionamento de todas as ocasiões sociais em que se insere, limitando a capacidade de trânsito e, portanto, de formas espontâneas (porque potencialmente diferenciadas) de ação em caráter indexical<sup>23</sup>. Mais do que por seu valor intrínseco, a sua reputação se constrói a partir da supressão da própria personalidade dada pela sua simplificação extremada. O contexto está subordinado a sua presença notória, inferindo, por outro lado, sob as relações por ela estabelecidas. A sua significância enquanto sujeito em relação é dada pela reputação pública que acaba por preceder as relações passíveis de serem estabelecidas por ela em dada situação.

E à liberdade individual que abre mão, acima de qualquer outra coisa. Ser uma super pessoa, uma pessoa pública, pressupõe também ser menos você mesma, em suas inconstâncias, mal feitos e diversidades. Nestas situações ela se torna um mero objeto daquilo que os outros reconhecem como sendo ela mesma.

A negação da individualidade, esta caracterizada como um mosaico identitário em constante processo de construção, culmina no estabelecimento de um retrato do ser, em uma analogia deste dada no congelamento imagético de um de seus aspectos.

Neste caso emblemático fica evidente ainda que, mais do que pela sobreposição de determinados aspectos da personalidade da apresentadora, a sua *super pessoa* se define a partir de elementos delicadamente construídos de acordo com o produto que se pretende (neste caso) comercializar a partir dela. A Xuxa não existe, seja como aspecto da personalidade de Maria das Graças Meneghel, ou como personagem por ela encenada. Assim como cada um de nós mesmos (os Zé Ninguéns) cristalizados nos diversos posicionamentos que assumimos e que, vez ou outra, são reconhecidos como definidores gerais do que somos. A questão é que a super pessoa, ou pessoa pública, construída em torno da Xuxa, evidencia a especificidade de se assumir uma personalidade unívoca cujo imperativo de coerência generalizada (ao menos no interior

---

<sup>23</sup> Segundo Garfinkel (2007), a realidade social é constantemente criada pelos atores em relação, não é um dado preexistente, mas situações de interação, envolvendo capacidades reflexivas e interpretativas. Desta forma, as expressões indexicais e as ações indexicais têm por propriedade serem ordenadas. Tanto como processo quanto como realização, a racionalidade produzida nas expressões indexicais revela segundo o autor as tarefas práticas que são sujeitas a todas as exigências de uma conduta organizacionalmente situada. Entende-se indexicais por autorreferidas, ou referidas a um contexto dialógico específico, em contraposição a um aparato normativizado em torno de comportamentos, significados, etc.

deste mundo que, ao lhe conferir existência, deixa de lhe pertencer) limita qualquer possibilidade de fluxo identitário. Ser alguém tão notável reverte-se em ser sempre a mesma “coisa”, caso contrário, corre-se o risco de ser coisa alguma.

É certo que boa parte de tal existência notória se constrói como uma renúncia, renúncia esta de cunho também individual. *Aceitar o papel*, neste caso, passa a ser entendido como uma necessidade de sustentá-lo permanentemente, a expensas do que se poderia ser além dele. Engajar-se em tal contexto exige o exercício de competências que pesam sobre a liberdade do agir, o que se torna ainda mais grave diante de uma limitação progressiva da capacidade de mobilidade.

Destaco que este se trata de um posicionamento limite, caracterizado pela total supressão da pessoa. Renegar ao direito de ter *toda a liberdade do mundo* (pressuposto por ela como um direito universal aos Zé Ninguéns) não significa, neste caso, em simplesmente reconhecer as consequências inevitáveis da fama, como a perda de parcela importante da privacidade, mas em acreditar pessoalmente que o preço da notoriedade é ausência de si mesma.

Recorro a este caso extremo para retomar o fato de que, de forma geral, o anonimato e a notoriedade se constituem a partir de diferentes gradações basicamente situacionais. Mesmo a pessoa pública só se constitui enquanto tal em contextos específicos: são os seus expectadores que lhe conferem publicidade e, não apenas no caso de Xuxa, até mesmo a existência.

Pode-se ser mais ou menos anônimo segundo o contexto, podendo ambos os níveis de reconhecimento, digamos assim, ser assumidos por quase todos os sujeitos em diferentes momentos. Ninguém é anônimo num contexto familiar, podendo assumir maior notoriedade em situações dadas, como a noiva durante a festa de seu casamento. Assim também, inseridos em diferentes contextos relacionais os cidadãos podem reverter o caráter de anônimos. Bem como vivenciar em determinadas situações uma espécie de *anonimato compartilhado*, assim como destacam Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcante (2007).

É sobretudo a velocidade dos fluxos, e a forma como tais fluxos são assimilados, o que diferencia o modo de vida metropolitano de qualquer outro, bem como os seus impactos sobre notáveis e desconhecidos. Ao mesmo tempo, há formas diferentes de se experimentar o anonimato e impessoalidade cidadina.

A atitude blasée analisada por Simmel (1979) sintetiza o estilo de vida parisiense em sua forma pública, cristalizado na percepção de que conferir atenção ao outro desconhecido assume o caráter de uma ofensa que deve ser evitada no contexto ordinário. Observar o outro, mesmo que indireta ou inconscientemente, é uma atitude que deve ser controlada, o que se resume nos olhares distantes, num hábito quase que paranoico de manter as atenções voltadas para um livro, o celular ou o jornal durante as viagens de metrô e o insistente pedido de *pardon*<sup>24</sup> cada vez que se toca em alguém, a menos que o toque seja generalizado e absolutamente inevitável, como quando o metrô está lotado.

Essa é inclusive uma situação crítica, na qual a proximidade do outro, senão quase simbiose entre corpos espremidos, provoca uma espécie de inquietação coletiva. Como não olhar, como não emitir reações? Talvez assim o contexto parisiense se constitua como o de um anonimato compartilhado generalizado: a todos é sempre garantido o direito de passar despercebidos. O pressuposto igualitarista típico ao modo de conduta pública parisiense assenta-se, portanto, em um direito universal à reserva.

É possível ainda que se mantenha um modo de vida pessoalizado, se não de fato ao menos idealizado, mesmo na mais blasée das metrópoles (ou ao menos a grande fonte de inspiração para o próprio estranhamento do blasé). Bem como é possível se experimentar uma atitude blasée num contexto marcado pela pessoalidade e familiaridade propriamente ditas (no que se refere às relações de parentesco). Assim se constituem os *antipáticos* das cidades pequenas.

Os antipáticos da cidade pequena são os *blasés* fora de contexto, são os sujeitos que buscam se posicionar de forma distinta em diferentes situações do cotidiano quando na prática tais posicionamentos se inter cruzam e interpenetram. São aqueles que preferem manter um distanciamento, e assim o fazem, independente do quão invadidas possam estar pela vida dos outros, ou do quão as suas próprias vidas possam influir sobre as demais. Supõem-se Zé Ninguéns por escolha aonde todos são notáveis em potencial. Toda a liberdade do mundo é enormemente limitada quando “o mundo” se concentra nas fronteiras de uma casca de noz.

Enquanto a alta densidade demográfica, a expansão geográfica e a grande intensidade de fluxos e interações se estabelecem como elementos típicos a uma forma

---

<sup>24</sup> Perdão (Tradução livre).

de conurbação urbana, fundindo não apenas física como também socialmente grandes zonas político geográficas (como sabiamente o aponta Wirth, 1979), o “excesso de espaço”, a baixa densidade populacional, parecem implicar em uma conurbação subjetiva. Distância física há de certo modo. Nada de apartamentos apertados em prédios de 20 andares, engarrafamentos ou concentração de pessoas, mesmo durante uma festa pública em plena praça. Mas de alguma forma as pequenas vidas parecem se fundir, se atravessar, sobretudo porque se esbarram pessoalmente todo o tempo, em todos os lugares.

Assim chegamos à Aperibé e à nossa notável fofqueira. Sim, porque enquanto a metrópole é tipicamente o espaço dos anônimos, o seu reverso se caracteriza sobretudo pela profusão de notáveis, senão por uma *notoriedade generalizada*. Quase todos são dignos de atenção, ao menos em potencial ou em determinadas circunstâncias. A possibilidade de estabelecimento de uma forma de anonimato, mesmo que relativa, é consideravelmente minorada. Temos aqui basicamente os notáveis por herança, desde os descendentes das famílias tradicionais, dos profissionais liberais, políticos ou comerciantes. Muitas vezes sendo todos eles todas essas coisas ao mesmo tempo. E mesmo os notáveis ocasionais por conquista, como a *piriguete* da esquina que tem um caso com o prefeito, ou os notáveis por circunstância, como aquela cujas fotos nuas foram incidentalmente espalhadas pela internet, terão ainda mais destaque quão mais valorizadas forem suas relações de parentesco. Há os *playboys* que circulam em suas motos e carros diariamente pela cidade, como quem faz a ronda em vigília, mas que de fato querem mesmo é ser vigiados. E há, curiosamente, os notáveis estrangeiros. Sim, porque todo estrangeiro é aqui dotado de sua parcela especial de notoriedade. Uma espécie de boas-vindas acolhedora.

Como um recém eliminado de um *reality show*, o estrangeiro tem a sua atenção garantida como a notícia da primeira página, podendo desfrutar de tantos mais minutos de notoriedade suprema quão maior for sua capacidade singular de chamar atenção. Está ligado a alguma família tradicional, profissionais liberais, políticos ou comerciantes? Se sim, dê-lhe atenção. Se não, mais ainda! Quem será? A que veio? Fica? Volta? Quanto mais enigmático (para não dizer mais antipático), mais curiosidade, e de que são feitas as revistas de fofoca senão disso? A sua afixação, destaca por Simmel (1983b) no texto especificamente devotado a essas curiosas personagens, traduz-se em um potencial em



fazer-se notar, revertendo neste caso, e em certa medida, o caráter de mobilidade com que a sua condição deveria se caracterizar.

Aqui chegamos à personagem principal desta humilde digressão. Quem irá garantir a notoriedade deste recém-chegado estrangeiro, bem como de todos os demais habitantes desta pequena aldeia, em níveis variantes espaço e temporalmente?

A fofoqueira (aqui está ela) é apenas uma representação, simbolizando um ser altruísta ao ponto de, no uso de sua distinção pessoal – dada também pela capacidade de coletar informações sobre os demais – confere aos seus conterrâneos um potencial singular de centralidade. A sua notoriedade é dada pelo domínio da competência de formar opinião sobre os outros, em sugerir ideias sobre os demais membros do grupo que tendem a se combinar da formação de uma opinião pública sobre eles<sup>25</sup>. Expondo as suas vidas, claro. Mas isso é um detalhe.

A fofoqueira é apenas uma representação dado ser um habitante singular, e ao mesmo tempo generalizado, desta pequena cidade. Por mais que possa haver espécies de fofoqueiras profissionais, citadinos notórios não por aquilo que fazem, dizem ou representam em si mesmos, mas pelo conhecimento que acumulam e transmitem sobre aquilo que fazem, dizem ou representam os demais. Na prática, não são os fluxos entre desconhecidos, mas as recorrências de encontros que tornam todos os sujeitos em copresença neste contexto notáveis fofoqueiros em potencial. A opinião pública vai se constituir, assim como prevê Tarde (1992), a partir de um processo de mutua sugestão no qual as representações sobre os outros estão fundadas em um conjunto de ideias que se universalizam em dado grupo e que são passíveis a uma reelaboração contínua.

Contrariamente ao contexto metropolitano, a limitação de estímulos, o intercruzamento de fontes de pertencimento e a proeminência de uma cultura subjetiva em sentido estrito, experimentada em contextos urbanos de dimensões absurdamente contrastantes com relação à realidade das grandes metrópoles (mesmo brasileiras), permite um olhar renovado sobre seu oposto. E a centralidade dada às redes de fofoca que alimentam o sistema de notoriedade generalizada que caracteriza tal contexto é fundamental à sua compreensão. A fofoca é um instrumento de delimitação grupal e ser

---

<sup>25</sup> Gabriel Tarde (1992) apreende o público como uma coletividade puramente espiritual, disseminada, de indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é mental. A sua formação supõe uma evolução mental e social avançada. O formador de opinião, desta forma, revela um conteúdo que lhe é preexistente e que pode ser disseminado por imitação. Mas estas se constituem a partir de um processo de sugestão, na modernidade caracterizada por uma forma de imposição persuasiva, em contraposição à imposição autoritária típica a constituição das massas.

objeto de fofoca um sintoma de integração social que se baseia em uma imputabilidade das normas que é restrito a membros, afirma Fonseca (2004). Assim sendo, estar a ela sujeito é estar (ou ser) inserido, mesmo que em condição de estranho, ou estrangeiro.

As famílias tradicionais aqui destacadas como fonte de notoriedade aos seus membros não se tratam exclusivamente dos grupos de parentesco economicamente dominantes nestes contextos, podendo referir-se também aos grupos instalados há mais tempo na localidade (ou *desde sempre* no imaginário local), ou àqueles que adquirem notoriedade através do seu sobrenome e a partir de critérios outros. Há as famílias tradicionais de barraqueiros, sobre quem se diz: *Não mecha com fulano, é filho de ciclano*; as famílias tradicionais de velhacos, aos quais nada se deve vender fiado, bem como as famílias que passam a ser reconhecidas como tradicionais devido a um ou vários entes que se tornam notáveis por qualquer outra razão. São sobretudo redes de notoriedade genealógica, demarcadas pelos filhos de fulanos e os filhos de Zé Ninguéns.

O “fiado” aparece como elemento fundamental de análise neste contexto.

Tipo de troca econômica mediada pela confiança mútua adquirida a partir do pressuposto da familiaridade, o fiado é atual e marcante na pequena cidade, mas ainda um resquício de seu modo pessoalizado de vida que sobrevive nos bairros suburbanos das grandes cidades e seus antigos comércios de esquina. A diferença é que, no primeiro caso, a notoriedade generalizada é um elemento capaz de propiciar relativa familiaridade entre os membros do grupo, permitindo aos parentes de *alguém* (este se tratando de alguém sobre quem é desnecessário discorrer) adquirir um crédito de confiança por assimilação e transferência. Não se trata simplesmente de uma forma “arcaica” de comércio, na qual não há cartões de crédito ou sequer promissórias juridicamente válidas como prova de uma dívida (já usadas em certos casos), mas de uma forma de relacionar-se importante que instaura uma relação de intimidade e até mesmo uma aliança.

Entre o dono do mercadinho e o seu cliente fiador se estabelece um compromisso tácito capaz de permitir ao primeiro solicitar auxílio ao segundo caso um de seus devedores por transferência (um parente, amigo ou parceiro) não esteja cumprindo com o pagamento de suas contas. Da mesma forma, o segundo tem no primeiro uma espécie de parceiro profissional ao qual confere preferência em suas transações comerciais. Mais do que um consumidor local, este pode se tornar eventualmente um consumidor de locais específicos. *Em que padaria você compra?* ou:

*Qual é a sua farmácia?*, pergunta-se com frequência em tal contexto. A segunda proposição insere a questão fundamental do fiado. O crédito adquirido como um símbolo de reciprocidade permite a construção de um sentimento de posse compartilhada: o estabelecimento no qual se compra fiado é também do cliente, porque apreendido por este como uma extensão de seus domínios pessoais.

Mais do que grupos históricos (apesar do tempo de permanência no local ser um elemento relevante na maioria dos casos), as famílias tradicionais tratam-se de grupos de notoriedade por parentesco, como os grupos de estrangeiros que se tornam posteriormente reconhecidos em cadeia genealógica. Sim, porque os laços de parentesco são um elemento integrante à construção de uma notoriedade passível de ser reconhecida em níveis mais altos. Da mesma forma, o potencial de anonimato de determinados sujeitos ou grupos é proporcional ao seu deslocamento da lógica hereditária/profissional/política. Mas sempre se pode ser amigo, namorado ou empregado de *alguém*.

Aqui não sobra, de fato, muito espaço para os Zé Ninguéns e, se no contexto metropolitano estes já estão sujeitos a uma negação da “individualidade de sua existência”, talvez neste caso esta assuma a forma de uma negação ao simples caráter da existência, ainda mais incisivo e assolador: ele está excluído das formas predominantes de sociação, é um ser *sem reputação*. Mas é necessário ser muito discreto, até mesmo socialmente irrelevante, para ser indigno da atenção sequer da fofoqueira da rua. Aqui predomina o ideal da pessoalidade, toda forma de reserva deliberada sendo percebida como uma negação da significância do outro e que se reverte em uma desvalorização do próprio ser. Banido do sistema de fofoca é ele o estranho, o outro, aquele que está fora.

Similarmente ao contexto metropolitano, os graus de notoriedade são igualmente fluidos e potencialmente situados, podendo estender-se a determinados círculos de relações em cidades vizinhas, bem como limitar-se a determinados grupos locais. O fato é que é mais fácil ficar famoso a nível nacional do que manter-se completamente anônimo no contexto de nossa cidadezinha pequena tomada como caso particular do possível.

Imaginemos portanto a possibilidade de que não se possa estar na cidade sem que se seja notado<sup>26</sup>, o que é sensivelmente mais incisivo para os antipáticos. Quanto

---

<sup>26</sup> Não apenas visto, fique claro.

menos os demais conterrâneos tiverem acesso à sua intimidade, maior o impacto da mais irrelevante informação que puder ser obtida.

Aos moradores itinerantes, a mesma coisa. Corte de cabelo, peso, aparência global (incluindo análises psicológicas apuradas estabelecidas a partir do número de sorrisos distribuídos) são apenas as informações básicas acessíveis a quem interessar possa pelo simples olhar. Estar lá é se colocar necessariamente acessível a todos, seja direta ou indiretamente, e ser interpelado por um modo de agir que pressupõe uma forma de identificação subjetiva cuja competência em corresponder não cabe simplesmente a ele mesmo.

Não há teatros, cinemas ou boates, mas um circuito limitado de estabelecimentos de lazer, concentrados em algumas regiões (senão uma única região) da cidade e que contam com uma média de 3 bares/lanchonetes. Igrejas? A católica renovada, a católica tradicionalista, duas batistas, meia dúzia de neopentecostais (estas em unidade por denominação), um centro espírita kardecista e alguns boatos sobre um terreiro de candomblé ou umbanda aqui ou ali. Se você rezar, se saberá. Se circular entre um local de culto e outro, todos saberão. Há uns três lugares onde se possa comer pizza, outros 5 trailers que vendem hambúrgueres e duas ruas principais, ligadas em transversal, as quais ligam quase tudo. Um cemitério, claro, no centro da cidade (que fora absorvido progressivamente pela expansão urbana), e que torna todo morto um notável e toda morte um evento potencialmente público. Se for conhecido, lhe é conferido um enterro público, se não for, ao menos a curiosidade de todos os passantes.

Voltemos-nos aos tradicionais espaços de lazer noturno da localidade aqui utilizada como exemplo e alcançaremos a imagética panóptica, caracterizada por uma praça, ampla e dotada de poucos elementos decorativos, possibilitando não a ordem prisional ou a arquitetura teatral analisados por Foucault (1977), mas um complexo de observação mútua praticamente ilimitado. Todos são capazes de identificar a todos, sobrando apenas alguns bancos de praça ou a parte de trás da antiga estação de trem como refúgio aos amores escondidos de início da juventude. Nesse *reality show* todos são, ao mesmo tempo, participantes e telespectadores.

Espaço tradicional de lazer em decadência, a rua principal que atravessava a lateral da praça foi nos últimos anos<sup>27</sup> transformada em calçada justamente neste

---

<sup>27</sup> Mais especificamente durante o penúltimo mandato executivo municipal, entre os anos de 2005 a 2008.

ponto, revertendo completamente a lógica de circulação e sociabilidade no espaço e levando à transferência quase completa dos estabelecimentos ali situados, bem como o fechamento de outros. Tão importante quanto sentar-se no entorno da praça nas noites de final de semana, passar de carro por ela era antes da mudança um ritual importante e copiosamente seguido não apenas pelos moradores da localidade, como também pelos advindos das localidades vizinhas.

Cidade do Noroeste Fluminense de menos de doze mil habitantes e situada às margens da RJ 116, Aperibé localiza-se entre dois outros municípios, se caracterizando como desvio habitual àqueles que pretendem fazer o trajeto entre um e outro, sobretudo em busca por diversão. Sair de Itaocara, circundando a praça de Aperibé, em caminho à Santo Antônio de Pádua, é uma forma de ver, ser visto, e *conferir o movimento*. Dependendo, é só dar uma paradinha; se agradar, fica-se por ali mesmo. Diante de um conjunto tão limitado de opções de lazer na região (as cidades vizinhas têm, respectivamente, 22 e 40 mil habitantes e uma variedade de opções de lazer proporcionalmente tão limitada quanto suas dimensões demográficas), um show ao vivo na pracinha é capaz de desviar muitos daqueles que pretendiam fazer um lanche em outro local.

Com o fechamento de uma das ruas naquele ponto (justamente o último trecho de uma das vias principais, que se seguia ao desvio da estrada e dava acesso ao “centro” da cidade), a circulação na área passa a exigir uma volta cansativa por rotatórias desnecessárias (lembrando que o trânsito local não requer a instalação de sequer um semáforo), ruas transformadas em mão única e, o pior, limita a passagem para apenas uma das laterais da praça. Se não se pode ver (ou ser visto por) quem lá está com tanta precisão, o principal objetivo da *voltinha na rua* se perde, e o vai e volta típico às noites de lazer da cidade e região é interrompido. Mas apenas provisoriamente. Assim, em menos de um ano, se observa uma surpreendente transformação urbana, dada pela transferência do principal e histórico espaço público de lazer da praça para uma área acima, seguindo a outra rua principal (que atravessa o trecho oposto da via modificada).

Coincidentemente ou não, o novo *point* da cidade passa a ser um novo bar, situado na via de acesso direto e paralelo à estrada, atravessando o centro em direção ao ponto à frente da via estadual, que levará ao município vizinho oposto. Se a *passadinha* em Aperibé envolvia uma rodadinha na praça, agora basta desviar da estrada, entrar na

cidade, seguir em frente, *conferir qual é a boa da night* e prosseguir, sempre à diante, aos que insistem em buscar algo mais em outra cidade vizinha.

Da praça vamos à beirada da rua, novo palco de observação/exposição neste contexto e, com exceção das igrejas e escolas, fundamentalmente o único espaço público de sociabilidade e lazer da cidade. O boteco de bairro se mantém como reduto de um público mais velho e prioritariamente masculino.

Digamos que o lazer se resuma, neste caso, a encenação de um espetáculo coletivo onde atores e espectadores são um só e todos ao mesmo tempo. Nenhuma outra situação social é potencialmente mais capaz de conferir notoriedade imediata aos seus integrantes do que este. Estar lá é ver, permitir ser visto e se colocar em contato direto com *todo mundo*, e todo mundo que lá se insere é reconhecido, seja por familiaridade ou estranhamento. Não estar lá é não ser *todo mundo*, mas não necessariamente ser menos relevante.

Percebe-se que a indiferença dá lugar a atenção minuciosa a toda individualidade, seja ela genuína ou herdada, construída a partir dos relatos fofoqueiros ou pessoais, observada atenciosamente ou escondida pelos antipáticos.

A tudo se discrimina, a todos é imputada a lei de familiaridade, sob penas mais duras quanto maior o caráter negativo de sua notoriedade para os olhares inquisitoriais (este se confundindo com a negação à própria publicidade), e assim poderia seguir insistentemente. Se *o homem metropolitano é “livre” em um sentido espiritualizado e refinado, é a pequenez e preconceitos que atrofiam o homem da cidade pequena*, já dizia Simmel (1979: p. 20).

O potencial de formação de opinião (neste caso de construção e divulgação da fofoca) não apenas está disponível, como se impõe a todos. Dado que os conterrâneos potencialmente cruzam-se nos mais diferentes contextos, tendem a compartilhar, portanto, de informações mútuas e diferentes situações de copresença. O que torna a ação situada do outro irrelevante no contexto metropolitano, o *desconhecimento* quanto a especificidade da sua existência, potencializa as influências das ações situadas de todos neste caso, dado que as diversas situações se comunicam entre si. O colega de trabalho linguarudo é também o parente ao qual não se deve confiar segredos. Quase todo mundo tem algo a dizer sobre um novo pretendente, no que se refere aos mais

diversos aspectos de sua vida, dado conhecê-lo de alguma forma, de algum lugar, ou de todos ao mesmo tempo.

Este contexto é marcado por uma perda do potencial de indexicalidade das interações. Todas as situações remetem a expressões objetivas que independem delas especificamente justamente porque as diferentes situações se superpõem. A “normalidade” ativamente produzida e reconhecida *na* e *da* situação pelos participantes engajados em uma atividade sistematizada rompe as barreiras situacionais, contaminando os diversos contextos passíveis de serem acedidos. A gestão da interação, nos termos da etnometodologia de Harold Garfinkel (2007), passa a referir-se menos ao agir em dada situação do que ao agir de forma geral em diversas situações interligadas, pois todo o agir está correlacionado. Ao mesmo tempo, este se caracteriza por uma proeminência de relações subjetivas entre aqueles que estão familiarizados com o contexto, consigo mesmos e, finalmente, com modos de ação particularizados.

*Assegurar a coerência com os procedimentos*, neste caso, demonstrar *competência em posicionar-se adequadamente com relação à figura apresentada*, implica menos em uma capacidade em referir-se a um contexto dialógico específico do que a ajustar-se a uma espécie de situação generalizada. A rotina, elemento valorizado por Gafinkel como meio de desenvolvimento de uma competência em agir, torna neste caso a possibilidade de ação mais limitada. A situação assume um caráter totalizado, abrangendo uma rede de relações recíprocas que interliga todos os sujeitos em copresença, mesmo que essa não se faça sentir fisicamente. Todos são espectros de si mesmos, potencialmente onipresentes e passíveis de uma forma generalizada de exposição. As super competências são também aqui exigidas, não sob a pena da perda da notoriedade pela perda da reputação, mas sob a pena de uma deteriorização do eu<sup>28</sup> em sentido amplo e irrevogável: a construção de uma má reputação.

Temos aqui uma espécie de condição pública na qual todas as pessoas são potencialmente acessíveis entre si de alguma forma: os seus gostos, temperamentos e trajetórias sendo também de posse dos demais como parte da construção de uma história coletiva e da coletividade. Ser quem se é exige um nível de coerência externamente imposta, dado que toda ação é somada na construção de uma imagem do outro que é incapaz de se deslocar, porque o próprio deslocamento objetivo lhe é negado.

---

<sup>28</sup> Ver Goffman, 1998.

Experimentar toda a liberdade do mundo é expor-se em níveis altíssimos, o que reverte a própria liberdade em um ciclo de cerceamento. Não há direito a reserva.

A *perda da face*<sup>29</sup> é um risco permanente. Mais uma vez, isso não significa dizer que tal liberdade não esteja disponível, mas que o seu usufruto se coloca como parte da construção identitária, as consequências das ações “situadas” implicando diretamente na assunção de uma imagem que é potencialmente generalizável. Pode-se ser muitas coisas ao mesmo tempo, mas todas elas convergem em uma só: a pessoa pública. Encontramos aqui uma condição de notoriedade generalizada em potencial.

Assumo o mesmo posicionamento de Simmel (2006) ao renegar uma visão estritamente pessimista e crítica com relação a esta forma de vida. Vemos aqui um contexto singular no qual as personalidades individuais são altamente valorizadas, mesmo que a partir de sua imagem simplificada. Nunca se está plenamente sozinho, porque mesmo a permanência no espaço doméstico pode ser notada. Nunca se está totalmente entre estranhos, e boa parte dos membros em copresença em determinado espaço tornarão a se encontrar em vários outros.

O cultivo de si perpassa necessariamente o cultivo de relações pessoais, implicando em benefícios diretos e rotineiros nas mais diversas instâncias. Se o tratamento impessoal é apontado por Da Matta (1997) como uma espécie de cidadania negativa no contexto brasileiro, aqui ele é absolutamente excepcional, podendo até mesmo se converter em justificativa para o conflito. Total inversão do modo de conduta prevalecente neste espaço público, a impessoalidade é privilégio e adágio dos Zé Ninguéns, personagens fora do contexto. A eles cabe ser nivelados, equacionados e objetivados pela indiferença típica às relações ordinárias: são ordinários em si mesmos, e em ambos os sentidos.

Este pode ser caracterizado como um contexto subjetivo dos mais confortáveis, dada a familiaridade estabelecida entre conterrâneos, bem como com o próprio espaço público. Como em uma *aldeia* propriamente dita, eles subjetivos interligam boa parte, senão de alguma forma todos os membros da comunidade, podendo transformar toda tragédia pessoal num objeto de comoção pública.

Ao mesmo tempo, a proeminência de uma cultura subjetiva em tão alto grau evidencia a ausência de fronteiras entre a casa e a rua e encarcera os sujeitos em uma

---

<sup>29</sup> Ver Goffman, 2011.



imagem congelada de si mesmos, em papéis estáticos e unívocos, porque encenados constantemente em todas as circunstâncias. A falta de oportunidade de experimentar novas formas de ser a si mesmo (sem macular a imagem socialmente sustentada durante toda uma trajetória de vida), a necessidade de manutenção de uma coerência contínua, em diferentes momentos, humores e situações, limita as possibilidades de agência a este padrão pessoal irrevogável. Ser uma pessoa única, inconfundível e notória exige também que se seja uma só pessoa e, quando objetiva-se manter uma imagem positiva, todo *deslize* deve ser evitado. Para se ser conhecido é necessário dar conhecimento sobre si mesmo e, neste caso de notoriedade generalizada, em que toda e qualquer variação de comportamento tende a se somar na construção da pessoa pública, a coerência é uma exigência permanente. O que se pode fazer quando todo mundo te vê fazendo o que você gostaria de fazer caso ninguém pudesse te ver?

São justamente os Zé Ninguéns, neste caso, os habitantes ordinários que devido a razões muito específicas se mantêm a parte neste grupo, isentos de atenção e reconhecimento social, aqueles que têm maior liberdade, ou maior mobilidade. São justamente estes, que não podem ter tudo, que tem toda a liberdade do mundo. São sujeitos que vagam entre diferentes meios sociais, ajustando-se e participando ativamente da sua definição. Mas exatamente a quais situações poderão aceder?

Inverter o caminho traçado por Simmel é uma tarefa audaciosa e extremamente difícil, não apenas devido a sua astúcia singular, mas à complexidade dos elementos interligados, e não pretendo aqui esgotá-la. Mas é importante observar, a partir dos ensinamentos dele mesmo, que os contextos em contraposição (a metrópole e, neste caso, a pequena cidade) não se opõem simplesmente, mas se caracterizam por arranjos inversamente proporcionais entre formas e que incidem sobretudo sobre o potencial de autonomização dos seus conteúdos. Mas para compreendê-las é necessário buscar outras categorias operacionais. Esta digressão tem por objetivo provocar no leitor o estranhamento equivalente àquele vivenciado pela autora deste texto, sobretudo em favor da construção argumentativa em que se baseia esta tese.

Ao selecionar um grupo, ou espaço de observação específico, objetivo apreender como os contextos intra e extragrupos/espacos dialogam permanentemente. As formas sociais que têm por conteúdo o liberalismo sexual, sejam aquelas observadas no Brasil ou na França, podem ser vislumbradas não apenas em si mesmas, mas como um

processo dinâmico marcado por formas de direcionar-se diversas, como pistas para se apreender alguns aspectos quanto aos contextos mais amplos nos quais estão inseridos.

Os clubes são espaços privativos aos seus frequentadores (novos, antigos ou futuros), ao mesmo tempo assumindo com relação às suas práticas o caráter de espaço público de fluxos, encontros e relativa impessoalidade. São a praça, têm as suas ruas e também se metamorfoseiam em espaço doméstico de troca entre amigos ou de experimentação entre cônjuges. São sobretudo espaços de copresença, de consciência da presença do outro, para se perceber e ser percebido, e do agir reciprocamente em função dessa mútua significação.

Eles são microcosmos urbanos passíveis de serem apropriados para usos diversos, através de diferentes formas de inserção e tipos de posicionamento. Ali também é possível ao cidadão assumir múltiplas faces de si mesmo, com maior ou menor abertura ao olhar do outro, a partir de redes de familiaridade progressiva ou entre completos estranhos. Bem como adquirir notoriedade ou manter-se em relativo anonimato. Os clubes de sociabilidade liberalista sexual analisados são um mosaico de situações tão diversas quanto os contextos urbanos nos quais se situam, possibilitando aos seus usuários o cultivo de modos de vida relativamente autônomos. Se a metrópole não é a sua condição, participa como condicionante, e vice-versa. Estas se tratam apenas de formas de sociabilidade possíveis, mas não menos exemplares no que se refere à compreensão do urbano, em si mesmo ou como habitat de uma forma peculiar de “homem moderno”.

É a situação de anonimato compartilhado que garante que a prática sexual pública, seja indireta ou propriamente dita (uma coisa é conferir publicidade ao ato, outra se trata da publicidade da condição compartilhada de se estar lá), possa ser vivenciada de forma autônoma com relação às identidades assumidas no contexto extraclube. A discrição entre pessoas em copresença é basilar a sustentação de seus comportamentos, é o que torna este um local seguro à experimentação de novas formas de vir a ser. Por mais que todos potencialmente vejam (ou ao menos se vejam), deve haver um deslocamento que permita um olhar interessado e ao mesmo tempo uma indiferença relativa com relação àquele que é visto. São menos as identidades individuais (possivelmente reconhecidas de contextos extraclube) do que as identidades situadas que contam, permitindo que quase nunca haja *alguém* vendo e justamente por isso se possa fazer tudo o que se deseja fazer quando ninguém pode te ver.

A desatenção civil analisada por Goffman (2010) como característica às relações em lugares públicos sofre um deslocamento, mas que não a descaracteriza de fato. Dado que todos os presentes se constituem como parceiros sexuais em potencial, estes se estabelecem também como objetos de desejo possíveis, atraindo um nível mínimo de atenção no que se refere à busca pela atração sexual. O imperativo cortês da ausência de atenção perante a presença do outro se deve ao não reconhecimento daquele que é conhecido, e não o contrário. É quando se está diante de pessoas conhecidas do contexto extraclube que tal forma de interação torna-se necessária nos estabelecimentos de lazer erótico, desde que seja possível simplesmente não ater-se para a presença de dada pessoa.

Segundo Goffman, *ao conferir a desatenção civil, o indivíduo implica que ele não tem razão para suspeitar das intenções dos outros presentes nem para temer os outros, ser hostil a eles, ou desejar evitá-los*. Ainda assim, estabelece-se uma relação recíproca de garantia mútua de liberdade de ação dada pela indiferença com que são tratados os comportamentos de cada um dos sujeitos em copresença. Desta forma, ambos demonstram que *não tem nada a temer ou evitar por ser visto e ser visto vendo, e que ele não está envergonhado de si mesmo ou do lugar e da companhia em que se encontra* (2010: p. 96). O que este sujeito redireciona, portanto, é a sua expressão visual.

Mas o *voyeurismo* é uma prática inerente aos contextos liberalistas sexuais, efetivada, altamente valorizada e que pressupõe uma disponibilidade daquele que é visto em fazer-se ver<sup>30</sup>. Desta forma, a desatenção civil goffmaniana está a serviço da garantia de anonimato daqueles que compartilham do contexto de copresença, seja com relação às suas identidades extraclubes no contexto de sociabilidade erótica, seja em relação às suas identidades intraclubes nas situações de copresença que lhes são exteriores.

O anonimato compartilhado permite justamente a compartimentação do ser (passível de ser identificado como o gerente de banco, o professor, o vizinho) em favor da centralização apenas na identidade compartilhada em dada situação. Mas essa possibilidade só é dada entre iguais: sejam sujeitos igualmente notáveis ou igualmente

---

<sup>30</sup> Demonstro no capítulo 4 como o uso das diferentes instalações presentes no interior dos estabelecimentos de lazer analisados envolve diferentes gradações de abertura à participação/observação do outro, sendo o exibicionismo uma opção fetichista, mais do que uma condição à prática sexual intraclubes.

anônimos. É através do reconhecimento da multiplicidade do ser, negada às pessoas públicas, que se sustenta a sua garantia de especificidade contextual. Independente de qualquer coisa, todos são Zé Ninguéns, todos são anônimos (mas “ordinários” apenas em bom sentido). Se não de fato, graças a um acordo tácito: se você não me viu, eu não te vi.

O conhecimento prévio pode contribuir para o estabelecimento da relação, mas de uma relação de caráter diferenciado com relação a qualquer outra previamente estabelecida. É a suposta neutralidade entre parceiros que sustenta a possibilidade de estabelecimento desta forma de sociabilidade, e a sua garantia é dada pela equalização das identidades de todos os presentes. As diferentes fases de construção da carreira liberalista sexual, ou os posicionamentos ideológicos individualmente assumidos, são referências posteriores na construção destas formas sociais. Uma vez inseridos neste contexto, a história começa a ser escrita, e nunca o contrário. É a página em branco que deixa em aberto todas as possibilidades dadas: são espaços potenciais às expressões indexicais, mas também potencialmente dotados de um caráter progressivamente autonomizado. As especificidades destes contextos de sociabilidade, a pluralidade de posicionamentos em coexistência, lhes conferem o caráter diferenciado enquanto espaços de observação.

As práticas sexuais públicas e/ou grupais aqui apresentadas como objeto de análise evidenciam formas de portar-se nas quais as identidades individuais são apenas parcialmente envolvidas. Da mesma forma, tais práticas se constituem como um aspecto secundário em processos mais amplos e complexos de construção de modos de vida e percepções sobre si.

São diferentes percepções de sujeito, e indivíduo, que embasam os posicionamentos assumidos e estes só se sustentam em um contexto em que as identidades individuais possam contar com uma relativa autonomia. Se não o anonimato absoluto, o anonimato compartilhado garante o exercício de tamanha liberdade e a delimitação de espaços públicos voltados a formas de sociabilidade situadas no contexto urbano. E é no exercício da irrelevância do ser que se pode experimentar o seu verdadeiro poder. Ao mesmo tempo, diferentes tipos de conduta coexistem neste contexto, desde a mais íntima experiência amorosa até a mais impessoal reserva entre estranhos.

Finalmente, são as ações recíprocas o objeto de análise desta tese, tanto no que se refere ao contexto metropolitano mais amplo em que se inserem tais estabelecimentos de lazer quanto ao caráter situacional com que se constituem enquanto lugar público, semipúblico, ou mesmo íntimo de sociação.

As formas de sociabilidade observadas serão analisadas, portanto, como processos de estabelecimento de relações recíprocas, bem como situações em processo de permanente redefinição.

## **CAPÍTULO 1: Transando Fronteiras, Justificando Posicionamentos**

Este trabalho tem por objetivo analisar a sociabilidade enquanto forma lúdica de socialização e remontar empiricamente o dinâmico processo de estabelecimento de relações e construções de sentido. A apreensão do modo de vida urbano através da observação de dois exemplares entre os possíveis é o meio escolhido em função de tais fins. A análise do exercício público de práticas de sociabilidade erótica em um clube de swing na cidade do Rio de Janeiro e em uma sauna libertina em Paris foi o caminho escolhido em favor do desenvolvimento de tais objetivos, diante do pressuposto de que esses espaços de sociabilidade são microcosmos do contexto social no qual se inserem.

Mais do que o estabelecimento de uma descrição densa da realidade, capaz de captar os significados dos comportamentos observados (GEERTZ, 1978), objetivei construir a partir da coleta de dados uma análise pautada na densidade conceitual propriamente dita, ou seja, o rico conhecimento de conceitos e relações *que se mantêm em grande familiaridade com os dados associados e são com eles sistematicamente confrontados* (STRAUSS e CORBIN, 2009: p. 2). O estabelecimento de uma alta densidade conceitual, possibilitando a construção de uma teoria explicativa com base no método fundamentado, está aqui sujeita as limitações dos dados coletados durante o trabalho de campo. Levando-se em consideração que as interlocuções estabelecidas foram reflexo da minha forma de inserção nos espaços de observação, culminando em relatos esparsos, chega-se a uma baixa saturação conceitual. Ao mesmo tempo, as categorias selecionadas como base para a análise foram sistematicamente inter-relacionadas segundo as declarações de relação obtidas.

Foram utilizadas como ferramentas de coleta de dados sobretudo a observação etnográfica em um clube de swing e numa sauna libertina em Paris, esta fruto de uma curta experiência de pesquisa. Algumas entrevistas semiestruturadas foram ainda utilizadas como método complementar de coleta de dados, mas é fundamentalmente a partir das relações estabelecidas no interior dos estabelecimentos de lazer, dos relatos conferidos livremente pelos seus frequentadores e pelas abordagens sexuais das quais fui alvo que foram levantadas questões e desenvolvidas as argumentações. As especificidades dos contextos de observação implicaram no estabelecimento de um método coquete no qual a pesquisadora é também objeto de sedução e é no processo de negociação entre interesses divergentes declarados que os dados emergem. Sujeita ao

“objeto” de pesquisa, passo a me posicionar de formas específicas aos contextos de observação em favor da construção analítica.

Enquanto sujeitos posicionados, as representações da realidade vivenciada relatadas pelos meus interlocutores foram consideradas como dados significativos para a compreensão de suas práticas e percepções. Ao mesmo tempo, parto do pressuposto de que os pesquisadores “*assumem a responsabilidade ulterior de interpretar o que é observado, visto ou lido*” em termos do estabelecimento de uma análise social (STRAUSS e CORBIN, 2009: p. 2).

Todo processo de construção é também uma forma de apropriação, um processo criativo que ao mesmo tempo remete a noções que lhes são externas, sejam conceitos, valores, ou simples palavras. Neste sentido o uso da palavra *reapropriação* pode parecer um paradoxo conceitual. Por outro lado, o prefixo é aqui acionado como ferramenta metodológica que visa remontar o caráter relacional do jogo de construção de sentidos e, neste caso, destacar a urgência em compreender como os meus interlocutores se remetem a categorias pressupostas por eles mesmos como amplamente reconhecidas (ou de caráter “normativo” e, portanto, externos às relações às quais estão atrelados diretamente), para então delas se *reapropriar*. Da mesma forma, constroem referenciais outros, autorreferidos às suas práticas.

A interpretação que os meus interlocutores estabelecem quanto ao que seriam modelos de conduta no espaço público, senão em dado espaço público, é uma forma de apropriação da noção genérica de boa conduta, o que evidencia mais uma vez a obsolescência do prefixo. Insisto ainda assim por utilizá-lo em todo o texto reivindicando uma posição epistemológica. A apropriação é à base de todo e qualquer jogo relacional, ela é a dinâmica por trás do estabelecimento e manutenção das relações sociais, e a noção de *reapropriação* nada mais faz do que destacar o caráter inventivo e altamente complexo deste processo contínuo e relativamente fluido.

Em paralelo ao processo de reapropriação simbólica, dá-se aquele de construção propriamente dita, sejam de referências valorativas, identidades ou formas de relacionar-se em dada situação. Se todo conteúdo diz respeito a sua forma e nenhuma forma pode haver sem que esta seja dotada de um conteúdo, chegamos a uma originalidade tal prevista por Simmel (2006) como um processo de autonomização, ou objetivação. A “realidade” emana de um desenvolvimento progressivo de ações recíprocas entre sujeitos, forma de sociação que resulta no estabelecimento de um

arcabouço subjetivo cuja efetividade culmina com a sua estabilização relativa e situacional.

A perspectiva de análise da qual decido partir está inserida num paradigma interindividual no qual a dicotomia entre as noções de indivíduo e sociedade é superada pela desconstrução desses mesmos conceitos. Estes se tratam de simples abstrações analíticas, isentas de qualidades substantivas inerentes (FRÚGOLI JR., 2007). Ao mesmo tempo, não há realidade concreta, também ela é um recorte.

O dinamismo característico à análise simmeliana se fundamenta no estabelecimento da noção de *forma* como uma abstração concreta que corresponde ao objeto de análise destacado pelo autor. Se se pode falar em estrutura, de qualquer tipo, em Simmel, ela está dada, exclusiva e absolutamente, na noção de forma. A forma é a unidade indivisível de tudo o que pode ser definido como social, é o elemento último de sua classificação enquanto tal, em seu caráter de abstração concreta. Abstração pois não é observável em seu caráter puro, dado que se constitui, necessariamente, a partir de conteúdos específicos a sociações específicas, e, ao mesmo tempo, concreta pois está dada no instante exato da constituição daquilo que pode ser classificado como social. A sociedade não existe por si só, ela não faz sentido em si mesma senão a partir de um olhar que lhe é exterior e autônomo, mas até mesmo a abstração que lhe confere sentido está subordinada à noção de forma, já que é a partir de ações recíprocas, as sociações, que as “formas sociais” se realizam, assumem características e são dotadas de conteúdo. A *forma*, em Simmel (2006), é uma categoria dada, e por isso concreta. Toda relação social possui uma forma, pois só assim constitui-se como relação, ao mesmo tempo em que se constitui através de conteúdos que lhes são próprios e que tendem a se autonomizar, mas sem jamais perder o seu caráter relacional.

Enquanto ato comunicacional, a relação sexual se apresenta como exemplo emblemático de forma social no sentido simmeliano. Apesar de se referir aos aspectos mais íntimos da vivência humana (ao menos nas “sociedades” nas quais o exercício da sexualidade está envolto por tabus cristãos de concupiscência, como a ocidental) o ato sexual se define a partir de um conteúdo autonomizado que se estabelece em referência à pressuposição de um compartilhar de códigos e valores que são, eles mesmos, reapropriados no processo interacional. Assim são estabelecidas em diferentes grupos sociais hierarquias de valores em torno das práticas consideradas apropriadas ou não, bem como das regras que servirão como referência para o estabelecimento de tais



classificações e um repertório relativamente variável de comportamentos, uma espécie de inventário de práticas reconhecidas como habituais, senão *normais*.

Ao mesmo tempo, os conteúdos específicos às relações estabelecidas *entre quatro paredes* não possuem uma definição predeterminada, por mais que possam referir-se a um pressuposto “padrão” cultural a partir do compartilhar de comportamentos e saberes transmitidos em torno do sexo. As quatro paredes, neste caso, não são destacadas por sua importância a nível metodológico-individual, mas dada a possibilidade prevista por Simmel de que, através do fluxo interacional contínuo, os ajustes e reajustes se deem através, nesse caso, da reapropriação, pelos atores em relação, desse conteúdo autonomizado e, neste sentido, de caráter objetivo.

Neste sentido, este trabalho de tese pretende apreender como se constroem relações e definem conteúdos a partir de determinada forma de sociabilidade (através de uma prática específica de lazer) e, neste movimento, entender como tais comportamentos e valores se relacionam à construção de um modo de vida metropolitano. A sociabilidade é, portanto, apreendida como forma lúdica de sociação: *Na sociabilidade não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação* (SIMMEL, 2006: 65). *A sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal* (2006: 69), é um “jogo de cena”. Em sua forma pura, constructo analítico abstrato, a sociabilidade se apresenta como um mundo artificial dado a partir de seres que visam produzir entre si mesmos essa interação pura e que, como tal, não seja desequilibrada por nenhuma tensão material.

Por outro lado, destaca o autor, o caráter saturado da vida moderna no que se refere aos conteúdos objetivos e existências práticas que a caracterizam, senão o caráter eminentemente social da sociação mesma, “deformam” as relações de sociabilidade ao estabelecer hierarquias de valores e posições entre sujeitos em relação. Consequentemente, se a sociação é interação, o caso mais puro de sociação é aquele que ocorre entre iguais, dado que cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage também os obtenham. Neste sentido, num contexto que não é jamais isento de aspectos culturais o processo de interação enquanto simples jogo recíproco de ação é também um jogo de faz de conta no qual se pressupõe que todos são iguais e igualmente valorosos. A sociabilidade não é observável em sua forma pura, tudo está imbuído de conteúdos intencionais, ao mesmo tempo, *o jogo da sociedade tem*

*um duplo sentido profundo, a saber: não somente joga na sociedade aquele que a mantém externamente, mas com ele 'joga-se' de fato 'a sociedade'* (SIMMEL, 2006: 72).

A sociabilidade é sugerida, desta forma, também como a forma lúdica das forças éticas da “sociedade concreta”, jogo conflitivo e, sobretudo, criativo entre parâmetros de adequação a um contexto valorativo comum que deve, por outro lado, refluir em formas subjetivas individualizadas. O contexto sócio-urbano se apresenta, por outro lado, não apenas como espaço físico de desenvolvimento de uma multiplicidade de formas de sociabilidade, como é também um construto dado a partir de diferentes apropriações simbólicas, ou usos, deste espaço por seus habitantes (SIMMEL, 1979).

A cidade é mapa e ao mesmo tempo território de construção de modos de vida e visões de mundo dotadas de moralidades dissonantes, mas nem por isso dissociadas em certo sentido. É o espaço ideal a apreensão do tráfego humano ordinário, nos termos de Goffman (2010), bem como de apreensão da delimitação de condutas segundo diferentes graus de consenso e dissenso.

Em favor da instrumentalização da análise recorro ao conceito de *efetivação*, sobretudo no que se refere à análise da dimensão situacional das relações reciprocamente estabelecidas. Tal categoria, forjada sob a perspectiva pragmatista francesa, servirá de mote à apreensão das ações em um plano a partir do qual o que está em jogo não é tanto o conteúdo específico a uma gramática<sup>31</sup> moral, mas uma mobilização prática dos recursos acessíveis em dada *situação*. A concretização das ações perpassa, neste sentido, a definição da situação pelos atores em relação e dos efeitos passíveis a dada forma de direcionar-se. Os regimes de efetivação, desta forma, baseiam-se em diferentes referências de bem que determinam o tipo de problemática estabelecida no questionamento sobre a efetividade das ações em dado contexto. Mais do que um pressuposto de generalidade, dada em referência a um *bem comum* (um “bem superior”), ou um *bem de si* autocentrado, visa-se o estabelecimento de uma noção de bem autorreferida a dado contexto de ação recíproca e que busca em seus efeitos efetivar-se situacionalmente, mesmo que em torno de um *bem de todos* (WERNECK, 2012).

---

<sup>31</sup> Desenvolvido por Boltanski e Thévenot (1991), o termo “gramática” refere-se a um conjunto de regras ou restrições que devem ser seguidas pelos atores inseridos em uma mesma situação social, e a partir da qual coordenam suas ações de modo a comportar-se de forma adequada a determinado contexto.

Os espaços de sociabilidade são amplamente analisados como espaços públicos a formas de sociabilidade eróticas, ou liberalistas sexuais. Lugares públicos enquanto regiões de livre acesso aos membros de dado grupo, nos quais estes atores compartilham de uma situação de copresença consciente e subjetivamente significativa à definição das situações. Ao mesmo tempo, os ajuntamentos que se constituem entre os sujeitos em relação subvertem quaisquer classificações neste sentido (GOFFMAN, 2010). Ao mesmo tempo em que lugares de publicização de práticas de caráter íntimo, estes estabelecimentos de lazer são passíveis de reapropriação por seus usuários na constituição de uma forma íntima de relacionar-se entre si e com o próprio meio. As relações estabelecidas são formas de ação em público direcionadas segundo o sentido que tomam em conta o seu reflexo sobre os demais presentes, mas cujas orientações variam situacionalmente dentro desse mesmo espaço (THÉVENOT, 2006). Finalmente, me importam os deslocamentos entre posicionamentos em coexistência mais do que os possíveis *ajustamentos* a um contexto objetivo.

Os dados apontam para o caráter situado com que as práticas liberalistas sexuais são empreendidas por meus interlocutores nos diferentes contextos de observação, bem como para uma polifonia de sentidos acionados em diferentes situações em favor da sua efetivação. Estas são colocadas em questão pelos seus próprios adeptos, em diferentes momentos e de diversas formas. Bem como em diferentes níveis. Assim se estabelecem morais de caracteres dissonantes, desde a busca por uma generalização interna e constituição de grupos organizados ou *mundos secretos*, regidos portanto por modos de conduta pública (no que se refere aos diferentes estabelecimentos de lazer do gênero) até a defesa de formas autorreferidas de relacionar-se conjugalmente.

Neste contexto, a coleta de dados transcorre a partir de um esforço pessoal em estabelecer relações. Por fim, é a situação que define a “realidade” que salta aos olhos do observador, bem como os caminhos trilhados.

### **A pesquisa como um jogo de coqueteria**

A comunicação etnográfica é pobre enquanto comunicação verbal voluntária e intencional, visando à aprendizagem de um sistema de representações nativas, dirá Favret-Saada, a disposição à afetação traduz-se na aceitação em ocupar esse lugar que

abre uma comunicação específica com os nativos: involuntária e desprovida de intencionalidade. A empatia pressuposta como passível de ser estabelecida entre aquele que questiona e aquele ao qual as questões são colocadas é em si mesma um sintoma da ausência de empatia: da distância. É justamente por não se estar no lugar do outro que se tenta representar o que seria estar lá. Apreendida como espécie de comunhão afetiva, ao contrário, esta insiste na instantaneidade da comunicação, na fusão do outro pela identificação (2005).

O posicionamento assumido em favor do desenvolvimento deste trabalho de tese consistiu em permanecer disponível, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, em contar com *o acaso do encontro* (PÉTONNET, 2009). Ao flutuar por entre os espaços de observação a pretensão nunca foi a de me fazer passar despercebida, muito menos de me fazer passar por igual. Havia questões, mas estas nunca se sobrepuseram àquelas que meus próprios interlocutores desejavam propor.

Quando decidida a iniciar o trabalho de observação participante em um clube de swing, duas preocupações básicas me vieram à cabeça: como lidar com as reações (inclusive fisiológicas, neste caso) ao estranhamento ao qual estaria sujeita e como agir de forma a corresponder aos códigos de conduta naquele espaço sem desrespeitar meus próprios limites e, acima de qualquer coisa, desrespeitar àquelas pessoas.

Haveria nudez, haveria sexo e eu seria (se tivesse sorte) alvo de propostas mais do que indecentes. Mas eu não fui convidada, impelida ou obrigada a estar lá, o fiz consciente das consequências possíveis, incluindo a possibilidade de me converter àquelas práticas, porque não? Há quem diga que ninguém escolhe um objeto de pesquisa *desse tipo* sem que haja interesses pessoais envolvidos. Mas apreender a relação entre as escolhas analíticas e as suas motivações subjetivas não é o trabalho que me cabe, assumir as consequências sim.

A reciprocidade estabelecida entre aquele que pergunta e aquele a quem tais questões são direcionadas é dada pela mais simplória relação comunicacional. Diante do caráter interessado com que me inseri naquele contexto, pode-se dizer que estabeleci, portanto, uma reciprocidade cínica, já que a troca é um meio e não um fim em si mesmo. Esta é a situação contrária à sociabilidade em sua forma pura, em que se *finge* agir de forma desinteressada, quando de fato busca-se mais do que o simples jogo comunicacional.

É na relação com esse outro provocador de questões que a pesquisa de campo se torna possível, é através dela que as trocas se engendram. Foi a partir da relação estabelecida entre os meus “nativos” e eu que tudo o mais se fez, inclusive a supressão da própria noção de objeto do meu vocabulário de pesquisa. Temo ter me apropriado da maior parcela de benefícios possíveis de serem obtidos a partir de nossos contatos, mas foi necessário, sobretudo, pagar o preço e aceitar as consequências pela escolha em observá-los.

O acesso ao clube de swing carioca, espaço de realização da primeira fase do trabalho de campo, é limitado de acordo com a programação semanal de eventos, assim como será apresentado no curso deste trabalho. Considerados os custos básicos com transporte, alimentação e pernoite<sup>32</sup> durante a realização do trabalho de campo, a frequência à boate com um, senão dois acompanhantes, implicaria em altos custos para a realização da pesquisa. Ao mesmo tempo, a decisão de ir ao clube sozinha se deu como uma estratégia em favor do estabelecimento de contato com os seus frequentadores que está diretamente relacionada a um posicionamento-chave no interior desses espaços.

O estabelecimento se tornou acessível, sem restrições, a partir de uma permissão de entrada recebida após o envio de uma solicitação/identificação por e-mail aos administradores do local. Tal permissão ainda me isentou de pagar pelo acesso ao estabelecimento, bem como me inseriu de alguma forma na rede de relações do casal de promoters que me recebeu. Diante da dinâmica de relações no interior do clube, a forma como se deu a minha entrada, bem como o posicionamento escolhido, incidiram diretamente sobre os caminhos percorridos e, portanto, os dados obtidos. Ao mesmo tempo em que a minha entrada como solteira me permite a livre circulação pelos diversos ambientes do clube, favorece, senão atrai sobremaneira, a abordagem dos swingers interessados em se aproximar.

A primeira visita programada ao clube coincidiu com a noite de comemoração do aniversário da *Sra. Love*<sup>33</sup> e, acertada a minha permissão para a entrada, fui alertada de que naquela noite de sábado estava prevista uma *Festa do Pijama*, devidamente

---

<sup>32</sup> Levando-se em consideração que eu deveria me deslocar do meu local de moradia até a cidade do Rio de Janeiro para a realização da pesquisa.

<sup>33</sup> Cátia, esposa de Fábio. Formavam o Casal de promoters da boate durante a realização do trabalho de campo e foram meus anfitriões durante as visitas ao clube. Seu nome público foi substituído em favor da garantia do seu anonimato.

anunciada no site. Em que implicaria a ida a uma festa do pijama em um clube de swing foi a grande questão.

Primeiramente, parti do pressuposto de que, exceto em uma situação de emergência, ninguém sai de casa de pijama, portanto, optei por me vestir como o *habitual* e levar comigo um pijama na bolsa, com a esperança de que houvesse um lugar apropriado para me trocar. Quanto à roupa com que chegaria o site da boate ainda fornece informações sobre a vestimenta sugerida aos seus frequentadores: *homem (esporte fino)*, *mulher (preferência trajes sensuais)*, o que por certo não contribui muito enquanto fonte de dados objetiva, por mais que se estabeleça como interessante material para análise, afinal, quais os critérios de sensualidade vigentes entre os praticantes do swing?

Pesquisas etnográficas realizadas anteriormente (VON DER WEID, 2008) apontaram para as saias e vestidos como vestimenta quase obrigatória entre as mulheres interessadas em estabelecer intercursos sexuais no interior do estabelecimento e o uso de calças como um código de linguagem corporal que indica restrições quanto às disponibilidades sexuais pelas mulheres. Finalmente, se às moças cabe um traje sensual, isso possivelmente não se adequaria a pijamas de algodão de mangas compridas, sobretudo em uma noite de verão.

Ciente do meu posicionamento deslocado naquele espaço, descartei a possibilidade de sequer tentar corresponder às expectativas do grupo quanto ao uso de pijamas *apropriados* para a prática do swing, optando por levar um *baby-doll apresentável* na bolsa. Apresentável significa, neste caso, um pijama com o qual eu pessoalmente me disporia a me vestir em uma festa do pijama, levando em consideração a minha idade e comportamento, que já não é lá tão discreto: short curto e camisetinha de seda, devidamente paramentados com renda e uma estampa rosa choque.

Desde a definição do estabelecimento swinger como o espaço para a realização da pesquisa de campo foi tomada por mim a decisão de não estabelecer relações sexuais com meus interlocutores, seja dentro ou fora do clube. Assim sendo, a minha presença teria por objetivo conversar e observar os seus frequentadores em relação, e não necessariamente tomar parte de suas atividades sexuais propriamente ditas (como se isso fosse possível em sentido estrito). Por via das dúvidas, tive o cuidado de usar um conjunto de lingerie bem atraente, afinal, em experiências extremas nunca sabemos como iremos reagir. E não sabia sequer se as pessoas permaneciam vestidas no interior

da boate e, ao escolher o espaço de observação, eu deveria estar preparada para as demandas específicas do contexto. Uma coisa é respeitar seus próprios limites, outra é ir de encontro aos códigos mais básicos de conduta.

Ao mesmo tempo se coloca a questão dos limites em torno da observação participante, neste caso me reenviando aos meus próprios limites subjetivos e, sobretudo corporais.

Compreendo que a decisão de não estabelecer intercursos sexuais em um caso como este tem implicações metodológicas proporcionais àquelas correspondentes à decisão em contrário, dado que a inserção do pesquisador em campo nunca se dá de forma isenta. Mesmo a mais profunda *integração* é incapaz de superar a polarização inevitável entre *nativo* e *pesquisador*, dada em origem pela oposição mais básica entre as condições de *ser* e *estar*. Igualmente, o fato de integrar as suas atividades não implica absolutamente na capacidade do pesquisador em campo em assimilar as representações, ou sentir as sensações do outro. O processo de *afetação* está além da simples disponibilidade em abrir-se subjetivamente ao outro, referindo-se aos efeitos de tal posicionamento, mais do que a decisão em assumi-lo.

Assim sendo, o meu posicionamento com relação àqueles com os quais pretendia estabelecer contato implicava em decisões muito mais sensíveis do que simplesmente a escolha entre calças ou saias e estes representavam, por outro lado, apenas a transmissão objetiva de códigos subjetivos de comportamento que deveriam ser refletidos ainda em toda uma estratégia de entrada e permanência no campo.

Foi fundamental atentar para o fato de que o espaço que pretendia adentrar se constituía em essência como ponto de encontro de parceiros sexuais em potencial. Ressalto que isso em nada parece diferir a boate swinger de uma boate como outra qualquer. Exceto pelo fato de que o clube se constitui como um estabelecimento intermediário entre um espaço público de *pegação* convencional e o espaço privado de um motel, dado disponibilizar aos seus frequentares locais legítimos a realização do ato sexual propriamente dito, sejam eles abertos à observação/participação dos demais presentes ou não.

Optei, portanto, por me limitar inicialmente à observação dos fenômenos, com a esperança de que o diálogo pudesse ser estabelecido a partir da iniciativa dos meus interlocutores em potencial. Acreditava e ainda acredito que a tomada de iniciativa para

a abordagem poderia ser tratada como um comportamento invasivo, senão antiético, diante dos meus interesses e dos modos de conduta específicos às relações naquele espaço.

O ambiente não favorece a manutenção de diálogos longos, vide o som alto, a baixa luminosidade e a alta circulação de pessoas. A pista de dança em si se caracteriza como espaço privilegiado para a paquera e o estabelecimento de contatos. Há ainda os *lounges*, espaços intermediários entre a pista de dança e aqueles que denomino *zonas escuras*, nos quais os intercursos sexuais são permitidos. Ainda assim, a amplitude do som permite apenas conversas ao pé do ouvido e exige grande esforço para que duas pessoas possam se comunicar. Dificilmente se consegue fazer ouvir por mais de um interlocutor ao mesmo tempo em qualquer lugar do clube, com exceção talvez do banheiro e das cabines privativas.

Da mesma forma, o olhar interessado se constitui como um código de paquera, sinalizando senão o interesse em aproximar-se, certa abertura para a aproximação alheia, ou ao menos a disposição em analisar no outro seu potencial em provocar desejo. A experiência de pesquisa no interior do clube me permitiu perceber que a praticidade com que os contatos são estabelecidos, com que as *simpatias* são diretamente declaradas, reforçam o caráter interessado das abordagens e dessas como verdadeiros rituais de sedução que visam a prática sexual como um fim, senão de fato, ao menos em potencial.

Por outro lado, o *voyeurismo* é inerente à atividade swinger em si mesma. Definida como uma prática que consiste na obtenção de prazer através da observação do outro, pode envolver também a obtenção de prazer a partir do ato de ser observado, apreendida como prática *exibicionista*. Assim como este outro observado não precisa necessariamente estar envolvido em atos sexuais, ou sequer nu, desde que seja capaz de provocar desejo e até gozo, basta que o observador seja reconhecido como *voyeur* por seus observados para que possa vir a integrar a relação, mesmo que apenas dada a reciprocidade do fetiche.

No caso da frequência a um clube de swing, cabe-se pensar até que ponto o reconhecimento do caráter sexuado do ambiente, sobretudo naqueles espaços nos quais a prática sexual é permitida, não é capaz por si só de tornar o objeto de fetiche em sujeito e, assim, inseri-lo numa relação recíproca de caráter sexuado. George Devereux (1980) destaca neste sentido o fato de uma simples conversa sobre sexo, bem como os



demais aspectos em torno da relação entre o pesquisador e seus interlocutores, são capazes de dotar uma pesquisa sobre comportamentos sexuais de um caráter estritamente sexual. Uma vez no interior da boate, me transformava em *voyeur*, objeto de desejo e parceira sexual em potencial de todas aquelas pessoas. Diante da minha passividade quanto ao estabelecimento de contatos verbais, o *exibicionismo*, mesmo que tímido, dos meus potenciais de atração, tornou-se também uma especialidade pessoal.

O verbo transar, na língua portuguesa referente ao ato de fazer sexo, é um verbo transitivo, trata-se de uma ação que só pode ser empreendida com ou em referência a alguém que haja reciprocamente com relação a este mesmo ato. Agir reciprocamente não implica, de acordo com o direcionamento analítico aqui proposto, em uma reação coordenada, no compartilhar dos mesmos significados, mas a um exercício de influência mútua e determinação recíproca, segundo as palavras do próprio Simmel (2006). O autoestímulo genital, caracterizado como ato de *masturbação*, é um ato individual e, como tal, difere da relação sexual propriamente dita. Por outro lado, a prática do *voyeurismo*, típica forma de interação no interior dos espaços de sociabilidade liberalistas sexuais, se caracteriza pelo estímulo visual como ferramenta para uma estimulação individual. Quando esta se dá com o consentimento (senão o reconhecimento) do outro, ou dos outros representativos, também pode se inserir em uma dinâmica relacional mais ampla, que reverte uma prática individual de autoestímulo em uma prática coletiva de estimulação mútua.

Entrar no metrô não me coloca em condição potencial de objeto de desejo, por mais que o metrô (como qualquer outro lugar) possa ser apropriado como um espaço de erotismo e sedução entre alguns dos (ou potencialmente todos os) seus usuários. Estar num clube de swing, por outro lado, é integrar uma relação potencialmente sexuada com o meio e com o entorno, é envolver-se pela sensualidade em razão mesma do fato de que estar lá é por si só uma forma de se dispor. Se falar de sexo é uma forma de integrar uma relação sexual, assim como destaca Devereux (1980), entrar em um espaço de sociabilidade erótica o é definitivamente.

Se o retorno esperado em troca pelos meus interlocutores é o sexo, não se pode dizer que não tenham de alguma forma sido correspondidos por mim, mesmo que na imaginação deles mesmos. A questão está dada nas orientações e nos horizontes das ações, em termos sexuais demarcadas por uma forma de comunicação centrada na

corporalidade, mesmo que apenas no que diz respeito às sensações físicas consequentes aos estímulos provocados pelo outro.

Querendo ou não, a prática metodológica de observação implicou na minha inserção direta com relação às práticas sexuais estabelecidas pelos meus observados sendo, portanto, também uma forma internamente reconhecida de participação. Nua ou vestida, disposta a carícias físicas ou não, o fato é que, apenas por olhar (ou *pelo* olhar), eu posso estabelecer uma relação sexual com aquelas pessoas, ou ao menos simulá-la, mesmo que inconscientemente. E para tanto não é necessário mais do que mantê-las em meu campo de visão, ou me manter no delas. É inserir-me em um esquema de interpretação que infere na definição das situações<sup>34</sup>.

Ao mesmo tempo, é a minha disponibilidade pessoal em corresponder de alguma forma aos seus interesses (mesmo que sexuais) que se constitui como a minha principal estratégia de inserção. Igualmente, quão mais apazível aparenta ser para eles aquilo que eu me disponho a oferecer, maiores as minhas possibilidades de receber algo em troca. Não há equivalência, nem a pretensão em estabelecê-la, mas há reciprocidade enquanto houver disponibilidade pessoal, de ambas as partes, em negociá-la.

O jogo coquete de pesquisa se constitui como uma dinâmica de negociação em torno da manutenção da ação recíproca. Há, declaradamente e por ambas as partes, algo mais do que a disposição desinteressada em partilhar de um contexto relacional. Seus objetivos divergem, mas podem se combinar em favor da satisfação mútua. Assim sendo, enquanto for possível a manutenção de uma atmosfera simpática, de interesse recíproco presumido, enquanto ambas as partes buscarem um ponto em comum e sustentarem o tão conhecido *jogo do dar-se sem se dar*, há relação (SIMMEL, 2008). Se há relação, há possibilidade de construção de pesquisa.

Neste jogo o que se negocia é a crença de que haja um ponto subótimo no qual ambos os polos possamos encontrar motivações para prosseguir. Posso afirmar que quão maiores as esperanças de obter de mim benefícios sexuais de qualquer tipo, maior a disposição dos meus interlocutores em me seduzir (e, portanto, me convencer a tanto) e maiores as contribuições de nosso diálogo para a construção da pesquisa aqui proposta. São os meus interlocutores que fazem as propostas e avaliam as contrapropostas.

---

<sup>34</sup> Ver Goffman, 1974.

É necessário reconhecer que eu posso ter sido favorecida por meus atributos físicos em meu potencial em me estabelecer como objeto de desejo em ambos os espaços de observação. Em um esforço por objetivar tal autodescrição, talvez seja suficiente destacar que fui uma espécie de aspirante a modelo durante a adolescência, me especializando em concursos de beleza. Fui um tipo de miss Aperibé ao ganhar o título de *Garota Clube dos 40*<sup>35</sup>, além de vencedora da etapa municipal de uma disputa regional. Doze anos se passaram desde então e alguns quilos foram adquiridos, o que na visão dos amigos próximos valeu como um verdadeiro *up grade* estético e não o contrário. Padrões de beleza divergentes a parte, vale dizer que represento um tipo que se mostrou pouco comum em ambos os espaços de observação, o que por si só já garante certo destaque: branca, 1,76m, olhos azuis, cabelos castanho-claros e um tipo *proporcional*<sup>36</sup> de corpo curvilíneo.

A eles é dada oportunidade de barganha, bem como de rompimento do processo de negociação. Zero a zero. Ou quase. Ainda lhes foi negado o direito de escolher se queriam ou não ter sido sequer questionados.

A partir do que Becker (1993) denomina *procedimentos flexíveis*, a experiência etnográfica traduz-se ela mesma em evidência de pesquisa. Assim como demonstra Silva (2009) dá-se início a uma trajetória dinâmica na qual os avanços de pesquisa implicam em uma metamorfose que têm tanto o objeto quanto o seu pesquisador como um produto, mais do que um simples ponto de partida. Enquanto efeito de situar-se, os caminhos e a circulação em situação etnográfica se estabelecem como metáforas da vida em que *o trajeto no campo não decorre apenas dos móveis do etnógrafo. O campo é também um território demarcado, com limites que impõem múltiplos significados aos percursos trilhados ou possíveis e muitas fronteiras, zonas de transição, ambiguidades* (p. 177).

Há sobretudo o compartilhar de um contexto relacional, caracterizado por diferentes formas de inserção que, desde a curiosidade mais simples, a busca por satisfação sexual ou o interesse de pesquisa, se combinam no estabelecimento de uma forma de relacionar-se, na construção de carreiras (morais ou científicas, neste caso) e,

---

<sup>35</sup> O único e conhecido clube aquático da cidade.

<sup>36</sup> Proporcional como uma categoria descritiva que pretende destacar um equilíbrio de medidas com base no conjunto quadris, cintura e peito. Não apresento glúteos proeminentes ou seios excessivamente fartos, mas um conjunto equilibrado de medidas proporcionais.

sobretudo, de formas de sociabilidade. As formas de cooperação perpassam, finalmente, motivações diversas, bem como limites estabelecidos situacionalmente.

O contexto do clube de swing carioca mostrou-se dinâmico e barulhento. O clube tem como principal espaço de socialização a boate, que conta sempre com uma considerável concentração de pessoas, sobretudo nas primeiras horas da noite. O contexto é altamente favorável a contatos furtivos, permitindo aos meus interlocutores se afastar e prosseguir com suas atividades, relativamente protegidos do meu olhar, logo o desejarem. Por mais que a minha presença pudesse constrangê-los, não era propriamente obrigatória, diante da amplitude do local e das suas instalações e da diversidade de pessoas concentradas, mesmo neste restrito espaço da boate. As condições de pesquisa não eram as mesmas na sauna libertina, muito menos no clube de *échangisme* visitado em Paris.

O trabalho de campo na sauna já havia sido iniciado quando fui conhecer um pequeno estabelecimento mais ao norte de Paris que *se parece mais com o clube que eu estudo no Brasil*, segundo sugestão do meu coorientador estrangeiro durante o estágio de pesquisa. Um clube que permite a entrada de homens solteiros nas principais noites da semana (os finais de semana, na verdade) não estão voltados para *casais de verdade*, chamou-me ele a atenção quanto à sauna. A sugestão de que haveria uma relação direta entre a programação semanal do estabelecimento e o tipo de frequentadores (se *casais de fato* ou *casais montados*) surtiu em mim um efeito de ainda maior curiosidade sobre a sauna escolhida, e não o contrário. Eu também não buscava um espaço que pudesse ser tratado como o equivalente direto àquele analisado no Brasil, menos ainda me preocupava com a proporção de *casais de verdade* presentes ou não. Ao contrário, a reação imediata foi de surpresa ao constatar em sua fala o mesmo tipo de classificação que era alvo de tanto conflito entre meus interlocutores brasileiros!

Site pesquisado, telefonema realizado para a confirmação das informações sobre o local, reserva para o jantar, lá vamos nós. Fui para o *chateau*<sup>37</sup> receosa devido à distância de duas quadras do metrô até o local de observação e com o fato do serviço rápido de transportes parar uma hora da manhã, já que era quarta-feira. Depois desse horário eu tenderia a levar uma ou duas horas a mais para voltar pra casa, sozinha e a

---

<sup>37</sup> Enquanto o clube de swing carioca tem por referencial estrutural uma boate e a sauna parisiense uma sauna, o *Chateau* era, propriamente, um castelo na esquina de uma rua residencial. Na entrada, um espaço para dança ladeado das mesas de jantar e, nos andares acima, quartos que simulavam calabouços, decorados como os cômodos de um castelo medieval um tanto sombrio.

noite, caso tivesse a sorte de poder pegar apenas um ônibus noturno. O interessante é que desde o primeiro momento aquela situação de pesquisa já se apresentou mais tensa e constrangedora do que o imperativo da seminudez imposto pela própria sauna, e o pior ainda estava por vir. Era como se esses sentimentos vãos prenunciassem os acontecimentos posteriores.

As exigências quanto à vestimenta dão aos administradores o direito de selecionar os clientes na entrada<sup>38</sup>, o que não só me levou a sair de casa de vestido colado e sapato de salto, como me fez andar assim numa área da cidade particularmente peculiar, conhecida pela presença de prostitutas de rua. Os deslocamentos em direção aos clubes nos dias de trabalho de campo sempre foi motivo de grande tensão, potencializada pelo medo declarado por meus familiares, amigos e, durante o trabalho de campo realizado no Rio, hospedeiros quanto aos *perigos noturnos* da cidade grande. Contrariamente à sauna, localizada em uma avenida movimentada há menos de cem metros da estação de metrô mais próxima, ou ao clube de swing, ao qual chegava sempre de taxi, aquela se tratava de uma área quase deserta e a qual eu deveria cruzar de madrugada, a pé, no retorno à minha casa.

As parisienses seguiam uma moda discreta de vestuário de inverno e o conjunto vestido preto colado, saltão dourado e batom rosa choque, muito apropriado para o lugar, destoava na atmosfera discreta da cidade. Senti-me profundamente invadida em minhas escolhas e comportamento naquela situação, mas são ossos do ofício. Por incrível que pareça, é muito mais simples estar seminua do que fantasiada, sobretudo por me fazer sentir uma mentirosa.

Toquei a campainha e fui recebida por um senhor que não fez a menor questão de esconder o entusiasmo. Pegou meu casaco, minha bolsa, me deu uma comanda e me levou até uma segunda porta, que dá acesso ao bar/boate, destacando que eu era bem-vinda e que ele me desejava uma boa *soirée*<sup>39</sup>. A mesma empolgação apresentada pelo

---

<sup>38</sup> O que na verdade é declarado por todos os estabelecimentos nos quais o trabalho de campo foi realizado. Aos recepcionistas cabe conferir se os clientes recém-chegados correspondem a um padrão minimamente preestabelecido, a princípio com relação à vestimenta, mas no caso da sauna tais possibilidades inferem sobre questões mais amplas em torno da seleção de clientes. Dado que uma condição para o acesso ao interior deste estabelecimento é a substituição das roupas por toalhas e cangas, a vestimenta com que se chega ao estabelecimento torna-se irrelevante. Eu mesma muitas vezes fui à sauna depois de participar de seminários ou realizar outras atividades gerais, portando calças jeans, tênis, casacos e mesmo a mochila. Cabe-se pensar, portanto, nos verdadeiros significados por trás da placa devidamente pregada na portaria quanto ao direito dos administradores em barrar clientes *impróprios*, conflitos estes aos quais eu nunca tive acesso, sequer a partir de relatos.

<sup>39</sup> “Noitada” e linguagem informal no português (tradução livre).

barman, ainda só no espaço da boate. Três pessoas circulavam pelos andares de cima e momentos depois fui abordada por uma das mulheres, de forma muito parecida àquela experimentada entre os brasileiros. Mas a dinâmica relacional era definitivamente muito menos dinâmica, o que lhe conferia um caráter muito mais *sensível*.

Estavam os três conversando ao pé do ouvido, trocando beijos e carícias quando eu me sentei ao lado dessa mulher, na extremidade do grupo. Senti-me altamente inconveniente, apesar de estar apenas aceitando um convite. A música não contribuía para que conversássemos e os três pareciam tão constrangidos com aquela situação quanto eu (segundo ele, apenas o homem conhecia a boate, e era a primeira vez de ambas as mulheres ali).

Por fim, o som alto e a baixa luminosidade tornavam a comunicação extremamente complicada e a situação ainda mais desagradável. Eu não ouvia nada que me diziam e eles tinham fortes razões para acreditar que o meu domínio do francês era ainda pior do que a realidade, fora que estavam mais interessados em uma comunicação, digamos, mais física entre nós. Diante de um contexto de comunicação entre corpos, nada que eu pretendesse dizer seria relevante. Até então éramos praticamente os únicos no interior do *chateau*, o que tornava a minha presença ainda mais invasiva e a possibilidade de que ambos (o grupo e eu) nos afastássemos ainda mais eminentemente conflitiva.

O jantar foi servido no início da noite e, até então, eu só havia conversado com o trio. Para a minha surpresa, todas as pessoas presentes foram instaladas na mesma mesa, preenchendo todos os dez lugares, com exceção apenas do casal que chegou pouco depois. A conversa podia fluir melhor nesse momento, todos ouviam e direcionavam perguntas entre si e logo que possível eu me identifiquei como pesquisadora.

Foi um alívio pra mim e um choque para todos. Primeiro, um silêncio e caras de espanto no ar. As mulheres imediatamente mudaram de fisionomia e pararam de me direcionar a palavra quase que completamente. Cochichos, risos e piadinhas foram constantes, primeiro entre o trio: *nous devons remplir des formulaires?*<sup>40</sup>, perguntavam a mim, *elle nous regarde!*<sup>41</sup>, chamavam atenção uns dos outros. Depois por aqueles que estavam próximos de nós.

---

<sup>40</sup> Precisamos preencher as fichas (tradução livre).

<sup>41</sup> Ela está observando! (tradução livre).

Até que um dos rapazes sentados à minha frente, à esquerda, soltou com um sorriso tímido: *Nous avons le droit de choisir!*<sup>42</sup>. Ainda assim simpático e sedutor, ele traduziu o sentimento de todos ali, ao mesmo tempo me interpelando a partilhar de um contexto de interação ao qual o meu posicionamento como pesquisadora não se adequava.

Enquanto ritual de passagem e de passagens pelos diferentes territórios do próprio de campo, este se constitui como um ato de mutualidade, um esforço de compartilhamento. Ao mesmo tempo, aquilo que é visto é inextricável da sua situação de olhar, do lugar que ocupa e das sensações que sente. Cena esta que conta com a presença do pesquisador em sua definição. *O modo como o etnógrafo é acolhido terá sempre correspondências com a imagem que o intruso projeta (...) a acolhida depende[ndo] de tudo isso e a circulação do etnógrafo é orientada pelas múltiplas angulações com que a cena é percebida* (SILVA, 2009: p. 177).

Sexualmente interessado ou não em mim, curioso por minhas questões de pesquisa ou incomodado com a minha presença, este rapaz chamava-me a atenção para o fato de que eu agia de forma extremamente autoritária, colocando a todos em uma situação de total vulnerabilidade. Primeiro ao evidenciar o caráter interessado do meu posicionamento enquanto propositora, mesmo que indireta, de questões sobre a sua forma de relacionar-se. Depois devido a um posicionamento que não apenas está deslocado de um *regime de engajamento*<sup>43</sup> específico, como nele interfere diretamente.

O simples fato de eu estar lá revertia o que talvez pudesse ser um dos momentos mais importantes da noite para as pessoas presentes. A minha presença naquele espaço não envolvia a minha inserção em dada situação de copresença, mas sim a produção de uma nova situação. Não é de inserção que falamos aqui, mas de um processo de redefinição do contexto interacional, em uma alteração dos enquadramentos, nos termos de Goffman (1974).

O jantar é um ritual de sociabilidade altamente valorizado em ambos os espaços de sociabilidade erótica visitados na França, os clientes aproveitam a oportunidade para se conhecerem e parecem fazer isso de forma deliberada. Ao contrário do observado na

---

<sup>42</sup> Nós temos o direito de escolha (tradução livre).

<sup>43</sup> A categoria engajamento, desenvolvida por Laurent Thévenot refere-se às capacidades, ou agências, que são consistentes com determinada gramática, ou contexto de interação, às maneiras como os agentes se entendem como sujeitos e seu modo de engajamento no mundo e de engajamento dos outros atores humanos e não humanos (1998).

sauna, em que os eventos se estendem por todo o dia, desde as dez da manhã até às cinco horas da manhã do dia seguinte, o jantar abre a *soirée* no *chateau*, ocorrendo pouco depois da abertura do estabelecimento. A temporalidade é diferente e isso confere um ritmo diferente à noite. Ao contrário do ambiente informal do jantar *à francesa* na sauna, com todos espalhados pelos sofás com os pratos à mão, no *chateau* o jantar é altamente ritualizado, incluindo uma variedade de pratos, vinho e o formalismo do contexto à mesa.

Todos conversavam a minha volta, ou pelo menos todos os que podiam se ouvir melhor: o trio, dois homens sentados à minha esquerda (um à frente e o outro ao lado) e eu. Mas na verdade eu parecia não estar ali na maior parte do tempo. Depois de me identificar, eu permaneci calada, sem que falassem comigo, até que de tempos em tempos alguém fazia uma brincadeira com relação à minha presença, como se quisesse chamar atenção dos demais quanto ao fato de eu estar observando, quase como uma espiã. Senão sugeriam que eu estava *preenchendo as fichas*.

Podíamos falar e ser ouvidos, mas a minha comunicação foi limitada pelo fato de que tudo o que eu lhes perguntava soar como um questionário de pesquisa, mesmo quando eu tentava apenas estabelecer contato com as pessoas. Se não lhes foi dado o direito de escolha, também me foi negado a mais sutil das deferências francesas: quando em uma situação social em torno de uma mesa de refeições, dê atenção àquele que está próximo de você!

Portanto, mesmo ao conversar entre si sobre seus trabalhos, viagens ou similares, pouco interessava saber sobre mim, e enquanto todos se questionavam, como em uma rodada de perguntas, eu permanecia fora do assunto, mesmo quando o assunto era o Brasil<sup>44</sup>. Eu não estava lá, não era um outro significativo aos olhos dos demais, mas a culpa era minha. Não cabia a eles adaptarem-se a situação que eu pretendia impor, mas a mim mesma agir de acordo com a situação. Ao mesmo tempo, esta estava contaminada pela minha presença e declaração de interesses. As poucas vezes em que fui interpelada a fazer parte da conversa foram aquelas nas quais o meu grau de inserção no campo foram questionados. A minha identidade de pesquisadora parece ter se colocado de forma tão imperativa que todo o resto pouco importava, como uma

---

<sup>44</sup> Demonstrarei ao longo do texto como o Brasil foi um tema recorrentemente levantado pelos meus interlocutores franceses durante os contextos de abordagem, espécie de tema padrão acessado tão logo identificado o meu sotaque e questionada a minha nacionalidade.



identidade totalizadora e uma barreira. Minha alternativa era transar com alguém, ou com todos. Caso contrário, silêncio.

O fato de eu não praticar o liberalismo sexual, e o interesse em me convencer do contrário, declarado de uma forma ou de outra por dois homens presentes e sinalizado discretamente por uma das mulheres do trio (a outra me ignorou quase todo o tempo, apesar de estar sentada à minha frente) era o foco inverso das nossas conversas. De um lado, era necessário assinalar a presença espíã e desconfiar das minhas perguntas, de outro, parecia estar instaurada uma atmosfera coletiva que visava me questionar quanto ao meu posicionamento e cobrar uma disponibilidade.

O que está em jogo nesta situação é as gramáticas que lhes são específicas, às quais o posicionamento declarado por mim contradizia e nas quais a minha presença como pesquisadora interferia diretamente. Ao acionar um sistema de direitos, o referido rapaz demandava a minha correspondência a dada ordem moral, em ambos os contextos analisados na França demarcada pelo universalismo como um valor central e até mesmo imperativo. Talvez o que diferencie essa situação de pesquisa de qualquer outra experimentada durante o desenvolvimento deste trabalho seja o caráter totalizador com que se coloca a situação do jantar, tornando a minha presença ainda mais incisiva e o aspecto inapropriado do meu posicionamento perante a tal *frame*<sup>45</sup> ainda mais desestabilizador. Não bastava simplesmente encenar uma espécie de rejeição a mim, dada pela minha *exclusão* da conversa, porque isso não me excluía da situação em si, do contexto de copresença. Era necessário me interpelar a um agir de forma condizente com a situação, a expensas da sua redefinição total.

Era como se não quisessem me fornecer informações, mas sim reverter a relação pesquisador/observado. Como espíã, nada devia me ser dito que parecesse corresponder àquilo que gostaria de saber. Uma vez dispostos a cooperar, senão com a pesquisa, mutuamente com relação à minha presença, eles se disporiam também a abrir mão daquilo que buscaram ao aceder a esse espaço de sociabilidade. Diante do imperativo da universalidade de direitos, incisivo à definição de um bem comum (ou mesmo a um bem de todos), caberia a mim a competência em agir segundo esta situação, dada a carência de efetividade da ação em contrário. Não basta estar lá para aceder ao *regime da sacanagem*, é necessário também gozar.

---

<sup>45</sup> Em referência à Goffman, 1974.

Findada a refeição, todos se espalharam pelos sofás, novos clientes chegaram e menos de uma hora depois eu fui embora.

Não houve expulsão, mas sim o convite do próprio administrador do estabelecimento para que eu retornasse quando quisesse. Houve ao menos uma resistência clara, quiçá a acusação indireta de desrespeito por parte dos meus interlocutores contra a minha presença. A *imersão* não é condição para a realização do trabalho de campo, simplesmente porque a própria presença do pesquisador implica em uma alteração da situação, mas neste caso eu preferi simplesmente me retirar.

Deparei-me com as fragilidades da minha condição. Há um preço a se pagar na escolha de todo foco de pesquisa, a questão é que se trata de uma escolha daquele que a realiza, o que torna quase irrelevante o meu desconforto em me fantasiar, ou até mesmo desnudar, para conseguir acesso ao espaço de observação.

O coquetismo etnográfico consiste no estabelecimento de um tipo de sociação peculiar e, ao mesmo tempo, absolutamente comum. Se a sociabilidade pressupõe uma situação fantasia na qual os membros em relação assumem um valor equânime entre si (SIMMEL, 2006), não se pode falar estritamente de objeto, mas de dois sujeitos, autônomos e inter-relacionados. Cada um deles é capaz de estabelecer representações sobre o outro, o contexto em que se encontram e os seus significados são produtos e produtores desta mesma relação. O que acedemos, finalmente é a um contexto de negociação que ao mesmo tempo reenviam às propriedades da própria situação, jogando diretamente como condições sobre o desenvolvimento da negociação (BASZANGER, 1992).

Ater-me aos *espaços públicos* de sociabilidade foi uma escolha que previa também conferir maior autonomia aos meus interlocutores. Os espaços abertos e de grande circulação do clube e da sauna os permitiam se aproximar e distanciar quando assim o quisessem e foi justamente o caráter intimista do ambiente do *chateau*, sobretudo durante o jantar, o elemento que trouxe maiores implicações para a realização do trabalho de observação. Era como estar à paisana numa cabine privativa, vendo todos se despindo sem saber que você de fato pretende apenas olhar (e não gozar). Despimos nossos interlocutores, mesmo que apenas simbolicamente. Melhor, portanto, quando têm ao menos consciência disso. Dado que não se pode tomar de outrem o que é também de posse de si mesmo, a reciprocidade da relação a tudo compensa, desde que haja sinceridade na declaração dos interesses envolvidos.

A decisão de ir embora naquela noite foi sobretudo pessoal. Se eu tivesse que dar continuidade ao trabalho de campo no *chateau* haveria outros caminhos, outras pessoas, outras estratégias possíveis a serem seguidas. Mas a pergunta que me levou pra casa foi: qual é o meu direito de estar aqui? E essa, ao menos por enquanto, vai ficar sem resposta.

Por fim, esta é uma situação exemplar da matéria a partir da qual se construiu este trabalho, bem como das especificidades de tomar como fonte de dados a experiência mesma de estabelecimento de relações em dado contexto. Não foi a partir da minha condição de pesquisadora que os dados emergiram, mas acima de tudo a partir das minhas situações de sujeito em copresença e, ainda mais além, da disponibilidade de partilhar do tempo.

Eu exercitei a todo o momento a minha condição de estrangeiro, de sujeito intersticial, condição inalienável aos contextos de interação face a face que aqui são o objeto de análise. Não é necessário justificar o que se fez ou deixou de fazer em termos sexuais durante a realização do trabalho de campo, mas sim problematizar esse lugar ocupado por mim nas diferentes situações de observação e, sobretudo, nos rituais de interação. A experiência no *chateau* evidencia o caráter fugidio com que estive posicionada, não apenas nessa situação limite, mas também em todas as demais. Eu era o sujeito à espreita, deslocado e misterioso, assumi portanto um papel dúbio na visão dos meus interlocutores, a pureza casta (em termos swingers) e o perigo do elemento de desordem. Esse estrangeiro é afetado pelo contexto que integra, mas também o afeta.

### **Lugares e caminhos**

As práticas sexuais públicas e/ou grupais serão analisadas em *stricto sensu*, como arcabouços valorativos, fontes de sentido e formas de sociabilidade em si mesmas, entendidas, sobretudo, como conteúdo específico a comportamentos e percepções sobre si inseridos num contexto sócio-urbano determinado, ao mesmo tempo em que parte de processos e relações sociais mais amplas. O sexo é a matéria a partir da qual esta forma de sociabilidade se define, bem como seu conteúdo. Está na corporalidade das situações de copresença, é o referencial basilar ao estabelecimento das relações e a construção de sentidos em torno das experiências vivenciadas.

A “moral”, entendida como conjunto de valores reconhecidos e efetivados por dado grupo e/ou em dado contexto social será apreendida a partir do ponto de vista de seus adeptos. É através das estratégias em torno da administração, ou manipulação do desvio (nos termos de GOFFMAN, 1975) reconhecido pelos próprios desviantes, ou do estabelecimento de novos parâmetros de bem, que busco compreender o processo a partir do qual novos referenciais valorativos se constituem no interior dos grupos de sociabilidade.

Sub-regiões morais que se apresentam como espaço de observação privilegiado, os estabelecimentos de lazer aqui utilizados como ambiente de observação simulam formas públicas de relacionar-se socialmente, mas a partir de conteúdos amplamente estabelecidos como de caráter tipicamente íntimo. Ao mesmo tempo estas ações são efetivadas a partir de processos internos e percepções específicas da(s) situação(ões) sociais.

Não se está defendendo que haja uma identidade direta entre os conteúdos autonomizados enquanto normas de conduta pública e as práticas estabelecidas nas relações recíprocas entre os sujeitos, ou sequer que as práticas estabelecidas no interior do clube de swing ou da sauna libertina correspondam àquelas que se passam no espaço doméstico. Ao contrário, viso demonstrar como a própria estrutura física oferecida pelo estabelecimento de lazer corresponde a diferentes graus de abertura para fora (ou de publicidade), em sua totalidade estes espaços são indicadores que orientam as sequencias de situações. Ao mesmo tempo, em seus *ajuntamentos* tais sujeitos se remetem a categorias autorreferidas em favor da concretização das suas ações recíprocas. Neste sentido, tal perspectiva favorece a observação dessas práticas de sociabilidade em diferentes ângulos.

A publicização de práticas de caráter íntimo pode assumir um caráter desviante ao reverter a própria lógica simplista em torno de uma visão polarizada das noções público-privado. Ao mesmo tempo, Howard Becker (2008) aponta o desvio como um tipo de infração que é ela mesma construída socialmente como condição *sine qua non* à definição das normas sociais. Mais do que elemento de dissociação, se apresentam como práticas que, apesar de superficialmente se oporem às formas sociais que integram, se apresentam como ferramenta em favor da sua reafirmação.

Ao mesmo tempo, o advento de formas modernas de relacionar-se é acompanhado por um movimento igualmente amplo de transformações não apenas das

formas de exercício da sexualidade, como também da suplantação das fronteiras entre espaço público e privado, sejam tipicamente caracterizadas como ilegítimas às práticas sexuais (enquanto dimensão estritamente íntima) por um lado ou receptáculo de segredos impudicos por si mesmo, por outro (COMBESSIE, 2008). Este processo está estreitamente relacionado com a coexistência de diferentes *ordens morais*<sup>46</sup> em um mesmo contexto sócio-histórico, evidenciando, por outro lado, o caráter diverso de formações pressupostas como homogêneas, as ditas “sociedades”. Bem como pode se percebido a partir de uma perspectiva analítica que coloca em questão a própria polarização entre esferas, centrando-se em uma análise situacional das relações sociais.

O modo de vida metropolitano se caracteriza de forma peculiar e se coloca como contexto específico ao desenvolvimento de diversas formas de sociabilidade. O dinamismo que lhe é típico, somado ao anonimato que possibilita aos seus “usuários” são elementos inerentes às relações que se estabelecem em seu seio. Os estabelecimentos de lazer observados e as formas de sociabilidades desenvolvidas nestes espaços estão diretamente marcados pela atmosfera citadina na qual estão localizados. No interior dos clubes/saunas são dramatizados conflitos, negociados significados e estabelecidas situações de copresença que ao mesmo tempo dialogam com este contexto mais amplo, o ironizam ou a ele se referem.

A seleção da cidade do Rio de Janeiro se deu a partir de critérios objetivos: dada a proximidade com o meu local de moradia e da instituição de ensino na qual foi realizado o curso de doutoramento e dadas as suas características sócio-urbanas. Pode ainda ser identificada uma gama de estabelecimentos de lazer de caráter swing em diferentes pontos da cidade do Rio de Janeiro, se estendendo até a Baixada Fluminense e Niterói. Optei por realizar o trabalho de campo em um clube de swing situado no centro urbano carioca, local de importância histórica no contexto do mercado sexual da cidade e alvo de políticas públicas de revitalização urbana (SIMÕES, 2010; ABREU, 2010), o que infere sobre algumas outras consequências objetivas importantes.

O contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro apresenta características específicas com relação a construção física e simbólica do espaço, em comparação ao modelo de desenvolvimento concêntrico desenvolvido sobre a cidade de Chicago por Burgess (1948), assim como demonstra Abreu (2010). Segundo o autor, a teoria desenvolvida pelos pesquisadores da Universidade de Chicago em meados do século

---

<sup>46</sup> Em referência ao conceito de Robert Park, 1999.

XX se baseia num modelo de estruturação ecológica dado a partir de processos naturais de adaptação social, especialização funcional e competição por espaço, processos esses que se desenvolvem dentro de uma determinada ordem moral. Contrariamente à cidade de Chicago, a cidade do Rio de Janeiro (desde a ocupação territorial, a distribuição geográfica de investimentos em infraestrutura e de alocação de serviços até as intervenções no relevo e reformas urbanísticas diversas) se constitui como um produto da ação direta do Estado desde o período colonial, agindo em serviço de interesses dos grupos detentores do capital em diferentes momentos históricos.

Os pesquisadores de Chicago pressupõem segundo Abreu um determinado grau de heterogeneidade étnica e social, um sistema de transportes eficiente e amplamente distribuído no espaço, além da existência de um núcleo urbano inicial, central, progressivamente dotado de um baixo valor simbólico, bem como fracamente constituído, característicos de um desenvolvimento propriamente “social” do espaço físico e simbólico citadino. Por outro lado, o

caso da Área Metropolitana do Rio de Janeiro, como o da maioria das cidades capitalistas dependentes, não se enquadra nesse contexto. A área central não só tem nessas cidades um valor simbólico importante, como essa importância é decorrente do fato de ser nessa área, e nas suas proximidades, que tradicionalmente se concentram as funções de direção e de residência das classes dominantes (ABREU, 2010: 13).

O autor apresenta uma cidade carioca que não se constitui a partir de um desenvolvimento progressivo de formas sociais ou de ocupação e significação social do espaço, mas segundo um modelo que se transplanta em várias etapas e que se impõe neste movimento de forma objetiva. A vinda da corte portuguesa para o Brasil e a então transformação da cidade em sede real de administração são marcos históricos importantes, tanto quanto as reformas urbanas ou as políticas de expansão territorial posteriores ou a concentração espacial de investimentos estatais na atualidade (ABREU, 2010).

O mesmo não implica, segundo os pressupostos aqui defendidos, em dizer que não se dê um processo progressivo de reapropriação subjetiva desse espaço por diversas ordens morais em coexistência e o seu desenvolvimento, ou que os conflitos de

interesses não possam ser entendidos como processos relacionais culturalmente criativos.

O modelo de evolução da cidade do Rio de Janeiro analisado em sua pesquisa datada da década de setenta, destaca Abreu, tende a ser o de uma metrópole de núcleo hipertrofiado, concentrador de renda e dos recursos urbanísticos disponíveis, cercado por estratos urbanos periféricos cada vez mais carentes de serviços de infraestrutura, na medida em que se afastam do núcleo. Ao mesmo tempo, este serve de moradia e local de exercício de algumas outras atividades às grandes massas da população de baixa renda. A equação entre o núcleo urbano e, portanto, a concentração dos males típicos à urbanidade, traduzida nas metrópoles americanas em uma tendência ao afastamento das populações privilegiadas para as periferias arborizadas e altamente valorizadas, perde o sentido neste contexto: *No Rio, a localização no núcleo é mais valorizada que esses ônus, que afinal são preferíveis a outros, advindos da escassez de recursos para aplicação urbana* (ABREU, 2010: 17).

Posteriormente, o crescimento populacional da zona sul carioca após a Segunda Guerra Mundial retirou grande parte das atividades de serviços, comércio de luxo e diversões da área central da cidade. Ao mesmo tempo foram implementadas políticas públicas visando uma ocupação territorial favorável a determinados grupos de interesses em detrimento de outros, tanto no que se refere às populações que virão ocupá-las como espaço para habitação, quanto às atividades econômicas instaladas em cada uma dessas áreas (ABREU, 2010).

O centro da cidade do Rio de Janeiro se caracteriza como uma região moral dúbia, temporalmente demarcada. Assume o caráter de área comercial, centro de administração pública e sede de diferentes empresas durante o período diurno, e área degradada, perigosa e moralmente demarcada no período noturno. Os espaços de sociabilidade erótica, ou simplesmente os usos desta área urbana em função de atividades e serviços sexuais, lhe conferem tal status e resistem através dos tempos a diferentes políticas de *revitalização urbana*. É sobretudo a presença de pessoas e atividades consideradas impróprias, em termos de visões de mundo e estilos de vida entre categorias sociais que convivem e interagem cotidianamente (diria VELHO, 2007) que compete na delimitação destas áreas como regiões morais.

Finalmente, Velho (2008) chama atenção para um medo generalizado, com suas particularidades e variações, que está presente em toda a região metropolitana do Rio,

afetando diferentes estratos, categorias e segmentos sociais, trazendo prejuízos à vida urbana. Assim também a circulação noturna seria alvo de evitação em toda a cidade. Neste sentido, também critérios objetivos pesaram na seleção de um espaço de lazer em especial, partindo sobretudo da sua acessibilidade em termos gerais.

O clube de swing selecionado para a observação no Brasil trata-se de um antigo estabelecimento comercial do gênero, conhecido e reconhecido como um espaço tradicional e pioneiro, que ainda possui uma importância ímpar no circuito swing da cidade.

A centralidade geográfica do estabelecimento o insere em uma das áreas urbanas mais acessíveis do Rio de Janeiro, facilitando o deslocamento de frequentadores de diferentes bairros da cidade e adjacências. Este é também o centro de toda uma rede urbana de transportes públicos.

A partir do trabalho de Von der Weid (2008) constata-se que os seus custos são medianos em comparação com os clubes de swing situados nas outras áreas da cidade, o que favorece uma maior amplitude de acesso (em caráter econômico), sem que o estabelecimento se caracterize necessariamente como “popular”. A autora destaca ainda a considerável volatilidade com que estabelecimentos comerciais do gênero são abertos e fechados todos os anos na cidade do Rio de Janeiro, o que torna a permanência deste estabelecimento em particular ainda mais significativa.

É a heterogeneidade socioeconômica de seus frequentadores, razão principal para a decisão de selecionar esse local específico, também alvo de crítica por parcelas de swingers da cidade: *O nível é bem diferente nas casas citadas acima. É permitida a entrada de solteiros, toca-se funk, os casais não são muito bonitos, enfim* (FOZ, 2012). Destaca-se que a entrada de solteiros é aceita nas casas sugeridas pela autora acima citada, bem como por todos os estabelecimentos do gênero identificados durante a pesquisa, em determinados dias da programação semanal. A menção do funk e do padrão estético de seus frequentadores, bem como o uso da categoria *nível* evidenciam que tal relato se baseia, sobretudo, num estereótipo que tende a equacionar nível de renda, beleza e gosto musical, bem como a distinção econômica como elementos supervalorizados na seleção dos parceiros.

Os lugares sugeridos por Isabela Foz em seu blog estão situados na zona sul do Rio de Janeiro e no bairro da Barra, apresentando custos de entrada até 100% mais altos



do que aqueles do clube selecionado para a pesquisa. A seleção dos frequentadores se dá, nestes casos, a partir do potencial de consumo que possuem, os mais ricos sendo classificados por ela como de mais *alto nível*, melhor gosto musical e beleza. A moça não menciona nenhum dos clubes localizados nas zonas norte e oeste ou Baixada Fluminense. Autodefinia como *garota de programa de luxo*, com blog bem montado e *destaque da Revista Sexy*<sup>47</sup> em janeiro de 2010, ela tem acesso aos estabelecimentos mais caros da cidade e deseja igualmente se relacionar com os clientes economicamente mais bem dotados que puder encontrar.

Dizer que este clube apresenta características medianas no que refere aos custos e acesso não significa afirmar que o espaço selecionado se trate de um estabelecimento modelar. Mas diante dos objetivos estabelecidos, os critérios assumidos corresponderam a realidade que se buscava encontrar. Finalmente, mais do que justificar tal escolha, analisar os dados obtidos é o necessário para a argumentação aqui proposta.

Contrariamente ao observado no Rio de Janeiro, a cidade de Paris se aproximaria mais de um modelo concêntrico de desenvolvimento urbano, o qual é analisado por Lauwe (1965) como o resultado de uma extraordinária série de centralizações de atividades com relação às quais a origem histórica deve ser colocada em evidência. O autor refere-se a múltiplas “cidades” dentro da cidade, cada uma delas dotadas de tradições históricas, localização geográfica, etc.. Ao mesmo tempo, destaca os agrupamentos de certas categorias de populações segundo origens étnicas, classes, profissões, habitat, condições de vida, níveis criminalidade, etc., como aspectos essenciais ao estudo ecológico da cidade. Paris é dotada desta forma de uma população residencial, uma população ativa (de trabalhadores regulares) e uma população de passagem (frequentadores ocasionais que vão à cidade por razões diversas).

Referindo-se igualmente à proposta analítica de Burgess (1948), Lauwe (1965) identifica especificidades quanto a um desenvolvimento concêntrico da cidade de Paris: *les secteurs de distribution des classes sociales tels qu'ils sont mis en évidence [...] se superposent aux zones concentriques sans les modifier aussi profondément qu'on pourrait supposer*<sup>48</sup> (1965 : p. 47). As zonas não refletem limites setorizados de classe, mas comportamentos diferenciados no seio de uma mesma classe. Finalmente, Lauwe

---

<sup>47</sup> Segundo Foz, 2012.

<sup>48</sup> Os setores de distribuição das classes sociais tais como são colocadas em evidência se superpõem às zonas concêntricas sem as modificar tão profundamente quanto poderíamos supor (tradução livre).

destaca que o desenvolvimento da cidade de Paris será, sobretudo, orientado pelos planos de planejamento, dependentes eles mesmos das concepções de seus responsáveis.

A partir do século XX se define outra forma de periferia, processo ligado ao desenvolvimento dos transportes rápidos e à necessidade de “liberar” o centro da capital, sobrecarregado pela concentração dos escritórios e o desenvolvimento da tecnocracia. *La facilité de circulation dépend en grande partie de leur aménagement*<sup>49</sup> (LAUWE, 1965 : p. 86), destaca o autor, implicando em consequências sociais e psicológicas profundas e que incidem sob uma experiência única de acesso à cidade.

As características peculiares à cidade de Paris implicaram na seleção do espaço de realização do trabalho de campo por razões diferentes, em termos ecológicos, àquela realizada na cidade do Rio de Janeiro. A centralização de atividades em determinadas áreas urbanas se cristaliza também nos *quartiers chauds* ou *quartiers rouges*<sup>50</sup>, *manchas*<sup>51</sup> de comércio sexual. Estes apresentam características variantes, como especializações territoriais relacionadas em torno de determinadas atividades. Dentre esses espaços, um deles assume um papel fundamental como espaço de sociabilidade erótica na cidade, sendo internacionalmente conhecido devido a grande concentração de cabarés, *sex-shops* e demais estabelecimentos de comércio erótico, bem como nacionalmente estigmatizado pelas mesmas razões: Pigalle.

As características morfológicas de ambas as áreas urbanas pesaram em favor da seleção dos espaços de observação. No Brasil, busquei um estabelecimento com um conjunto supostamente mais heterogêneo de frequentadores, o que a sua localização espacial favorece devido aos maiores acessos a transportes públicos, bem como a uma ampla malha rodoviária. Assim também o clube apresenta custos medianos de entrada em comparação com estabelecimentos de lazer situados em outras zonas da cidade. Finalmente, foram relevantes as características específicas do centro urbano carioca

---

<sup>49</sup> A facilidade de circulação depende em grande parte de seu planejamento (tradução livre).

<sup>50</sup> Jussara Freira me chamou atenção para os significados correntes dessas expressões na língua francesa. *Quartier chaud* ou *quartier rouge*, bairro quente ou bairro vermelho, respectivamente, são classificações conferidas a espaços ditos perigosos e não simplesmente a espaços marcados pela oferta de serviços sexuais. Estas expressões foram conhecidas por mim através da leitura da bibliografia francesa e basicamente em estudos sobre prostituição. É interessante observar portanto como finalmente parece ser estabelecida uma relação direta entre os bairros marcados pelas atividades prostitucionais e a violência urbana, fazendo com que os primeiros sejam equacionados aos segundos em sua categorização como *quartiers rouges* ou *chauds*.

<sup>51</sup> Refiro-me ao conceito de Magnani (1996).

enquanto região moral de comércio sexual de importância histórica. Em Paris, Pigalle representa um espaço público de sociabilidade erótica propriamente dito, com suas sub-regiões morais diferenciadas e disponíveis aos mais diversos consumidores. Bastou-se, neste caso, escolher um entre os diversos estabelecimentos comerciais nos quais a realização do trabalho de campo seria possível.

Em ambos os espaços, realizou-se um trabalho de observação com inspiração etnográfica em que a seleção do espaço a ser observado não se estabeleceu necessariamente a partir de critérios de similaridade estrita, mas manteve de uma forma geral o mesmo sentido, propiciando uma análise comparativa pelos contrastes.

A região de Pigalle é conhecida internacionalmente como região moral de lazer erótico em Paris, dada a concentração de casas de show, *sex-shops*, bares, boates e alguns dos cabarés mais visitados do mundo, dentre eles o próprio Moulin Rouge, bem como espaço tradicional de prostituição de rua. A princípio, a partir do estágio de doutorado PDSE realizado na Universidade de Paris-Ouest em Nanterre sob a direção de Philippe Combessie eu pretendia analisar as contradições em torno do reconhecimento de Pigalle como parte de um circuito turístico histórico-sexual e os estigmas atrelados a essas atividades, sobretudo em torno da comercialização de serviços sexuais propriamente ditos. Ao contrário da Rua Saint-Denis ou dos Bosques da região de Boulogne, espaços classificados como zonas degradadas de prostituição de rua, alvo de constantes políticas públicas de planejamento urbano, Pigalle é apontada pela bibliografia como um caso à parte.

Segundo Redoutey (2005) os limiares dos bosques de Boulogne e Porte Dauphine são locais de prostituição sobretudo masculina e homossexual, ambos situados em zonas fronteiriças na ou em torno da cidade de Paris. Eles delimitam a separação entre cidade densa e luminosa e a massa vegetal do Bosque, seus caminhos selvagens, voltas e mais voltas. Este grande bosque especificamente é um dos mais conhecidos na mitologia parisiense do sexo ilícito e tarifado, diz o autor. No imaginário da *cidade erotizada* ele se constitui ao lado de Pigalle como um arquétipo de bairro permissivo. Por outro lado, se a prostituição de rua progressivamente desapareceu do Boulevard Clichy (região de Pigalle) e imediações de Montmartre, o Bois de Boulogne jamais se viu isento de seus(suas) prostitutas(as) e seus clientes. Finalmente a sua reputação mundial lhe assegura uma atividade turística que capta uma clientela da Ilê-

de-France, das demais províncias francesas, bem como internacional, mas ao mesmo tempo o mantém na mira do poder público.

O autor destaca que espaços tradicionais, como a rua Gaîté, o Boulevard Clichy ou o bairro de Pigalle, viram o comércio sexual suplantar a prostituição de rua. O mesmo quanto a rua Saint-Denis, único espaço ainda reservado à prostituição fora dos sex-shops. Certas formas de prostituição ganharam o comércio sexual, como se pode observar nos *sex-shops* do Boulevard de Clichy, ou nos *peep-shows* que oferecem mais do que a simples observação anunciada como produto. Ao mesmo tempo, a clientela desses bairros se divide entre a demanda por um imaginário pornográfico servido pelas casas de shows e a procura por serviços sexuais propriamente ditos (Redoutey, 2005).



**FIGURA 1**

Moulin Rouge, localizado no Boulevard de Clichy e, ao lado, uma cabine de câmbio.

Pigalle, mencionada por diversos senão todos os guias turísticos<sup>52</sup> sobre a cidade de Paris, se reafirma como uma área de comércio sexual desde as primeiras políticas urbanas de controle implementadas em torno de tais atividades. Por volta de 1973, a geografia dos *sex-shops* começa a se precisar, salienta Coulmond (2007). Os arredores de Pigalle já estão fortemente ocupados neste período, mas pode-se perceber como a concentração geográfica auxilia na cristalização taxonômica: um *sex-shop* deve estar num bairro sexualizado, mesmo se ele não o é de imediato. O autor demonstra que se

---

<sup>52</sup> Detalhe para uma agência de câmbio localizada imediatamente ao lado do Moulin Rouge, apenas uma entre tantas localizadas nesta, bem como em diversas outras regiões turísticas da cidade (Figura 1).

delimitam progressivamente, portanto, bairros nos quais o espaço é fortemente sexualizado, mas que parecem diferir em partes dos bairros tradicionais de prostituição.

“Bairros para o sexo” que não são simplesmente relíquias de um passado repressivo ou mais liberal (remetendo-se ao início do século XX), mas aparecem como fenômeno novo, no qual a pornografia explícita ou ativa um controle administrativo, policial e “cidadão”. Após 1973, a pré-história dos *sex-shops* acaba. Este tipo de loja não é mais considerada nova. Faz parte da paisagem urbana, mas isso não significa que nada muda. Muito pelo contrário. As ações públicas serão retomadas como um modelo explícito em diversos bairros parisienses e em diferentes momentos da história. Mas Pigalle permanece como a exceção onde, segundo o autor, destaca-se a absoluta ausência de todo tipo de controvérsia pública (COULMOND, 2007).

Ao mesmo tempo, apesar de reconhecida como um *quartier chaud* (ou *quartier rouge*) e dotada de todos os estigmas que lhe cabem enquanto tal, Pigalle se reafirma acima de tudo como um reminescente histórico dos tempos áureos da *belle époque* parisiense dos cabarés e das artes. Um símbolo urbano que, como uma continuação de Montmartre, herda o imaginário boêmio tão positivado em torno do bairro vizinho.

Os processos através dos quais Pigalle se mantêm como uma excepcionalidade entre os “bairros para o sexo” parisienses, apesar das controvérsias em torno da suposta ausência de conflito apontada por Coulmond (2007), permanecem misteriosos, e não seriam quatro meses de pesquisa realizada por uma brasileira em sua primeira viagem pela Europa que iriam solucioná-los. Ainda assim as discrepâncias com relação a um centro da cidade do Rio de Janeiro, igualmente marcado historicamente como espaço de comércio sexual em proximidade com a zona boêmia da Lapa e, ao contrário, insistentemente alvo de políticas públicas de “remoção” e “limpeza urbana”, me levaram a me concentrar em Pigalle e selecionar um dos estabelecimentos ali situados como espaço de observação, o que me permitiu ainda a realização de entrevistas semiestruturadas com três de seus frequentadores.

Respeitadas as especificidades sócio-históricas, ambas as áreas urbanas, nas duas diferentes cidades, com exceção apenas do fato de Pigalle jamais ter sido região sede administrativa de Paris, apresentam trajetórias muito similares. Os seus destinos, por diferentes motivos ou um conjunto deles, senão por razões outras que vão muito além de respostas objetivas, é que as distanciam. Talvez Pigalle seja na verdade o grande paradoxo moral, uma contradição urbana que torna visível e rentável aquilo que se

pretenderia manter isolado, mas que, por uma ironia do destino, acabou se tornando símbolo de uma das faces mais positivas da cidade: um *savoir-faire* erótico. O *quartier chaud* é, antes de tudo, uma alternativa a um modo de vida solitário e discreto. Não há o seu equivalente-reverso, porque ele é em si mesmo uma reversão da regra, uma espécie de ilha *contrassensual*.

Se os *sex-shops* são uma história francesa, como diria Coulmond (2007), ela mesma dotada de idas e vindas, permissividades constante e insistentemente controladas, Pigalle é a vitrine luminosa, sedutora e, sobretudo, transgressora em imagem. É a representação e de um *savoir-faire* suposto como símbolo de um modo de vida galante e que se sustenta em seu obelisco: a própria Pigalle. É o cabaré em céu aberto que assume para si talvez todos os cancãs de uma nação e que ali se escondem, ao mesmo tempo em que se expõem. Afinal, se os cabarés são um símbolo nacional, que existam e possam ser oferecidos aos turistas, como uma atração da EuroDisney, arquitetonicamente produzida, assim como um parque temático.

A ampla acessibilidade a esta região é dada, sobretudo, a partir do reconhecimento desta área urbana como uma *mancha* de lazer erótico, segundo conceito de Magnani (1996). Trata-se de um ponto de referência para a prática de determinadas atividades reconhecido não apenas pelos usuários e frequentadores de determinados estabelecimentos, mas pelos demais habitantes da cidade, o poder público, bem como internacionalmente.

Simões (2010) demonstra que o projeto de modernidade implantado na cidade do Rio de Janeiro envolveu a criação de locais específicos para o exercício da prostituição em favor da preservação dos valores morais definidos por uma lógica burguesa. Projetos semelhantes foram implementados na cidade de Paris visando reprimir a prostituição de rua, isolar estabelecimentos de comércio sexual de determinadas áreas da cidade e, em outros casos, concentrá-los em outras (REDOUTEY, 2005; COULMONT, 2007). Ao mesmo tempo,

são os processos da interação humana, os gostos, as conveniências pessoais e os interesses vocacionais que complexificam as regiões e os usos dos espaços construídos, fazendo com que a cidade adquira ‘uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada’” (PARK, 1999 apud SIMÕES, 2010: 45).

Por fim o centro urbano carioca vem demonstrando historicamente o seu caráter multiuso. A região de Pigalle se mantém como um grande paradoxo dado o seu reconhecimento enquanto espaço de sociabilidade erótica na cidade, envolto por preconceitos, mas ao mesmo tempo protegido por um imaginário em torno de um ideário boêmio símbolo da *belle époque*. Desta forma, e apesar dos pesares, o bairro se mantém como o ícone de um modo de vida, símbolo de uma época áurea, reafirmando-se de dia e de noite, malgrado os olhares retorcidos. Diante de um conjunto de opções tão amplo, a seleção do espaço de observação torna-se um desafio ainda mais complexo e, neste caso, quicá subjetivo.

Avistei a referida sauna ainda em minha primeira ida à Pigalle, e chamou-me atenção a fachada suntuosa em um dos pontos mais movimentados do Boulevard de Clichy, às proximidades de tradicionais boates, casas de show e *sex-shops*. Muitos dos meus interlocutores em um site de relacionamentos liberalista sexual<sup>53</sup> destacavam este espaço como um lugar diferenciado no que se referem à ambientação e às práticas ali transcorridas, sendo destacado como um espaço de sociabilidade libertina “*stricto sensu*”. O clube faz parte uma rede de empreendimentos comerciais de caráter erótico, envolvendo ainda outras duas saunas (uma no Boulevard Sébastopol, em uma das áreas centrais da cidade, e outro em Lyon, cidade francesa que apresenta a segunda maior área urbana do país em termos demográficos), além de um *sex-shop* de três andares (que oferece ainda serviços de cinema X, *peep-shows* e setores especializados em literatura, vídeos e lingerie eróticas), situado do outro lado da avenida.

Pude constatar através de pesquisas em sites de demais clubes do gênero (sejam aqueles mencionados por meus interlocutores ou não) que as tarifas correspondem a uma média quase generalizada, tanto em relação com outros clubes *échangistes* quanto com outras saunas. Finalmente, um dos aspectos destacados nos relatos quanto à sauna corresponde ao fato do clube agregar um conjunto heterogêneo de frequentadores no que se refere às suas características socioeconômicas e origem étnica, bem como atrair um volume considerável de turistas de passagem por Paris. Localizado num bairro de turismo erótico, próximo a uma região historicamente marcada por um imaginário e modo de vida boêmios, o estabelecimento comercial está disponível a uma gama diversificada de possíveis frequentadores.

---

<sup>53</sup> Netechangisme.com.

Francis, um dos meus interlocutores, chama atenção para o fato de que não seria muito comum encontrar ali o que ele classifica como *operários*, dado o alto custo das tarifas, sobretudo para homens solitários, mas a diversidade de pessoas lhe agrada como uma possibilidade de estar em contato com *toute sorte de gens*<sup>54</sup>. Entre os entrevistados, Marco destaca o contato com o outro como uma experiência de exercício da tolerância potencializada no encontro com uma diversidade de pessoas.

Ambos apontam para o espaço selecionado para a realização do trabalho de campo em Paris como o seu estabelecimento de lazer erótico predileto na cidade, senão o único que costumavam frequentar no momento de nossas conversas. A diversidade dos frequentadores habituais, bem como o fluxo sempre renovado de novatos e turistas, vai ao encontro de uma busca constante por novos contatos, em favor das práticas liberais que empreendem e do posicionamento ideológico que assumem. A sauna disponibiliza um contexto relacional mais do que simplesmente um espaço físico e meia-dúzia de serviços de lazer. A sua fachada, cuja significação também está dada na localização do estabelecimento, também participa da sua construção: ela divulga um modo de vida, atraindo frequentadores que se identificam com determinados comportamentos. E serão estes, já no interior de suas dependências, que participarão ativamente do estabelecimento de uma forma de relacionar-se que também buscam como objeto de consumo.

É de fundamental importância destacar a delimitação de regiões morais como espaços simbólicos onde prevalecem códigos divergentes a uma “moral tradicional”, um lugar de agregação (em escala micro) dada pela segregação espacial em virtude de um compartilhar de interesses, bem como de gostos e temperamentos, e definição de modos de conduta específicos. Estes se constituem como ambientes distintos onde as populações errantes ou contidas, suas paixões e ideais, se emancipam da ordem moral mais ampla e como refúgio para relações sociais mais estreitas proporcionadas e propiciadoras não apenas de estímulo como também sustento moral para os valores compartilhados internamente. Assim são construídos na cidade diferentes mundos sociais.

Neste sentido, o clube de swing, bem como a sauna libertina, se estabelecem como espécies de sub-regiões morais integradas e constitutivas das áreas urbanas nas quais estão localizadas, e que ao mesmo tempo são reapropriadas por seus usuários na

---

<sup>54</sup> Todo tipo de pessoas (tradução livre).



construção de suas relações e *efetivação* de suas práticas. Locais voltados para o exercício de formas de sociabilidade eróticas específicas, as práticas sexuais públicas e/ou grupais, os estabelecimentos comerciais são apreendidos enquanto espaços de interação. Cenários para o estabelecimento de mundos sociais cujos conteúdos são o foco de análise e reflexo de percepções mais amplas sobre si e um modo de vida e percepção de mundo tipicamente urbano e, neste sentido, supostamente moderno.

### **Uma breve apresentação dos meus interlocutores de pesquisa**

Centrada na apreensão do estabelecimento das relações, tornar-me uma *swinger*, e posteriormente uma *libertina naturista*, foi também uma consequência inevitável do processo de pesquisa. O estar lá, em ambos os espaços de lazer, é integrar, mesmo que castamente, uma forma de relacionar-se sexualmente ativa. Eu mesma fui aprendendo a utilizar do meu potencial de sedução, a me posicionar para ampliar as minhas chances de ser abordada por alguém, a prolongar os assuntos e adiar a minha identificação como pesquisadora e, sobretudo, a encarar as insistências com uma espécie de disponibilidade ao flerte.

A inserção na situação, principal método de coleta de dados, foi ferramenta de apreensão destes contextos, bem como parte da trajetória de construção da análise. A base fundamental a partir da qual os dados emergiram foi, portanto, as ações recíprocas voluntariamente estabelecidas entre meus interlocutores e eu, como membros de ajuntamentos cujo ritual de interação se deu face a face. Diante de tão disperso método de proposição de questões, cuja aplicação na verdade se constituiu basicamente na ausência (mesmo que relativa) de perguntas diretas, emergiu uma profusão de dados irregulares na totalidade de seus conteúdos, e ao mesmo tempo diretamente relacionados em significância. De uma forma geral meus “nativos” me acederam a nada menos do que as suas ações situadas.

A principal dificuldade em realizar entrevistas semiestruturadas com os praticantes do swing e da libertinagem se refere diretamente às especificidades destas formas de sociabilidade. A disponibilidade em estabelecer contato no interior dos estabelecimentos de lazer é dada por motivações específicas e claramente declaradas,

que em muito diferem da disponibilidade em conceder um encontro formal, extraclube, para a coleta de informações.

Os contatos estabelecidos no interior dos espaços de sociabilidade foram consequentes da iniciativa voluntária e sexualmente interessada dos meus interlocutores e interrompidos diante de um impasse entre os interesses declarados por ambas as partes. A impossibilidade de estabelecimento de um acordo mútuo entre nós, mesmo que em escala subótima, e portanto a desesperança com relação a mínima satisfação dos *desejos* de meus aliciadores (ou mesmo a falta de disponibilidade em tentá-lo) foi tomado por eles como o mote para a interrupção das relações estabelecidas. A concessão de um encontro extraclubes requeria desta forma uma mudança de posicionamento pelos meus interlocutores, e, portanto, uma redefinição da nossa situação de copresença dada partir de critérios absolutamente diferentes daqueles em que a abordagem inicial se deu.

A disponibilidade em conceder seus telefones e endereços virtuais não se concretizou, na maioria dos casos, sequer na manutenção dos contatos, mesmo que esporádicos. O único casal brasileiro que respondeu às minhas mensagens, com exceção do casal de promoters do clube de swing, interrompeu o contato tão logo se deu conta de que a entrevista não ocorreria em um motel nem envolveria mais do que palavras sobre sexo.

Dos três rapazes que me encontraram pessoalmente para uma entrevista em Paris dois deles alimentavam esperanças semelhantes ao fazê-lo. Cristian, que não me conhecia pessoalmente, insistiu enquanto pôde para que conversássemos no seu apartamento. Já Patrick propôs alternativas, ao final da entrevista, ao meu posicionamento não libertino: quem sabe se fôssemos a um motel, só os dois<sup>55</sup>?

Curiosamente, as duas únicas entrevistas realizadas no Brasil foram fruto de contatos estabelecidos com a mediação de colegas sociólogos que me indicaram seus amigos íntimos. Assim conheci Airton e Aurora. O primeiro não se conteve em pedir

---

<sup>55</sup> Não libertino declarado, a proposta do rapaz evidencia a sua apreensão de que não são as práticas que definem a identidade. Ele sabia que eu era “casada” e que não era praticante da libertinagem, então propõe que transemos em outro local, que não a sauna, quando a própria atividade sexual, casual, isenta de apelo afetivo e ainda extraconjugal (no meu caso) poderia, por si mesma, já ser classificada como exercício de um posicionamento liberalista sexual. Uma coisa é sexo sem compromisso, na opinião do rapaz, outra é a libertinagem sexual e a segunda assume um caráter situado aos contextos de sociabilidade erótica. O mesmo não foi observado entre os meus interlocutores declaradamente libertinos, ou sequer entre os swingers.

para que eu desse uma olhada em um dos seus álbuns em uma rede social (enviando gentilmente o seu link) em que se encontrava de sunga e com o pênis ereto em diferentes poses *sensuais*. A segunda sugeriu que visse seu *sexblog*, apenas com o objetivo de me mostrar seus parceiros sexuais, mas ainda assim me dando acesso às fotos dela e do marido durante o ato sexual.

Por fim, diante da consciência de que eu me tratava de uma pesquisadora não praticante do swing, ambos optaram por digitar as suas respostas, ao invés de estabelecer uma conversa fluida e menos cansativa pela *webcam* (que ambos declaram utilizar com frequência com seus parceiros sexuais). A decisão pelo bate-papo digitado simboliza o estabelecimento de uma fronteira a partir das minhas declarações de interesse permitindo uma diferenciação entre situações sociais. Meus interlocutores utilizavam comigo suas contas para encontros entre parceiros sexuais, mas alteravam radicalmente seu posicionamento naquele espaço virtual em consequência à redefinição daquela situação. Falar comigo, mesmo por MSN, foi uma demonstração altruísta de disponibilidade em integrar um determinado quadro interacional. O contato estabelecido entre nós foi posterior à disposição em falar sobre suas experiências, ao contrário do que tende a acontecer quando o contato é estabelecido no interior dos espaços de sociabilidade.

O interesse sexual que incentivou meus demais interlocutores a me abordarem nos contextos intraclubes se estendeu como elemento motivador a um encontro extraclube em certos casos. A falta de esperança em satisfazê-lo desmotivou sequer a resposta a um e-mail em outros e estes os principais obstáculos na tentativa de realizar as tão valorizadas entrevistas. Ao mesmo tempo, a riqueza das situações de copresença compartilhadas e o seu potencial como objeto analítico tornaram os dados coletados nas cinco entrevistas realizadas apenas acessórias ao desenvolvimento deste trabalho. Finalmente, é basicamente a partir das relações estabelecidas entre meus interlocutores e eu, situadas nos espaços de sociabilidade e iniciadas voluntariamente por cada um deles, que os dados emergiram.

Flávio e Cátia, o casal de promoters do clube carioca selecionado como espaço de observação, foram os meus iniciadores no swing. Reportei-me a eles por e-mail, mencionando os meus interesses em frequentar o clube e solicitando permissão para

entrar<sup>56</sup>, ao que me responderam pronta e positivamente. Flávio me recebeu na portaria, assim como o combinado, mediu a minha entrada perante a recepcionista e me deu livre e gratuita entrada neste e em todos os demais dias de trabalho de campo. Além de ter me apresentado à sua esposa, aos espaços do clube, às regras e a mais um casal de amigos, seus “sócios” em um clube para membros<sup>57</sup>.

Ambos são brancos e estão na faixa dos trinta<sup>58</sup>. Cátia usava os cabelos no ombro levemente alourados, vestidos sempre bem curtos e relativamente soltinhos e sandálias de salto alto. Não são atléticos, ou sequer gordos, portavam alianças e naquela noite estavam vestidos, respectivamente, de pijamas de algodão e camisola preta e curta<sup>59</sup>. Não fizemos propriamente um “ménage”.

Durante a maioria dos nossos encontros, conversei apenas com Flávio, enquanto Cátia nos observava de longe ou mantinha-se calada, apesar de simpática. *Você é casada?* perguntou Flávio certo dia, segurando a minha mão, ao sentir a parte interna de um anel que eu usava no dedo anelar. *Não*, eu disse sorrindo. *Tem namorado?*, insistiu. *Não*, respondi sem pensar (quando a resposta honesta seria sim). *Então... quem sabe quando você arrumar um você não o convida para vir até aqui com você*, disse Cris, finalmente. Estava claro, pela primeira vez, e apesar do caráter absolutamente sutil da clareza, o interesse dos dois repousando sobre mim. Ao mesmo tempo, a sugestão de que um namorado *me falta* para a prática sugerida esclarece também o gosto cultivado pelo casal. Cris não me paquerava, Flávio, talvez, sim: seriam eles swingers<sup>60</sup> exclusivos?

Jamais tive acesso às informações pessoais sobre esse casal, apesar de termos conversado todas as vezes que estive no clube. Em meados do meu quarto ano de

---

<sup>56</sup> Segundo as informações divulgadas pelo site do estabelecimento, a entrada de mulheres solteiras é permitida todos os dias, mas estas devem estar acompanhadas de um casal e solicitar reserva quando a programação prevê *noites para casais e solteiras*.

<sup>57</sup> Não me ficou claro a que se referiam ao falar do tal clube. Há um logotipo para o clube, que era exposto nos folders dos eventos promovidos por eles no clube de swing, juntamente com o seu nome de casal (aqui tratado como Casal Love). Segundo me disseram, as atividades do “clube” estavam concentradas ao espaço do clube de swing que eles administravam naquele momento, mas que podiam ser organizadas em outros locais. Este “clube” refere-se, ao que parece a um grupo de sociabilidade relativamente estável e que se encontra em diferentes situações para a prática do swing.

<sup>58</sup> A maioria dos meus interlocutores não mencionou a própria idade, me referirei sempre, portanto, a média aparente de idade de cada um dos casais descritos.

<sup>59</sup> Tratava-se da comemoração de aniversário da *Senhora Love* e a programação do dia envolvia, em sua homenagem, uma festa de pijama.

<sup>60</sup> O termo é aqui utilizado em referência à atividade específica, passível de tradução como “troca de casais”, e não às práticas de forma geral. Estabeleço tal diferenciação de forma mais precisa nos capítulos que se seguem.

doutoramento eles deixaram a administração deste clube especificamente para assumirem outro, na Barra da Tijuca. Trocamos alguns e-mails durante os últimos dois anos e meio de pesquisa, desde a minha entrada no campo até o momento em que, pressionados a agendar nossa entrevista, jamais tornaram a me responder.

Theo me pegou como a uma presa na saída do banheiro, convidando para um bate-papo juntamente com Mariana, a sua namorada. Ela, 29 anos declarados, um filho de dez e uma filha de cinco, do primeiro casamento<sup>61</sup>. Ele, aparentemente da mesma idade, talvez poucos anos mais novo e nenhuma informação sobre casamentos ou filhos. Estavam juntos há dois anos e me ofereceram uma cerveja. Aceitei, ainda sem me dar conta de que, diante da minha ausência de interesses sexuais pelo casal, não deveria fazê-lo.

Ela tinha a pele alva, estatura baixa, era *gordinha*<sup>62</sup> e tinha os cabelos longos e negros. Usava um vestido preto curto de mangas  $\frac{3}{4}$  e salto alto. Ele, de pele apenas um pouco menos branca, também baixo, cabelos negros curtos e porte atlético<sup>63</sup>. Usava uma roupa discreta: calça e camisa de botão de cor escura, mas com alguns botões abertos na altura do peito.

Eu não estava entre amigos, mas sendo interpelada por um casal cujo interesse era a realização de uma fantasia sexual: Mariana desejava intensamente presenciar Theo penetrando outra mulher e, já na quinta vez neste mesmo clube, ainda esperavam por esse momento. O casal de namorados não morava junto. Conversamos por cerca de meia hora, circulamos juntos pelo clube (Theo de mãos dadas com ambas, Mariana e eu). Ainda recebi o convite de Theo para assisti-los durante uma transa: *se vocês quiserem que eu veja...* foi minha resposta. Mas para Mariana ali atingíamos o limite da reciprocidade: *Ah, tá?! E ela não vai dar pra você nem um pouquinho?*

---

<sup>61</sup> Estas informações me foram concedidas por ela, espontaneamente, depois da minha identificação como pesquisadora. Quando me refiro a *declarações espontâneas*, destaco o fato de não haverem sido sequer propostas tais questões por mim. Diante da minha identificação, parte considerável dos meus interlocutores (ao menos daqueles que não se retiravam envergonhados de volta aos seus lugares, mas sim permaneciam em minha companhia) imediatamente iniciava a me fornecer informações diversas, de acordo com o que acreditavam corresponder aos meus interesses de pesquisa. Em certos casos, idades, tempo de relacionamento ou filhos, em outros, relatos sobre a primeira vez, experiências em geral, etc. O meu posicionamento envolvia basicamente a administração desse fluxo de informações, buscando o seu aprofundamento ou melhor compreensão, quanto aos detalhes ou quando se tratavam de relatos de caráter subjetivo.

<sup>62</sup> Segundo sua própria definição.

<sup>63</sup> Refiro-me com esta categoria a um porte magro, porém minimamente torneado. Não serão considerados atléticos apenas os *musculosos*.

Muito sincera, e sem que se estabelecesse uma situação de conflito entre nós, a garota chama a atenção do namorado para aquilo que ela via como uma quebra com a regra mais básica do jogo. Porque me ofereceriam um *presente* se eu não estava disposta a retribuí-lo de forma satisfatória? A permissão para assisti-los, na visão dela, era um alvo de interesse meu tão desejado e valorizado quanto a realização do fetiche de ver o namorado na cama comigo se apresentava para ela. Eu ri, diante do impasse do casal. Ela, meio impaciente com o namorado, demarcou o seu território. Pouco depois disso, antes mesmo que voltássemos a nos sentar, o casal me informa que dará mais uma volta no labirinto. É a deixa para que eu me retire, mas não sem o e-mail e o endereço do *sexlog* do casal. Nunca me responderam nem tornaram a estabelecer contato. A tal entrevista ficou na promessa.

Ao final da noite, sou abordada novamente pelo casal, preocupado com a possibilidade de eu ser uma jornalista, ter tirado fotografias suas e pedindo encarecidamente para que não divulgasse suas identidades. Os filhos dela foram acionados como a razão da sua preocupação neste sentido.

Renata me abordou quando eu estava sentada na lateral da pista de dança. Primeiro se sentou ao meu lado, me observou cautelosamente, depois ensaiou uma espécie de paquera, com olhares mais incisivos. Mulher de *meia idade*<sup>64</sup>, estatura baixa, pele clara, cabelos negros longos, um pouco acima do peso<sup>65</sup>. Usava uma camisola preta curta (em correspondência ao traje da noite do pijama) e saltos altos. Ela era casada com Paulo, aparentemente na mesma faixa etária, moravam na Glória e disseram preferir os clubes da Barra da Tijuca. Estavam ali para o aniversário de Cátia. Também branco, ele portava cabelos curtos levemente grisalhos. Ambos podem ser classificados como *bem conservados* para a (aparente) idade. Ele usava calça, camisa e sapato. Casados há doze anos, terceiro casamento dele, ao menos o segundo dela. Ambos tinham filhos, mas não precisaram quantos ou se algum deles era em comum.

Renata era a minha *Don Juan*, buscando sabiamente, em uso de toda a sua experiência, fazer-me sucumbir aos seus encantos. Paulo, igualmente confortável no alto de sua mais de uma década de carreira swinger, me cercava enquanto a esposa

---

<sup>64</sup> Tinha por volta de cinquenta anos.

<sup>65</sup> Esta categoria refere-se sempre e necessariamente a características que saltam aos olhos, como barrigas salientes, a não simplesmente a um volume corporal simplesmente pouco pronunciado. Ainda assim trata-se de um método de classificação discutível diante da ausência de um padrão exato de classificação ou sequer de autodeclarações.

preparava o terreno como quem está à espera do melhor momento para colocar seus encantos a prova. Através deles fui apresentada aos dois outros casais com os quais estabeleceriam uma sessão de sexo grupal, a qual fui convidada a assistir. Não estavam propriamente convencidos de que eu me manteria à distância mas, de qualquer forma, ter-me como *voyeur* já seria uma boa alternativa para dar prosseguimento com a sua dança do acasalamento.

Destes, Michele e Jerson não foram meus informantes diretos, mas aparentavam estar na faixa dos *trinta e poucos*. A moça poderia facilmente ser confundida como uma modelo: estatura alta, cabelos longos e lisos pintados de louro, corpo magro e bem torneado. Tinha a pele alva e usava um espartilho vermelho com babados na parte inferior que deixava à mostra as nádegas e uma calcinha quase imperceptível, *meias arrastão* sete oitavos, cinta liga e salto alto. Ele também era branco, tinha os cabelos castanhos bem curtos, estatura alta. Não era atlético, mas mantinha-se *em forma*<sup>66</sup>. Usava calça, camisa e sapato. Não conversei diretamente com nenhum dos dois, mas me foram apresentados como *casados*. Eram conhecidos por Renata e Paulo devido a intercursos sexuais estabelecidos anteriormente. O casal me observava apenas de longe, talvez tímido diante da minha postura, mas quase indiferente a minha presença. A eles eu parecia um ser estranho, uma incógnita, ao mesmo tempo a minha presença parecia incitar curiosidade e uma nova oportunidade de experimentação: uma forma de exibicionismo direcionada<sup>67</sup>.

Elise e Hélio, também mais jovens do que Renata e Paulo (ela provavelmente no final da faixa dos vinte anos e ele poucos anos mais velho), conversaram ainda por um bom tempo comigo após a sessão grupal. Elise era tinha um corpo esguio e torneado, mas do tipo *mignon*. Portava cabelos castanhos bem longos e levemente encaracolados, pele muito alva e uma camisola preta curta e decotada, além dos saltos altos. Parecia uma ninfa dos livros de história infantil, só que em uma versão proibida para menores. Ele usava calça jeans e camisa, tinha os cabelos castanhos compridos até o meio das costas, presos em *rabo de cavalo* na altura da nuca e uma barba *por fazer*. Era um tipo

---

<sup>66</sup> Refiro-me a um tipo físico que poderia ser classificado como correspondente a um peso *ideal*: nem magro, nem gordo, nem ao menos atlético. Mais uma vez, recorro a classificações subjetivas para tentar descrever os meus interlocutores, afinal, estas se baseiam nas minhas percepções quanto à sua aparência.

<sup>67</sup> Destaco que o grupo se dirigiu a uma cabine privativa na qual, portanto, estávamos presentes apenas nós sete. Ao contrário dos demais espaços do clube onde é possível a exposição do ato sexual a um público de *voyeurs* não controlado, ali apenas eu os observava, bem como as minhas reações eram acessíveis a sua observação.

*pouco atraente*, levemente acima do peso, alto e branco. O casal morava junto e ambos eram bancários. Não tinham filhos.

Hélio foi o único, das seis pessoas envolvidas na sessão de sexo grupal observada, a não atingir o orgasmo, bem como a estabelecer contatos sexuais exclusivamente com sua parceira. Contrariamente, os dois outros casais, Renata e Paulo, Michele e Jerson, se mantiveram durante todo o tempo separados, envolvidos com os demais presentes. Tocavam e olhavam vez ou outra um para o outro, sem contudo transar<sup>68</sup> entre si. Elise foi, portanto, a única mulher penetrada por todos os homens presentes, beijou e partilhou carícias com as duas outras mulheres, enquanto era observada, incentivada e acariciada pelo marido permanentemente. Diante de uma abundância tão grande de possibilidades, eu seria apenas mais uma.

Ao final dos intercursos, este casal e eu permanecemos ainda por um bom tempo conversando, já fora da cabine, enquanto os demais se despediram e foram embora. Foram muito generosos em partilhar suas questões, bem como em elucidar alguns dos acontecimentos no interior da cabine. Mas estavam ansiosos para retornar ao seu apartamento e concluir à brincadeira, afinal, Elise queria *compensar* Hélio pelo gozo ainda não alcançado. Tive igualmente acesso ao seu *sexlog* e, mais uma vez, as minhas investidas em favor da realização de uma entrevista com o casal jamais obtiveram resposta.

Tatiana me apareceu como quem oferece benevolmente uma companhia: *tadinha, está sozinha, tristinha, tadinha dela...*, mencionou que havia comentado com os amigos. Estava com o companheiro (ela morava em Laranjeiras, ele no Leblon) e um casal de amigos (estes moradores de Copacabana) que conhecera através da internet e com quem estabelecera anteriormente outros encontros. Mulher baixa, passível de ser classificada como negra<sup>69</sup>, senão parda, e um pouco acima do peso. Parecia ter mais de trinta, mas ainda menos de quarenta anos, assim como a outra mulher. Seu marido era um pouco mais velho e alto do que ela, branco, peso médio e grau de atratividade idem.

---

<sup>68</sup> Refiro-me não apenas ao ato penetrativo, mas a todo e qualquer ato de caráter sexual que envolva o contato físico direto entre parceiros. Por outro lado, o toque não é o elemento delimitador do intercuro sexual, a observação correspondendo a uma forma efetivada e altamente valorização de excitação mútua. Não transar *entre si*, neste caso, não significa não transar *junto*.

<sup>69</sup> Caso questionada quanto à sua etnia era ainda possível a Tatiana se classificar como branca, apesar da pele mulata, do cabelo crespo e das feições miscigenadas. Destaco que todo tipo de classificação étnica torna-se extremamente complexa de ser realizada desta forma, como uma atribuição do pesquisador, em relação a identidade declarada do próprio informante. Ainda assim, arrisco-me a fazê-lo com o objetivo único de tentar descrever meus interlocutores e torná-los mais palpáveis ao leitor.



A outra mulher era pouco mais alta, branca, usava os cabelos pintados de loiro abaixo dos ombros e estava também um pouco acima do peso. Seu acompanhante, um homem branco visivelmente mais velho, era baixo, barrigudo, tinha cabelos brancos e era careca. Ambas as mulheres usavam uma blusa soltinha e uma saia bem curta, enquanto os homens correspondiam ao *dresscode* calça, camisa e sapato exigido nas noites não temáticas.

Apenas Tatiana conversou comigo diretamente, apesar de eu ter sido apresentada a todos os demais. *Que tipo de coisa você precisa para a pesquisa, tipo idade?* Perguntou, me bombardeando com milhares de informações que apenas um gravador escondido seria capaz de guardar. Ela e o namorado já praticavam o swing há *algum tempo*. Mas até então sempre com o mesmo casal de parceiros: *a questão não é classe social, mas se o papo é bom, se tem a ver com a gente*, diz a moça. Muitos contatos foram estabelecidos sem sucesso, alguns sendo interrompidos já no bate-papo virtual: *a gente via que não dava, não tinha nada a ver com a gente*; outros no motel: *a gente ia pra lá, mas aí não dava, não tinha nada a ver*. Até que a primeira parceria se estabeleceu. E ainda se mantinha como a única.

Ela me convidou a me juntar ao grupo para conversarmos, mas o som alto a manteve como o meu único elo entre a solidão completa e a companhia do grupo. Tatiana não escondia o seu entusiasmo, bem como o dos parceiros: *os maridos estão agitados, todos se empolgam com uma rolinha*, me disse sobre o frisson causado pela minha presença. Mas a transa da noite já estava garantida entre eles mesmos e, diante da minha resistência em participar da brincadeira, logo nos despedimos e as moças foram dançar intimamente no espaço da boate.

Tatiana e eu trocamos e-mails e nos adicionamos no MSN, com o objetivo (ao menos da minha parte) de agendar um encontro posterior para uma entrevista. Ao responder, a moça se mostrava disponível e interessada, mas desde que o encontro se desse em um motel ou que eu me dispusesse a concedê-la ao menos *alguns beijinhos*. A negociação virtual se seguiu por algumas semanas, até que ambas nos cansamos. Ela da ideia de me *converter* ao swing, eu de conseguir estabelecer um diálogo que ultrapassasse a fronteira das propostas sexuais diretas e insistentes.

Rita me apareceu muito tímida, já no final de uma noite de sábado. Moça negra de média estatura, corpo magro e delicado, ela estava acompanhada do namorado em uma primeira experiência de ida ao clube. A descrição de Rita se espelhava em suas

roupas: um vestido curto e leve, de cor neutra. Usava os cabelos abaixo dos ombros, muito negros e lisos, era pequenina em seu conjunto. Leonardo, mais alto e de tipo físico um pouco mais austero, era um homem mulato e longilíneo de corpo atlético. Ele parecia mais velho do que ela, o que talvez se acentuasse ainda mais devido à fisionomia frágil da moça, mas ambos deveriam ter entre 25 (ela) e 40 anos (ele). Moravam ambos na Baixada Fluminense e não portavam alianças nem deixaram claro se moravam juntos ou se tinham filhos. Mas ela deixou escapar que haviam chegado ao clube de ônibus.

Inexperientes e simpáticos, conversaram comigo até a hora em que todos, separadamente, fomos embora, ao menos uma meia-hora depois de nos conhecermos. Eles não tinham *sexlog* e não trocamos e-mails. A inexperiência e frustração diante de uma tentativa insuficiente em estabelecer parcerias sexuais me transformaram em uma espécie de informante privilegiada logo após me identificar como pesquisadora. Daí em diante sequer tentaram me seduzir, se concentrando em tentar descobrir como superar a sua condição de castos swingers.

Laura já foi bem desinibida. Morena de um metro e setenta, ela tinha os cabelos cacheados bem pretos abaixo dos ombros. Alta e esbelta, ela usava um vestido preto e branco, de comprimento médio e saia godê. *Aqui não é lugar de se vestir assim não*, falou sobre a minha calça comprida. *Nem eu estou apropriada, da próxima vez eu vou usar uma saia mais curta*, acrescentou. Ela estava acompanhada de Edson, um homem bem mais baixo, mesmo apesar do salto alto que Laura usava, era careca, usava óculos e exibia certa *protuberância abdominal*. Ele era bem pouco atraente, segundo a visão dela mesma, percebi mais tarde que apresentava uma má formação no pulso esquerdo e a mão atrofiada. Ambos pareciam se aproximar em idade, por volta dos trinta e alguns anos. Eram apenas *conhecidos de infância*, segundo ela, que saíam *de vez em quando*, e estavam pela primeira vez (para ambos) no interior de um clube de swing, ansiosos em estabelecer parcerias.

Permanecemos sentados próximos durante boa parte do início da noite, conversando ou simplesmente fazendo companhia uns aos outros. Mais do que fazer-me de informante com relação ao contexto em que acabavam de se inserir, como o fizeram Rita e Leonardo, sobretudo Laura parecia alimentar esperanças de me convencer a estender a pesquisa teórica ao plano prático. *Vem dançar comigo*, chamou a moça, já me puxando pelo braço. E não se referia a dançar ao mesmo tempo, mas a *dançar junto*, em

uma tentativa de me fazer *soltar*. Não funcionou muito bem e me sentei logo depois, constrangida mais determinada em minha delimitação de limites. Saíram para dar uma volta, mas ainda tornaram a se sentar ao meu lado. No final da noite o casal já havia encontrado parceiros com os quais se iniciar. Não trocamos contatos.

Gilberto já me apareceu declarando intenções: *somos de uma classe discriminada, que não faz troca*, afirmou quanto à preferência pelo ménage feminino. Homem em torno dos quarenta anos, alto e *moreno*<sup>70</sup>, tinha os cabelos levemente grisalhos e uma longa carreira liberalista sexual. Não era magro ou atlético, mas tinha o que se costuma chamar um *bom porte* (e, sobretudo, uma *boa lábia*). A namorada, na mesma média de idade e altura, era uma moça simpática de corpo proporcional, usava os cabelos tingidos de louro no meio das costas e tinha a pele morena. Quase não conversamos, mas ela não continha os risos diante das declarações do parceiro: *coloca isso aí na sua tese*, ele dizia com empolgação. O casal estava junto há menos de dois anos.

Conversamos durante um bom tempo, tempo no qual Gilberto pôde me fornecer a enxurrada de informações que ele acreditava ser fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Entre um relato e outro, uma boa dose de autopropaganda, afinal, a pesquisa deveria envolver aspectos práticos. Entrevista? Só depois de uma boa sessão de sexo a três. Já que eu não *topei*, Gilberto me desejou boa sorte e lá se foi com a companhia.

Airton me foi apresentado por seu amigo de infância, um colega sociólogo que conheci durante o intervalo das sessões de um congresso, e nunca nos encontramos pessoalmente. Rapaz negro de uns quarenta anos, estatura média e levemente acima do peso<sup>71</sup>, aceitou prontamente as minhas investidas para uma entrevista. Inicialmente, nos adicionamos em uma rede social e um canal de bate-papo. Por fim, a entrevista ocorreu por MSN. Ex dono de um *webchat* liberalista sexual e organizador de festas de swing, Airton se tornou o meu único informante brasileiro declaradamente solteiro<sup>72</sup>. Morador da zona Norte carioca, ele é conhecedor de diversos clubes de swing da cidade, incluindo o espaço selecionado para a realização do trabalho de campo, e conta com uma carreira swinger de mais de quinze anos. Somos amigos no facebook, o que me

---

<sup>70</sup> Esta categoria é utilizada ao me referir a uma pele branca, mas não pálida.

<sup>71</sup> Segundo as fotografias em suas páginas em redes sociais.

<sup>72</sup> Ao menos no período em que nos conhecemos e falamos. Aurora também descreve as suas experiências o swing durante os intervalos entre relacionamentos, mas estava casada no período da entrevista.

permite acompanhar algumas de suas postagens, frequentemente dotadas de um caráter irônico e erótico. Airton não se conteve em me apresentar seus encantos, exibindo as suas fotos sensuais de sunga, mas não fez muita questão de me encontrar pessoalmente para a entrevista. Quem sabe para um *chopp* ou uma *saidinha* a dois?

Aurora e eu fomos apresentadas por e-mail e quase que imediatamente conversamos por *skype*. Moça negra de 34 anos, é moradora de Vitória e praticante do swing há quinze anos, mas diz que *sempre [teve] essas coisas* quanto à ideia em experimentar o sexo grupal. O fez em companhia de um *cara com quem saía* e que na época já se encontrava com outros casais. E relata que, assim como esperava, gostou. Gostou ao ponto de prosseguir com a sua carreira liberalista sexual, seja individualmente ou em companhia de seus namorados, mesmo após um período de três anos de interrupção durante um casamento com um homem que achava que isso *era coisa de gente sem vergonha*. Ele nunca soube de seus gostos.

Aurora é educadora, teve um filho (hoje com dezesseis anos) com um dos seus primeiros namorados e está casada pela segunda vez. Considera-se bonita<sup>73</sup>, o que segundo ela lhe coloca em uma situação altamente favorável ao estabelecimento de parcerias sexuais, bem como o atual marido, swinger desde antes de se conhecerem, pelo Orkut, e com quem está casada há três anos. O casal costuma sair com outras pessoas ao menos uma vez por semana, tendo preferência por festinhas entre conhecidos, mas também frequentando clubes ocasionalmente.

Amiga de infância de uma colega do programa de pós-graduação (a qual, segundo ela, é a única amiga não swinger que sabe das suas *intimidades*) a moça mostrou-se extremamente disponível, paciente e séria diante das minhas proposições. Conversou comigo enquanto a sua bunda ocupava a imagem de perfil da rede de chat, por se tratar do *endereço de guerra* utilizado para seus contatos sexuais, mas não questionou o meu posicionamento e advertiu para que não me assustasse diante das imagens explícitas do seu *sexlog*. Mais do que uma parceira sexual futura, Aurora ansiava em mim a oportunidade de tornar compreensíveis as suas práticas em uma busca por respeito e tolerância. E assim teve o cuidado em descrever e explicitar cada questão.

---

<sup>73</sup> Eu não tive acesso a nenhuma foto de Aurora que me permitisse estabelecer parâmetros de classificação estética e, diante de sua autodeclaração, ela me isenta do trabalho extremamente complexo de descrevê-la.

O conjunto de interlocutores estabelecidos a partir do trabalho de campo em Paris é mais limitado em número, mas igualmente rico em conteúdo, refletindo a própria dinâmica situacional do espaço de observação. Com cada um deles passei mais tempo a conversar do que com a soma de todos os contatos estabelecidos na maior parte das noites de trabalho de campo no Brasil. Ao mesmo tempo, foi possível a realização de três entrevistas semiestruturadas: duas delas com informantes encontrados no contexto da sauna e uma terceira com um rapaz conhecido em um site de bate-papo liberalista sexual.

Cristian foi uma das pessoas a me abordar logo no meu primeiro acesso a uma rede virtual de relações libertina francesa. Rapaz branco de 39 anos, solteiro, ele diz ser praticante do liberalismo sexual há pelo menos 15. Nunca foi casado ou teve filhos. Estatura baixa, corpo atlético, portava os cabelos castanhos caindo na testa. Após alguns telefonemas, nos encontramos na frente da *mairie do 13<sup>ème</sup>* no início da tarde e, com muita insistência, nos sentamos em um café próximo. Um conjunto diversificado de desculpas foi dado para me convencer a realizar a entrevista no seu apartamento, desde a tranquilidade e privacidade, até o sistema de aquecimento (já que a temperatura estava por volta dos 15 graus Celsius aquele dia) e o esquecimento da sua carteira em casa (isso porque havia afirmado anteriormente que acabara de voltar da casa da namorada, onde havia dormido). Ofereci-me para pagar o café e o assunto foi resolvido. Inicialmente, o rapaz se prontificou a mediar um encontro entre a atual namorada e eu, para que eu pudesse entrevistá-la. Falamos-nos mais vezes ao telefone, ainda nesse processo de mediação, mas a moça nunca me ligou.

Cristian reflete um posicionamento quase generalizado entre meus interlocutores na França. Ao contrário da bateria de perguntas quase imediata às apresentações ocorridas no contexto carioca, as abordagens sofridas por mim em Paris envolviam em sua maioria formas de aproximação discretas e quase assexuadas. Com exceção do ocorrido no *chateau*, quando fui convidada por uma das moças a me juntar ao grupo de três pessoas, na maioria das vezes a abordagem era individual e discreta e o conteúdo assuntos gerais.

A decoração, a programação da TV (ambos os estabelecimentos de lazer mantêm televisores instalados em alguns dos seus espaços e, segundo o observado especificamente na sauna, nem sempre conectados a *canais hot*), o clima, eram as temáticas comuns às aproximações. Diante do meu sotaque, o Brasil entrava em cena

como conteúdo às nossas conversas. Ao invés de questionada sobre meus gostos sexuais ou arrebatada por elogios, a minha estadia em Paris, a minha adaptação a cidade e a saudade da família prolongavam as conversas durante um longo período de tempo.

Mais do que simplesmente a hábitos diferenciados quanto ao processo de sedução, o ritmo com que se prosseguem os encontros reflete a dinâmica de eventos neste espaço de sociabilidade. A sauna permanece aberta por 19 horas ao dia, todos os dias da semana, e demonstro no Capítulo 4 como todo o ambiente é estruturado de uma forma muito peculiar em comparação com o clube de swing carioca, favorecendo a manutenção de diálogos longos sem grandes esforços em se fazer ouvir. A concentração de pessoas é substituída por um fluxo contínuo de clientes chegando e saindo em diferentes períodos. Não há porque ter pressa nem há tanto o que se fazer além de sexo e bate-papo, já que o som é apenas ambiente.

Investidas tão pouco demarcadas por uma declaração de interesses sexuais me levaram à necessidade de uma mudança de estratégia de identificação, sob o risco de me manter às escondidas no interior do espaço de lazer, assim como chegou a ocorrer com um dos meus interlocutores.

Francis se sentou há um metro de mim, à direita, em um dos grandes sofás do *lounge*. Puxou assunto sobre coisa qualquer e diante do meu sotaque deu início à aproximação: *Quelle est votre nationalité?*<sup>74</sup> Homem branco, alto, magro, levemente grisalho, de 53 anos declarados, ele é engenheiro de aviação e foi o único dos meus interlocutores a não ser informado sobre as minhas motivações para estar ali. Acostumada com a dinâmica de abordagem brasileira, esperava a sua declaração de interesses, para então esclarecer meus objetivos. Neste caso ela nunca ocorreu, mesmo após mais de uma hora de conversa e companhia, até que ele começou a parecer frustrado (provavelmente dada à ausência de sinais de interesse sexual da minha parte) e se distanciou de mim. A partir de então, passei a identificar-me tão logo questionada quanto à minha profissão, temerosa por manter-me mascarada como uma espiã. Em raros casos, um convite direto à entrar na jacuzzi era a minha *deixa*.

Francis tornou-se libertino depois que a esposa o *abandonou*<sup>75</sup>, quatro anos antes de nos conhecermos. Ele foi *enganado* e, diante da separação, já com os filhos criados,

---

<sup>74</sup> Qual é a sua nacionalidade? (tradução livre).

<sup>75</sup> Termo utilizado por ele mesmo ao relatar a experiência de divórcio.

resolveu se dar a chance de *profiter de la vie*<sup>76</sup>. Ele diz frequentar a sauna com relativa assiduidade, às vezes com uma parceira eventual, outras sozinho. Segundo ele as noites abertas a todos são mais interessantes do que as noites exclusivas para casais e mulheres solteiras, porque *les choses se passent*<sup>77</sup> (com maior dinamismo, quer dizer). Segundo ele nas noites exclusivas para casais há pouca sedução, pouca movimentação, as coisas acontecem mais lentamente, enquanto os solteiros *font bouger les choses*<sup>78</sup>. Como todos os presentes, e segundo as normas da casa, ele usava uma toalha amarrada na cintura. E só.

Com exceção de alguns elogios pontuais, senão mesmo indiretos (como quando, ao me olhar, descreve que não resiste a mulheres altas, de cabelos castanhos e olhos azuis), Francis não me fez nenhuma proposta sexual ou perguntou as minhas preferências. Sequer me convidou a entrar na *jacuzzi*. Após tanto tempo juntos, entre o papo a dois e o concurso de *pole dance* que ocorreu naquela noite, ele começou a demonstrar certa frustração, traduzida em um misto de constrangimento e incômodo com relação a minha presença. Talvez estivesse já cansado de aguardar por uma demonstração qualquer de reciprocidade quanto à atração sexual. Um código corporal, um elogio, uma declaração, uma pista... qualquer coisa que pudesse ser avaliada como uma demonstração de interesse da minha parte.

Ele simplesmente se afastou, olhando pra mim ainda um tanto incomodado quando voltávamos a nos cruzar no interior do clube, sem nada mais me dizer. Eu não soube entender seus sinais, nem teria sido capaz de deixar claros os meus, ao menos não sem ofendê-lo ou contrariar as regras do jogo. Nem teria sido a minha intenção, certamente. Enquanto fosse possível manter a relação, lá estaria eu disponível a ele. Mas também não houve necessidade, ao menos não da minha parte, de uma demarcação de limites. Nem consegui identificar a oportunidade para declarar meus reais interesses naquele espaço. Por fim, me saí duplamente mal da situação.

Através de Francis fui apresentada a Letícia, uma moça negra muito magra de cabelos nos ombros e aparência jovial. Descendente de brasileiros, ele dizia. Ela nada me disse além de *salut*<sup>79</sup>, saindo envergonhada e quase aflita. Letícia foi o primeiro sinal da dificuldade que encontraria para estabelecer contato com as mulheres no interior da

---

<sup>76</sup> Aproveitar a vida (tradução livre).

<sup>77</sup> As coisas acontecem (tradução livre).

<sup>78</sup> Eles fazem as coisas acontecerem (tradução livre).

<sup>79</sup> Olá (tradução livre).

sauna. Não fui abordada por nenhuma delas, ao contrário do que foi comum entre as cariocas. Bem como elas pareciam se manter tão distantes o quanto possível, mesmo quando sexualmente interessadas em mim, esperando pela mediação de seus parceiros sexuais já instituídos.

Eu estava sentada no sofá que fica em torno da mesa do *lounge* assistindo TV (era uma tarde de quinta-feira) quando Marco se sentou na outra lateral da mesa, há uns dois metros de distância. Estávamos sós naquele ambiente. Homem de trinta e um anos<sup>80</sup>, branco e franzino, tinha cabelos não muito curtos e castanhos. Permanecemos a conversar por mais de uma hora, ele me concedeu o seu telefone e, após alguns desencontros, marcamos uma entrevista que ocorreu na sala de vídeo da Maison du Brésil, onde eu então morava. Marco parecia alimentar uma curiosidade científica por aquela conversa, tanto ou ainda mais aguçada quanto a minha. Nenhum dos meus interlocutores se manteve mais isento durante a entrevista quanto ele, sempre empenhado em relatar, mas ao mesmo tempo participar do processo de análise de suas próprias falas.

Questionar o meu posicionamento fazia parte do seu processo de entender o seu próprio modo de ver a vida e a libertinagem sexual. Marco se portou como um libertino idealista propriamente dito<sup>81</sup>, para quem o exercício sexual é apenas um aspecto secundário a um processo de aprimoramento individual. Tomar consciência de sua própria postura é parte fundamental de sua assunção e, neste sentido, a entrevista era apenas mais uma possibilidade de, ao organizar seus relatos, reavaliar a si mesmo. Marco agia reciprocamente em relação a mim a partir de questões que nos eram comuns. Ao mesmo tempo, ele era tanto minha fonte de dados quanto eu era veículo de sua autoavaliação.

Patrick e eu também nos conhecemos na sauna. Ele me olhou ao passar, passou de novo, tornou a olhar. Até que se sentou ao meu lado e iniciou a conversa. Sem perder tempo, pediu permissão para sentar-se mais próximo. Era um homem branco, alto, magro e que portava os poucos fios de cabelo que lhe restavam, já grisalhos, raspados. Tinha 43 anos e trabalhava em uma empresa de informática. Não morava na cidade de Paris nem deixou claro seu endereço. Viveu um relacionamento de oito anos com uma namorada com a qual morou junto e desde o término da relação passou a frequentar a

---

<sup>80</sup> Neste caso refiro-me a dados concedidos em entrevista.

<sup>81</sup> Os pressupostos de tal posicionamento serão conceitualmente delimitados no Capítulo 3.



sauna. Esta é a sua maneira de aproveitar a juventude antes de se casar e *crescer* (como faz pensar seus relatos), e a libertinagem sexual é apenas uma forma entre outras de fazê-lo, algo visto como passageiro e incomum no seu cotidiano.

Patrick foi de longe o mais *abusadinho* dos meus interlocutores, e de um modo geral, sobretudo quando estávamos ainda no interior da sauna. Sentou-se ao meu lado e, não satisfeito, logo pediu para sentar-se mais perto, condição na qual ficávamos com os corpos em contato direto, eu entre ele e o braço do assento, em um sofá enorme e completamente vazio. *Je peux toucher ici*<sup>82</sup>? Perguntou com o tom baixo de quem não se esforça para ser ouvido, enquanto já deitava uma das mãos na parte superior da minha coxa. Não escutei, estranhando o gesto. Repetir a pergunta foi uma segunda oportunidade de repetir a demonstração do gesto para o qual ainda pedia permissão. Respondi que não, com um riso sem graça de quem até então não estava entendendo nada. Não no que se refere à mensagem verbal, mas ao caráter inesperado do gesto corporal.

Diante da minha identificação como pesquisadora, Patrick pôde imediatamente buscar uma rota alternativa diante de seus interesses sexuais. Não libertino declarado, o rapaz conduziu com escrúpulo cada um dos questionamentos com relação ao meu posicionamento, buscando uma rota de fuga que me fizesse ceder aos seus encantos. Mesmo depois da entrevista, Patrick e eu mantivemos contato por e-mail e telefone. Ele prefere optar por idas esparsas a sauna, mas demonstrou grande disponibilidade em tornar o passeio mais frequente caso eu quisesse encontrá-lo.

Através de Patrick tive a oportunidade de conhecer Danielle, no mesmo dia, no interior da sauna. Mulher loura de meia-idade, estatura média e corpo *delgado*, Danielle teve mais interesse em saber sobre a minha vida, a pesquisa, o Brasil, do que me concedeu informações a seu respeito. Trocamos telefone e combinamos um encontro posterior, mas este nunca ocorreu.

Danielle havia me visto no clube e, segundo Patrick, me apontado e sugerido que ele me abordasse. Eles eram conhecidos do clube e haviam transado uma ou outra vez, mas não tinham o telefone um do outro ou nada parecido, segundo me disse durante a entrevista. Antes de sermos apresentadas, quando Patrick e eu estávamos conversando, Danielle se aproximou um tanto impaciente, me olhando e perguntando a Patrick se ele

---

<sup>82</sup> Eu posso tocar aqui? (tradução livre)

tinha visto *la jeune fille blonde*<sup>83</sup> passar por nós. Ele demorou a entender, o que a obrigou a repetir a mensagem diversas vezes, e eu fiquei com a sensação de que estavam falando em códigos (possivelmente em referência a mim) ou que ela estivesse ali por uma razão outra que não fazê-lo uma pergunta sobre uma mulher que ele parecia não saber de quem se tratar (possivelmente por não entender a mensagem “codificada” de Danielle).

O fato é que Danielle pediu a Patrick para me abordar, ao invés de fazê-lo pessoalmente e, mesmo quando se aproximou de nós, pareceu ansiosa e insegura, não tendo sequer me cumprimentado num primeiro momento, apesar de ter interrompido a nossa conversa e olhado para mim discretamente. Quando pedi a Patrick que me indicasse alguma amiga que talvez se dispusesse a me conceder uma entrevista ele a chamou, já que até então ela apenas nos rondava de tempos em tempos ao invés de se sentar e juntar a conversa.

Danielle ficou surpresa com o fato de eu estar lá para uma pesquisa, mas demonstrou interesse em obter informações gerais sobre o trabalho, a instituição francesa na qual estava estudando, minha vida em Paris, e me deu o seu telefone, além de ter ficado com o meu, e deixou definido um dia e horário para o nosso encontro, bem como um dia e horário para a que ela mesma entrasse em contato comigo. O fez, por uma longa mensagem, para dizer que teve um imprevisto e que estava com problemas de saúde há dois dias, mas que lamentava muito, que realmente gostaria de responder às minhas questões, e desejava boa sorte para mim com os estudos. Nunca mais vi ou fui contatada por ela, que também não sugeriu que a procurasse em outro momento. Respeitei e semanas depois eu estava de volta ao Brasil.

Danielle, assim como Letícia e uma terceira mulher com cujo marido conversei no balcão do bar, sinaliza para um comportamento feminino muito peculiar neste contexto. Esta última não apenas não dirigiu a palavra a mim como se retirou dali durante o tempo em que o marido, eu e outro rapaz nos falávamos. Letícia teve uma espécie de espasmo ao ser obrigada a me dirigir a palavra, diante das apresentações de Francis. Não por desinteresse, antipatia ou falta de educação, mas claramente por uma questão de incompetência perante a situação. A moça riu, tentou balbuciar algo em português, mas agiu como uma criança envergonhada diante de um desconhecido. Ela parecia de fato não saber o que fazer ou falar.

---

<sup>83</sup> “A jovem loira”.

Assim como Danielle, que não foi capaz sequer de me cumprimentar, quando na verdade se aproximou de nós com esperanças de que a sua sugestão de que ele viesse me abordar tivesse surtido um efeito positivo para a satisfação dos seus desejos. Ela não apenas recorreu a um antigo parceiro sexual para chegar até mim, seu objeto declarado de desejo, quanto demonstrou total incapacidade em sequer participar, mesmo que indiretamente, do processo de sedução. Vinha e voltava, ansiosa e sem jeito, buscando justificativas para puxar assunto ou um sinal positivo para que se aproximasse. Quando este ocorreu, ela veio prontamente, animada e simpática, para em seguida se frustrar com a real razão do convite.

Diana me foi apresentada por um dos funcionários da sauna. Brasileira de 48 anos a morena de cabelos tingidos de loiro, alta e de corpo esguio morava em Yvry-Sur-Seine<sup>84</sup> desde que se mudou do Brasil, quatro anos antes de nos conhecermos, junto com a filha, de 25. Era divorciada. Wagner, um *amigo* que mora em São Paulo (sua cidade natal) estava passando um único dia em Paris para visitá-la e foi levado por ela, pela primeira vez, a um estabelecimento liberalista sexual. Homem de mais de cinquenta anos, grisalho, um tanto acima do peso e parcialmente careca, é engenheiro e viaja com relativa frequência à Europa a trabalho.

Apresentados por amigos em comum, eles se conheciam há uns dois anos. Wagner é *um homem casado*, afirma Diana, rindo, e ainda *está de rolo* com outra amiga de ambos. Expansiva e simpática, a moça insistiu em vários momentos para que nos encontrássemos novamente. Mas eu queria uma entrevista e ela me apresentar os demais estabelecimentos de lazer do gênero. Trocamos telefone, mas eu jamais fui atendida ou respondida em minhas mensagens.

Esforço-me por dispor o maior número possível de informações sobre esse conjunto específico de pessoas, cujos relatos serão analisados no decorrer deste trabalho. Não foram os meus únicos interlocutores de pesquisa, mas os mais significativos no que se refere à relevância analítica dos dados disponibilizados. Exceto Airton e Aurora, os demais foram responsáveis pela abordagem<sup>85</sup> e ficaram cientes das minhas intenções de pesquisa<sup>86</sup>, me apresentando relatos voluntários quanto ao que acreditavam ser relevante para o desenvolvimento do trabalho. E mesmo estes dois

---

<sup>84</sup> Localizado no departamento de Val-de-Marne, Região administrativa da Île de France.

<sup>85</sup> Mesmo no caso de Cristian, que conheci através de um chat libertino. Ele iniciou a conversa.

<sup>86</sup> Exceto, neste caso, Francis.

foram procurados por mim apenas após terem sido consultados por nossos colegas em comum.

No mais, os contatos estabelecidos nas situações de copresença, desde as primeiras apresentações até as despedidas, passando pelas declarações de interesses de ambas as partes, a insistência na sedução ou a troca de informações, são aqui utilizados como material empírico à construção argumentativa. Nestes casos, tudo o que disseram, e que é aqui apresentado como citação de falas, foi sistematicamente reportado no caderno de campo, seja em fugas até o banheiro, ainda durante as noites de observação, seja no balcão do bar, já no fim de noite, seja no dia seguinte, durante o exercício de rememoração. As entrevistas realizadas tiveram como objetivo propor algumas perguntas mais diretas, sobretudo com relação aos dados e trajetórias pessoais, e foram gravadas com a permissão de seus concessionários, ou salvas como arquivos, no caso daquelas realizadas pela internet.

Os nomes de todos os meus informantes foram alterados em respeito à manutenção do seu anonimato e boa parte da descrição que faço quanto às suas características físicas se remetem a critérios absolutamente subjetivos, com exceção das autodeclarações destacadas durante o texto. Eu assumo as limitações de tal empreitada, com a clareza de quão questionáveis podem ser considerados tais dados diante da absoluta imprecisão com que se produziram. Ainda assim, seus próprios relatos foram utilizados como critérios para o estabelecimento dos parâmetros classificatórios, como os padrões de atratividade, classificação etária e mesmo cor da pele. Meus interlocutores delimitam em diferentes momentos o que é belo, o que é jovem e o que é branco ou negro. No mais, senão como elementos objetivos de descrição de cada um dos atores citados, espero que sirvam enquanto conjunto, diferenciado segundo um padrão dado, mesmo que impassível de precisão devido ao seu caráter subjetivo.

## CAPÍTULO 2: Com quantos pares se faz uma *suruba*?

A definição do termo *swing* (terminologia que designa uma prática sexual específica) como categoria que se remete a uma identidade situada aponta para o fato de que ser um swinger significa muito mais (ou até mesmo muito menos) do que praticar a simples troca de casais. A categoria equaciona todos os atores inseridos no contexto de sociabilidade, podendo, portanto, ser aplicada aos atores inseridos como um casal, seja ele de fato ou ocasional, bem como aos solteiros. As práticas se diferenciam, por outro lado, desde aquela praticada a partir de núcleos diádicos (ou as “trocas de casais” propriamente ditas) até a presença de um componente individual (o *ménage à trois*), variando ainda em modalidades ou atividades.

As situações de copresença analisadas se caracterizam pelo prevalecimento de um modelo de conduta que é também referência à definição do público alvo da cadeia de serviços oferecidos pelos estabelecimentos de lazer erótico, como o analisado no Capítulo 4. Ao mesmo tempo a diversidade de tipos coexistentes nesses espaços sinaliza para formas plurais de inserção neste contexto, o que é objeto de atenção específica ao Capítulo 3. A análise dessas personagens, bem como dos contextos em que se definem envolve a consideração das disjunções mais do que das aproximações entre formas de ser.

A prática do swing pressupõe, segundo a categoria de designação, modalidades sexuais públicas e/ou grupais que têm o casal como núcleo das relações. A questão é que o estabelecimento de intercursos sexuais a partir de parcerias eventuais, e portanto isentas de caráter afetivo, não é uma prática definidora das experiências swingers, mas uma incoerência que lhe é inerente.

No contexto francês a noção de *échangisme*, também referente em sentido estrito à *troca de casais*, serve para designar os “casais liberais”, sejam quais forem as práticas liberais empreendidas por seus integrantes. Inserir-se nas relações a partir da constituição de um núcleo diádico diferencia esses atores não apenas no que se refere a possibilidades dadas no contexto de sociabilidade como também entre si.

Casais *échangistes* não são necessariamente libertinos, as categorias swinger e *échangiste* referindo-se a uma identidade agregadora, subordinada a e baseada em um arranjo conjugal, enquanto a noção de libertinagem está relacionada a uma identidade

individual. Assim também esses casais podem se constituir por membros político-filosoficamente engajados, os *verdadeiros libertinos*<sup>87</sup>, bem como por arranjos reais ou ocasionais em termos afetivos, o que será o foco analítico do próximo capítulo.

A questão é que o termo *swinger* remete diretamente ao casal como núcleo relacional, enquanto na prática designa todos aqueles que estão inseridos neste contexto liberalista sexual, independente da formação de arranjos conjugais ou do seu caráter. Refere-se às práticas (senão simplesmente à copresença no contexto do clube) como referencial identitário.

Não há uma categoria específica para a designação dos solteiros<sup>88</sup> presentes no contexto liberalista sexual brasileiro analisado equivalente ao termo *libertino*, bem como estes podem reverter a sua condição em situações dadas. Tal confusão é dada devido à plasticidade do exercício do celibato, identificada em ambos os espaços de sociabilidade, mas que parece não se concretizar na efetivação de um posicionamento individualizado no espaço de sociabilidade *swinger*.

A formação diádica é, portanto, um imperativo paradoxal, dado contradizer a diversidade inerente ao contexto inter-relacional. Ao mesmo tempo, o que poderia ser apreendido como uma negação do celibato como forma legítima de inserção infere sobre uma maior plasticidade dada aos solteiros e suas diferentes formas de posicionamento. *Swingers solteiros montados* como um casal são tão *swingers* quanto *swingers casados* constituindo um *casal de fato*, já que a estes é possível experimentar práticas sexuais com casais sem necessariamente a constituição de arranjo semelhante. As formas de classificação que evidenciam tais variações entre “solteiros” e “casais” são dadas simplesmente a partir da adjetivação da entidade social valorizada como base das relações, mas não são menos relevantes aos sujeitos em copresença.

Estas entidades sociais (casais de *swingers* de fato e *libertinos* político-filosóficos) são a existência transcendente, bem como a essência pressuposta como basilar a modos de ser e de portar-se que assim as definem. As práticas liberalistas sexuais vigentes em cada um dos contextos de observação refletem essas formas abstratas de ser, referindo-se a elas mesmo ao delas se distanciar. Ao mesmo tempo é

---

<sup>87</sup> Categoria Nativa.

<sup>88</sup> A categoria solteiro é aqui destacada como elemento de identificação e inserção no contexto de interação, e não como estado civil real ou declarado. Refiro-me aos atores que se apresentam sós nos espaços de sociabilidade, em contraste com aqueles que constituem um casal, mesmo que ocasionalmente. Ser um solteiro no espaço público de sociabilidade é, portanto, inserir-se individualmente, mesmo que em companhia de casais.

em torno da sua construção que se estabelecem modelos de conduta pública em cada um dos contextos analisados.

Em se tratando de práticas colocadas em questão por seus próprios adeptos, a definição de tais referenciais de conduta é o operador a partir do qual é possível que se concretizem. Por outro lado, libertinos e swingers, solteiros ou casais, se diferenciam acima de tudo a partir das operações morais acionadas em torno da efetivação de suas ações, ou por diferentes formas de administração do bem (segundo os termos de WERNECK, 2012).

Tomadas como referencial de conduta, tais personagens simplificam as possíveis disjunções entre modelos de conduta e práticas, resumindo-os a diferentes reapropriações em torno do estabelecimento de formas de ser. Mais do que um padrão comportamental o qual deve ser seguido, este se caracteriza finalmente como um referencial passível de ser reapropriado de forma múltipla e com relação ao qual todos esses atores se posicionam de uma forma ou de outra. Importa menos a ele corresponder do que a ele referir-se. A disputa, novamente sobre os termos de Werneck, ultrapassa a dimensão do conflito em torno de uma diversidade de modelos possíveis (seja enquanto mera fase de construção da carreira liberalista sexual ou no que se refere a assunção de um posicionamento ideológico), e centra-se nas diferentes possibilidades de variação a partir desse referencial comum, porém apreendido de formas diversas.

A concretização das ações perpassa, portanto, a construção de um quadro abstrato que dê conta dos modelos mais do que dos conteúdos vigentes em cada um deles e é aqui que se encontram as entidades sociais do swing ou da libertinagem. Os posicionamentos não estão centrados na conformação estrita, ou sequer na reprodução de uma forma de portar-se em sentido amplo, mas em tornar concretas ações situadas.

Tal proposta analítica *é oriunda da necessidade de um enquadramento das ações em um plano no qual as circunstâncias façam parte de um continuum de possibilidades referenciais e não de um conjunto de desvios lógicos* (WERNECK, 2012: p. 288), e está centrada sobretudo nos seus efeitos. É possível desta forma apreender um contexto no qual a moral, enquanto plano de gestão do bem, não envolve um regime de justificação operado segundo um “bem comum”, mas a partir de uma gramática dotada de dois ou mais referenciais de “bem”. Estes atores, portanto, estão menos voltados para a definição ou apreensão do “bem comum” com referência ao qual devem portar-se do

que para a definição de *bem de todos* capaz de tornar concreta uma determinada ação ou posicionamento em dada situação.

Passamos de um referencial *a que* (quanto a um padrão geral e supostamente monolítico) para um referencial *a quem* (quanto a uma específica inserção em dada situação) que favorece a apreensão da complexidade do contexto inter-relacional. Este não é apreendido a partir da prevalência, mas sim segundo a diversidade de possibilidades, destaca o autor.

Por fim, tal conceito será acionado em função da apreensão de diferentes dimensões do contexto inter-relacional. Interessa-me, sobretudo, apreender os processos através dos quais as ações recíprocas são estabelecidas entre os atores em dada situação.

Temos em parte das situações analisadas um regime de bens centrado na valorização dos laços afetivo-sexuais e no cultivo do casal. Superficialmente, o arranjo conjugal aparece como o objeto e o seu desenvolvimento é um fim em si mesmo. As práticas sexuais de caráter público e/ou grupal são assim destacadas como ferramentas de cultivo da relação interindividual e não dos indivíduos que dela fazem parte. Mas ao mesmo tempo o caráter personalista a partir do qual se estabelecem, constroem e mantêm esses arranjos confere aos seus membros um valor inalienável, bem como se remete a um modelo de vida privada: o casamento.

O contexto liberalista sexual ao mesmo tempo em que disponibiliza espaços e instalações, propõe um modelo de ação, oferecendo um referencial que é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo com relação ao qual todos esses atores podem direcionar-se. Em seu processo de efetivação entre os *casais de fato*, é dada a possibilidade de que as experiências do casal se abram em termos sexuais, em favor de uma maximização do prazer. Tal abertura, porém, também favorece o exercício de uma maior autonomia aos seus membros com relação à realização de seus desejos e fantasias. Esta forma de relacionar-se se assenta, sobretudo, como uma ferramenta de cultivo do casal enquanto núcleo e entidade social. Ao mesmo tempo, estes se reapropriam de tais modelos segundo circunstâncias dadas, em função da concretização das suas ações de acordo com aqueles com os quais se relacionam e, portanto, determinadas situações de interação face a face.

Kaufmann (1999) demonstra como o arranjo diádico monogâmico exclusivista se mantém ainda na contemporaneidade como o modelo dominante de vida privada. Ao



mesmo tempo, o casamento “moderno” baseia-se em uma supervalorização do indivíduo e da individualidade como a base para o estabelecimento de relações afetivo-sexuais. O casal se constitui a partir do pressuposto de excepcionalidade dos parceiros, bem como de uma identificação mútua que parte dessas mesmas características individuais. Ao mesmo tempo, os desloca e absorve, centrando-os em função da própria relação: o apartamento dos amantes do seu entorno social, segundo Costa (2005) define, finalmente, o caráter associal de tal formação, como em um mundo paralelo e autossuficiente.

Se por um lado a singularidade do ser é a base da justificação da própria relação, ao interpelar o indivíduo ao comprometimento para com uma existência em coparceria esse arranjo dele exige um posicionamento altruísta, que o torna capaz de voltar-se para a relação em função de um desenvolvimento comum. O pressuposto da individualidade é um paradoxo diante da relativa supressão desta em favor do conjunto diádico e, ao mesmo tempo a sua valorização como a sua base. Por outro lado a formação diádica mostra-se, finalmente, um espaço legítimo ao desenvolvimento do indivíduo. Integrar tal arranjo é não apenas uma forma legítima de desenvolvimento pessoal, como também uma das suas fases, senão seu estágio final de amadurecimento.

Desta forma, os *casais de fato* conciliam dois regimes de bens. O primeiro, centrado no casal como uma unidade autossuficiente que é resultado de uma forma individualizada de identificação, em um primeiro momento, e de autorrenegação, em um segundo momento. A formação diádica exige de seus membros certo grau de sacrifício dado basear-se em uma agregação das identidades individuais em favor da constituição de uma existência autorreferida. O casal se constitui, portanto, como um arranjo dual cuja efetivação perpassa a construção de uma vida em comum, de projetos e objetivos traçados em conjunto e cuja realização requer a subordinação dos interesses e vontades individuais. Ou ao menos a renegociação destes em favor daquele.

O conjunto monogâmico exclusivista só faz sentido a partir de uma relativa supressão das vontades individuais em favor do todo dual, mas por outro lado se baseia justamente na excepcionalidade das partes e no caráter altruísta com que estas se sacrificam em favor de um nós. Tal paradoxo é superficialmente resolvido pelo estabelecimento de um regime de bens no qual o arranjo conjugal é o valor e a sua manutenção objeto de cultivo compartilhado. Reverte-se o direcionamento das ações de um foco individual de interesses para a própria relação e esta assume, portanto, o caráter

de bem comum. A individualidade dos membros é seu motor e ao mesmo tempo elemento de desestabilização, como afirma o próprio Kaufmann (1999). Uma vez suprimida, a relação perde a sua base, devendo assentar-se em outra forma a expensas de sucumbir.

Os casais de swingers e *échangistes* baseados em um elo afetivo-sexual apreendem suas experiências sexuais coletivas como parte de um processo mutuamente engajado em favor do cultivo da relação conjugal, o seu desenvolvimento e aprimoramento, ao contrário os casais montados ou ocasionais. Estes estabelecem parcerias prévias em favor da maximização do prazer individual no interior do espaço de sociabilidade, seja pela potencialização das coparcerias, seja pela realização de fetiches específicos. O arranjo “conjugal” nestes casos é apenas um meio em função de um fim. Contrariamente, os casais de fato buscam no espaço de sociabilidade a potencialização do prazer do casal, as formas de sexualidade coletiva são apreendidas como ferramentas de aprimoramento da relação, um meio compartilhado em função de um fim compartilhado: o bem do casal.

Mas a abertura sexual não é percebida como um movimento definitivo. Esses casais não empreendem uma forma de *relação aberta*, na qual se estabelece um contrato de exclusividade afetiva isento do caráter de exclusividade sexual. Eles baseiam-se na monogamia como modelo de vida a dois, acionando as categorias ciúme, fidelidade e exclusividade sexual como elementos definidores de suas relações. Ao mesmo tempo, o cerceamento do desejo ao âmbito conjugal é apreendido como uma *hipocrisia*, bem como um elemento potencialmente desestabilizador.

O reconhecimento da individualidade dos membros da relação perpassa o reconhecimento da amplitude do desejo individual, sem que esta necessariamente contradiga a efetividade dos laços. A base da relação conjugal é o comprometimento individual com um projeto comum, motivada por um elo afetivo de reconhecimento e valorização mútua. Compartilhar gostos e necessidades é também reforçar a importância da excepcionalidade do ser amado, bem como reafirmar a concretude dos laços que mantém o casal unido. Assim é possível compartilhar a própria individualidade: não apenas o cotidiano, os projetos ou objetivos comuns, mas o imaginário mais íntimo do parceiro.

É justamente neste ponto que se encontra o deslocamento para um segundo regime de bens, centrado no indivíduo como um valor, um ser autônomo dotado de

necessidades e interesses e como tal engajado em um projeto de cultivo mútuo. A abertura de um espaço de negociação, capaz de reverter relativamente as bases do próprio arranjo afetivo-sexual, favorece a conciliação de ambos os referenciais valorativos. A exclusividade sexual, como afirmo acima, é revertida em uma forma social de experimentação sexual em caráter conjugal. Assim também aos membros de uma relação é dada a possibilidade de realização de desejos que extrapolam o contexto dual.

Paulo e Renata relatam que o casamento de doze anos é a terceira relação conjugal vivenciada por ele e a segunda por ela. Praticantes do swing desde o início da relação eles narram suas experiências como um casal como a mais completa já vivenciada por ambos individualmente. Paulo teria traído as duas primeiras mulheres e acredita que uma das razões do sucesso e perenidade de sua relação com a atual esposa é o fato de poder compartilhar com ela o desejo por outras mulheres. Ao mesmo, ambos e em conversas separadas comigo, creditam ao swing a manutenção de uma atividade sexual frequente e altamente satisfatória, afirmando que o as práticas coletivas não só não substituem como potencializam as experiências diádicas: *A gente volta pra casa e ainda transa de novo, me diz Paulo, e é a melhor transa da semana.*

Bartell (1972) em seus estudos sobre a sexualidade de grupo nos Estados Unidos destaca semelhantemente que os seus interlocutores têm sobretudo a convicção de que o swing reforça um bom casamento. Por essa razão, alguns casais desejam praticá-lo apenas com outros casais que se beneficiem da mesma *saine et solide union*<sup>89</sup> (p. 21).

Entre os *casais de fato* e os *casais ocasionais* (ou *casais montados*) presentes no clube de swing observa-se um jogo aparentemente semelhante àquele empreendido por verdadeiros e falsos libertinos. Mas apenas em termos de aproximação semântica. Não se está questionando diretamente aqui a efetividade da identidade swinger no que se refere às formas modelares de comprometimento para com a construção de uma carreira liberalista sexual, mas dos laços declarados. Esses jogos de delimitação envolvem outras questões, que se referem sobretudo à veracidade dos laços subjetivos que unem os membros de um casal. Por outro lado, essa estratégia pode e é utilizada muitas vezes apenas como uma forma de maximizar (ou simplesmente diferenciar) o estabelecimento de coparcerias sexuais pelos solteiros.

---

<sup>89</sup> Saudável e sólida união (tradução livre).

Os solteiros, desta forma, reverterem a lógica de efetivação das práticas empreendidas entre casais. Ao constituir casais montados, eles acionam um regime de bens autocentrado: um *bem de si*. Menos relevante, na perspectiva dos casais de fato, por estar deslocado de um referencial *superior*: o cultivo de uma relação estável entre duas pessoas que se amam e, portanto, assumem um posicionamento relativamente altruísta em função de tal arranjo.

Já no contexto da libertinagem a constituição de arranjos conjugais é apenas uma variação possível em torno de um posicionamento liberalista individual. Bem como a libertinagem pode ser vivenciada individualmente por membros de um casal, a formação de casais ocasionais entre solteiros implica em uma variação de posicionamento que se refere apenas a um caráter situacional. Importa neste caso a forma de inserção neste contexto, variando entre estar só ou acompanhado, mais do que a que isto pode se referir fora dele. A correspondência a um modelo monogâmico exclusivista ou a uma forma ideológica de posicionamento individual implicarão em diferenciações outras.

Da mesma forma, a prática liberalista sexual, segundo esta perspectiva de direcionamento, não deve estar subordinada ao arranjo dual ou ser acionada como ferramenta de preservação do casamento.

Christian remete a si mesmo como *libertino*, assumindo as relações *échangistes* que vivencia, e que são integrantes ao seu relacionamento de apenas quatro meses com Catherine, uma moça também *libertina*, como práticas atreladas ao seu *estado conjugal* atual, mas que não definem a sua identidade individual. Ser *échangiste* é para ele, assim como ser *swinger* entre os meus interlocutores brasileiros, uma identidade do casal, e não dele individualmente. A questão é que a reivindicação de uma identidade individual é presente e constante para Cristian, dado que é através dela que ele se autodefine e que ele relata suas experiências, seja àquelas vivenciadas em casal ou solitariamente.

Ele é um *libertino* vivenciando relações *échangistes* com uma namorada que é também *libertina*. Durante um relacionamento anterior, com uma moça não *libertina*, ele teria suspenso as suas práticas sexuais de caráter coletivo em favor do pacto de fidelidade assumido pelo casal, mas a moça sabia que ele era *libertino* antes de conhecê-la e eles permaneceram juntos durante dois anos, período durante o qual ele diz ter sido fiel.

Por outro lado, ser *échangiste* não implica necessariamente em ser *libertino*, diferenciação que foi realizada pelos três rapazes franceses entrevistados de forma absolutamente espontânea, bem como por alguns de meus interlocutores no interior da sauna. Segundo todos eles há casais que buscam tais experiências simplesmente como forma de revigorar suas vidas sexuais. Tornam-se, portanto, *échangistes* no que se refere às práticas, mas não *libertinos* no que se refere às identidades e posicionamentos individuais.

Direta ou indiretamente, eles sugerem que tais posicionamentos possuiriam um caráter “menor”, quase imoral no que se refere a uma inversão do comportamento libertino “ideal”. Esses casais não seriam os únicos “*maus libertinos*”, mas talvez o seu protótipo: são “espécies de caricaturas” dirá Patrick, ele mesmo um *não libertino* declarado, e que nunca estabeleceu práticas de libertinagem com suas namoradas, nem se envolveu emocionalmente com uma moça libertina. *Libertinar* apenas para “salvar” o casamento, *reascender a chama*, ou mesmo em busca de satisfação sexual parece ser o mesmo que vivenciar a libertinagem de uma forma limitada e interesseira e não como parte de um processo maior e mais amplo.

A libertinagem ideológica é exclusivamente um meio de cultivo do indivíduo. A prática da libertinagem em casal, passível de ser classificada como *échangisme*, é, portanto, vista apenas como uma forma de exercício da identidade individual a partir de um arranjo dual, segundo os meus interlocutores parisienses. A partir desses relatos é possível perceber que, assim como a constituição de um casal montado em companhia de um parceiro passaporte, a prática entre casais de fato se efetiva segundo a mesma lógica que a libertinagem sexual individual. Partilhar de um intercuro coletivo com alguém a quem se ama é apreendido sobretudo como uma forma de exercício da autonomia e liberdade individuais. Tão valorizada que, finalmente, incide sobre o estabelecimento de uma relação a dois cujo sentido não lhe é inerente. A relação conjugal é mero aspecto da vida dos sujeitos. Valorizada, sim, mas não como um fim em si mesmo.

Segundo essa perspectiva, os swingers são *falsos libertinos*. Segundo a visão dos swingers, libertinos são *casais montados* em potencial, cujos laços são falsos e, portanto as identidades passíveis de julgamento. Libertinar para fortalecer o casamento é uma prática tão cínica quanto *swingar* por autoproveito.

Trata-se aqui muito mais do que da satisfação de desejos sexuais, ou de formas de obtê-la, mas de modos de vivenciar a sexualidade ou práticas sexuais específicas. Os

meus interlocutores estão versando sobre as suas percepções de indivíduo, bem como das relações em que se inserem. Finalmente, versam sobre um modelo de vida íntima, assentado em uma instituição cujo desenvolvimento está atrelado ao advento do individualismo como um valor na “modernidade”: o casamento.

O casamento não é uma instituição moderna, sequer uma peculiaridade das chamadas sociedades ocidentais, mas assume um caráter específico nos dias atuais e que é fruto de um processo histórico que em muito dialoga com o processo de valorização do indivíduo e das relações interpessoais.

O amor moderno se assenta no pressuposto da individualidade e excepcionalidade do ser amado, o casamento se constituindo como uma troca relacional íntima e pessoalizada. Ao mesmo tempo, enquanto entidade social, o casal se constitui como uma agregação dessas identidades, podendo ser ao mesmo tempo apreendido como instância de exercício da personalidade e o seu supressor. O laço interpessoal, basilar ao desenvolvimento do amor (e institucionalizado em casamento) moderno pressupõe esse tipo social dotado de autonomia e singularidade e ambos esses valores se desenvolveram concomitantemente. E o principal aspecto relacional, característica diferencial à união de dois indivíduos na pequena sociedade marital é justamente a atividade sexual (ao menos em tese).

Luhmann (1991) demonstra que é ainda na Idade Média que a instituição matrimonial começa a ganhar destaque progressivo como reduto legítimo ao exercício da sexualidade.

Partindo de uma ascese extramundana, a ideologia cristã católica baseia-se em uma percepção do celibato como o exercício de uma vocação divina, e a forma legítima de vida é aquela que é devotada ao aprimoramento espiritual e, portanto, a abstinência de prazeres carnis. Consequentemente, *[L]’apologie de la solitude chaste avait nécessairement jeté un doute sur le mariage*<sup>90</sup>, dirá Kaufmann (1999). A efetivação do casamento como um sacramento cristão exigiu, portanto, o estabelecimento de uma doutrina capaz de diferenciá-lo do pecado da carne. No século XII ele passa a se constituir como a única instância legítima ao exercício da sexualidade, traduzindo-se em emanção do amor divino, partilha da caridade individual, em contraposição ao amor corporal impulsivo.

---

<sup>90</sup> A justificativa em favor da castidade celibatária necessariamente colocou em dúvida o casamento (tradução livre).

As práticas sexuais conjugais são moralmente aceitáveis em função da obediência a um preceito divino: *crecei e multiplicai-vos*, mas o seu caráter sacramental inscreve a relação conjugal como apenas um dos aspectos da vida religiosa. O casamento permite o exercício legítimo da conjunção carnal, mas o prazer sexual contradiz o preceito básico cristão: o de uma vida no espírito. Assim sendo, o exercício da atividade sexual deve ser também sujeitado ao escrúpulo minucioso.

O sentimento amoroso resulta de um amalgama de noções absurdas, dirá Kaufmann (1999). Um equilíbrio instável em torno de um conjunto antagônico de fatores, desde a personificação cada dia mais pronunciada do sentimento e seu caráter transcendente até uma herança dogmática histórica. O século XVIII é destacado pelo autor pela emergência de um sentimento intermediário entre o sexo e o amor divino: o amor matrimonial emergindo como uma espécie de paixão doméstica. Esse sentimento, curiosamente, apresenta-se como um elemento desestabilizador da instituição devido aos efeitos diretos dos seus pressupostos mais básicos: repousar sobre uma escolha mútua ao menos relativamente autônoma, *[e]t sachant sur cette base constituer une équipe soudée, une efficacité d'organisation, un échange relationnel intime, une ambiance agréable, un respect de l'autonomie de chacun*<sup>91</sup> (KAUFMANN, 1999 : p. 60).

Transformações e crises à parte, o casamento permanece como o modelo dominante de vida privada até os dias de hoje, a centralidade da figura do casal sendo apontada como o núcleo de sociabilidade no contexto urbano moderno por diferentes autores (FOUCAULT, 1997; GIDDENS, 1993; SIMMEL, 1993). Ao mesmo tempo os laços afetivos pressupostos como elo estável a tal arranjo sexual acionam referenciais morais em torno de símbolos judaico-cristãos que tem na centralidade das relações diádicas monogâmicas heteronormativas a sua base valorativa.

A partir da perspectiva aqui assumida, e assentada nos dados coletados em campo, pode-se perceber, ao contrário, como esses sujeitos se reapropriam dessas referências durante o processo de efetivação de suas práticas. É no diálogo consigo mesmos e através das relações estabelecidas nos espaços de sociabilidade que reconstroem e exercitam suas percepções de si como indivíduos inseridos ou não em relações afetivo-sexuais. Da mesma forma, estas refletem diferentes gradações de valorização do indivíduo como sujeito autocentrado, racional e autônomo.

---

<sup>91</sup> E sobre essa base constituir uma equipe sólida, organizacionalmente eficaz, uma troca relacional íntima, um ambiente agradável, bem como um respeito pela autonomia de cada um (tradução livre).

É através desta contrapartida que libertinos e swingers estabelecem novos parâmetros para se relacionar afetivamente. Os relatos obtidos entre os primeiros refletem um complexo contexto de construção identitária no qual aos sujeitos são demandadas as competências para traduzir em comportamentos as suas escolhas ideológicas. Incitados a se autodefinir, a esses atores é imputado o poder de construir a sua própria individualidade, como um processo autônomo e autárquico. A sobrevalorização do indivíduo implicando em um sistema interno de classificação entre os tipos sociais presentes na sauna que aliena os processos de ajustamento a comportamentos tidos como adequados às práticas da libertinagem sexual. Os relatos obtidos entre os segundos centram-se em uma apreensão da relação conjugal como parte da formação dos sujeitos e a sua inserção social. É na admissão da interdependência, bem como a sua supervalorização, que a individualidade encontra o seu apogeu. Ao mesmo tempo, é a partir do contexto de interação que são assimilados comportamentos e construídas as trajetórias, que na prática são autônomas quanto a este modelo dual.

Identificam-se dois contextos complementares em termos analíticos. Mais do que opostas, as situações sociais vivenciadas na sauna libertina e no clube de swing dialogam entre si a partir de um mesmo tema: o desenvolvimento individual. A forma como este deverá se dar reflete específicas apreensões da noção de indivíduo e do papel das relações que estabelecem em favor do seu cultivo. Kaufmann (1999) afirma que o casal não pode se formar senão pela fusão de uma fração das identidades individuais dos parceiros e que, ao se constituir um *nós* é possível se manter a *si mesmo* apenas sobre o controle e dentro certos limites. Mas esses limites não são tão predefinidos quanto parecem. É certo que, ainda segundo o autor, a integração familiar direciona a trajetória para outro curso, mas a vida a dois não precisa ser tão previsível quanto pensa a vã moral judaico-cristã.

Em ambos os contextos cada uma dessas variações classificatórias, ou formas de inserção possíveis, estabelecidas e aplicadas nas situações de copresença infere sobre as relações estabelecidas.

O contexto liberalista sexual permite uma transposição da própria lógica de efetivação dos arranjos afetivo-sexuais, sem com isso necessariamente revertê-la. Promove uma abertura para fora, podendo ser tratada como uma forma situada de superação do caráter associal do arranjo monogâmico exclusivista. O mesmo não implica em dizer que se trate de uma forma de gestão da infidelidade (NAYAK, 2008)



ou do estabelecimento de um contrato de consentimento ao adultério (VON DER WEID, 2008). O elemento de diferenciação entre casais de fato e casais ocasionais se refere justamente ao caráter comum com que os primeiros vivenciam as experiências sexuais públicas e/ou grupais. Se não há violação da fidelidade conjugal não pode haver adultério. Uma vez consentido, portanto, o intercursos sexual extraconjugal torna-se inerente à relação e efetivada entre si pelos membros do casal. Falar em adultério consentido é antes de tudo uma contradição semântica.

Não importa com quantas pessoas cada membro de um casal de fato faça sexo, uma vez juntos tal contexto é apreendido como parte do exercício sexual do casal.

*Se não me chamar eu vou ficar puta, isso pra mim é traição* afirma Mariana, namorada de Theo e iniciante no swing. *Se ele tá a fim de comer uma mulher, então eu quero ver, quero participar da brincadeira, aí tudo bem. Senão é traição e aí eu não aceito.* As idas ao clube, segundo ela, os permite exercitar suas fantasias sexuais. Ela, especificamente, ainda espera o dia em que finalmente o virá na cama com outra. Tal desejo, alimentado por Mariana, não se trata de uma fantasia pervertida em torno de uma experiência vitimada de adultério, mas é parte da construção da libido do casal. O ciúme pode aparecer como um elemento secundário, capaz de tornar a ocasião ainda mais excitante, mas é o próprio risco que alimenta a fantasia. Como será vê-lo com outra? E como será ser visto nessa situação? Da mesma forma, enfrentá-lo é uma demonstração de confiança e companheirismo. A experiência sexual coletiva é apreendida pelo casal, portanto, sobretudo como um processo de aprimoramento da própria relação.

*C'est um plus*<sup>92</sup>, me diz Cristian. O rapaz descreve as experiências *échangistes* vivenciadas com sua namorada também libertina como um momento de intimidade a dois. É no exercício da individualidade de cada um que a relação se efetiva e fortalece. A experiência sexual a dois ou grupal é antes de tudo produto de um comprometimento mútuo. Manter contato com ela, segurando a sua mão ou simplesmente através do olhar, é uma forma de compartilhar do seu prazer, diz o rapaz, mesmo que este esteja sendo vivenciado através do corpo ou dos estímulos de terceiros: *c'est quelque chose que nous partageons*<sup>93</sup>.

Contextualmente, durante a experiência coletiva, ambos os membros da relação afetivo-sexual se relacionam socialmente como uma unidade. Entre os brasileiros isso

<sup>92</sup> É algo a mais (tradução livre).

<sup>93</sup> “É algo que compartilhamos”.

pode levar a assunção de nomes públicos, codinomes de designação utilizados no estabelecimento de contatos entre parcerias sexuais (em sites e chats) bem como por casais de iniciados, sobretudo quando estes se inserem profissionalmente no mercado de entretenimento swinger, como promoters de clubes e eventos. Uma vez alçada uma posição de destaque nas redes de relação, os nomes públicos se sobrepõem às identidades individuais. Senhor e Senhora Swing, ou simplesmente Casal Safadinho servirá para designar os parceiros em copresença.

São as negociações em torno das práticas empreendidas que tornam essas experiências efetivamente parte da sexualidade do casal, assumindo nas situações observadas pontos de partida diferentes. Ao mesmo tempo, a superação do caráter “associal” da relação afetivo-sexual favorece também uma maior liberdade aos seus membros. E é nesse processo de negociação que são também conflitadas as demandas individuais e as demandas do casal como unidade dual.

O caráter compartilhado da experiência insere o casal de fato (apreendido como um ator dual) em um contexto social de cultivo “individual”, mas não apenas do indivíduo. Ao estabelecer parcerias sexuais, os casais se portam e apreendem como uma formação simbiótica entre dois sujeitos. O caráter monogâmico exclusivista é dado pelo pressuposto altruísmo com que se constituem essas entidades sociais cuja base é o afeto. O que diferencia uma perspectiva da outra é o ponto de partida ao comportamento liberalista. Entre os meus interlocutores swingers, o próprio casal, entre os meus interlocutores libertinos, o posicionamento individual.

Enquanto aguarda pela realização das fantasias do casal, Mariana pode colocar em prática um gosto que toma quase que como um hobby: *Pra mim a mulher é um ser perfeito* [e assim descreve seus seios e bundas com água na boca] *ao qual falta um pênis: aí eles entram*, me fala sorrindo. Theo não sabe, mas Mariana coleciona algumas experiências bissexuais anteriores ao relacionamento, e a moça não disfarçou a desenvoltura com que me tentava me seduzir. Apesar de ainda frustrados com as fantasias à espera por serem realizadas, ambos estavam dispostos a buscar novas experiências e acreditavam ser o clube o espaço ideal para tanto.

É possível observar nestes casos exemplares como as experiências de caráter liberal centradas em um núcleo afetivo-sexual a ele se refere a todo o momento. Por outro lado, objeto de cultivo que requer comprometimento mútuo a um código comunicativo específico, a relação de conjugalidade é também apreendida como um espaço para o desenvolvimento de si e, sobretudo, de autoproveito. Potencializar o

prazer passível de ser obtido a partir da relação a dois é também uma forma de maximizar o autodesfrute. A agregação de coisa a outra - os membros de dada relação ao arranjo que constituem - é o que diferencia a experiência liberalista sexual desses conjuntos de atores dos demais solteiros ou casais ocasionais e, finalmente, das práticas libertinas sexuais individuais. Ao mesmo tempo, o próprio comprometimento conjugal é apreendido um processo pessoal de desenvolvimento e adequação a um modelo de vida privada típico à determinada fase da vida. A questão é que tal relação pode se estabelecer como um meio de autocultivo, ou como um fim em si mesmo, e isso por fim implica em diferenças significativas quanto às percepções sobre si.

As restrições de entrada têm por outro lado outras implicações. No clube brasileiro as regras estabelecem barreiras para clientes desacompanhados em uma das principais noites da semana: a noite de sábado. Às mulheres solteiras é dada a possibilidade de um convite de um casal, ou contar com a sorte de serem liberadas pelos administradores mesmo desacompanhadas, o que na prática não é tão complicado. Aos homens solteiros, então, cabem estratégias de inserção que lhes permitam superar a sua “condição” conjugal. Daí decorre basicamente dois tipos de fenômenos: a formação de *casais ocasionais* entre solteiros e de *casais por contrato*, constituídos entre clientes e profissionais do sexo.

Assim se constituem os *casais montados*, segundo Airton, ele mesmo um solteiro que tem por hábito ir a festas e clubes acompanhado de amigas, em favor de seu gosto por práticas de *ménage féminin* (ou intercursos sexuais entre duas mulheres e um homem). Da mesma forma que há preferências (senão exclusividade) com relação às atividades swinger praticadas, há quem se relacione unicamente com *casais de fato*, mas não com *casais montados*, e vice-versa, me confidencia. Ao mesmo tempo, uma coisa é a entrada no estabelecimento de lazer erótico, outra a inserção em *grupos organizados*<sup>94</sup>, ou o estabelecimento de redes de contatos, cuja sociabilidade inclui festas privativas e encontros extraclubes.

Ser um casal tem implicações diretas especificamente para a inserção nas práticas swingers, em que tende a assumir uma dimensão simbólica diferenciada. Passar-se por casal, em ambos os contextos de sociabilidade, é uma estratégia acionada pelos clientes com vias a potencializar a sua capacidade de inserção nas práticas sexuais de caráter público e/ou grupal. O arranjo diádico prévio contribui para o

---

<sup>94</sup> Ver Becker, 2008.

estabelecimento de parcerias de todo o tipo, desde trocas de casais, até *ménages* e, finalmente, intercursos grupais. Afirmar-se como um casal de fato, por outro lado, lhes confere uma identidade altamente valorizada a uma plena inserção nos grupos de sociabilidade em sentido mais amplo.

Olívia Von der Weid (2008) aponta para os solteiros como elementos desestabilizadores das relações no meio swinger e para uma forma de inserção transversal. Da mesma forma que tais práticas se definem a partir de uma base diádica, os casais se constituem como o público alvo do estabelecimento analisado, bem como núcleo das redes de relações. Os solteiros assumindo, segundo ela, um papel coadjuvante, de fetiche, dada a sua incapacidade em inserir-se plenamente. Solteiros não podem ser swingers no sentido estrito do termo, pois não estabelecem de fato as tais “trocas” ou inversões, não têm o mínimo necessário para tanto: um laço conjugal. Mas entre o sentido estrito e as práticas variam sobremaneira as *situações*.

Por outro lado os dados obtidos apontam para a centralidade da sua participação, bem como para a possibilidade de experimentação de uma identidade swinger, mesmo que diferenciadas. Airton destaca a atenção que os confere um tratamento diferenciado nas festas, como a oferta de garotas de programa disponíveis aos solteiros mais inibidos, ainda em processo de iniciação.

Fazer parte de um arranjo dual não é condição para a construção de uma carreira liberalista sexual ou sequer a sua manutenção. A frequência ao clube acompanhado de ao menos uma pessoa potencializa o estabelecimento de parcerias e, portanto, a experimentação sexual. E é através das práticas que são definidas as identidades. Mas isso não significa dizer que os solteiros sejam menos praticantes de atividades de caráter swinger do quaisquer outros frequentadores do clube. O exercício sexual, senão ao menos o interesse, caracteriza estes swingers. O que eles não praticam, certamente, é a *troca de esposas*, mas esposas não são objetos passíveis de serem negociados por ninguém. E os dados apontam ainda para uma maior tendência ao que poderíamos chamar de troca de maridos e *suruba* entre esposas...

Mas assim também se delineia um contexto que de alguma forma culmina com, senão até mesmo demanda a, uma recorrência de posicionamentos sínicos quanto à formação de arranjos diádicos entre clientes solteiros. Os brasileiros Theo e Mariana se apresentaram para mim como marido e mulher, só depois de algum tempo esclarecendo os detalhes sobre o seu relacionamento (eram apenas namorados), bem como Tatiana e

o companheiro e Elise e Hélio, estes namorados em situação de coabitação. Esses casais parecem menos preocupados em oficializar as suas relações entre si do que em supervalorizar tais laços no contexto intraclube. Nenhum deles se tratava de um casal montado, mas promover o próprio relacionamento a um estágio superior é uma estratégia acionada em favor de uma melhor aceitação pelos parceiros em potencial. *Lá embaixo a gente disse que era casado*, me disse Laura em determinada parte da nossa conversa.

Dado o ideal libertino se constituir a partir de uma identidade individual e que extrapola e independe do estatuto civil ocasional, portanto, a carreira à qual se pode ou não estar engajado neste contexto é a de libertino e se esse libertino está ou não inserido em práticas *échangistes* é outra história. Da mesma forma, todo ato sexual empreendido neste contexto se caracteriza como uma prática de libertinagem, independente do número de parceiros envolvidos. Há menos cobrança sobre *aquilo que se é* de fato, no que se refere aos estados civis declarados, do que sobre *como se faz* como indivíduo, membro ou não de um arranjo conjugal.

Um swinger solteiro é um contrassenso, mas nem por isso menos real. É o elemento-chave a uma das práticas mais comuns nesse contexto: o *ménage à trois*! Da mesma forma, ele se insere de modo paradoxal em trocas de casais, propondo inversões a partir de uma base que de fato é irreal.

Inversamente ao observado entre os swingers, a alta demanda por autonomia individual cerceia o raio de influência e ação da condição conjugal entre os libertinos, dotando-a do caráter de uma das dimensões da vida, e não o seu modelo geral de desenvolvimento.

Ao relatarem os comportamentos impróprios apresentados pelos demais libertinos em copresença na sauna, meus interlocutores referem-se a situações classificadas como ofensivas. A ofensa em questão é direcionada aos demais presentes, seja a partir de modos de agir que contradizem as normas gerais de conduta, seja ao interferir nas ações dos outros. Esta pode se dar, portanto, de forma direta (com relação àquele cuja individualidade é violada) ou indireta (inferindo sobre uma possível desestabilização do contexto de interação).

Tais pressupostos se constituem como elementos simbólicos em torno da definição das situações da copresença, implicando em formas de relacionar-se no entorno e com o entorno muito específicas. A forma como cada um desses conjuntos de

atores irá se posicionar em seus diferentes espaços públicos de sociabilidade será objeto de análise nos dois próximos capítulos. Aqui nos resta ainda compreender como estas situações sociais são apreendidas com relação à constituição de *redes imaginárias* ou, mais precisamente, *mundos e sociedades secretas*.

### **Tramas e trocas**

A formação de grupos organizados a partir do compartilhar de um modo de vida favorece e potencializa o estabelecimento e manutenção das práticas, bem como o analisado por Becker entre os grupos de desviantes (2008). Os dados obtidos durante o trabalho de campo apontam para uma importância instrumental do estabelecimento de redes de contatos que é chave na construção das carreiras liberalistas sexuais, sua efetivação e, sobretudo, exercício. A variabilidade de parcerias sexuais é um pressuposto às práticas sexuais liberalistas e essas redes podem ainda favorecer a assimilação de códigos de conduta, bem como a elaboração subjetiva da experiência a partir de um referencial estabelecido relacionalmente.

Esses *grupos* são apreendidos de formas diferentes pelos meus interlocutores segundo as situações sociais analisadas, assumindo um destaque diferenciado em suas percepções no que se refere a estabilidade e profundidade dos laços estabelecidos. O confronto entre relatos permite a compreensão da relação entre a elaboração de tais percepções e o verdadeiro caráter com que se constituem as relações entre parceiros sexuais eventuais. Tais dados versam menos sobre a real profundidade dos laços constituídos entre liberalistas sexuais de diferentes tipos do que sobre os próprios processos de efetivação das práticas, bem como suas percepções de si.

Os trabalhos em torno da sexualidade de grupo realizados no Brasil (VON DER WEID, 2008), na França (WELZER-LANG, 2005, NAYAK, 2008) e nos Estados Unidos (GOULD, 1999; BARTELL, 1972) apontam todos para o estabelecimento de redes de informação e sociabilidade entre seus adeptos. Os autores apresentam a partir de diferentes referenciais a forma como tais grupos se constituem ou o seu papel para o exercício das práticas sexuais coletivas. Assim são destacadas algumas dimensões subjetivas, bem como outras instrumentais, em torno da inserção nessas redes.

Por outro lado, estas se constituem basicamente como redes de contatos, não apresentando continuidade no tempo e, fundamentalmente, não se constituindo como redes de relações estáveis. É justamente no que se refere à valorização de relações de profundidade que diferencia a percepção dos meus interlocutores nos diferentes contextos de sociabilidade.

Ao analisar a participação em casal de práticas de libertinagem sexual Nayak conclui que *la sociabilité libertine paraît caractérisée par des liens éphémères et sans engagement*<sup>95</sup> (2008: p. 114). Tal afirmativa em muito se aproxima dos relatos obtidos entre os meus interlocutores franceses, como evidencia Patrick: *dans na libertinage il n'y a pas d'engagement*<sup>96</sup>. Assim como o identificado pela autora, o mesmo não implica em dizer que as parcerias sexuais não possam se estender durante determinado período ou eventualmente serem retomadas. A questão é que se tratam sobretudo de redes de contato de caráter liberalista sexual, passíveis de serem acionadas ocasionalmente em função de práticas.

Ao acionar o termo engajamento, Nayak (2008), bem como Patrick, se refere a um comprometimento subjetivo e sobretudo duradouro. As práticas sexuais de caráter libertino são definidas, portanto, a partir de uma percepção objetiva do estabelecimento de relações sociais. São acionadas estratégias em favor da ampliação das parcerias, como a frequência aos estabelecimentos de lazer, a colocação de anúncios em revistas especializadas e etc., mas estas são vistas apenas como um meio em favor do exercício sexual. Assim também, as relações estabelecidas são apreendidas como impessoais, espaço-temporalmente situadas e efêmeras.

Nayak e Patrick se referem ao acionar a categoria engajamento a um compromisso que não se limita simplesmente a situação de copresença, mas a uma aliança estabelecida entre parceiros e que tende a estender-se ao longo do tempo.

Uma coisa é não engajar-se outra é não comprometer-se subjetivamente. Forma social, a sociabilidade libertina é dada no estabelecimento de relações de reciprocidade. O engajamento, entendido como comprometimento com dada situação, é, portanto, uma condição à própria relação, aquilo que a define em sentido geral como relação recíproca. O caráter com que se dá esse processo, como é apreendido por seus integrantes, ou mesmo como será tratado neste trabalho, remete a outras dimensões.

---

<sup>95</sup> A sociabilidade libertina parece caracterizada por laços efêmeros e sem engajamento (tradução livre).

<sup>96</sup> Na libertinagem não há engajamento (tradução livre).

Contrastivamente, os relatos obtidos entre os swingers brasileiros apontam para uma alta valorização das relações estabelecidas a partir das práticas sexuais, apreendidas por meus interlocutores como um continuum que tende a se estender para o contexto extraclube. O que não significa que se estendam para além das práticas liberalistas sexuais.

As parcerias eventuais são valorizadas como parte de um processo de aprofundamento de relações entre swingers e não apenas dos membros dos casais entre si. Os intercursos sexuais, portanto, são apreendidos como meios através dos quais são estabelecidos laços de (suposta) profundidade. Casais em coparceria se apresentam como amigos, mesmo que não saibam nem queiram saber absolutamente nada uns dos outros.

Questionados sobre os “amigos” que fizeram através das práticas liberalistas sexuais, meus interlocutores em Paris afirmavam que não tinham amigos libertinos. Contrariamente, diante desta mesma pergunta, os brasileiros tenderam a destacar os contatos mantidos com pessoas com que *nem saem mais: o [primeiro parceiro de swing] é meu amigo íntimo até hj*, destaca Aurora, orgulhosa. *Tem outro casal que parou de sair e ainda são do meu círculo de amizades*, insiste, fazendo questão de dizer seus nomes. Curioso observar que os três amigos do swing mencionados por Aurora eram seus amigos antes mesmo de começarem a praticar o swing. São, portanto, parte de uma rede de relações que é anterior e independente de suas práticas liberalistas sexuais.

A forma como cada um desses atores avalia ou apresenta as suas experiências sexuais públicas e/ou grupais de uma forma geral pouco diz sobre as diferentes relações passíveis de serem estabelecidas nos contextos de sociabilidade. O anonimato e a efemeridade são integrantes a ambas as formas de sociabilidade, mas a super ou subvalorização das relações se referem a diferentes percepções quanto à noção de amizade ou “engajamento” social, aqui em referência à categoria nativa.

Cada percepção de indivíduo infere sobre diferentes percepções quanto a sua inserção social, estas culturalmente contextualizadas.

Trousseau chama atenção para o fato de que o



libertino<sup>97</sup> é um ser exclusivamente social, só existe no e através do grupo, não possui outra psicologia a não ser a do comportamento social. Assim a mundanidade é ao mesmo tempo uma realidade social e uma projeção do imaginário, um mito e um tema literário (1996: p. 168),

por outro lado, a busca do prazer é antes de tudo uma busca por mudança, renovação. O capital da inconstância é a base da *libertinagem mundana*, dirá o autor referindo-se às práticas sexuais propriamente ditas. Tal volatilidade se refere não apenas aos sentimentos como às atividades empreendidas.

O engajamento é uma condição inerente ao estabelecimento de toda forma de sociabilidade. Entre os liberalistas sexuais, a variabilidade de contatos é fundamental à construção de um modo de vida e comportamento, o que leva tais relações a uma tendência a efemeridade. Demonstro no próximo capítulo que não é a frequência ou a perenidade das práticas que define as identidades ou sequer a construção das carreiras liberalistas sexuais analisadas. Ao mesmo tempo, seja em caráter provisório ou contínuo, habitual ou ocasional, estas só são possíveis em relação e, portanto, através do estabelecimento de parcerias mesmo que e, sobretudo, estas sejam eventuais.

Devido ao caráter situado com que tais posicionamentos são experimentados, observa-se uma tendência de que as redes de contato entre os liberalistas sexuais se constituam paralelamente aos demais círculos de relações de seus adeptos. E em ambos os conjuntos de situações sociais analisados. Assim como o compartilhar de uma forma de anonimato favorece a proteção da identidade desses atores nos contextos extraclubes ou espaços de sociabilidade, a busca por parceiros nas redes de relação não liberalistas é um risco que tende a ser evitado.

Mas como hipótese inicial de pesquisa foi considerada a possibilidade de que tais *redes de relações* se constituíssem como *comunidades intersticiais*.

Tal conceito foi cunhado pelo professor Philippe Combessie em referência aos estudos desenvolvidos por Frederic Thrasher. Debruçado sobre uma Chicago em mutação, Thrasher observa como as gangs do início do século XX se desenvolveram a margem da sociedade emergente, constituindo internamente uma variedade de princípios éticos capazes de caracterizar o território que ocupavam como uma zona

---

<sup>97</sup> A categoria *libertino* é aqui apreendida em referência a um posicionamento liberalista sexual de forma ampla, e não à categoria nativa identificada no contexto parisiense. O liberalismo sexual, assim como o demonstrado anteriormente, tem por influência um modo de vida e comportamento sexualmente diferenciado que é a referência genérica a partir da qual ambas as formas de sociabilidade erótica aqui analisadas se constituem.

intersticial com relação ao resto da cidade, tanto em termos sociais quanto geográficos (THRASHER, 1927 apud COMBESSIE, 2010).

Deschamps e Gassaid (2008) se apropriam deste “princípio de intersticialidade” para apreender o desenvolvimento das atividades de prostituição em Paris. Na medida em que tais atividades devem manter-se as mais discretas possíveis elas passam a se dar em espaços ou temporalidades *intersticiais* da vida ordinária. Phillipe Combessie (2010), por sua vez, analisa as modalidades segundo as quais mulheres que mantêm pluriparcerias sexuais estabelecem relações entre si. A formação dessas comunidades as permite lidar com os conflitos e os limites de tais práticas, bem como ampliar as margens de manobra passíveis de serem acionadas em favor da sua manutenção. As *comunidades intersticiais* analisadas em Chicago, segundo a leitura de Combessie, estabelecem em seu seio regras éticas que não são menos constrangedoras que àquelas da sociedade na qual se desenvolvem de forma discreta:

Elles le sont encore et avant tout en matière de règles éthiques, de valeurs morales partagées, co-construites au sein de ces groupes aux modes de vie sexuels ou affectivo-sexuels alternatifs. Les règles de comportement, le plus souvent implicites — une forme d’initiation est alors nécessaire — et parfois très strictes qui se développent au sein d’un groupe, se retrouvent souvent dans d’autres groupes, ce qui permet aux membres de différents groupes de communiquer (notamment via l’Internet), de se rencontrer parfois et/ou de passer d’un groupe à l’autre<sup>98</sup> (COMBESSIE, 2010 : p. 11)

A noção de *comunidade* que é base ao conceito desenvolvido e aplicado por Combessie remete, por outro lado, aos estudos de Marcel Mauss entre os inuits (2003) e a uma perspectiva analítica que vai de encontro aos objetivos aqui pretendidos no que se refere ao foco analítico. Combessie (2010) apreende as práticas de pluriparceria sexual como sexualidades de crise, circunscritas espaço-temporalmente, e que tendem a ser interrompidas tão logo tal crise seja superada. As comunidades intersticiais formadas a

---

<sup>98</sup> São ainda e antes de tudo, no que se refere a regras éticas, valores morais compartilhados, co-construídos ao seio dos grupos segundo modos de vida sexuais ou afetivo-sexuais alternativos. As regras de comportamento, frequentemente implícitas – uma forma de iniciação se faz, portanto, necessária – e às vezes estritas, que se desenvolvem ao seio do grupo, se encontram frequentemente também em outros grupos, o que permite aos membros de diferentes grupos de se comunicar (sobretudo via internet), de se encontrar de tempos em tempos e/ou de passar de um grupo ao outro (tradução livre).

partir delas nada mais seriam do que fontes alternativas de constrangimentos morais, referenciais valorativos que se impõem aos seus membros de forma estruturada.

Em se tratando de práticas marginais, a pluriparceria sexual feminina assume um caráter normativo através da constituição de tais comunidades que passam a agir como microsociedades em um sentido funcionalista do termo. Fugindo ao “normativo”, estas práticas de caráter crítico, senão patológico, são novamente normativizadas, só que através de fontes outras: comunidades estas que só podem ser pensadas, nesta perspectiva, enquanto *comunidades intersticiais*.

O caráter intersticial de uma forma de sociabilidade é inerente, por outro lado, à sua definição enquanto tal. Enquanto abstração concreta esta forma social se autonomiza, constituindo assim conteúdos específicos, modos, significados. Ao mesmo tempo estes são reapropriados continuamente. Trata-se de um tipo de socição fundamentada em si mesma cujo caráter crítico, ou conflitivo, é o que confere dinamismo e criatividade a esta forma social, que está destinada *a resolver dualismos divergentes* (SIMMEL, 1983a: p. 122). A crise, ou conflito, não é, portanto, apreendida como um elemento desestabilizador, mas como uma forma de socição. Assim também pouco importa as permanências ou interrupções, porque as práticas não são apreendidas como sintomas de trajetórias desviantes ou sequer em vias de serem normativizadas.

Ao contrário da noção de comunidade, entendida como um grupo centrípeto e relativamente estável, Simmel (1983a) dirá que uma união “pura” não só é empiricamente irreal, como foge a um processo de vida real. Ao contrário de uma apreensão da unidade enquanto consenso e concordância, a síntese total do grupo de pessoas, de energias e de formas (ou a totalidade “suprema” de dado grupo), o autor refere-se a uma totalidade que abrange tanto as relações estritamente unitárias quanto as relações duais. A discordância pode assumir um caráter negativo, mas a negatividade não lhe é inerente. Ao contrário, como forma de socição o conflito é analisado como um processo potencialmente construtivo e reformador.

Tais grupos não apresentam uma demanda por reconhecimento político, nem poderiam esperar obtê-lo, dirá Combessie (2010), a clandestinidade sendo também uma forma de evitação e manutenção das reputações de seus adeptos. Estes grupos vão se constituir enquanto ilhas valorativas, nichos que se desenvolvem a margem da sociedade mais ampla, sem contestá-la. Mas se admitimos que é no processo mesmo de

sua constituição que se definem modos de vida e ação, podemos igualmente admitir que haja um processo interno de efetivação.

Os contextos de sociabilidade analisados são dotados de dinâmicas complexas na qual a circulação de diferentes tipos sociais, seja em nível socioeconômico, etário ou mesmo no que se refere aos tipos de posicionamento possíveis, implica em uma atmosfera de conflito iminente e polissemia inevitável. As *práticas swingers* ou as *práticas libertinas* envolvem um diversificado conjunto de atividades, ele mesmo problemático em termos de definição e instável em significados, as *normas* internas, bem como identidades construídas, são alvo de um processo de constante construção. E estas variam ainda segundo contextos e espaços de interação.

Contexto comunicacional, os estabelecimentos comerciais colocam em contato diversos atores, intermedia realidades e, ao mesmo tempo, participa da constituição de mundos sociais. Age como um empreendedor moral, nos termos de Becker (2008), valorizando entidades sociais que servirão de protótipo abstrato ao estabelecimento de diferentes formas de ser e relacionar-se, como vimos anteriormente. Este pode se constituir como um grupo organizado, mas não apenas diferentes grupos coexistem, estes são diferenciados segundo gostos e composição. Vide os próprios estabelecimentos de lazer<sup>99</sup>.

As formas de sociabilidade referem-se de modo mais evidente às ações de reciprocidade consciente entre os indivíduos, variando interna e externamente, mesmo que através de um conteúdo semelhante. Assim sendo a *comunidade* tão valorizada por Combessie (2010) como fonte alternativa de regras e constrangimentos morais é desmistificada enquanto construção relacional, produto das relações mesmas e não a sua base e, ao mesmo tempo, tão dissonante quanto os múltiplos discursos dos quais parte. Sua relativa estabilidade é dada pelo seu potencial de objetivação de conteúdos, pela transmissão de saberes e modos de conduta, ao mesmo tempo alvo de processos de reapropriação constante. Sendo então produto, a sua constituição é objeto de análise enquanto processo e não como um dado.

Se para Simmel *não há coisa ou evento que tenha um significado intrínseco ou fixo, mas que emerge apenas através da interação com outras coisas ou eventos* (segundo FRÚGOLI, 2007: p. 10), mais do que identificar ou analisar os grupos

---

<sup>99</sup> Capítulo 4.

supostamente constituídos em torno das práticas sexuais de caráter público e/ou grupal observadas, caberia apreender o seu processo de constituição propriamente dito.

Finalmente, os dados indicam que esses grupos de sociabilidade não se definem como um conjunto delimitado de atores que se relacionam eventualmente uns com os outros, mas em uma ampla e dispersa rede de contatos passíveis de serem estabelecidos e imediatamente desfeitos em favor do estabelecimento de novas relações. Estamos muito distantes das comunidades alternativas descritas por Gay Talese (1980) e Gilbert Bartell (1972) ou mesmo dos *lifestylists* identificados por Terry Gould (1999) entre os americanos. O que não significa que estas não existam: Fábio e Cátia são, eles mesmos, sócios em um clube para membros. A questão é que meus interlocutores versam sobre uma sexualidade de grupo não se refere à sexualidade em dado grupo, mesmo que este assuma as dimensões de um planeta propriamente dito, como destaca Welzer-Lang (2005). Os grupos propriamente ditos (constituídos como conjuntos delimitados e organizados entre membros específicos) vão se referir justamente às organizações dadas em função da administração de eventos e espaços voltados à prática liberalista sexual, assim como demonstra o próprio autor.

Na prática meus interlocutores vivenciam experiências sexuais em grupo a partir da possibilidade de articulações quase ilimitadas em grupos, ou arranjos grupais, possíveis. Estabelecer parcerias não implica em tornar-se “membro” do que quer que seja. Ser um membro é constituir um todo composto, condição que depende, portanto, da existência de algo que espelhe um conjunto. Finalmente, sobretudo entre os meus interlocutores cariocas, não se pode dizer que não haja um sentimento de grupo, ou que este não exerça um papel central às suas práticas e sejam acionados como referência na elaboração das trajetórias individuais.

Os processos de concretização das ações, circunscritos em relações espaço-temporalmente delimitadas, apontam para as diferentes dimensões da situação. Desde o compartilhar de um modo de vida liberalista sexual específico e o consumo de uma das suas formas de lazer até a mobilização de uma série de dispositivos que permitem a esses atores acessar diferentes planos em favor da efetivação de suas práticas.

Desta forma, cada uma das formas de sociabilidade analisadas compatibiliza processos de reapropriação de referenciais valorativos que são exteriores às suas práticas, bem como estabelecem novos parâmetros de ação centrados em um pressuposto de diferenciação e que se efetiva nas próprias situações.

Não me serve o conceito de comunidade, pois a dimensão coletiva não me importa enquanto modelo inerente, estático e exterior. E a noção de intersticialidade aparenta o efeito de um eco diante do caráter autorreferido com que se constituem e desenvolvem as diferentes formas de sociabilidade urbana.

Ao invés de *comunidades intersticiais* proponho a noção de *mundos secretos*, sendo os segredos compartilhados, ou o *conhecimento reciprocamente compartilhado*, condição positiva das relações, tão poderosos quanto os elementos de *ocultação recíproca* para a constituição e manutenção destas formas de sociação (SIMMEL, 2009a). Assim, mais do que na sujeição dos membros de um grupo a uma dada moral, porém igualmente constrangedora, interesse-me pelas injunções, pelos conflitos e incoerências no interior mesmo de tais relações, na definição de diferentes ordens morais internamente referidas. É o segredo compartilhado o elemento de delimitação grupal, em uma forma de engajamento que é situada, mas altamente rica:

Só podem 'dar-se' por inteiro sem perigo, justamente as pessoas que não 'podem' dar-se por inteiro, porque a riqueza da sua alma consiste numa renovação constante, de modo que depois de cada entrega lhe nascem novos tesouros, porque têm um patrimônio espiritual latente e inesgotável não podendo revelá-lo nem doá-lo de todo, assim como a árvore, ao dar inteira a safra do ano, não compromete a do ano seguinte (SIMMEL, 2009a: p. 234).

Inseridos nestes *mundos secretos* de formas muito peculiares os swingers e os libertinos tornam-se parte de um complexo contexto inter-relacional, mas cuja existência extrapola o convívio intraclube. Aos casais de iniciantes, em ambos os contextos, por outro lado, a ida ao clube assume um papel diferenciado, enquanto parte de um ritual de passagem simbolizado por cada uma das portas, corredores ou espaços intermediários de liminaridade em direção a modos de vida e visões de mundo.

Os dados obtidos no Brasil apontam superficialmente para a formação de redes de sociabilidade entre os grupos de iniciados nas práticas sexuais públicas e/ou grupais. É evidenciada a importância de tais redes para a iniciação nas e manutenção das práticas, mas estas assumem uma importância sobretudo subjetiva. A supervalorização desses laços tende a reverter em relações de amizade as parcerias sexuais efêmeras entre casais de swingers.

O observado entre os meus interlocutores franceses, por outro lado, aponta para uma percepção das redes de contato centrada em seu caráter utilitário: a ampliação do número de parcerias possíveis de serem estabelecidas, bem como a “entrada” em festas e eventos fechados a convidados. Os laços entre parceiros em potencial são por outro lado relatados como frouxos.

É possível observar como em ambos os contextos de observação, apesar da alta circulação de frequentadores, os clientes mais assíduos ou mais antigos se conhecem pelo nome, bem como sabem informações de caráter pessoal uns sobre os outros.

Na sauna parisiense Francis me apresentou à Letícia devido ao fato dela ser de origem brasileira por parte de um dos pais e me falou sobre diversas pessoas presentes na noite em que conversamos dando detalhes sobre a vida de um e de outro e sem saber sequer que eu estava lá para uma pesquisa de campo. Curiosamente, ele não tinha seus telefones, não sabia seus sobrenomes (importante elemento de identificação no contexto francês) e, ao responder se tinha muitos amigos entre parceiros de libertinagem, ele afirmou que não, que não tinha nenhum.

No clube brasileiro o casal de gerentes responsável pela administração da boate identifica os clientes que chegam e os cumprimenta com intimidade, bem como eles entre si, mesmo que a variação entre clientes presentes nas diferentes noites de trabalho de campo seja evidente. Mas estes sempre só tendem a conversar e permanecer em companhia de basicamente um mesmo casal. Do contrário, os assuntos se estendem apenas com novos clientes, e em função do seu exercício profissional.

Em ambos os contextos as diferentes práticas empreendidas incidem também sobre diferentes formas de inserção nestes contextos, o contato interindividual apresentando um importante papel, sobretudo para a iniciação sexual dos recém-chegados. Por outro lado, o anonimato entre os parceiros sexuais, e, portanto, o total desconhecimento de suas identidades individuais, é ele mesmo elemento constituinte das práticas sexuais de caráter público e/ou grupal. A partir da inserção em uma rede de contatos os meus interlocutores potencializam suas oportunidades de estabelecer novas parcerias sexuais, mas o aprofundamento dos laços entre parceiros é menos relevante neste sentido do que a possibilidade de variação entre diversos contatos efêmeros.

Elise destaca adorar um *pau desconhecido* ao descrever seus usos das diferentes instalações do clube de swing e destaca o total anonimato como um elemento extremamente excitante em determinadas situações. O contato com o outro e a

efemeridade das parcerias é a base das relações estabelecidas no contexto liberalista sexual de uma forma geral e ir aos espaços públicos de lazer é sempre uma oportunidade de conhecer gente nova. O domínio de diferentes redes de contato, por outro lado, favorece e potencializa tais fluxos de parceiros, mais do que o aprofundamento das relações, assim como descrevem Airton e Aurora.

A princípio uma das hipóteses de trabalho creditava ao clube o caráter de espaço *aberto*, em contraposição aos eventos supostamente *fechados* a membros de clubes ou redes de relações. A entrevista com Airton me permitiu desmistificar o simplismo com que se baseia tal afirmação. Em primeiro lugar, os eventos extraclubes são diversificados, desde aqueles divulgados amplamente nas redes virtuais e acessíveis a todos os possíveis interessados, indiscriminadamente (mediante pagamento do convite), até os eventos para convidados. Porém, mesmo nestes casos, não apenas os conhecidos dos seus organizadores, como iniciantes ou mesmo os simples usuários de determinadas redes sociais estão presentes. A busca por novas parcerias é constante e permanente. Quando o objetivo é confraternizar entre si, são organizados pequenos encontros privativos, em motéis ou nas próprias casas, mas esses encontros tendem a ter como objetivo o intercuro sexual restrito entre parcerias específicas.

A questão é que, seja através de convites diretos entre conhecidos ou as informações obtidas nas redes virtuais, o acesso a tais eventos demanda alguma forma de comunicação entre seus frequentadores, sobretudo quando as entradas são restritas pelos próprios organizadores, implicando num grau de fechamento ainda maior àqueles que não estão inseridos nas suas redes de contatos. Os curiosos presentes têm a sua entrada subordinada, portanto, à boa vontade dos organizadores em convidá-los, senão à apreensão destes quanto à possibilidade de que os primeiros venham a integrar as práticas. A principal diferenciação entre eventos dá-se portanto devido ao caráter comercial com que se constituem os estabelecimentos de lazer, em comparação com o caráter relativamente privado das festas. Ainda assim, estas podem variar entre diferentes gradações de abertura ou fechamento, bem como tendem a primar pela mesma variabilidade de tipos presentes.

Bartell (1972), bem como Talese (1980), descrevem como as reuniões íntimas eram comuns entre os americanos, se constituindo basicamente como os únicos eventos de sociabilidade disponíveis no momento de suas pesquisas. A realização de encontros privativos entre parceiros em potencial era parte de um ritual de conhecimento mútuo



com vias a permitir os primeiros encontros face a face entre pessoas que se conheceram através de anúncios em revista ou meios do gênero. Na ausência de um espaço público de sociabilidade (os autores mencionam apenas alguns bares, dado que mesmo a participação em Convenções era restrita a membros de clubes), os encontros grupais tendiam a ocorrer nas próprias residências, envolvendo ocasionalmente novos e antigos parceiros sexuais.

A apreensão da construção de redes de relações de caráter ao menos relativamente estável no que se refere à sua composição vai de encontro a uma tendência geral de diversificação de parcerias, identificada em ambos os contextos de relação. Mesmo que algumas destas possam se constituir, seus próprios integrantes tendem a buscar novos contatos e trazê-los mesmo para os eventos privados.

A fixação está a serviço da volatilidade segundo o observado em ambos os contextos, e o estabelecimento de lazer é também um oásis seguro e estruturado em seu favor. É o espaço de livre circulação entre antigos e novatos praticantes do liberalismo sexual. O interessante é observar como cada um dos grupos estabelece critérios diferentes ao apreender a real profundidade das relações estabelecidas, referindo-se finalmente a percepções de intimidade específicas.

Os meus interlocutores em Paris centram-se em relatos em torno da superficialidade das relações e do fato de que estas não costumam ser estendidas para o contexto extraclube. Questionados sobre suas relações, apresentam os paradoxos entre a possibilidade de estar sempre em contato com novas pessoas e o caráter efêmero dos contatos estabelecidos, apesar da relativa constância entre os frequentadores dos *sex-clubs*. Tais diagnósticos são apresentados quase que como um lamento, ao mesmo tempo em que evidenciam uma ausência de comprometimento subjetivo em favor da reversão desta condição.

Marco repete com veemência o quanto gosta da oportunidade de conhecer pessoas novas todos os dias quando vai à sauna, e o quanto se sente estimulado pelo contato com estrangeiros, libertinos novatos ou simplesmente pessoas que nunca viu. Conversar com essas pessoas informalmente é para Marco uma experiência única, mas que não se reverte em relações estáveis. E nem deve.

Tal contexto de sociabilidade apresenta-se como um espaço diferenciado no qual a gramática universalista vigente no espaço público francês em sentido amplo (segundo termos de MOTA, 2009) é revertida pelo exercício de identidades individuais e práticas

íntimas. Caracteriza-se, portanto, por uma forma de ação no espaço público libertino/*échangiste* baseada em uma forma de comprometimento ao menos relativamente pessoalizado. São os primeiros nomes os elementos de identificação, simbolizando uma suposta familiaridade. Por outro lado, a relação de intimidade é percebida de forma muito mais criteriosa do que no Brasil, assumindo outros parâmetros a partir de uma separação entre público e privado que se reflete nas práticas cotidianas.

Entre os swingers com os quais tive contato, os discursos em torno da rede de sociabilidade pública e/ou grupal referem-se à valorização dos laços afetivos em detrimento das simples experiências sexuais, e mais: na sua supervalorização. Mais do que parceiros ocasionais, as demais relações entre casais de swings têm o seu valor reconhecido quase que como redes de compadrio, mas em caráter idealizado. A experiência, e as relações estabelecidas a partir delas, são tão situadas quanto o observado em Paris. Caso eles se encontrem novamente, é provável que isso ocorra ocasionalmente, senão por razões estritamente utilitárias: o estabelecimento de novos intercursos sexuais. A diferença está na forma como tais contatos são apreendidos.

Entre os libertinos, tanto Patrick quanto Marco e Cristian dizem não manter contato com antigos parceiros, e apenas raramente trocar telefones. Por vezes o contato é mantido por e-mail, mas prioritariamente é o encontro ocasional na sauna ou em qualquer outro estabelecimento de lazer liberalista sexual que os permite revê-los. Quando Danielle me deu seu telefone para que pudéssemos marcar uma entrevista, Patrick ficou surpreso. Ele a havia me apresentado e, apesar de se conhecerem da sauna já há algum tempo e ele ter-lhe oferecido uma carona em determinada ocasião, jamais trocaram telefone. Ele dizia não confiar nela, e em nenhum dos conhecidos na sauna. É a falta de confiança mútua que caracteriza aquilo que denominam *falta de engajamento*. E a dificuldade em estabelecê-la não diz respeito à forma ou há quanto tempo se conhecem, mas ao caráter basilar à própria relação: a efemeridade. Finalmente, esta é consequência de uma negação do conhecimento mútuo. Eles compartilham entre si um segredo, e isso caracteriza o compartilhar de uma forma de comprometimento, mas é tudo.

Aparentemente os dados apontam para duas diferentes formas de reapropriação dos espaços públicos de sociabilidade, uma caracterizada por uma tendência a um suposto aprofundamento subjetivo das relações e a outra por seu inverso. Ambos os

grupos de interlocutores apresentam uma tendência à familiarização com o meio, capaz de fazê-los sentirem-se em casa, ou ao menos em um espaço confortável e íntimo no qual se sentem *à vontade*, em comparação com demais contextos pelos quais circulam cotidianamente. Em ambos os espaços de observação foi identificada a tendência de que clientes *habitués* se conheçam mutuamente, bem como aos funcionários. Eles tendem a saber com exatidão quais são os gerentes, os funcionários mais antigos e, em certas situações, a identificar os seus cônjuges atuais ou anteriores. Por outro lado, ao confrontar os dados é possível perceber que tais diferenciações se devem mais às percepções destes atores com relação aos laços estabelecidos do que com o seu caráter.

É interessante observar que todos os casais de brasileiros que se dispuseram inicialmente a manter contato comigo para eventuais entrevistas me forneceram e-mails não pessoais, criados para o casal ou individualmente e em função do estabelecimento de parcerias sexuais. Nenhum deles forneceu telefone, ou sugeriu que eu desse o meu. Da mesma forma, muitos utilizam *sexlogs* como meio de manter contato entre si, identificando-se a partir de codinomes e com fotografias que não mostram o rosto. Quando contatados, apenas um deles respondeu à mensagem e, diante da minha resistência em encontrá-los em um motel ou aceitar qualquer uma de suas propostas sexuais, eles interromperam o contato comigo. Os demais sequer responderam as mensagens iniciais.

Mesmo que a troca de e-mails e telefones seja pouco comum entre os libertinos parisienses, eles ao contrário me concederam seus endereços pessoais e, quando não mais interessados em me conceder a entrevista, sempre me escreveram, acionando desculpas sólidas e definitivas, senão restabelecendo o contato momentos depois, quando já decididos em conversar. Também não é incomum que mantenham fotos de seus rostos em seus perfis nas redes virtuais.

De uma forma geral, é possível perceber que os laços declarados entre parceiros do swing não tendem a se reverter de fato ou necessariamente no estabelecimento de redes de contato que extrapolem as práticas sexuais, quiçá os encontros ocasionais em alguns dos seus espaços de sociabilidade. Ou seja: nada que difira as práticas empreendidas pelos meus interlocutores brasileiros dos parisienses. Ao recorrerem a contas de e-mail alternativas àquelas que usam comumente esses atores sinalizam para o caráter diferenciado com que apreendem essas relações, bem como para as estratégias

que visam diferenciá-las dos demais grupos que integram. Ao mesmo tempo, é possível que sejam apreendidas como dotadas de uma real subjetividade.

Meus interlocutores brasileiros mais experientes fazem questão de supervalorizar os laços afetivos estabelecidos com seus parceiros sexuais se referindo a eles como pessoas *amigas* ou com as quais *conversam sobre tudo*, como me disse Renata. Mesmo que a relação se desfaça tão logo se constituir ou que os contatos sejam mantidos apenas em função das práticas sexuais públicas e/ou grupais.

Contrariamente, ao me abordarem, as suas questões giravam em torno de uma declaração direta de interesses sexuais, bem como negociações bem delimitadas quanto a gostos ou atividades sexuais passíveis de serem empreendidas entre nós. Uma vez identificada como pesquisadora, o processo de sedução seguia outro rumo, ou a relação era interrompida, mesmo após me concederem os dados que acreditavam me serem úteis.

Na prática, foram os meus interlocutores parisienses que conversaram comigo *sobre tudo*. Mais do que me conceder dados ou buscar um acordo subótimo, e mesmo que enquanto tentavam me seduzir, eles levantavam questões pessoais em torno da minha adaptação na França ou compartilhavam comigo das suas apreensões quanto às práticas liberalistas sexuais. Não era sobre dados objetivos que se centravam, como suas idades, estados civis e *tempo de libertinagem*, mas sobre suas próprias vidas, bem como sobre a minha.

No Brasil os iniciantes<sup>100</sup> apreendem com maior clareza a dificuldade de estabelecer parcerias, já que a vivenciam diretamente. Eles imaginam que os praticantes mais antigos têm maior facilidade de fazê-lo devido à formação de *panelinhas*, mas o interesse de fazer parte desses grupos restritos é prático e apreendido com tal.

Os iniciantes não estão ali para fazer amigos, assim como evidenciam Rita e Leonardo, e lidam com isso de forma coerente. O casal não estava ansioso por conhecer pessoas em sentido genérico ou em inserirem-se em redes pessoais de relações, eles se interessavam pelos benefícios práticos que acreditavam poder obter a partir disso: sexo! Tinham um fetiche a realizar e a ida ao clube era a segunda iniciativa tomada em seu favor. Invejavam os grupos de *estabelecidos* como quem inveja os clientes privilegiados de um estabelecimento comercial, o que de fato são em certa medida, mas devido a

---

<sup>100</sup> Categoria explicitada no próximo capítulo, que se refere aos swingers em processo inicial de construção de suas carreiras morais.

competências pessoais e não a uma diferenciação na oferta de serviços, como analiso no próximo capítulo.

As redes entre swingers têm um caráter tão utilitário quanto àquele apresentado pelos libertinos, a questão é que nestas situações o utilitarismo é menosprezado em favor da valorização de aspectos subjetivos; ou ao menos subjetivado, sobretudo por seus *habitués*.

Neste caso, o espaço público de sociabilidade é por vezes reapropriado simbolicamente pelos atores em copresença como espaços semipúblicos de estabelecimento de relações personalistas (vide GOFFMAN, 2010). Por outro lado, tal apropriação dá-se em uma dimensão quase que exclusivamente subjetiva, referindo-se menos a real profundidade das relações estabelecidas do que a específicas percepções em torno da construção da intimidade.

A entidade social chave no contexto swinger centra-se na valorização de relações afetivo-sexuais que são anteriores ao estabelecimento das práticas: o casal. Ao mesmo tempo, o contexto brasileiro é caracterizado pela personificação das relações no espaço público, assim como salienta Da Matta (1997). O contexto de sociabilidade swinger é extremamente ritualizado, dado o caráter sexualmente interessado das abordagens estabelecidas e, sobretudo, quando estas são direcionadas a casais. Tal ritualização é imperativa diante de uma inversão de condutas: aqui é possível cobiçar a mulher (e o homem, certamente) do próximo(a). Por outro lado, entre nós o regime de *desatenção civil*<sup>101</sup> é quase uma exceção, mesmo enquanto norma de conduta no espaço público, e não o contrário.

Não é necessariamente o modo de conduta no espaço público, de uma forma geral, que sofre alterações no interior do clube, caracterizando-o como um espaço mais relaxado e impessoal. Conversar com estranhos, ou mesmo confidenciar-lhe questões pessoais, é uma possibilidade legítima de ação entre brasileiros, ou ao menos entre os cariocas. A abordagem anônima não é apreendida como uma forma de invasão ou ofensa. O que é necessário compatibilizar nestas situações específicas é uma subversão das regras de flerte, na qual todos os presentes, independente dos status civis declarados ou observáveis, são parceiros sexuais em potencial.

Reconhecidas as diferenciações entre graus de profundidade, as relações entre estranhos podem transcorrer a partir de uma suposta familiaridade, mesmo que apenas

---

<sup>101</sup> Em referência ao conceito de Goffman, 2010, explicitado anteriormente.

relativo. O comprometimento subjetivo pode assumir desta forma diferentes níveis. O compartilhar de um ato íntimo, nestas situações, é um elemento capaz de levar ao reconhecimento de uma mútua intimidade. Esta não se refere a uma forma de comprometimento subjetivo pautado no compartilhar de um conhecimento profundo do outro ou na construção de uma trajetória inter-relacional, mas na pura e simples subjetivação da experiência. Ao transpor as barreiras diádicas exclusivistas de exercício sexual, esses *casais de fato* flexibilizam também as barreiras afetivas que os constituem como um casal, ao menos relativamente, em suas apreensões da experiência.

Desta forma Luciana apresenta o casal que ela e o marido acabam de conhecer (e com o qual se preparam para transar) como *amigos*. Assim também o casal de promoters e os clientes *habitués* do clube se cumprimentam com entusiasmo e afeto. Ao se despedirem, os grupos advindos das cabines ainda se despedem com selinhos, abraços apertados e gestos de intimidade, como um aperto na bunda. Muitos vão até o balcão do bar pedir uma caneta emprestada e trocam contatos. Outros se acompanham até a saída do estabelecimento ou ficam ainda alguns minutos no *lounge* conversando. Diferentemente, eu nunca observei nada que pudesse identificar parceiros sexuais recém-saídos das *zonas úmidas*<sup>102</sup> da sauna libertina, nada que se assemelhasse a uma despedida ou a troca de contatos.

A supervalorização de elos afetivos entre parceiros de swing é também uma estratégia de moralização das práticas sexuais, assumidas por eles como algo mais do que *simplesmente sexo*. E, diante do meu posicionamento, tais relatos situados podem também assumir o caráter de estratégia de limpeza moral (GOFFMAN, 1975). A vinculação das práticas sexuais à formação de redes de relações personalistas pode também ser empreendida como uma estratégia de manipulação do eu que parte de uma apreensão do ato sexual como uma dimensão subjetiva e que, portanto, deve ser compartilhada desta mesma forma.

Quanto à ausência de engajamento no contexto francês, esta percepção refere-se ao caráter situado com que se relacionam entre si, por mais intimista que este possa ser em comparação com qualquer outra situação de copresença experimentada cotidianamente. O compartilhar de informações gerais, ou mesmo estabelecimento de debates em torno de opiniões pessoais é uma atividade tão impessoal quanto dar

---

<sup>102</sup> Ver Capítulo 4.

*bonjour* ao caixa do supermercado antes de ser atendido por ele. É parte de uma sequência de ações dada nas situações ordinárias de copresença.

Essas pessoas não apenas tendem a romper com um regime de desatenção civil quando na sauna, como estão de fato despidas da atitude *blasée* que costumam manter no espaço público urbano em geral. Mas estas inversões se referem mais a eles mesmos, em uma mudança de comportamento individual, do que a uma nova forma de relacionarem entre si, como se cada um experimentasse uma forma de ser mais despojada, abandonando as fachadas assumidas no contexto impessoal extrassauna. Justamente por se tratar de um comportamento autorreferido, se encerra em si mesmo. Uma vez apartada da vida, na prática a aventura<sup>103</sup> da libertinagem sexual não surte influências sobre o todo.

Da mesma forma estas relações, independente de seu conteúdo, são simbolizadas como laços efêmeros e erradios, porque assim se parecem aos seus adeptos. Este é um espaço de experimentação de práticas relativamente pessoalizadas, mas nem por isso visto como uma situação intimista. Assim como as identidades são situadas, as relações também. Sorrir entre estranhos e compartilhar de uma relativa proximidade são experiências tão peculiares e espaço-temporalmente circunscritas que não favorecem o estabelecimento de laços subjetivos. E o simples compartilhar de um comportamento e modo de vida, senão do gozo propriamente dito, não é o suficiente para que se dê a subjetivação das relações. Ao menos não entre os meus interlocutores em Paris. O deslocamento entre sexualidade e afetividade é legítimo como um processo de cultivo do indivíduo e a sua libertação de normas socialmente impostas. Da mesma forma a efetivação das práticas independe do estabelecimento de relações intimistas entre parceiros sexuais, não é um condicionante, ou sequer um meio, para a sua *moralização*.

Ao afirmar que na libertinagem não há “engajamento” esses atores destacam o caráter superficial com que as relações se estabelecem. O prazer é destacado como um dom de reciprocidade, sexo é mais do que o gozo a partir da estimulação recíproca de zonas erógenas (*c'est le jeu qui me plaît*<sup>104</sup>, diz Cristian sobre o processo de sedução preliminar).

Ambos os contextos de sociabilidade são marcados por relações entre as formas de identificação entre parceiros em potencial caracterizada pela conjugação entre uma

---

<sup>103</sup> Segundo definição de George Simmel, 1998.

<sup>104</sup> É o jogo que me agrada (tradução livre).

proximidade aparente e uma distância prática. Primeiros nomes sem sobrenome, por um lado, e nomes públicos (senão a integração de um arranjo – o casal) se sobrepondo de identidades individuais, por outro.

Finalmente, as diferenciações se referem a duas percepções quanto aos laços de subjetividade dissonantes, bem como para a sua maior ou menor valorização. O distanciamento subjetivo é inerente a um contexto baseado em uma percepção de indivíduo como um sujeito autônomo e autonomamente constituído. A “ausência de engajamento” neste sentido é também uma estratégia de autopreservação e exercício individualizado. O estabelecimento de laços de proximidade requer aqui a construção de uma relação progressivamente subjetivada, que remeta aos aspectos mais íntimos da vida e ao cultivo de um sentimento de confiança mútua. A subjetivação da experiência deve dar-se para além da aventura sexual, referindo-se as situações ordinárias da vida íntima.

Contrariamente, a supervalorização de relações personalistas tende para uma subjetivação das experiências interpessoais. Bem como para o estabelecimento de uma gradação entre formas “íntimas” de relacionar-se. É possível, portanto, diferenciar formas de se relacionar subjetivamente, mais do que simplesmente diferenciar laços subjetivos de outros objetivos. Existem diferentes formas de ser “amigo”, categorizadas em um continuum de profundidade. Ser *apresentado* por alguém, finalmente, mesmo que por alguém de quem pouco se tenha conhecimento e à alguém que mesmo esse mediador mal conhece, já contribui para que se possa *interagir melhor*, dirá Aurora, ou de forma menos impessoal.

Desta forma, entre os brasileiros tendem a se constituir *redes de relações imaginárias*, pressupostas como grupos de sociabilidade estáveis a partir de laços subjetivos e duradouros. Todo mundo tem sempre amigos no swing, mesmo que apresentem dificuldades em nomeá-los ou que se tratem na verdade dos amigos que os iniciaram nas práticas e, portanto, lhes são anteriores. Todo mundo se sente amigo do parceiro atual, mesmo que o tenha conhecido há poucas horas ou quiçá através de redes de bate-papo virtual. Ser capaz de *fazer amigos* é, portanto, manter-se ativo nas práticas liberalistas sexuais. Mas o importante aqui é o número, e não necessariamente a profundidade.

Justamente a qualidade dos laços, elemento fundamental de diferenciação entre relações superficiais ou íntimas, é negligenciada em nome da variabilidade de parcerias.



Mas os elementos de identificação não são menos relevantes, o que é necessário deixar claro. Assim como as práticas às cegas realizadas nas *câmaras escuras*<sup>105</sup> do clube de swing, ou entre parceiros que se esbarram em uma mesma cabine da sauna libertina, a dimensão da escolha entre parceiros é altamente valorizada. Identificar-se, ser interpelado pelas qualidades que diferenciam dada pessoa em um mar de rostos anônimos, é parte fundamental ao estabelecimento da relação, diferenciando-a de qualquer outra passível de ser estabelecida nos espaços de sociabilidade. Assim a relação interpessoal assume toda a importância que lhe cabe. A questão é que ele é dada por si mesma, no contexto em que se desenrola. Se esta será revertida na formação de redes imaginárias ou transposta em uma cadeia de experiências interpares isoladas, é outra questão.

### **Sexo, sexos e posições**

O pressuposto heterossexual em torno dos arranjos conjugais em ambos contextos analisados, evidenciados na definição dos *casais*, parece reforçar a troca que as próprias categorias *échangisme* (ou *échangiste*) e *swing* (ou *swinger*) evocam, e que se refere a uma inversão dos vértices da relação: os membros dos casais, estes devidamente diferenciados por sexo.

Não é o fato de estar unidos por laços afetivo-sexuais que torna homem e mulher um casal neste contexto, mas sim o par que constituem e que se baseia em uma complementação sexual dada pela conjugação das diferenças individuais mais básicas: o próprio sexo. Contrariamente a *troca* ou *reversão* de parceiros entre os casais homossexuais está isenta de uma direção predefinida, porque é passível de ao menos duas combinações absolutamente equânimes: a inversão sendo ela mesma reversível. Os parceiros não se diferenciam entre si no que se refere às suas qualidades objetivas.

A diferenciação interna ao conjunto base (neste caso o casal como arranjo heterossexual) é também a matéria a partir da qual o rearranjo se mostra possível. Se não há variação interna, não há possibilidade de reverter os arranjos. Um casal swinger homossexual seria, portanto, um paradoxo conceitual, dado que não haveria critérios suficientes para definir o sentido da troca, que o arranjo original carece, ele mesmo, de

---

<sup>105</sup> Esta instalação será descrita e analisada no primeiro subcapítulo do Capítulo 4.

uma equivalente diferenciação de *papéis*. Tal inversão baseia-se no arranjo em suas partes (ou membros) e não naquilo que o constitui enquanto tal (o sentimento, o interesse ou o contrato a partir do qual se baseia). Um rearranjo que, ao menos no interior dos espaços públicos de sociabilidade, dá-se a partir de uma norma heterossexual masculina que é implícita e problematizada pelos seus próprios praticantes.

*Il y a quelque chose d'hipocrite dans le monde libertin*<sup>106</sup>, diz Cristian sobre os tabus em torno da bissexualidade masculina no interior dos *sex-clubs* de Paris, pouco antes de me falar sobre a sua iniciação nas práticas homoeróticas. O mesmo paradoxo é mencionado por Paulo quanto à invisibilidade dos intercursos entre homens no interior dos clubes de swing brasileiros de uma forma geral. Airton relaciona ainda a circunscrição de práticas bissexuais masculinas a contextos privados, mesmo que no interior dos clubes de sociabilidade erótica. É nas cabines privativas, senão naquelas dotadas de trancas e sem janelas, que tais intercursos ocorrem. A prática bissexual masculina é possível, mas nunca pública, segundo os relatos.

O clube e a sauna se mantêm desta forma como *espaços públicos* de sociabilidade propriamente ditos: estruturados a partir de ideais de conduta pública. Daí o paradoxo e a hipocrisia mencionados por meus interlocutores em ambos os espaços de observação. A hipocrisia nada mais é do que a conduta fingida, escamoteada, que ao mesmo tempo corresponde a um modelo externo e uma negação interna do mesmo. A invisibilidade dos intercursos homoeróticos no interior do clube é tão significativa, neste sentido, quando à sua presença nos relatos, bem como a sua circunscrição aos *encontros íntimos* extraclubes ou às suas cabines privativas.

Finalmente, a troca de casais não faz sentido quando os casais são, eles mesmos, internamente indiferenciados. O casal swinger ou *échangiste* se constitui, portanto, a partir de um processo de diferenciação por gênero no qual o sexo é traduzido em categoria delimitadora de identidades.

A diferenciação de papéis sexuais entre parceiros, dada por questões biológicas (a posse de um pênis ou uma vagina) situa homens e mulheres constituídos em casais durante os intercursos coletivos. A sexualidade coletiva estabelecida a partir destes casais heterossexuais favorece, finalmente, uma maior variabilidade de parceiros (também em termos de gênero) e de atividades. O modelo heteronormativo de vida a

---

<sup>106</sup> Há uma certa hipocrisia no mundo libertino (tradução livre).

dois não é excludente, nestas situações, ao estabelecimento de práticas sexuais homo-orientadas, seja como exercício da identidade sexual individual de seus membros (sobretudo entre as mulheres), ou experiência conjugal ocasional.

Em termos comerciais tal delimitação favorece a manutenção da atmosfera prevista pelos organizadores dos eventos ou promoters dos estabelecimentos de lazer. Assim se garante uma posição privilegiada aos casais heterossexuais ou mulheres solteiras em termos tarifários e em detrimento dos rapazes sós. Bem como a variabilidade de programação nos eventos de diferentes dias da semana, surtindo em um volume diferenciado de homens presentes.

Uma vez aberta a possibilidade de que todo arranjo declarado (independente do caráter heteronormativo) seja reconhecido, a composição dos clientes presentes em determinados dias da semana no interior dos estabelecimentos fugiria ao controle de seus organizadores. No clube de swing brasileiro tal possibilidade não implicaria em vantagens para as mulheres, que pagam individualmente a metade do preço cobrado aos casais e podem entrar quase sem restrições. Na sauna, a condição de mulher solteira é ainda mais favorável, contando com entradas correspondentes a apenas um quarto do que é cobrado aos casais, senão com a gratuidade.

O modelo heteronormativo serve aos estabelecimentos de lazer de três formas. Em primeiro lugar, ao permitir uma variabilidade de programações de acordo com o controle de entrada de clientes a partir de diferenciações por gênero e estado civil. De acordo com a presença de determinados conjuntos de clientes também as práticas passíveis de serem empreendidas são diversificadas (não se pode praticar ménage masculino quando não há homens solteiros disponíveis). Em seguida esta medida serve ao cerceamento da entrada de rapazes sós, clientes vistos como causadores de confusão em potencial, assim como será explicitado no Capítulo 4. E finalmente, tal delimitação implica em uma diferenciação destes estabelecimentos dos espaços de sociabilidade propriamente gays.

A heteronormatividade sexual masculina foi identificada como modelo de conduta pública por Bartell (1972), Gould (1999), Nayak (2008), Welzer-Lang (2005) e Von der Weid (2008) em seus estudos sobre a sexualidade coletiva. Em todas as situações citadas, analisadas em três diferentes países, falar de sexualidade de grupo é o mesmo que tomar a heteronormatividade conjugal como pressuposto e a heterossexualidade masculina como norma. Da mesma forma, a bissexualidade

feminina é apontada como recorrente e altamente valorizada, seja ela apreendida como uma prática situada e autônoma com relação à definição das identidades sexuais ou não.

Segundo Von der Weid (2008) o bi feminino é apreendido por suas interlocutoras como uma experiência coerente com a sua heterossexualidade, e não o contrário. Desta forma as práticas sexuais entre mulheres são percebidas como circunscritas aos contextos de sociabilidade erótica, não inferindo sobre a construção de suas identidades sexuais.

Segundo a autora isso se deve ao fato da feminilidade não se definir pelo exercício sexual, ao contrário do que ocorre com os homens, cuja masculinidade é construída e colocada à prova a partir de critérios de atividade/passividade sexual<sup>107</sup>. Ser homem é ser ativamente sexuado, a bissexualidade masculina aparece como uma negação do paradigma viril heterossexual que é vigente no espaço público do clube. Já às mulheres a prática homoerótica não implica em uma alteração da autoimagem, segundo ela, dado a identidade feminina ser definida a partir de critérios não sexuais. Portanto, apesar de se identificarem como bissexuais, estas não assumem uma identidade homossexual (VON DER WEID, 2008).

Identidades sexuais centradas na definição do objeto de desejo como referencial categórico, as noções de homo, hetero ou bissexualidade estão pautadas em construções fantasmáticas direcionadas a sujeitos do mesmo sexo, do sexo oposto ou a ambos, respectivamente. Enquanto a homossexualidade se define em oposição à heterossexualidade, a bissexualidade caracteriza-se por um comportamento que oscila entre práticas homo e heteroeróticas, nem sempre incidindo sobre uma alteração da autoidentificação com coisa ou outra. Desta forma, a não identificação com a homossexualidade não se apresenta como um paradoxo ao posicionamento bissexual, mas como uma consequência da subversão de uma norma classificatória excludente e reducionista.

Ao mesmo tempo, equacionar analiticamente identidade de gênero (ou padrões de feminilidade e masculinidade) com orientação ou identidade sexual é um posicionamento simplista e limitador. Por mais que os tabus em torno do bi masculino possam se referir a uma construção de masculino centrada na atividade, em oposição à passividade sexual (estas em referência as atividades penetrativas), a assunção de uma

---

<sup>107</sup> Ao que diferirá de perspectivas analíticas que apreendem a feminilidade como construção a partir de critérios de passividade sexual, em oposição à masculinidade, definida a partir de critérios de atividade sexual (ver Bourdieu, 2002).

sexualidade homo-orientada pode ser avaliada como a construção de outro padrão de masculinidade, e não necessariamente na sua negação. Finalmente, estas orientações sexuais podem reivindicar um novo padrão de construção de gênero. Destaco que uma coisa é falar de identidade de gênero, outra de identidade ou orientação sexual.

As construções de masculino e feminino referem-se ao estabelecimento de identidades de gênero que podem incidir ou serem reelaboradas a partir da construção de identidades sexuais. As primeiras não se baseiam simplesmente no sexo, mas em atributos performáticos dados a partir de pressupostos padrões de comportamento e seus efeitos (BUTLER, 2003), bem como a estatutos jurídicos. Trata-se de um mecanismo pelo qual as noções de feminino e masculino são produzidas, naturalizadas ou mesmo rejeitadas pelos sujeitos.

Judith Butler (2003) chama atenção para os aspectos subjetivos em torno da construção de gênero, se constituindo como produto social e histórico, bem como um domínio subjetivo. Ser homem ou ser mulher, neste sentido, envolve mais do que simplesmente a posse de um pênis ou uma vagina, mas a correspondência com formas de ser que são estabelecidas como normas e ao mesmo tempo objeto de reapropriações. Finalmente, o sujeito gendrado só passa a existir na medida de sua própria sujeição às regulações (BUTLER, 1997 apud ARÁN e PEIXOTO Jr, 2007).

Diferentemente, a orientação sexual se define através da construção do objeto de desejo, culminando ou não na definição de identidades sexuais. A heterossexualidade como norma baseia-se, portanto, em uma relação essencialista entre uma definição biológica de gênero e uma construção estrita do objeto desejo e se reafirma através de processos sociais de reiteração de papéis e comportamentos. Ao mesmo tempo, apesar de se partir do princípio de que as noções de gênero sejam reiterações da norma sexual, a instabilidade da repetição das mesmas vislumbra a positividade da subjetivação da experiência, bem como favorecem as possíveis disjunções entre a assunção do sexo e a escolha do objeto sexual (ARÁN e PEIXOTO JUNIOR, 2007).

As identidades sexuais remetem, portanto, a construções da sexualidade baseadas em uma percepção dos sujeitos quanto à orientação dos seus desejos, em caráter ocasional ou definitivo. Dado tratar-se de uma identidade, o seu processo de construção ultrapassa a dimensão individual da escolha ou direcionamento em função da realização de fantasias ou satisfação de impulsos sexuais, pressupondo um processo relacional, histórico e fluido. A orientação do desejo não é portanto um determinante à construção da identidade sexual, mas parte de um processo individual de subjetivação,

bem como de reconhecimento social. As identidades sexuais podem inferir sobre construções de gênero, o que nos permite falar em masculinidades e feminilidades, senão diferentes conjugações entre coisa e outra, ou sua negação, como dirá Louro (2012).

É possível, portanto, que identidade sexual se defina de forma relativamente autônoma com relação à construção fantasmática dado que o processo de identificação não implica em uma supressão do desejo, segundo Butler:

A identificação é, ao mesmo tempo, uma trajetória fantasmática, uma resolução de desejo e uma assunção de lugar: trata-se da territorialização de um objeto que possibilita a identidade mediante a temporária resolução do desejo, que ainda permanece sendo um desejo, mesmo sob a sua forma repudiada (ARÁN e PEIXOTO JUNIOR, 2007: p. 144)

Assim também o desejo homoerótico pode ser admitido como uma orientação sexual em direção a um objeto de desejo do mesmo sexo sem que se estabeleça como parâmetro para definição identitária, desde que seja apreendido por um caráter situado ou ocasional.

A bissexualidade é integrante à carreira swinger feminina, efetivada, portanto, através das práticas sexuais públicas e/ou grupais, por mais que possam simplesmente não ser experimentadas por determinadas mulheres. *Assumi-la* ou não, em termos gerais, diz menos sobre as construções de feminilidade em termos genéricos (ou a uma identidade de gênero) do que sobre as construções de sexualidade vigentes nas formas de sociabilidade eróticas analisadas (ou identidades sexuais que, aí sim, podem se relacionar com modelos de feminino/masculino). Bem como pode estar diretamente relacionada à definição de uma dada noção de feminilidade.

O ser mulher liberalista sexual, portanto, implica em uma construção de feminilidade que não pressupõe necessariamente o caráter unidirecional da orientação do desejo.

Contrariamente, a bissexualidade masculina como orientação sexual é uma possibilidade dada nos contextos de sociabilidade, mas não em caráter público, muito menos como subversão do status heteronormativo, não encontrando efetividade enquanto identidade sexual.

A sua publicidade é um interdito muito mais incisivo do que propriamente a sua ocorrência. Da mesma forma, não necessariamente implica em uma reavaliação da identidade sexual masculina, assim como nos apresenta Cristian em referência à sua identidade libertina (cuja peculiaridade será analisada no próximo Capítulo). Finalmente, independente das práticas sexuais empreendidas entre ele e seus parceiros ocasionais, tais experiências são apreendidas como parte do contexto, do comportamento e, sobretudo, da identidade libertina sexual.

Entre os meus interlocutores brasileiros apreender a orientação bissexual como parte de um exercício situado aos contextos de sociabilidade erótica é uma alternativa dada sobretudo aos membros de *casais de fato* (e, portanto, integrantes de um arranjo heteronormativo prévio). A questão não está em uma negação ou não da bissexualidade, mas na diferenciação entre as aventuras sexuais do casal e as práticas cotidianas de seus membros. Uma vez centrada neste arranjo afetivo-sexual é possível que a sua sexualidade seja apreendida como de caráter estritamente heterossexual, de forma relativamente autônoma com relação às práticas empreendidas por cada um ou ambos os seus membros durante os intercursos coletivos.

A bissexualidade, desta forma, pode assumir o caráter de orientação sexual do casal em relação, mais do que identidade sexual dos seus membros individualmente. Daí a possibilidade de que se definam como praticantes do *bissexualismo*<sup>108</sup>, sadomasoquismo, swing aberto ou fechado<sup>109</sup>, assim como o identificado por Gilbert Bartell (1972), variando ainda entre atividades realizadas apenas pelas mulheres, pelos homens, ou por ambos os seus integrantes. Tais classificações, por outro lado, remetem às atividades praticadas no contexto liberalista sexual, e não necessariamente à assunção de identidades sexuais em sentido amplo.

A assunção da bissexualidade como identidade sexual requer o reconhecimento da influência das práticas homoeróticas para a definição dos sujeitos, o que se refere a

---

<sup>108</sup> Categoria nativa.

<sup>109</sup> Em seu trabalho sobre a sexualidade de grupo nos Estados Unidos o autor identifica diferenciações entre as modalidades aberta e fechada do swing. Na modalidade aberta, ambos os casais, já invertidos, compartilham de um mesmo espaço durante a realização dos intercursos sexuais, o que permite aos cônjuges se observarem enquanto realizam o ato sexual com o membro do outro casal. A modalidade fechada é caracterizada pelo autor como prática na qual cada um dos casais reagrupados (o membro de um em companhia do membro do sexo oposto do outro) ocupa um quarto diferente no momento de realização do ato sexual. Diante de um contexto de observação carente de espaços públicos de sociabilidade (ou estabelecimentos de lazer erótico), os encontros envolviam basicamente festas privativas ou jantares entre pares nos quais em certas circunstâncias as duas modalidades de swing eram combinadas, envolvendo uma sessão inicial fechada e outra posterior na qual os membros dos diferentes casais se reuniam em um mesmo cômodo para uma sessão sexual grupal ou coletiva.

percepção destes como gostos e comportamentos regulares, bem como referenciais subjetivados. As experiências sexuais possivelmente vivenciadas não necessariamente se revertem em uma transformação da autoimagem, muito menos em direção a parâmetros classificatórios dados. Estas podem ser apreendidas como formas de experimentação sexual ocasionais ou ser avaliadas como aventuras nos termos simmelianos: práticas situadas a determinadas relações ou contextos (SIMMEL, 1998). Bem como parte de uma identidade liberalista sexual e cuja definição, portanto, subverte a lógica de categorização que toma a definição do objeto de desejo (se para sujeito do mesmo sexo, do sexo oposto ou ambos) como ponto de referência.

A assunção de uma identificação sexual hetero-orientada não contraria, portanto, o desejo homoerótico imaginativo ou mesmo o seu exercício ocasional. A questão é transposta ao plano da construção social da identidade, o que torna especialmente elucidativos os dados obtidos com relação a prática bissexual masculina no contexto liberalista sexual.

Apesar de muitas das mulheres com as quais conversei no espaço de sociabilidade carioca relacionar a sua iniciação nas práticas bissexuais ao contexto swinger, elas assumem a bissexualidade como orientação sexual, ao menos para mim e no contexto do clube.

Apenas Mariana relata experiências homoeróticas anteriores à sua iniciação no swing, mas as confia com cautela. Theo sabe simplesmente que a moça curte o bi feminino quando vão ao clube. A prática ocasional da bissexualidade, sobretudo quando articulada ao estabelecimento de parcerias heteronormativas de caráter estável permite a manutenção de uma imagem não deteriorada do eu<sup>110</sup> mesmo quando da assunção da orientação bissexual.

Assim a orientação sexual pode estar subordinada, de fato ou compulsoriamente, a condição conjugal a partir da qual é experimentada. Relatar ao namorado suas experiências anteriores é o mesmo, no caso de Mariana, que assumir o caráter autônomo de sua orientação bissexual com relação às práticas liberalistas experimentadas em casal e, portanto, assumi-la individualmente. A identidade bissexual se constituindo como um elemento classificatório passível de ser aplicado de forma autônoma com relação às práticas liberalistas sexuais e não simplesmente parte delas.

---

<sup>110</sup> Passível de ser assimilada a um processo de estigmatização pela imputabilidade de identidade homo ou bissexual (GOFFMAN, 1999).



É desta forma que, contrariamente ao observado entre as mulheres, mesmo quando os homens estabelecem práticas homoeróticas no contexto liberalista sexual é possível que tendam a fazê-lo de forma espaço-temporalmente delimitada. E esta tendência é favorecida diante da invisibilidade de tais práticas, que podem ser mantidas em segredo pelos parceiros. O que não significa que não provoquem questões ou até mesmo conflitos pessoais.

Leonardo apreende de forma peculiar o *ménage a trois* estabelecido entre ele, a sua namorada, Rita, e uma prostituta travesti. A contratação desta profissional do sexo, e não de uma garota ou mesmo garoto de programa, teria como objetivo a satisfação sexual de ambos os membros do casal. Efeito semelhante poderia ter sido obtido em termos objetivos caso o profissional contratado fosse um rapaz disponível a práticas bissexuais, mas a escolha de uma travesti não é nada insignificante.

Esta personagem assume, em suas percepções, uma posição dual, passível de ser invertida situacionalmente na relação com cada um dos demais parceiros sexuais. A escolha se refere, portanto, não apenas à identidade sexual, mas a identidade de gênero de uma travesti, apreendida por ele como passível de assumir diferentes papéis em diferentes situações. Com Rita, é possível que ela exerça o papel sexual ativo, graças à posse do pênis. Já com Leonardo, assume o papel passivo no que se refere à atividade penetrativa.

Mais do que isso, a encarnação de uma imagem feminina ou feminilizada pela travesti permite, aos olhos de Leonardo, o estabelecimento de uma barreira simbólica entre papéis sexuais, reforçando o seu posicionamento dominante enquanto “a” personagem masculina em relação. Assim são resolvidas as possíveis disjunções, segundo a sua percepção. A transgressão de gênero acionada pela travesti não implica simplesmente na assunção de uma identidade sexual que vá de encontro a uma construção de masculinidade pautada na atividade sexual penetrativa. Elas investem na elaboração de uma feminilidade, destaca Santos (2012). O fazer-se travesti é também um processo de produção de uma ‘mulher’ que, neste caso, assume importância fundamental para Leonardo como um trabalho de *correção de sua própria natureza*, como salienta Silva (2007: p. 61).

O pênis está lá, e é também parte do contrato sexual buscado. Ele é útil e necessário em certo sentido. Mas é o trabalho de construção do feminino empreendido por essa personagem que a torna passível de ser percebida como uma parceria sexual

coerente com o posicionamento assumido por seu contratante, ao menos no que se refere aos seus relatos sobre a sua experiência.

Ao contrário da subordinação da experiência individual à experiência do casal, o rapaz centra-se em uma efetivação da sua ação que parte de uma apreensão individualizada das relações estabelecidas entre ele, a sua namorada e a travesti durante a prática sexual coletiva. Desta forma, o posicionamento ativo exercido pela profissional contratada não diz respeito a ele, pessoalmente, com quem teria exercido um posicionamento estritamente passivo, mas à sua namorada.

Na elaboração do objeto de desejo se evidenciam as disjunções entre orientações e identidades sexuais, no caso de Leonardo. Aqui este objeto é definido não por sua identidade sexual simplesmente (senão bastaria a contratação de um homem bissexual, senão disponível a práticas bissexuais), mas sim por sua identidade de gênero propriamente (a travesti não é mulher, mas também não é reconhecida por ele como um homem<sup>111</sup>).

Em outras situações é possível que a orientação do desejo seja apreendida com base em uma hierarquia de objetos e, portanto, uma diferenciação entre as atividades ou orientações a partir de um fetiche que é subordinado ao arranjo conjugal.

Cristian programava um *ménage* masculino quando o entrevistei, fazendo questão de destacar que o seu objetivo principal era maximizar o prazer de sua namorada, com quem até então havia estabelecido apenas trocas de casais e o *ménage* feminino. A veemência com que destacou o caráter desinteressado da sua decisão evidencia os conflitos internos vivenciados por ele. Ao mesmo tempo nos leva ao cerne da sua questão.

Cristian aciona um padrão de masculinidade que não está orientado pela atividade sexual penetrativa exclusiva, mas para elaborações de um erotismo cujo objeto é prioritariamente feminino em termos de construção imaginativa. O seu objeto de desejo é a sua própria namorada (mulher, portanto) e compartilhar com ela diferentes formas de obtenção de prazer é o objetivo. Esse homem buscado como parceiro ocasional não está a serviço da realização de seus desejos homo-orientados, por mais que possa haver, mas sim daqueles de caráter heteronormativo, atrelado a sua vida de casal heterossexual. O parceiro do *ménage*, finalmente, é o objeto de desejo do casal e

---

<sup>111</sup> Partindo de uma análise das apreensões do rapaz quanto à identidade de gênero de uma travesti, e não de uma discussão acadêmica em torno da sua definição.

em função da realização de um fetiche que se justifica e será experimentado através do arranjo dual.

A transa à três é o objeto de devaneio, independente (neste caso) das atividades passíveis de serem empreendidas durante o intercuro sexual. Cabe a mim, portanto, compreender a forma como ele elabora as suas práticas mais do que questionar a compatibilidade dos relatos entre práticas e identidade sexual declarada. Finalmente, a especificidade com que se constrói a sua identidade liberalista sexual, como demonstro no próximo Capítulo, caracteriza-se pela transposição de barreiras entre identidades pautadas em classificações estritas entre orientações sexuais.

De uma forma ou de outra, é possível que Cristian experimente tais deslocamentos. Assim suas experiências bissexuais, implicando ou não em uma alteração de sua identidade sexual (sendo apreendidas, portanto, como ocasionais, efêmeras ou definidoras da sua sexualidade), podem ser vivenciadas sem que ele experimente um processo de deteriorização da sua imagem, ou ao menos da sua autoimagem heterossexual. Mesmo que o rapaz traduza tais experiências como parte de um processo de reorientação sexual, esta ainda pode ser apreendida como parte da construção de sua carreira liberalista sexual e que é a ela circunscrita.

Por outro lado, Leonardo se depara com uma situação de desestabilização iminente, dada pelo deslocamento entre as práticas do casal e aquelas empreendidas por ele individualmente. Mesmo se tratando de um fetiche compartilhado com a namorada, a presença de outro parceiro(a) não é vista como parte de um exercício sexual conjugal, podendo incidir diretamente sobre a construção da sua autopercepção. Além disso a carreira liberalista sexual de Leonardo e Rita ainda está em processo de iniciação. Daí a contratação de uma travesti ser acionada como estratégia em função da manutenção de uma imagem coerente do eu.

A mesma dificuldade relatada pelo casal em estabelecer parcerias sexuais nos espaços de sociabilidade erótica é sentida no processo de efetivação de suas ações. As percepções individuais de Leonardo quanto à sua sexualidade vão de encontro às práticas que ele começa a desenvolver e não encontram ainda um caminho através do qual possam ser reformuladas. Ao efetivar as suas ações o casal recorre a referenciais que são anteriores e exteriores a elas, negando-as de certa maneira, impasse típico a um estado liminar de inserção da carreira swinger.

Finalmente, uma coisa é permitir-se experimentar sexualmente o próprio corpo e o corpo de terceiros como parte de uma experiência liberalista sexual, como o faz

Cristian. Outra coisa é buscar direta e deliberadamente a satisfação de um desejo sexual que tem como objeto outro indivíduo do mesmo sexo. Mesmo que a experiência compartilhada pelo casal Leonardo e Rita não tenha envolvido intercursos homo-orientados, é necessário ainda *travestir* esse outro homem, conferir a ele não apenas o papel<sup>112</sup>, mas a imagem de mulher.

A carreira liberalista sexual masculina é mais profundamente marcada por conflitos desta natureza dado que as fronteiras entre práticas empreendidas tendem a envolver inversões entre atividades e zonas de estimulação. Ao mesmo tempo, estas podem implicar em uma inversão de papéis em um sentido prático: entre aquele que penetra e aquele que é penetrado.

A diferenciação de gênero mais rudimentar está centrada em uma categorização por sexo que, por sua vez, posiciona cada um dos atores segundo atividades sexuais passíveis de serem empreendidas. A bissexualidade feminina não implica em uma possível mudança de posicionamento entre escalas de passividade ou atividade penetrativa. As relações empreendidas por mulheres com parceiros de diferentes sexos variam segundo modalidades sexuais possíveis, mas que não implicam significativamente em uma alteração do padrão de estimulação. Senão aquela dada pela ausência do órgão sexual masculino.

Finalmente, segundo os relatos analisados mesmo o direcionamento do desejo a um indivíduo do mesmo sexo não implica, para as mulheres, em uma transformação do status de tal orientação. Já as relações estabelecidas entre dois homens assumem um caráter desviante que independe dos posicionamentos assumidos durante o intercuro sexual por cada um dos parceiros em relação. A questão é que estas envolvem necessariamente uma descentralização do estímulo da região peniana para a região anal e tal transposição é o símbolo de uma crise de identidade que, esta sim, se refere a uma dada construção de masculinidade. E não como consequência à passividade sexual propriamente dita, mas desta enquanto possibilidade dada a partir do estabelecimento da relação homo-orientada. Tais atividades são geradoras de um processo de desconfiança quanto à masculinidade que se autonomiza de uma polarização atividade/passividade sexual. Quando a prática pode ser vivenciada como parte de um processo situado de experimentação é possível que permaneça circunscrita também subjetivamente.

---

<sup>112</sup> Ao me referir a *papeis sexuais de gênero*, parto da percepção dos meus interlocutores quanto às fronteiras entre identidades, orientações e práticas.

A importância da não publicização das práticas bissexuais masculinas no contexto dos clubes é dada pela possibilidade de que os conflitos subjetivos em torno de um processo de reformulação da identidade sexual (ou mesmo de gênero, em função da elaboração de uma nova construção de masculino) se mantenham no âmbito privado das relações interpares. É o segredo dentro da própria sociedade do segredo. Conteúdo secreto deste *mundo secreto*.

Este, desde que compartilhado apenas com parceiros eventuais, protege os atores da possibilidade de imputabilidade do rótulo. Assim é possível a esses rapazes manter-se a salvo de um processo de estigmatização capaz de reverter as suas percepções de si, incidindo de fora para dentro em uma redefinição tácita das suas identidades sexuais. Uma vez em segredo, tais experiências podem ser elaboradas em termos autorreferidos, como o faz Leonardo. Senão à experimentação sexual é conferido um caráter situacional que não se reverte necessariamente em uma reelaboração do posicionamento sexual. Não ao menos em caráter público.

Aqui sim podemos identificar a principal e mais sensível diferença entre a forma como homens e mulheres apreendem suas experiências homo-orientadas nos contextos de sociabilidade erótica analisados. Elas não apenas declaram diretamente o seu interesse por outras mulheres, como participam ativamente do processo de sedução daquelas que se estabelecem como seus objetos de desejo. Experimentam a possibilidade de vivenciar publicamente a sua sexualidade, em diferentes níveis, sem que haja contradições entre práticas e percepções de si, ou uma alteração da sua imagem perante aos outros que se reverta em um processo de redefinição identitária. Contrariamente, vários dos meus interlocutores homens se referem à incidência de práticas bissexuais masculinas no contexto liberalista sexual, mas apenas Cristian relata claramente as suas experiências homoeróticas. E ainda assim sente-se impelido a remontar todo um conjunto de argumentos em favor da efetivação de suas práticas.

O bissexualismo masculino é um tabu não como um ato interdito, mas como um conteúdo inerente ao não dito ou não pronunciável. É possível e recorrente, ao menos nos relatos. Mas não se reverte em uma identidade sexual legítima, ou ao menos autônoma, aos homens inseridos nos espaços públicos de sociabilidade liberalista sexual. Entre a prática e a sua assunção estão localizadas as fronteiras entre o público e o privado, bem como entre a experiência aventureira a construção dos sujeitos.

É possível, finalmente, que as práticas homoeróticas sejam restritas em número de ocorrência devido aos conflitos potencialmente inerentes ao processo mesmo de

abordagem interessada entre dois homens. Qualquer declaração de interesses pode servir como o estopim de um desacordo que coloca em cheque a credibilidade daquele que a assume, bem como ser apreendida como uma ofensa à autoimagem daquele que a quem se direciona e, aí sim, assumir uma dimensão pública. Sobretudo quanto se dá no interior dos espaços públicos de sociabilidade.

Por outro lado o respeito mútuo pressuposto como base a essas relações não está assentado em um regime de desatenção civil, ou sequer na exclusividade sexual como um elemento delimitador à construção dos objetos de desejo, mas em códigos de flerte muito sensíveis. O contexto de sociabilidade é um espaço de estabelecimento de parcerias e que coloca a todos (em tese) em condição de objeto de desejo em potencial.

Diante dos conflitos acima mencionados, também por isso aos clientes homens é necessário um controle de entrada e ação tão rigoroso. São eles que ativam mais diretamente o sistema de inversão dos arranjos conjugais, sobretudo quando sós e adeptos de uma heteronormatividade estrita. São eles que mais frequentemente colocam à prova o conjunto, não apenas desejando a mulher do próximo, como eventualmente propondo ao seu marido o direito de transar com ela. São eles, finalmente, que colocam em risco às identidades sexuais dos homens presentes, eventualmente propondo parcerias homo-orientadas.

Quanto ao desejo pela mulher do próximo não me refiro ao que poderia ser analisado simplesmente como uma tentativa de desonra (partindo, portanto, do pressuposto de que haja uma relação de poder na qual esta mulher é de posse do seu marido), mas ao fato de que este homem deseja exclusivamente a mulher do próximo e não ao próximo propriamente. Neste sentido, o posicionamento feminino nestes espaços é potencialmente dual em termos de definição do objeto de desejo, por isso também potencialmente menos conflitivo. As mulheres bissexuais não desejam apenas o marido da outra, como a outra ela mesma. Os laços afetivo-sexuais não são colocados em jogo nestes casos, portanto, dado que não se trata de um desejo excludente.

A normalidade com que a bissexualidade feminina é encarada em ambos os espaços de sociabilidade analisados torna todas as mulheres em copresença parceiras em potencial e sem que isso se estabeleça como um foco de conflito iminente. Mesmo que estas alimentem exclusivamente fetiches em torno da troca de casais, tornando apenas o homem alheio objeto de desejo, beijos e carícias entre mulheres podem ser trocadas ou simplesmente aceitas por uma delas, ou senão negados sem maiores conflitos. Toda

forma de resistência quanto a tais práticas sendo apreendida como um posicionamento individual específico, mas nem por isso menos ou mais efetivo.

Finalmente, isso as coloca em uma posição central durante o processo de negociação intraconjugal em torno dos parceiros em potencial, bem como no processo de sedução. Assim como efetiva o seu interesse combinado por ambos os membros de um casal, conteúdo recorrente no imaginário liberalista sexual: *Toda mulher gosta de mulher, pode não assumir isso, mas quase toda mulher gosta*, destaca Gilberto<sup>113</sup>: *elas vêm pra cá pra fazer aqui o que não podem fazer na rua*.

O posicionamento direto e declarado apresentado por minhas interlocutoras no clube brasileiro sinaliza para a construção de uma sexualidade muito mais adequada aos pressupostos basilares ao liberalismo sexual, do que aquela experimentada pelos rapazes. Há estudos que partem de uma análise da sexualidade conjugal em grupo como produto de uma demanda, quiçá exigência masculina. A busca dos homens por excitação que tem na imagem de duas mulheres sexualmente envolvidas um objeto de devaneio imaginativo está presente nestas perspectivas como elemento determinante para o posicionamento destas mulheres. E é por vezes acionada por elas mesmas como motivação para a sua iniciação nas práticas homo-orientadas (vide WELZER-LANG, 2005).

Por outro lado, é necessário desmistificar tais argumentos, mesmo quando empiricamente fundamentados, e, sobretudo, situá-los analiticamente, em respeito a essas próprias atrizes.

Em primeiro lugar, partir do pressuposto de que a iniciativa para a iniciação nas práticas swingers em casal é sempre ou predominantemente masculina contraria os dados obtidos durante esta pesquisa, sobretudo segundo as minhas interlocutoras brasileiras<sup>114</sup>. Em segundo lugar, este argumento está diretamente relacionado a um posicionamento analítico determinado, e extremamente limitado segundo os objetivos aqui estabelecidos. Finalmente, assumi-los indiscriminadamente é deslocá-los não apenas das formas de sociabilidade que sustentam como também objetivar um dos seus atores fundamentais.

Argumentos baseados em um projeto de cultivo da relação conjugal são comuns entre os *casais* de swingers *de fato*, bem como o relatado por Cristian quanto ao

---

<sup>113</sup> Gilberto é namorado de Carla há aproximadamente um ano e meio, iniciado e *praticante swing desde sempre*. A namorada foi iniciada por ele ainda no início do relacionamento e ambos declaram buscar, sobretudo, o *ménage* feminino.

<sup>114</sup> Retomo as dificuldades apresentadas em Paris quanto ao estabelecimento de interlocutoras mulheres.

contexto *échangiste*. Por outro lado, o acionamento desta justificativa em favor do convencimento do parceiro, senão espécie de chantagem, foi mencionado apenas por Renata como estratégia de seu marido, ainda no início de seu relacionamento. Da mesma forma, ela se refere aos benefícios práticos e subjetivos do swing para a sua vida conjugal quando em conversa comigo.

Casada com Paulo há doze anos, Renata tentava conciliar as suas investidas com declarações voltadas a justificar o seu posicionamento liberalista sexual. Assim como se referia todo momento ao fato de estar pessoalmente interessada por mim, ou a cada um dos fatores que a levaram a isso, remontava de tempos em tempos as suas dúvidas e inseguranças iniciais quanto à prática do swing, bem como se referia à estabilidade emocional do atual relacionamento.

Por outro lado, como em um diagnóstico quanto à tendência *natural* feminina a alimentar desejos homossexuais, Gilberto deixa claro que tão logo conheceu a namorada a informou quanto à sua tendência poligâmica “inata”: *eu disse pra ela: eu sou assim, então é melhor você estar comigo nessa*. Ele a teria convidado a participar de suas experiências grupais (segundo ele envolvendo sempre duas ou mais mulheres) ainda nos primeiros meses de namoro e declara ser incapaz de estabelecer uma relação sexual estável sem que possa eventualmente realizar as suas fantasias: *eu é que sou o dominador, sabe?* Gilberto não recorre a *meias palavras* para definir seu posicionamento na relação, ao mesmo tempo insiste veementemente em uma apreensão da sexualidade feminina como tendencialmente voltada à bissexualidade.

A namorada de menos de dois anos ri e confirma com a cabeça os seus relatos.

Ele foi o responsável por sua iniciação nas práticas coletivas, mas isso não a torna menos ativa durante as tomadas de decisões ou processos de sedução. Galanteador, Gilberto responde às gargalhadas quando da minha identificação: *É, na verdade a gente queria te pegar!* E negocia a concessão de uma entrevista: *Entrevista? A gente pode fazer uma troca*, ao que respondi *Depende da qualidade da entrevista*. Finalmente, retruca meu bom *iniciado*: *Não, depende da qualidade do seu desempenho!* Assim como acredita ter feito um bem à namorada, iniciando-a e incentivando-a a exercitar seus desejos *naturais*, não se nega a fazê-lo também por mim. A seu bel prazer, claro!

Com exceção desses dois casais, todos aqueles que relataram os processos de iniciação nas práticas sexuais coletivas descreveram um processo de negociação cuja iniciativa variou entre homens e mulheres. Mas o interessante é perceber que nenhum



dos meus interlocutores homens acionou a iniciativa feminina como argumento de justificação para a entrada na carreira swinger.

Theo e Mariana creditam à moça a *coragem em assumir esse fetiche*, mas ao remontarem o processo de negociação eles se referem basicamente ao amadurecimento da ideia, a busca por informações, e não o convencimento do rapaz ou a consideração dos ganhos possivelmente provocados pela experiência à relação. Tatiana não apenas participa ativamente do processo de busca por parcerias para ela e o namorado, como responde aos e-mails do casal, administra sua conta no MSN e foi basicamente a protagonista da abordagem, flerte e declaração direta de interesses a mim. Seu marido mal conseguia falar comigo, constrangido e impaciente com a possibilidade de conquista de uma nova parceira.

Busco demonstrar como creditar aos homens à iniciativa ao liberalismo sexual pode assumir para ambos, Gilberto e Renata, um caráter altamente positivado, sobretudo diante do meu posicionamento, e por razões diferentes. Estas sim referenciadas por específicas construções de gênero. A assunção das inseguranças em torno da decisão em experimentar a sexualidade de grupo tem para eles um efeito inverso àquele experimentado por elas, sobretudo diante de alguém que não compartilha de suas práticas.

É legítimo para Gilberto defender a sua tendência poligâmica inata, porque esta se refere ao que seria sua tendência masculina dominadora, exemplificada por ele pela tendência a só sentir à vontade com parceiras sexuais mulheres. Assim ele pode reafirmar duplamente a sua construção de masculinidade em oposição a uma construção de mulher como ser cuja sexualidade é marcada por tendências ao homoerotismo. Pouco importa para ele que o swing seja *um espaço no qual as mulheres podem experimentar em segredo aquilo que não podem fazer lá fora*, como ele mesmo o diz. O fundamental é que, lá fora ou lá dentro, ele seja o único homem a centralizar as suas carícias e que, portanto, o posicionamento da sua namorada seja apreendido como subordinado ao dele no que se refere às práticas heteroeróticas.

Consonantemente Renata credita ao marido a iniciativa e incentivo às práticas swingers e, principalmente, relaciona à sua disponibilidade pessoal em *ceder* a um projeto de cultivo da família que construíram juntos. Ela se permite assim estabelecer uma coerência entre ambos os mundos ao centralizar suas ações em um regime de bens que se efetiva através de uma supervalorização das relações afetivo-sexuais. Não nego que ela possa ter se sentido pressionada a aderir às práticas liberalistas sexuais, ou que

não possa temer que a interrupção desta carreira interfira na sua relação conjugal. Destaco fundamentalmente que esta não é uma tendência necessariamente generalizável entre as mulheres praticantes do swing e, sobretudo, que não é coerente sequer com o posicionamento global de Renata.

A moça não só tentou me seduzir insistentemente quanto participou ativamente e sem restrições dos intercursos sexuais transcorridos entre ela, o marido e outros dois casais. Outra das mulheres presentes nesta ocasião tinha restrições quanto à penetração de outro homem que não o seu marido, ou à *troca*<sup>115</sup>, segundo eles. Renata não apenas não resistiu às investidas masculinas como foi especialmente dinâmica durante as atividades sexuais com as demais mulheres presentes.

Uma das consequências mais problemáticas da pressuposição de que o liberalismo sexual responde basicamente a uma demanda masculina com relação à qual a prática bissexual feminina é um conteúdo inerente é que tal perspectiva está atrelada a uma negação da sexualidade e desejo femininos. E isso não só vai de encontro com os dados obtidos como também limita enormemente a possibilidade de apreensão das práticas estabelecidas. Confere às mulheres o caráter de meros objetos a serviço dos desejos e interesses masculinos, negando-lhes finalmente a capacidade de agência, bem como de participação no processo de efetivação de suas práticas.

Contrariamente, foi observada a centralidade feminina em ambos os contextos de sociabilidade analisados. São elas as clientes privilegiadas as quais são direcionadas múltiplas vantagens pelos estabelecimentos de lazer. Tais vantagens, é importante destacar, também têm como objetivo atrair as clientes solteiras para os espaços de sociabilidade, o que evidencia a sua menor procura por práticas de sociabilidade erótica quando sozinhas. Sinaliza talvez para uma relação mais direta entre a *condição conjugal* e a inserção nestes espaços de sociabilidade. Mas observar que as mulheres tendem prioritariamente a construir uma carreira liberalista sexual atrelada à formação de arranjos conjugais não é o mesmo que afirmar que a façam por pressão dos parceiros. Até porque muitas vezes as parcerias são apenas ocasionais, constituídas em favor das práticas e não o contrário, assim como o casal formado por Laura e Edson. O fato de tenderem a ir aos clubes mais frequentemente acompanhadas do que sozinhas talvez se

---

<sup>115</sup> A troca de casais é uma categoria nativa que se refere não apenas à inversão dos parceiros de um casal, mas ao estabelecimento de atividades penetrativas a partir desses novos arranjos. Dois casais podem se relacionar sexualmente entre si, neste contexto, sem necessariamente *fazer troca*.

deva simplesmente a uma questão de preferência ou busca por uma forma de proteção, incidindo sobre a formação de casais ocasionais.

Aurora é um caso a se pensar neste sentido. A moça teve a sua iniciação nas práticas swingers por intermédio de um rapaz com o qual costumava sair na época. Adepta entusiasta dos encontros extraclube estabelecidos entre contatos realizados pela internet, ela costuma sair com outros casais independente de estar ou não namorando. Nessas idas e vindas, permaneceu casada por poucos anos com um rapaz que achava que o swing era coisa de gente sem vergonha (período no qual, portanto, interrompeu seus encontros grupais), outros tantos entre relacionamentos menos estáveis, até que conheceu o atual marido, um swinger igualmente experiente. Solteira ou acompanhada, Aurora manteve a sua carreira liberalista sexual, estabelecendo parcerias ocasionais com rapazes em função da formação de casais montados.

Essas moças vivenciam efetivamente o liberalismo sexual, tanto nos espaços privados quanto públicos de sociabilidade e de tal forma que a possibilidade de abordagem lhes é dada em quase toda situação. Todos são seus parceiros sexuais, todos lhes estão disponíveis. Às mulheres é possível se tocar, beijar ou acariciar mesmo na boate do clube de swing<sup>116</sup>, ou despir-se em plena barra de *pole dance*. Bem como simplesmente não permitir a penetração de homens com os quais se dispõem a transar.

Diante da efetividade das práticas bissexuais femininas, a elas são ampliadas as chances de experimentação da construção imaginativa, nos termos de Campbell (2001). Há sempre e potencialmente dois objetos de desejo, direcionados ou não ao estabelecimento de mesmo(s) fetiche(s), sempre que em companhia de outro casal. Ao menos a moça agrada? Então pode ser que valha. É o cara que agrada? Então compensa. Se há conflito subjetivo, não faltam argumentos devidamente efetivados pelo próprio grupo em favor da sua superação.

Assim como as mulheres tendem a ser as responsáveis pela abordagem dos outros casais, estão também sujeitadas a regras claras de respeito mútuo, que não tendem, portanto, a resguardar apenas a honra masculina, como a delas próprias: *mulheres solteiras não se dirigem a marido de ninguém nem pra perguntar as horas*, destaca Aurora.

Neste contexto, às mulheres está reservada uma ilha onde o exercício de sua sexualidade é altamente valorizado.

---

<sup>116</sup> Espaço interdito às práticas sexuais, ou mesmo à nudez deliberada, o que será objeto de análise no Capítulo 4.

Reconhecida a importância e centralidade de todos os atores envolvidos nos contextos de interação, os aspectos gerais em torno da definição das entidades sociais que lhes são chave e as diferentes representações em torno da constituição de redes de relações, cabe-me discorrer sobre as situações de inserção nestes espaços de sociabilidade erótica. As tipologias sociais do swing e da libertinagem emergem aqui como diferentes posicionamentos no interior destes contextos, centrados em processos de constituição de carreiras liberalistas sexuais ou de construção identitária.

### **CAPÍTULO 3: Aqueles sobre os quais se fala**

Os tipos sociais em copresença nos espaços de sociabilidade analisados refletem diferentes posicionamentos assumidos nos contextos liberalistas sexuais. Estes dialogam com as entidades sociais valorizadas em cada um dos estabelecimentos de lazer, mas se referem basicamente à forma como os atores em copresença vivenciam as disjunções entre tais referenciais de conduta e suas (in)competências em correspondê-lo. Uma vez em inseridos nestes espaços, todos os clientes do clube ou da sauna passam a compartilhar de uma situação dada não apenas pelo reconhecimento da presença dos demais, como pela conscientização de que a sua própria presença é reconhecida pelos outros.

Curioso observar que ambos os espaços estabelecem diferenciações entre os diferentes clientes com base nos arranjos a partir dos quais se apresentam na entrada dos estabelecimentos. A condição conjugal declarada que os diferencia, bem como seu sexo, estando os casais numa condição diferenciada dado que, em ambos os espaços de sociabilidade analisados, apenas eles têm acesso irrestrito a todos os eventos. Independente da “programação do dia”, os casais são sempre a referência a partir das quais são organizadas as *soirées* e, portanto, construídas as práticas.

Ressaltadas as variações específicas, estes três conjuntos de clientes são tratados de maneira equivalente pelos dois estabelecimentos analisados, tanto no que se refere às classificações quanto à relativamente proporcionais variações de preços. Entre *noites*

*para casais e solteiras, ou noites para casais, solteiros e solteiras*<sup>117</sup>, segundo diferentes dias da semana, em nenhum dos estabelecimentos de lazer foram apresentadas interdições para a entrada de *casais* ou de *solteiras*, ou *mulheres sós*.

Às mulheres é reconhecido o direito de entrada todos os dias da semana e independente do estado civil declarado, variando as facilidades a elas oferecidas desde a suposta necessidade de reserva e companhia de um casal (declaradas pelo clube brasileiro, mas que foram dispensadas no meu caso, por exemplo) até a oferta de incentivos como a entrada gratuita, um drink e o jantar (como ocorre às terças-feiras, sextas-feiras e sábados na sauna parisiense). Contrariamente, os homens sós têm a sua entrada controlada por regras que proíbem, eventualmente selecionam e, sobretudo, encarecem sobremaneira a sua participação, e ainda mais no clube brasileiro. Diz-se ainda que o número de solteiros permitido no interior dos estabelecimentos está subordinado ao número de casais presentes, o que parece destoar diante de uma presença quantitativa relevante de homens sós durante os eventos observados na sauna.

No momento de realização da pesquisa os valores da entrada correspondiam à R\$ 50,00 para os casais, R\$ 25,00 para as solteiras e de R\$ 150,00 até R\$ 170,00 (dependendo do horário) para os solteiros, nos dias nos quais a entrada dos rapazes sozinhos é permitida no clube carioca. A sauna parisiense cobrava 63€ aos Casais, 15€ às *mulheres sós* e 118 € aos *homens sós*, sendo que a sauna oferece sempre um *buffet* no jantar, uma bebida em determinados dias e horários da semana e que as mulheres solteiras entram gratuitamente nos dias de terça-feira, quinta-feira e sábado.

As palavras *casal*, *solteiros* e *solteiras* são aqui destacadas como categorias nativas acionadas pelos meus interlocutores brasileiros que, ao mesmo tempo em que remetem a uma conceituação formal em torno de estados civis, se baseiam apenas na condição prática em que se encontram os clientes no momento de sua entrada do estabelecimento: se acompanhados(as) ou não. Demonstrei anteriormente que não são exigidos documentos que comprovem laços de conjugalidade formais àqueles que se declaram um casal, desde que assim se apresentem na portaria do clube carioca. A sauna parisiense, por outro lado, se remete as categorias *só* para diferenciar os clientes acompanhados e desacompanhados, apreendendo como *casais* os casais de clientes que

---

<sup>117</sup> Estas diferenciações quanto ao acesso de clientes em eventos referem-se ao clube de swing, assumindo equivalência em termos de restrições de entrada na sauna libertina entre *couples et femmes seules* (casais e mulheres sós) e *jour ouvert à tous* (dia aberto à todos). Na prática, as restrições de entrada em ambos os estabelecimentos de lazer se referem aos solteiros, ou rapazes sós, respectivamente.

chegam ao estabelecimento juntos, igualmente sem deles exigir maiores informações quanto aos seus laços conjugais.

Estar só não significa ser solteiro, bem como estar junto caracteriza a constituição de um casal, entre meus interlocutores libertinos, mas enquanto um par heterossexual de clientes e não necessariamente um arranjo afetivo-sexual, como o demonstrado anteriormente. A mesma tendência se reflete nas falas dos meus interlocutores. Ao contrário do que foi observado no Brasil a condição de conjugalidade não parece ser alvo de atenção ou estratégias de manipulação, seja em torno de laços afetivo-sexuais ou do caráter institucionalizado da relação, refere-se basicamente a uma forma de identificação que pode se refletir nas relações estabelecidas no interior da sauna, mas não em uma entidade social valorizada por si só.

Amplamente ambos os espaços de sociabilidade se caracterizam pelas relações estabelecidas entre os diferentes atores sociais presentes, apresentando regras de entrada (e no clube brasileiro também de circulação), por um modo de vida e um referencial de comportamento idealizado. *Swingers*<sup>118</sup> e *libertinos*<sup>119</sup>, cada um em seu contexto, são as personagens principais nos relatos, constituídos como personificação de um ideário, símbolo de um modo de ser e, finalmente, público alvo aos estabelecimentos de lazer. Não coincidentemente, também em função de tais personagens as programações semanais se organizam. Aos casais, por outro lado, é garantida uma condição sempre privilegiada de acesso.

Estabeleço algumas considerações em torno dos diferentes tipos sociais em copresença nos espaços de observação em referência à sua inserção em um projeto de construção de uma carreira liberalista sexual, bem como às suas diferentes fases de desenvolvimento. Objetivo assim apreender como esses diferentes atores estão posicionados no interior dos estabelecimentos de lazer erótico, bem como tais posicionamentos inferem no estabelecimento das relações de copresença.

A concepção de *carreira* foi inicialmente desenvolvida por Everett Hughes (1958) em um estudo sobre ocupações profissionais, referindo-se as passagens de posições a outras em determinado sistema. Este processo refere-se a uma série de status

---

<sup>118</sup> Neste caso a categoria remete às práticas, implicando, portanto, na pressuposição do arranjo diádico como base para a definição da identidade. *Swingers*, neste sentido, são casais heterossexuais. Este arranjo base pressupõe um elo afetivo-sexual, se não de fato, idealizado. Daí a diferenciação entre *casais de verdade* e *casais montados* que foi o foco analítico do capítulo anterior.

<sup>119</sup> Semelhantemente, a categoria *libertino* é aqui referida com base em um posicionamento político-filosófico, mais do que pela prática liberalista sexual. Assim também se diferenciam os *verdadeiros* e *falsos libertinos* no interior da sauna.

e funções definidas, a sequências de posições e aos fatores dos quais depende a mobilidade no interior de uma classe profissional: as competências, posicionamentos e motivações exigidas de acordo com os termos específicos previstos por um sistema valorativo inerente a determinado ramo profissional. Posteriormente a noção de *carreira moral* foi aplicada por Goffman (1998) à análise do processo de estigmatização, referindo-se aos ajustamentos vivenciados por certos sujeitos com relação à identidade deteriorada que lhes é socialmente imputada.

Apesar do temor da estigmatização, dado diante da possibilidade de que sejam amplamente identificados como praticantes do liberalismo sexual, não se pode dizer que meus interlocutores construam uma carreira moral propriamente dita. A possibilidade de que os seus posicionamentos se mantenham devidamente segregados aos contextos e situações de sociabilidade erótica os permite exercitar tal comportamento sem comprometer a sua imagem global e, portanto, serem estigmatizados. De uma forma geral eles não estão inseridos em um processo de ajustamento à sua “condição” nem tendem a sofrer mudanças equivalentes em suas concepções do eu, ao menos não de forma generalizada. Eles acionam estratégias de diferentes tipos com o objetivo de manipular a sua imagem perante aqueles que não compartilham de suas práticas sexuais, reconhecendo um caráter relativamente *desviante* destas com relação às normas de conduta extraclubes, e esses procedimentos apresentam resultados bastante satisfatórios neste sentido.

A possibilidade de estigmatização é um fantasma que ronda seus imaginários com relativa frequência, mas não se apresenta como uma consequência inevitável, ou mesmo recorrente, quanto à prática empreendida, porque esse movimento exigiria um fluxo comunicacional mais intenso entre os dois mundos. Ao mesmo tempo, o reconhecimento da imputabilidade do estigma pressupõe a apreensão do caráter deteriorável da identidade. Ainda assim, mais do que simplesmente reconhecer o potencial estigmatizador de dado comportamento, tal processo de construção de carreira exige a imputabilidade da classificação, um risco meticulosamente controlado.

Os contextos intra e extraclubes estão apartados pelo caráter de sub-região moral com que se constitui o primeiro. Sobretudo no clube brasileiro, a fachada camaleônica, a localização e a dinâmica de circulação característica à área urbana na qual se situa o

espaço de sociabilidade contribuem para a manutenção de um *anonimato relativo*<sup>120</sup> aos seus frequentadores. Ao mesmo tempo, apesar da visibilidade com que a sauna parisiense se expõe no contexto da região de Pigalle, segurança semelhante é dada pela característica desatenção civil com que desconhecidos se tratam no espaço público urbano. Ao relatar que ele entra na sauna de *cabeça erguida*, Francis não se remete a um posicionamento político de assunção identitária em sentido geral, mas ao exercício de um direito individual e inalienável de mobilidade e reserva: o anonimato como um direito universal garantido ao cidadão parisiense pelo próprio modo de vida urbano que lhe é típico.

Finalmente, uma vez em copresença lá dentro todos se igualam, partilhando de uma condição equalizadora relativamente autônoma com relação aos posicionamentos de cada um individualmente, neste espaço ou fora dele. Propriamente ativos ou não, curiosos ou interessados em se iniciar, diante do reconhecimento mútuo o compartilhar do segredo de simplesmente estar lá cria um elo subjetivo entre todos os presentes. Assim se constitui a condição de anonimato compartilhado, na qual a situação de copresença em um contexto potencialmente estigmatizante (o estigma apreendido como um processo de deteriorização da imagem de proporções e consequências variáveis) se converte em um acordo tácito de mútua proteção identitária. O caráter *anormativo* das práticas (com relação a um modelo de conduta extraclube) não infere diretamente sobre as autopercepções ou mesmo como processo exterior de desestabilização identitária individual dos sujeitos.

Howard Becker desenvolveu por outro lado o conceito de *carreira desviante* em sua análise entre os usuários da maconha, demonstrando como tal prática envolve o desenvolvimento de competências técnicas e a assimilação de significados elementares a iniciação nas e manutenção das práticas. A inserção em *grupos organizados* assume uma importância fundamental neste sentido, enquanto rede de informações (em favor do acesso a um sistema de fornecimento da droga, de comercialização ilegal, entre outras coisas) bem como de justificação racionalizada para a prática.

Tal concepção de carreira dialoga de forma mais apropriada com os dados obtidos entre os praticantes do liberalismo sexual, mas opto a identificá-la a partir das categorias nativas: carreira swinger, libertina, ou simplesmente liberalista sexual, em adequação a ambos os contextos e situações analisadas. Estes atores estão engajados em

---

<sup>120</sup> Em referência ao conceito de Machado da Silva e Velho, 1977.



processos de efetivação de suas ações cujo referencial são as próprias situações em que transcorrem. Liberalistas sexuais de uma forma geral não têm face. Não se identificam amplamente ou são facilmente identificáveis, bem como não buscam o reconhecimento de suas práticas a partir de um pressuposto de generalidade.

Fica evidente neste sentido como o estabelecimento de lazer apreendido como espaço público de sociabilidade erótica assim se define enquanto espaço de copresença entre seus frequentadores. Finalmente, são as ações recíprocas estabelecidas entre estes (bem como por estes com o entorno) que definem as situações, bem como efetivam as ações individuais. Ao mesmo tempo coexistem diferentes referenciais de conduta, compartilhados na constituição de um mundo secreto e que são intimamente reapropriados por um público<sup>121</sup> que se constitui em torno dessas práticas.

O que confere especificamente a um espaço um caráter público (no sentido que aqui nos interessa como ponto de partida) não é a sua natureza orgânica ou panorâmica, mas o seu caráter abstrato, socialmente construído, dirá Isaac Joseph (2007) a partir dos estudos de Gabriel Tarde (1992). Refiro-me à noção de espaço público enquanto espaço de copresença apreendido em suas dimensões relacionais, formas de interações, bem como reservas, segundo definição de Erving Goffman (2010). Freire (2005) destaca que o autor refere-se neste sentido às *diversidades de situações rotineiras e quotidianas nas quais se constituem interações regidas pelas regras da visibilidade mútua* (p. 44).

Os contextos de sociabilidade liberalistas sexuais, por outro lado, não estão pautados propriamente em uma pressuposta desatenção civil. Caracterizam-se por uma dinâmica do flerte que oscila entre o interesse em potencial mutuamente compartilhado e a desvalorização das identidades individuais passíveis de serem reconhecidas de outros contextos. Como contexto de encontro e estabelecimento de parcerias sexuais, a atenção mútua é condição ao que poderíamos classificar como um *regime da sacanagem*. É o total interesse pelas coisas (e pessoas, certamente) ou relações que motiva esses atores a frequentar os clubes e saunas (ao menos a maioria desses atores, como eu demonstro em seguir).

Mas é a desatenção civil enquanto competência que garante a possibilidade de compartilhar de um anonimato<sup>122</sup> e, portanto, dispor da autonomia de ação que é fundamental à experimentação aventureira. Senão em toda e qualquer situação em que

---

<sup>121</sup> Mas uma vez em referência ao conceito de Gabriel Tarde, 1992 (ver nota de rodapé 26).

<sup>122</sup> Em referência ao conceito de Guimaraens e Cavalcante, 2007.

meus interlocutores se deparam com pessoas *conhecidas*<sup>123</sup> no interior dos estabelecimentos de lazer erótico, ao menos em boa parte dessas situações. A disparidade, ou desequilíbrio, entre atores que se deparam uns com os outros, se reconhecendo, neste caso, pode incidir sobre as possibilidades de cooperação em favor do compartilhar do anonimato, ou do estabelecimento de um acordo de mútua proteção identitária. Ainda assim, é no desvio da atenção sobre aqueles que já se conhece, e não na ausência de atenção generalizada, que estas civilidades devem ser exercitadas.

E é através da adequação ou não de seus comportamentos em referência ao contexto de sociabilidade erótica especificamente, das competências adquiridas ou das incompetências apresentadas, que serão classificados. E para além de processos de estigmatização ou de classificações dos comportamentos a partir de pressupostos de normalidade.

Assim também tais carreiras liberalistas sexuais se diferenciam pelo caráter de estabilidade com que podem ou não ser apreendidas, se diferenciando entre ocasionais ou permanentes, tanto em caráter individual quanto conjugal. Mais do que a frequência relativamente variável das práticas, interessa saber como são percebidas pelos atores em suas trajetórias. A ocasionalidade da posição assumida pode estar referenciada pela estabilidade da relação que lhe serve de núcleo, constituindo-se como um laço afetivo-sexual *real* (mesmo que situado temporalmente<sup>124</sup>) ou como um arranjo utilitário *ocasional* (e, portanto, situado temporal e espacialmente<sup>125</sup>).

Desta forma as tipologias de diferenciação entre os sujeitos em copresença em cada um dos espaços irão basear-se nas relações estabelecidas e as autoavaliações apresentadas pelos meus interlocutores. As formas progressivas de inserção no contexto de sociabilidade, o comprometimento com projetos de cultivo individuais ou conjugais, bem como a pretensão de estabilização ou ocasionalidade são os elementos classificatórios que subjazem tais posicionamentos. Assim é possível identificar as diferentes formas de inserção em coexistência e a sua convergência na construção dessas formas de sociabilidade.

---

<sup>123</sup> Neste caso, pessoas conhecidas previa ou externamente aos contextos liberalistas sexuais.

<sup>124</sup> Refiro-me a arranjos de caráter afetivo-sexual que não se concretizaram em um projeto de vida em comum, seja pela institucionalização da relação ou a simples coabitação, ou seja: namorados que se fazem passar por marido e mulher.

<sup>125</sup> Casais montados, isentos de laços afetivos de quaisquer tipos, podendo ainda envolver arranjos ocasionais entre clientes e profissionais do sexo.

### **Tipos sociais no interior do clube de swing**

Ambos os espaços de sociabilidade analisados evidenciam diferentes posicionamentos referenciados por um modo de ser idealizado. Assim os atores em copresença assumem diferentes papéis, diferenciados pelas posições ocupadas no contexto bem como as atividades empreendidas em favor de tal inserção (sejam elas sexuais ou não). Ao que demonstram as situações vivenciadas no clube de swing carioca estes conflitos não versam sobre um jogo entre o *ser* e o *não ser* um swinger *propriamente dito*, mas sobre fases de assimilação em um projeto de construção de uma carreira liberalista sexual específica.

Limitar a análise da sociabilidade swinger aos casais de swingers é negligenciar a complexidade do contexto. Ao tratar da construção da carreira liberalista sexual, por outro lado, verso sobre o desenvolvimento de competências específicas, bem como da assunção de um posicionamento e de uma identidade, mesmo que situada espacial(e temporal)mente. Estas são necessárias para a construção e sustentação de uma *fachada*<sup>126</sup> favorável ao estabelecimento de relações interpares (e, portanto, de intercursos sexuais), podendo assumir um caráter utilitário à satisfação dos desejos previamente estabelecidos. São carreiras propriamente ditas sendo construídas paulatinamente e cujo desenvolvimento culmina com a integração a formas de ação recíproca claramente demarcadas pelo compartilhar e proteção de um segredo, bem como de modos de conduta pública.

O contexto especificamente analisado é uma referência importante, dado que a adequação de comportamento se refere a uma compatibilidade com uma forma de ser swinger dentre outras. Ao mesmo tempo, estas formas se autonomizam relativamente com relação ao espaço de sociabilidade, ou a um espaço de sociabilidade específico, a partir de um compartilhar de códigos relativamente generalizados (no âmbito das sociedades secretas) em torno da prática sexual pública ou grupal. E estes envolvem as noções de respeito mútuo (entre parceiros afetivos ou parcerias sexuais), aos rituais de sedução e abordagem, bem como um comportamento conjugal *bem resolvido* em torno da abertura sexual de seus membros. Ao mesmo tempo, são reapropriados a partir das situações específicas de estabelecimento de contatos interpares.

---

<sup>126</sup> Goffman, 1975.

Os dados obtidos apontam para três grupos de frequentadores do clube de swing observado no Rio de Janeiro, segundo as fases em que se encontram (ou não) quanto à construção das suas carreiras liberalistas sexuais: os *iniciados*, os *iniciantes* e os *curiosos*.

O primeiro grupo corresponde àquele formado por sujeitos que se reconhecem e apresentam como praticantes ativos do swing, dominam os códigos de comportamento e se consideram competentes no estabelecimento das parcerias sexuais necessárias a plena vivência de suas práticas. Em situação intermediária se encontram os sujeitos empenhados em se inserir em práticas sexuais grupais e/ou coletivas, mas que ainda se sentem relativamente deslocados, inseguros e insatisfeitos, sobretudo com relação ao seu potencial de sedução ou *atração*<sup>127</sup>. Finalmente, o terceiro tipo presente no clube refere-se aos sujeitos que procuram o espaço por motivações outras que não o estabelecimento de relações sexuais grupais e/ou públicas. Ao menos não diretamente. Desta forma os curiosos assumem um papel sexual relativamente passivo neste contexto, mas não menos importante.

A identidade swinger está assentada nas práticas sexuais públicas e/ou grupais e não se pode ser um swinger ativo<sup>128</sup> sem que se seja capaz de estabelecer parcerias. Mesmo que apenas para dar uma espiadela... Quando prevê a troca de carícias físicas este potencial exige, por outro lado, o domínio de ferramentas de acesso à informação e contatos (como *sexlogs*, *webchats*, listas de discussão pela internet, ou *classificados* e sites de busca de parceiros) e sobretudo de um potencial de sedução.

Os iniciados têm como diferencial o fato de estarem de alguma forma articulados a redes de contatos cuja sociabilidade eventualmente extrapola a convivência no clube. Esta competência pode se desenvolver de forma relativamente individualizada, seja pessoalmente ou através da utilização de sites e chats pela internet, senão a partir dos primeiros contatos com iniciadores nas práticas swingers. Ao mesmo tempo, a apresentação de novos parceiros pode se estender entre parcerias instituídas em dado momento. Conhece-se um casal e, mesmo que o contato seja perdido em poucas semanas, este tempo já é suficiente para que se seja apresentado a outro casal, e assim

---

<sup>127</sup> Neste caso, pode-se observar como o potencial de atração refere-se a elementos outros que não a simples qualidades estéticas, assemelhando-se mais de uma competência em mostrar-se atraente, bem como em sentir-se atraído do que à correspondência a um padrão de beleza dado.

<sup>128</sup> As noções de atividade passividade não são aqui utilizadas em referência às atividades penetrativas, ou sequer a (in)atividade sexual, mas a posicionamentos que se diferenciam por uma busca deliberada por excitação sexual.

sucessivamente. Através das redes de bate-papo são ainda articulados eventos mesclando eventualmente *antigos* e novos parceiros, como elucidam Aurora e Airton em suas entrevistas.

Durante o trabalho de campo alguns dos iniciados foram facilmente identificáveis entre aqueles que são recebidos com maior intimidade pelo casal de promoters da boate. Estes são clientes conhecidos e reconhecidos, que dispensam o ritual de acolhimento dado aos novos visitantes, senão àqueles que vão pela primeira vez o estabelecimento. Da mesma forma, constituem redes de informação capazes de não me permitir passar despercebida, mesmo sem que eu jamais tenha tido contato com muitos deles. Uma vez identificada para alguns, poderia me tornar foco de atenção de todo um grupo.

Ao mesmo tempo, a classificação não se remete ao grau de inserção nestas redes especificamente, dado o caráter singular e até mesmo flexível com que podem ser tecidas e logo após novamente fragmentadas. Os iniciados não são necessariamente frequentadores assíduos deste espaço específico de sociabilidade, mas é possível que se reconheçam entre si de demais situações de copresença. É possível que o ritual de acolhimento se dê de forma semelhante com relação àquele direcionado aos demais clientes desconhecidos, centrando-se na apresentação dos espaços e normas de conduta, mais do que às dicas sobre a primeira vez.

Estudos pioneiros entre swingers (ou *lifestylists*) americanos demonstram como a mídia impressa especializada exercia uma importância fundamental nas décadas de 60 e 70 para o estabelecimento das parcerias sexuais através de anúncios classificados. Tal empreitada exigia por outro lado grande investimento de tempo e dinheiro, desde as primeiras cartas, os telefonemas, e os encontros iniciais, até que os intercursos sexuais transcorressem. Assim como o observado entre meus interlocutores, essas parcerias eram muitas vezes desfeitas imediatamente após a satisfação sexual, o que implicava em um processo contínuo de busca de novos contatos em função da manutenção das práticas (BARTELL, 1972).

Os estabelecimentos de lazer eróticos (ainda raros no contexto analisado por Bartell, quando eram basicamente constituídos como bares) viabilizam contatos diretos entre parceiros em potencial, facilitando todo o processo ao colocá-los em copresença. Ao mesmo tempo, o domínio da capacidade de estabelecer parcerias vai muito além do

acesso a outros swingers, exigindo um potencial de sedução e negociação que corresponda a um modo de agir específico, senão certo parâmetro de atratividade:

[17:42:54] Aurora: no clube é diferente  
 [17:43:02] Aurora: o ambiente é mais frio  
 [17:43:09] eu: como assim?  
 [17:43:12] Aurora: e sempre tem amigos nossos que reclamam  
 [17:43:26] Aurora: eu realmente não tenho do que me queixar  
 [17:43:39] Aurora: mais as pessoas nos clubes não interagem muito  
 [17:43:55] Aurora: com pessoas que não sejam realmente bonitas  
 [17:44:09] Aurora: e eu tenho alguns casais de amigos que são gordinhos  
 [17:44:17] Aurora: não são tão belos  
 [17:44:22] Aurora: e eles sempre reclamam<sup>129</sup>

Aurora evidencia em seu relato que os contatos no clube se estabelecem por critérios mais objetivos, implicando em uma exigência estética mais acentuada. A moça relata como os contextos de sociabilidade extraclube tendem a favorecer um conhecimento prévio entre parceiros em potencial, o que exerce um papel fundamental para a subjetivação da experiência sexual, capaz de inferir sobre a redefinição da construção imaginativa do objeto de desejo. O conhecimento mútuo, mesmo que superficial, permitindo formas de identificação e, finalmente, empatia interpessoal. Da mesma forma, esta *flexibilidade* é uma das competências desenvolvidas pelos iniciados na construção de sua carreira e que parece referir-se menos aos padrões estéticos do que a competências.

Numericamente estes são alguns dos atores com os quais mais tenho contato, dado serem ativos no processo de sedução e abordagem. Mesmo após saber a que se deve a minha presença, confiam em seu potencial de convencimento e o simples fato de eu me propor a estar no clube para a realização da pesquisa já é suficiente para que eles vejam em mim um potencial interesse pessoal em partilhar de suas atividades. Finalmente, não parecem se contentar em me classificar como uma *curiosa*, convencidos de que me trato de fato de uma *iniciante* em potencial.

---

<sup>129</sup> A disposição do texto se dá em conformidade com a forma como o relato foi concedido, não como uma declaração contínua, mas como um conjunto de frases digitadas e enviadas em separado, com espaços de tempo variantes entre uma mensagem e outra, recurso característico ao diálogo em na rede de bate-papo (a entrevista foi concedida por Skype) e não menos significativo para a análise. Aurora na verdade utilizava um codinome de acesso mesclando a sua identidade étnica e um apelido relacionado ao seu nome pessoal.

Referências temporais são acionadas na fundamentação de sua posição, quando se tratam de praticantes mais antigos, bem como o domínio de um circuito de lazer erótico mais amplo, assim como o fazem Renata e Paulo. Doze anos de swing, viagens por clubes de quase todo o Brasil, uma experiência da Argentina e toda uma vida a dois atrelada a práticas sexuais públicas e/ou grupais. Por outro lado, o tempo ou a dinâmica de circulação muito pouco dizem para Elise e Hélio, casal bem mais jovem (tanto no que diz respeito às idades de cada um quanto ao tempo de relacionamento ou de prática swinger) que lida com desenvoltura com as situações e demonstra satisfação em seus relatos.

Mais do que o tempo, é a experiência adquirida e, sobretudo, a forma como é interpretada (se positiva ou negativamente quanto às expectativas) que se converte em referência para a assunção de uma posição de iniciado. Acima de tudo é o potencial individual (ou conjugal) de acionar os meios necessários para a satisfação dos desejos que lhes confere a confiança e solidez necessárias para que se sintam, ajam e sejam reconhecidos como verdadeiros *habitués*.

Os iniciantes, contrariamente, apresentam uma relativa incompetência quanto ao domínio dos códigos de conduta e sentem-se excluídos das redes de relações que acreditam se estabelecerem entre os iniciados, relatando consideráveis dificuldades em encontrar parceiros. Incluo nesta categoria mesmo os clientes que já tiveram sua iniciação sexual swinger, mas que ainda apresentam limitações com relação à variabilidade de parceiros. Os meios alternativos acionados neste sentido são, sobretudo, *sexlogs*, redes sociais e de bate-papo pela internet, ainda assim considerados por eles como insuficientes. Mal sabem que o que os distancia dos seus invejados opositores é a capacidade de instrumentalização de tais ferramentas, e não propriamente a sua substituição completa por redes de relações estáveis.

Estes atores podem se tornar swingers *iniciados* ou estar em vias de construir uma experiência diferenciada, seja por um caráter temporário ou a partir de um padrão diverso aos grupos já estabelecidos. Talvez seu projeto de inserção na carreira seja interrompido ou abandonado mesmo antes de sua conclusão. O fato é que declaram verbalmente uma insatisfação (total ou parcial) com relação às relações estabelecidas, bem como dificuldade em ampliá-las, seja em termos das experiências vivenciadas ou da amplitude dos seus contatos. É o esforço em aprimorar as suas técnicas ou a sua declarada insatisfação com relação à concretização de tal projeto que se constituem

como os principais elementos classificatórios, insatisfações estas que se refletem na forma como lidam comigo, bem como em seus relatos.

Estão entre os iniciantes os meus interlocutores mais frutíferos no que se refere aos dados sobre a inserção e estabelecimento das relações no interior do clube, bem como, evidentemente, os rituais em torno da iniciação na prática swinger. Inseguros, ansiosos e ainda pouco aptos ao estabelecimento de parcerias sexuais, esses atores passam boa parte do tempo solitários e, não sem muito titubarem, vêm me abordar. Eu, menos constrangedora, dado estar quase o tempo todo sozinha, acabo lhes oferecendo em retorno boa parcela de decepção e, contraditoriamente, alento. A tão ensaiada tomada de iniciativa lhes fornece muito pouca esperança de estabelecimento de contatos sexuais propriamente ditos e, logo após a tão desagradável assunção dos meus reais interesses em torno de suas práticas, muitos deles se afastam, corados e cheios de desculpas, de volta para o lugar de onde vieram. Em outras situações, a decepção se reverte em desabafo, afinal, uma “pesquisadora” pode, quem sabe, lhes indicar o tão tortuoso caminho que leva ao prazer. Por fim, ao menos consolá-los eu posso tentar.

Dotados de tão pouco, e em certas circunstâncias com tão pouca esperança (sobretudo no *fim de noite*), meus (relativa ou completamente) castos swingers podem muito me oferecer em termos de dados para pesquisa. Em condições tão desfavoráveis, a simples possibilidade de falar de sexo com alguém estranho dentro de uma casa de swing já lhes parece um verdadeiro *ménage à trois*. Por fim, não custa tentar me convencer a levar a nossa relação até o último gozo...

Foi assim que conheci e conversei durante boa parte de uma noite de sábado com Laura e Edson. Eles estavam sentados ao meu lado e me ofereceram uma cerveja. Recusei, como aprendi a fazer, com a desculpa de que estava *dando um tempo*<sup>130</sup>. Minha estratégia de identificação havia mudado justamente neste dia: o fato de já ter ido ao local outras vezes redireciona os primeiros momentos da abordagem<sup>131</sup>, levando ao adiamento da declaração direta de interesses sexuais por parte deles. Isso me permite

---

<sup>130</sup> A recusa se deve aos indicativos de que a oferta de bebida é uma espécie de código que demonstra interesse sexual por parte daquele que oferece e certo grau de reciprocidade por parte daquele que aceita. Dado o posicionamento de campo assumido, busco comportar-me de forma coerente com a decisão de não “iludi-los” com relação à possibilidade de estabelecimento de relações sexuais entre nós.

<sup>131</sup> Afinal, à pergunta de praxe: *você vem sempre aqui* tem a sua resposta alterada de *não, é a primeira vez*, para *sim*. A partir daí, ao invés dos correntes questionamentos entre a decisão de *experimentar o swing* passamos para discussões mais gerais que partem do pressuposto da minha iniciação sexual swinger, para só depois retomar o fluxo para questões diretas quanto ao que gosto de fazer, adiando, portanto, o momento da minha identificação como pesquisadora.



por outro lado trocar meia dúzia de frases a mais antes de me identificar como pesquisadora. Ao mesmo tempo, o adiamento da minha identificação favorece uma atmosfera mais confiável entre nós antes que eu declare minhas intenções de pesquisa, o que parece minorar possíveis constrangimentos por parte do casal sexualmente interessado.

Esse casal demonstrou interesse em permanecer em minha companhia durante um tempo mais prolongado. Assim como o habitual, eles pediam licença para *dar uma volta* e saíam por um tempo pelos corredores da boate, mas tendiam a retornar para o meu lado, como se eu fosse um refúgio, um ponto de referencia em meio ao desconhecido.

Sempre em conversa com iniciantes eu tenho a sensação de agir como uma espécie de confidente. Reconhecidamente uma estranha naquele contexto, a mim podem ser dadas as informações que eles mesmos consideram que devem ser mantidas em segredo: *Lá embaixo a gente disse que era casado*, me disse a Laura em determinada parte da conversa. Edson, o seu acompanhante, identificado por ela como *alguém com quem ela sai de vez em quando*, seria na verdade um mero conhecido de infância, um parceiro sexual eventual. Assim também ouço suas histórias, desabafos e experiências.

Contrariamente, meu contato com iniciados costumam ser dinâmicos, diretos e pretensamente *certeiros*. Jogadores treinados e altamente conscientes do processo de conquista, não saem sem beijinhos de uma apresentação ou despedida. Dois, senão três. Um é sempre pouco para um bom swinger. Isso quando não recebo um caloroso abraço recheado de elogios ao pé do ouvido. Os iniciados assumem o papel de iniciadores das práticas swingers, e este papel é também parte da construção da sua identidade. A prática sexual pública e/ou grupal, como técnica corporal que ao mesmo tempo envolve o domínio de saberes concretos, bem como outros tantos abstratos, é a especialidade que assumem para si como um dom que deve ser compartilhado por uma questão de ética (e de interesse pessoal, claro!). Vista como um tipo de *curiosa* com aspirações à iniciante sou eu mesma uma estranha neste espaço dado que, mais do que apenas *ver para crer*, o meu objetivo é, de alguma forma, compreender. E é exatamente a partir desses critérios/argumentos que os swingers mais experientes me classificam.

Os relatos de iniciantes permitem evidenciar o papel específico que as redes virtuais de relações exercem na construção de suas carreiras. Ferramenta alternativa ao estabelecimento de novas parcerias, utilizado de uma forma geral também por iniciados

(e destacado também entre os libertinos franceses), pode propiciar conforto e sobretudo segurança aos swingers iniciantes em comparação com a relação face a face. Ao mesmo tempo sinalizam para um estado liminar no qual a construção de uma relação de confiança com os parceiros sexuais em potencial (propiciada por longas e detalhadas conversas estabelecidas por um extenso período de tempo) é altamente valorizada, mas ainda limitada pela valorização de padrões estéticos e de um comportamento global idealizado que na prática dificultam o estabelecimento de parcerias. Ainda assim o conhecimento mútuo e a subjetivação da relação nem sempre é suficiente para que a inadequação com um modelo de atratividade idealizado torne-se menos relevante.

Diferentemente da aparente praticidade com que iniciados abordam, seduzem, tentam convencer e propõem alternativas, bem como rapidamente vão embora, os iniciantes permanecem, conversam e querem partilhar cerveja. Mesmo após a declaração de desinteresse sexual. Assim como valorizam a possibilidade de conhecer melhor o seu objeto de desejo (o que não é de todo irrelevante aos iniciados), esperam que a sua conquista possa se dar através de um processo mais cuidadoso, quiçá romântico, baseado na busca por uma identificação pessoal. Mas estão relativamente fechados a essa possibilidade quando em posição inversa. De uma forma geral, esses atores destacam as disjunções entre a construção imaginativa deste parceiro ideal e àqueles que se encontram disponíveis, seja no espaço de sociabilidade, seja dispostos a se relacionar com eles especificamente. Por mais que haja uma incompatibilidade evidente entre um padrão estético idealizado como desejoso e aquele apresentado por eles mesmos.

Collin Campbell (2001) destaca o caráter alusivo com que se constrói o hedonismo moderno apontando para as dissociações inevitáveis entre as imagens elaboradas e as experiências vivenciadas. As fantasias assumem a perfeição na construção imaginativa e são necessariamente colocadas em choque com a realidade. Para o autor, o desencantamento tende a se reverter, no que se refere ao consumo, não a uma frustração definitiva, mas a um processo de satisfação adiada. Assim, o anseio dá vida a uma atividade mental na qual as imagens futuras são trazidas à mente, alimentando o desejo pela sua consumação. Desta forma, o desfrute imaginativo, ou devaneio, se sobrepõe à própria experiência (ou ao produto, no caso do consumo) como fonte de prazer.

Entre os meus interlocutores swingers iniciantes vemos como a fantasia ainda se constitui como a base da busca por satisfação. Ainda em processo de construção de suas carreiras, estes atores apresentam dificuldades em lidar com a frustração do choque de realidade, insistindo sobre as construções imaginativas previamente elaboradas e apresentando resistência em experimentar novas possibilidades. Ainda não entraram no jogo de reelaboração, possível a partir de um novo objeto e capaz de proporcionar a reexperimentação dos prazeres ilusórios.

Esse potencial de devaneio é desenvolvido pelos iniciados, tornando-os assim capazes de reelaborações contínuas e de um deslocamento entre fantasia e realidade. A consumação do desejo é possível para eles, apesar de insaciada. Mas, justamente, por isso, reverte-se como uma experiência desencantadora que, ao invés de frustrar, motiva a continuidade.

A atividade fundamental do consumo [neste caso sexual], portanto, não é a verdadeira seleção, a compra [ou a consumação do ato sexual] ou o uso dos produtos [ou experiências eróticas], mas a procura do prazer imaginativo a que a imagem do [“]produto[“] se empresta (CAMPBELL, 2001: p. 130).

O processo de construção da carreira swinger também pressupõe, portanto, o desenvolvimento de uma espécie de hedonismo sexual. É necessário aprender a lidar com os hiatos entre o objeto idealizado e os parceiros possíveis, bem como com o próprio potencial de sedução e atração em conquistá-los. Finalmente, alimentar a especulação imaginativa é também estar aberto às experiências inesperadas, abertura que é fundamental para o próprio aprendizado, bem como para o prosseguimento com as práticas. É provável que a incapacidade de desenvolver tal posicionamento restrinja sobremaneira as possibilidades reais de construção da carreira swinger e a passagem para o estágio de iniciado.

Outro aspecto relacionado a este posicionamento refere-se à flexibilização das práticas estabelecidas. O hedonismo sexual trata-se, finalmente, de uma competência que potencializa a capacidade de estabelecer relações sexuais de caráter público e ou grupal no contexto liberalista. Desta forma, as parcerias ou atividades idealizadas por cada casal ou ator neste contexto passam a se constituir menos como restrições do que como preferências. Visa-se a realização de uma fantasia específica, mas se está aberto a

negociação de alternativas que melhor se adequem aos parceiros disponíveis e suas disponibilidades pessoais.

O adiamento da satisfação do desejo, ao invés de reverter-se em frustração ou em um processo de desencantamento quanto ao projeto de construção da carreira swinger, propicia assim a experimentação de alternativas outras, muitas vezes surpreendentes no que se refere às expectativas. Assim também as disponibilidades vão se ampliando, os gostos sendo testados para além das fantasias preestabelecidas. A construção da carreira pressupõe tal abertura, dependendo dela, por outro lado, para se manter. *Tudo é permitido e nada é obrigatório*<sup>132</sup>, mas quanto menos intransigente se for com relação ao que se dispõe a fazer ou não, maiores as opções de parceiros potencialmente disponíveis. Esta competência refere-se, sobretudo, a um potencial de negociação que é a base para o processo de sedução, e está clara na relação estabelecida comigo, diferenciada entre cada um desses subgrupos.

É possível, portanto, entre os colegas de Aurora, que o que dificulta a sua possibilidade em estabelecer parcerias no interior do clube não se deva simplesmente ao que considera um baixo grau de atratividade sexual. Não que este não seja relevante. Atributos estéticos são altamente valorizados neste mercado sexual<sup>133</sup>, sobretudo conferindo um poder de seletividade. Mas é justamente a demanda por seletividade, por aquele que se diz discriminado, que limita as suas possibilidades de satisfação sexual. O alto número de swingers frustrados com os quais conversei durante o trabalho de campo indica que a limitação em estabelecer parcerias sexuais é dada basicamente pela inflexibilidade em confrontar a construção imaginativa. Caso contrário, bastaria contratarem um funcionário para apresentar clientes solitários ansiosos por estabelecer trocas sexuais, senão mediar os processos de abordagem, serviço oferecido por alguns estabelecimentos do gênero<sup>134</sup>.

Apesar do dinamismo com que se desenrolam as relações, a velocidade com que parecem se mover de um canto ao outro da boate, foi possível observar que nenhum dos swingers iniciados pelos quais fui abordada durante o trabalho de campo saiu dali sem

---

<sup>132</sup> Um dos tópicos do link *Tire as suas dúvidas sobre sua primeira vez*, parte do site do clube carioca. A mensagem refere-se aos códigos de conduta previstos aos frequentadores do estabelecimento, bem como pressupostos como compartilhados pelos praticantes do swing.

<sup>133</sup> Esta noção não se refere aqui a uma indústria ou mercado do sexo, mas aos elementos classificatórios de diferenciação entre parceiros sexuais, seu grau de atratividade e sedução diante de um conjunto de categorias tidas como compartilhadas.

<sup>134</sup> Ver <http://mdemulher.abril.com.br/amor-sexo/reportagem/esquente-o-clima/aproximo-casal-outro-casa-swing-492983.shtml>.

praticar alguma modalidade sexual. O estabelecimento comercial estabelece um papel importante enquanto espaço de sociabilidade, mas um papel específico, sobretudo para estes clientes. Ir ao clube é optar por uma forma de sociabilidade erótica que os swingers iniciados, mais do que quaisquer outros clientes da boate, são de fato capazes de obter.

Esses atores têm como escolha opcional programar sessões de sexo com alguns dos seus eventuais parceiros, mas a ida ao clube favorece encontros fortuitos, seja com antigos ou novos conhecidos. E, diferentemente das festas privativas, mesmo aquelas organizadas como eventos relativamente abertos, não há controle estrito sob quem estará presente senão aquele dado pelas regras de entrada entre solteiros e “casais”. Justamente por isso, o clube propicia uma forma de exposição pública das atividades praticadas, bem como a observação dos intercursos sexuais de desconhecidos como em nenhum outro contexto de sociabilidade swinger.

Esses desconhecidos são, eles mesmos, tomados como um objeto na construção de uma identidade swinger, bem como atores em copresença nos espaços públicos de sociabilidade do gênero. A iniciação de novos casais, e o contato com possíveis curiosos se estabelece como parte da construção de um modo de vida e comportamento, vide a forma como se comportam comigo: como verdadeiros detentores de um conhecimento restrito e especializado. Aos desavisados o choque cultural talvez deva surtir o efeito de um tapa na cara, aos interessados de fato, galanteios sedutores são distribuídos.

É como objeto de sedução que me vejo sempre que abordada por eles, é assim que titubeio numa pesquisa coquete que insiste em se fazer capaz de oferecer a si mesma como objeto de troca suficientemente satisfatório e assim obter os tão sonhados dados. Mas eu sou também sujeito neste contexto, um sujeito dotado de interesses declarados e que impõe limites muito restritos. E um iniciado consegue, justamente por dominar amplamente as diferentes possibilidades oferecidas pelo swing enquanto técnica, comportamento e modo de vida, extrair de todo parceiro em potencial tudo o que ele pode vir a oferecer.

O encontro com um grupo de três casais, ainda na primeira noite de trabalho de campo, me permitiu perceber que quanto mais se concede mais se pode receber e que o caráter de participação em torno da observação está dado muito mais por uma disponibilidade de abertura ao outro de quem se difere do que por uma disponibilidade

em se fingir ser igual. Quanto às práticas sexuais de caráter público e/ou grupal, sempre há quem receba caso se esteja disposto a dar.

Renata surgiu à minha frente tranquila, confortável e à vontade com a situação de abordagem, se apresentou, e prosseguiu com as perguntas de praxe: se eu *vinha sempre aqui*, se *já tinha feito swing*, seguidas às respostas modelo e à realidade do primeiro dia de campo: *Não, é a primeira vez, sim, estou gostando, não, nunca fiz swing, mas, sendo muito sincera, meus interesses aqui são outros*, respondi meio tonta com a bateria ininterrupta de perguntas. *Coração de mãe não se engana*, disse Renata, assumindo a imagem maternal de cuidado, experiência e controle da situação.

Nosso primeiro contato parecia ser concluído com um *poxa, que pena, senão eu ia te convidar para ir a uma cabine*, ao qual prontamente respondi *nossa, eu fico lisonjeada, mas realmente não é o meu foco de interesse aqui*. Ainda ganhei um elogio (ir sozinha para uma casa de swing pode fazer muito bem para a autoestima de uma mulher) e Renata foi cochichar aos risos com o marido. Um bom *desajustado* merece sempre uma carga de ridicularização.

As conversas de abordagem seguem uma espécie de roteiro, desde o *você vem sempre aqui?* mais clichê, que costuma soar como uma constatação de que você é de fato estranho, até demonstrações superficiais de interesse pela pesquisa e pelo meu interesse em desenvolvê-la. Por fim, tudo faz parte do ritual de sedução.

Eu sou um tipo peculiar de swinger, que declara não alimentar interesses em integrar-se, mas pretende compreender. Assim sendo, fui recorrentemente questionada quanto à importância de vivenciar na pele essas experiências para que eu pudesse de fato sentir o que sentem. Sexualmente interessados em mim, e nem um pouco constrangidos em deixar isso bem claro, os iniciados mais do que quaisquer atores no interior da boate me analisaram, me observaram e, sobretudo, me testaram. Na minha noite de entrada no campo foram eles os responsáveis pela minha *iniciação*.

É o meu potencial de atração uma das minhas principais ferramentas de estabelecimento de contato no campo e o próprio campo permitiu perceber que tal potencial não se limita a atributos físicos ou de sedução. Ter *cara de rolinha* ajuda bastante, como me destacou Renata. E logo percebi o quanto tal identidade contribuiria para a realização da pesquisa. *Rolinha* é uma categoria nativa que se refere a mulheres solteiras e desacompanhadas no interior da boate *swinger*. Mulheres solteiras circulando

solitárias são alvo de grande interesse, sobretudo pelos casais que visam a prática do *ménage à trois*, e se mostraram extremamente raras no espaço de observação. Ao mesmo tempo, desacompanhada eu estou mais disponível às diferentes abordagens, o que me torna mais acessível aos meus observados e os torna mais acessíveis a mim, portanto. Arrisco-me a afirmar que swingers, sejam iniciados ou iniciantes, vão para o clube com o interesse direto de estabelecer contatos sexuais, senão imediatos, ao menos futuros. E, caso contrário, dificilmente tomarão a iniciativa de abordagem.

Invariavelmente, as abordagens direcionadas por ambos os grupos a mim corresponderam a uma estrutura comunicacional direta e relativamente recorrente em termos de conteúdo e tenderam a serem interrompidas tão logo eliminadas (senão suspensas) as esperanças quanto ao estabelecimento de uma negociação favorável às partes interessadas<sup>135</sup>. Posteriormente às apresentações e trocas de beijinhos no rosto dá-se início ao repertório de perguntas quase clichês, responsáveis elas mesmas por fornecer as primeiras informações, averiguar os possíveis interesses mútuos e estabelecer as fronteiras básicas entre intercursos sexuais possíveis de se desenrolar. Assim como o salientado anteriormente, a própria dinâmica interacional em torno dos contatos iniciais (e que se mostrou invariante entre swingers, experientes ou não) determinou, no contexto de inserção no campo, o meu posicionamento naquele contexto social.

Na minha *primeira vez* Fábio (o Sr. Love), um casal e o grupo com o qual conversei imediatamente se prontificaram a fazer as *cerimônias da casa*. Anfitriões extremamente solícitos me apresentaram ao lugar. Nada como um *Bom, meus objetivos aqui envolvem a realização de uma pesquisa para a minha tese de doutorado* para imediatamente despertar o espírito empirista dentro deles que, em nome da ciência, propunham uma experimentação que me permitisse entender, *de fato*, as práticas swingers. Senão pela ciência, por generosidade: *Se eu fosse você, eu dava pra ele*, sugeriu Mariana, referindo-se ao potencial sexual de Theo, seu namorado.

Durante as conversas, falando sobre suas vidas ou questionando quanto aos meus interesses de pesquisa, aquelas pessoas jamais esconderam suas reais intenções: transar comigo. E a honestidade por mim retribuída no momento da minha identificação como pesquisadora permitiu um diálogo sempre interessante e frutífero. Declaramos

---

<sup>135</sup> Na prática, a uma das partes interessadas, dado que eu me mantinha disponível até que eles mesmos optassem por se despedir e afastar.

nossos interesses mútuos e ambos somos altamente sedutores em favor da satisfação dos nossos objetivos e tal estratégia envolve necessariamente a manutenção de uma atmosfera, ao menos em aparência, simpática aos interesses do outro. Assim seguimos até o limite de nossas disposições em abrir mão de nossos interesses pessoais em favor da própria relação. Esgotadas as esperanças, rompida a dinâmica interacional, meus galantes interlocutores voltam a dançar, a beber ou a paquerar. Porém, dada a perspectiva de análise aqui assumida, o rompimento da relação é ele mesmo uma forma de nos relacionarmos.

Porém, sempre é possível encontrar uma alternativa intermediária que permita a maximização da satisfação mútua, mesmo que a partir do estabelecimento de um acordo em escala subótima. Voltemos à abordagem de Renata, e passemos aos dons obtidos a partir do estabelecimento de nosso *contrato*.

Minutos depois da primeira tentativa de abordagem, já ciente do meu papel no interior do clube, e após um papo rápido com o grupo de mais dois casais com o qual dançava (Elise, Hélio, Michele e Jerson), Renata ressurgiu com uma proposta: *Você quer assistir o que acontece numa cabine? Assim, eu estava conversando com o meu marido, talvez possa ser legal para a sua pesquisa.*

Naquele momento, transformada em fetiche, acabei sendo dotada de uma moeda de troca que me tornava capaz de estabelecer um tipo de reciprocidade sexual com meus interlocutores que lhes parecia suficientemente válida e passível de proveito. Superficialmente convencidos de que eu não me disporia a fazer parte direta de seus intercursos sexuais, o grupo me concede o dom de observá-los durante as suas práticas. Ao mesmo tempo, eu me colocava em situação de absoluta vulnerabilidade. Mais do que satisfeitos com meu papel de *voyeur*, meus interlocutores desejavam levar-me ao limite e testar, até o último minuto, seja a minha capacidade em resistir, seja a minha disposição em me embrenhar de fato pelos corredores do swing.

O grupo alugou uma *cabine privada*, um espaço pequeno, quadrangular, com um sofá emborrachado de canto, cuja quina era mais alta, formando um triângulo com o topo horizontalizado (Figura 2). Em uma das paredes dois dispositivos: álcool em gel e lenços de papel, na outra cabideiros. Todos lá dentro, espaço de aproximadamente nove metros quadrados, o grupo se volta para mim e eu tomo a iniciativa de perguntar à Renata: *Todos de acordo?* Sim, todos foram informados sobre mim e estavam de acordo sobre minha presença e *participação*. Ainda de pé e com os olhares voltados para mim,



o grupo apresenta uma ou duas questões quanto à pesquisa. Ponto. Partimos para outra, afinal, ninguém foi ali para conversar.



**FIGURA 2**  
*Cabine Privativa*

Sentam-se no sofá e começam imediatamente a se despir, ainda conversando sobre assuntos triviais. Renata, em pé ao meu lado, faz as minhas apresentações (indiretas, já que não há cumprimentos desta vez) destacando que todos são amigos, apesar de ela e o marido terem conhecido um dos casais naquele dia. *Nossa relação não se resume à boate, a gente conversa sobre 'tudo' e se encontra fora daqui*, diz outra das mulheres. *E como diz Renata, tentando fazer um trocadilho: ele [apontando para Jerson] já me comeu, o meu marido já comeu a mulher dele [Michele]...* Repentinamente, roupas penduradas no cabide, o balé se inicia.

A negociação em torno dos limites para as trocas sexuais é comum, senão um pré-requisito ao ato quando transcorrido entre parcerias pré-definidas. As diferentes sub-regiões morais no interior do clube se diferenciam simbolicamente entre disponibilidades de abertura e fechamento quanto aos parceiros e tipos de parcerias estabelecidas, como demonstro no próximo capítulo. Pode-se estar em espaços fisicamente abertos e tal posicionamento pressupõe a possibilidade de chegada de demais interessados em participar, implicando em códigos muitas vezes não verbais de aceitação ou convite. Bem como as parcerias podem ser definidas através da abordagem direta, ainda na pista de dança ou *lounges*, favorecendo uma troca de informações e até mesmo declarações de preferências quanto às atividades, prévia ao ato sexual.

A observação deste grupo me permitiu apreender tais definições de fronteiras, apesar de eu não ter participado diretamente de tal negociação (transcorrida entre a decisão do grupo em transar entre si e o meu convite para observá-los). Todos ali presentes estavam cientes dos limites impostos por Michele quanto a ser penetrada por outro homem que não o seu marido e a insistência de Paulo (marido de Renata, lembrando) surtiu certo incômodo nos demais integrantes do grupo. Durante a prática sexual ninguém interviu diretamente em favor da moça, talvez devido a minha presença, mas em conversa com Elise e Helio eu soube de intercursos sexuais interrompidos dada a incompatibilidade de gostos ou estilos sexuais. Na prática, eu pude identificar certo constrangimento por parte de Michele diante das insistências de Paulo, bem como uma tensão latente da qual todos os demais de alguma forma partilharam.

Uma hora depois, tempo esgotado: o telefone toca, as pessoas se levantam. *Acabou a brincadeira*, alguém anuncia. Todos de pé, preparando-se para sair, Hélio comenta: *Você deve estar horrorizada*, e todos se voltam para mim, aguardando uma resposta qualquer. Renata não havia ainda gozado e prosseguia a transar com o único rapaz que a penetrou: Jerson, o marido de Michele.

Nos minutos finais, ainda na cabine, enquanto alguns se vestiam e outros concluíam o ato sexual, Paulo ainda nu conversa comigo onde estou: encostada próxima à porta (única área da cabine não coberta pelo grande sofá e, portanto, utilizada por eles). Assuntos triviais. O casal, no swing desde o início do relacionamento, já teria viajado por todo o país experimentando os seus diversos clubes. Pouco tempo antes, a própria Renata havia ido até mim, também nua: *Não te dá vontade?*

Observar grupos de swingers em intercursos sexuais não se estabeleceu previamente como um objetivo ou ferramenta de pesquisa, mas a possibilidade de que este tipo de que propostas fossem realizadas já era esperada e, por fim, a observação desta sessão me permitiu uma visão ampla das práticas sexuais grupais e foi fundamental para o estabelecimento de algumas questões gerais de pesquisa. Finalmente, o canal de comunicação estabelecido após os intercursos, com um dos casais que deles fizeram parte, permitiu o esclarecimento de algumas questões pontuais quanto às relações no interior do grupo observado, bem como favoreceu um grau de intimidade entre nós altamente propício à obtenção de dados. Acima de tudo, a experiência surtiu como um ritual de iniciação no campo cujos efeitos refletiram sobre o meu posicionamento e sobre as relações estabelecidas posteriormente.

*Claro que sim*, eu poderia ter dito à Renata. Mas, na prática, a situação de observação é por si só tão tensa que a excitação provocada pelo ato *voyeur* deveria ainda concorrer com uma profusão de pensamentos abstratos em torno da pesquisa em si mesma. E eu disse que *sim*, a questão é que entre sentir-me excitada ao vê-los transando e desejar participar há certa distância que perpassa questões pessoais em torno da construção de fantasias e objetos de desejo, muito mais do que escolhas metodológicas.

*Cara, eu nunca pensei que as pessoas viam aqui para rezar*, respondi à resposta sobre eu estar horrorizada. Após algum silêncio, percebo um misto de empatia e surpresa: de alguma forma, a *naturalidade* com que pareci para eles lidar com aquela experiência (que eles mesmos reconheciam ser estranha pra mim) e cuja naturalidade é negada por eles mesmos sempre que se reportam ao contexto extraclube, me tornou próxima ao menos por um segundo. O papo prosseguiu em torno das encenações rotineiras, do paradoxo de voltar para casa vestida e com pose de *mulher respeitável* (lembrando que as meninas estavam de camisolas e baby-dolls, por se tratar da tal festa de pijamas). Assuntos apresentados não como pistas de um compartilhar de uma moral sexual judaico-cristã suposta como amplamente reconhecida, mas como uma ironia estabelecida por aqueles que dela abrem mão, ao menos situacionalmente.

A partir da minha disposição em responder de alguma forma às suas demandas, ou a sua específica forma de relacionar-se, eu obtive o contradição de ter aos meus olhos suas práticas mais íntimas. Graças à capacidade de demonstrar respeito aos seus comportamentos e valores, eu consegui uma espécie de passe e entrada que se refletiu no diálogo estabelecido com um dos casais após a sessão de sexo grupal da qual faziam parte.

Da mesma forma, ao transitar comigo pelos corredores escuros dos espaços onde é permitida a prática do ato sexual me puxando pela mão Fábio, o meu anfitrião oficial, parecia testar até que ponto eu estava realmente disposta a entendê-los ou a resistir aos encantos de suas práticas. Eu percebi em Fábio e em todos aqueles com os quais conversei naquela ocasião a sensação de que acreditavam que eu precisava *ver*, como se esperassem que eu fosse me chocar ou sucumbir de desejo. Circulei pelos corredores das *zonas escuras* ainda por duas vezes naquela noite, acompanhada por outro casal e depois pelo grupo que observei no interior da *cabine privativa*. Sempre levada pela mão, carinhosa e atenciosamente. Sempre incentivada a *dar uma olhadinha*. E mais

outra. E outra, caso considerassem necessário. *Você viu?* Fui questionada insistentemente. Fazer-me ver, ter a garantia de que eu havia visto, bem como procurar em meu rosto uma reação, seja ela de espanto ou excitação, foi uma preocupação constante.

Não me senti muito à vontade para permanecer por muito tempo nos espaços onde os intercursos sexuais transcorrem. Por um lado não conseguia me sentir no direito de observar a intimidade alheia, por mais que eu soubesse que essa prática era não apenas legítima, como também desejada: a circulação pelo *labirinto* é um exercício erótico por si só. Por outro lado, precisava ainda me acostumar com tanto e tão desavergonhado assédio.

Por fim, o choque cultural que me foi propiciado já na primeira saída de campo foi fundamental para o bom desenvolvimento das incursões posteriores, e a sensação que fica é de que todos os meus iniciadores tinham total consciência disso. A primeira vez é sempre inesquecível, mas apenas o primeiro passo para o resto de uma pesquisa de campo.

Finalmente, as últimas personagens em copresença neste espaço. Os curiosos poderiam facilmente ser confundidos com os clientes iniciantes, dado apresentarem superficialmente as mesmas características de inaptidão (a incapacidade de corresponder aos códigos de conduta, a falta de *familiaridade* com o espaço/situações - identificáveis pelos olhares surpresos, risadas e o seu isolamento pelos cantos da boate -, etc.). Mas será considerada como marco diferenciador a disponibilidade demonstrada pelos iniciantes em abordar parceiros em potencial, não identificada entre os curiosos.

Na prática, tais personagens serão aqui apresentadas como clientes hipotéticos no interior da boate, dado que, pelas características acima apontadas, e o posicionamento metodológico por mim assumido, não nos falamos. Ao mesmo tempo, tive a oportunidade de conversar com diversas pessoas (sejam elas de convívio pessoal ou eventuais interlocutores de pesquisa) que relataram experiências de ida a clubes de swing por razões outras que não a experimentação das práticas sexuais, como a comemoração de aniversário de amigos ou o simples interesse em saber *o que se passa lá dentro*, ou seja: curiosidade.

Caberia se pensar até que ponto estes atores se caracterizam como swingers. Não são propriamente inativos sexualmente, estando mais próximos de um exercício sexual

passivo. Ainda assim tais delimitações criam mais problemas do que as solucionam, afinal, são também atores em relação. Finalmente, eles não estão inseridos em projetos de construção de uma carreira liberalista sexual. Ao menos não de imediato. A sua presença no interior do estabelecimento de lazer os coloca em relação direta com as demais pessoas e atividades ali transcorridas. Mais uma vez é o caráter potencialmente sexuado do espaço, bem como a diversidade de formas de inserção nas relações, que os torna participantes, mesmo que sexualmente castos, de todo o contexto de interação. Eles estão de alguma forma envolvidos nas atividades sexuais transcorridas, senão em condição de potencial envolvimento. Fazem parte de uma situação cuja definição está dada por conteúdos sexuais ou potencialmente sexuados.

Os curiosos são *voyeurs*, mas não devem ser confundidos com o *voyeur*. O *voyeurismo* sendo entendido como uma prática legítima e cuja classificação se refere ao tipo de atividade empreendida e não ao grau de inserção. É possível que haja *voyeurs* exclusivos identificados como *habitués*, como o caso de um homem que, sempre acompanhado da mulher, visita o clube com relativa frequência e é apontado como alguém *a quem nunca se viu com ninguém* por diversos dos meus interlocutores. Pude observá-lo pelo menos em duas noites de sábado. A esposa o acompanha pelo clube e ele circula, observa e se masturba enquanto ela permanece sentada em algum canto, completamente *blasé*. O *senhor X* é um mistério, senão fonte de escárnio entre muitos dos *habitués* do clube, mas não se pode afirmar que não se sinta também um iniciado, ou que não seja reconhecido como tal.

Entre a curiosidade aparentemente passiva sexualmente e o *voyeurismo* encontra-se a busca específica por excitação ou por uma forma alternativa de entretenimento. Assim como os clubes das mulheres, é possível se estar num clube de swing por recreação, bem como em uma boate convencional em busca por parceria sexual. A boate do clube é animada, a bebida é gelada e os fenômenos exibicionistas podem ser apreendidos como isolados, senão parte de um show em que todos são artistas em potencial.

Mesmo nos espaços nos quais a prática sexual é empreendida, entre aquilo que se oferece aos olhos e as sensações produzidas há um elo subjetivo que não é determinado pelo contexto. Estar em um espaço de sociabilidade erótica coloca a todos os presentes em condição de parceiros sexuais, mas não incide em uma percepção generalizada quanto a essa experiência. Da mesma forma que é possível ao pesquisador

observar com motivações outras que não a autoexcitação (por mais que esta possa lhe acometer vez ou outra), é possível ao curioso desinteressado ter acessos de risos, rompantes de asco ou mesmo total indiferença quanto ao caráter sexuado dos atos. Por mais difícil que possa parecer tal possibilidade.

Há possivelmente aqueles sujeitos que já foram iniciados sexualmente nas práticas swingers, mas não estão empenhados em um projeto de construção de carreira. Considero a possibilidade de que os *swingers ocasionais* se constituam, não como o quarto tipo social presente no espaço do clube, mas como um variante entre quaisquer outros, podendo ser reconhecidos situacionalmente de acordo com o comportamento apresentado ou suas autopercepções.

Nenhuma das classificações entre tipos sociais no interior do clube de swing brasileiro baseia-se na frequência com que as práticas são empreendidas e todas levam em consideração os comportamentos e relatos apresentados durante o processo de coleta de dados. Destaco ainda o seu caráter situacional, tanto no que se refere ao espaço quanto às trajetórias individuais, podendo cada um desses atores estar em um processo iminente de interrupção ou pleno desenvolvimento de suas carreiras liberalistas sexuais. A ocasionalidade com que podem estar inseridos nestes contextos ou atividades, outro dos vértices classificatórios possíveis, só poderia ser apreendida em um estudo que considerasse as trajetórias de cada um dos informantes. Esta pode ser apenas uma experiência situada em suas vidas, uma forma de *experimentar algo novo* que é fortuitamente ser substituída por outra, ou simplesmente abandonada, mas esta não é a questão.

Rita e Leonardo estavam no clube pela primeira vez quando nos conhecemos. Abordaram-me já no final da noite, frustrados com o que (não) encontraram e cheios de dúvidas quanto a um possível retorno. O casal se frustrou ao perceber que a festa acabava tão cedo, sem que houvesse tempo para dançar, já que as pessoas *iam pra lá pra transar e pronto*. O problema é que eles também tinha esse objetivo e, pronto(!), não transaram com ninguém. Segundo eles, na boate GLS o sexo é a consequência, e não o objetivo, mas também não transaram lá. Ela se mostrou ainda mais impaciente com o fracasso das investidas e, por mais que esperasse uma noite mais animada em todos os sentidos, a experiência sexual desejada e mais uma vez adiada era o principal aspecto de seu descontentamento.

Eles sabiam o que buscavam: a realização da fantasia de uma noite a três. Senão a quatro... Essa não parece ser a questão. O clube era apenas o lugar no qual esperavam ter mais chances de vivenciar uma experiência sexual diferente, nova, quem sabe surpreendente, e sem a necessidade do estabelecimento de um contrato sexual com um profissional. O casal se adéqua à segunda categoria de classificação quanto à construção de uma carreira swinger, ao mesmo tempo é possível que a realização do seu fetiche a interrompa para sempre. Naquele momento, a frustração parecia levá-los a isso mesmo antes da insistência nas tentativas, mas nada os impede de prosseguir, desenvolver outros gostos e fetiches e tornar-se um casal de swingers iniciados.

A questão da ocasionalidade dos posicionamentos me foi levantada a partir do relato de um dos meus interlocutores do universo libertino parisiense. Os brasileiros estão menos centrados na definição do caráter situacional ou permanente de seus comportamentos dado que suas identidades se definem unicamente através de suas práticas. O fato de estar lá insere um simples curioso em um potencial projeto de construção de carreira, mesmo que este nunca seja levado a cabo e nunca implique em experiências sexuais públicas e/ou grupais propriamente ditas (individualmente engajadas). Este curioso é tornado swinger, ao menos potencialmente ou como simples presença no contexto de sociabilidade.

A identidade libertina envolve referenciais outros, ligados ou não a um posicionamento político-filosófico. Desta forma, a libertinagem sexual se diferencia da libertinagem ideológica, como demonstro a seguir.

É importante destacar, sobretudo, a importância de cada uma destas personagens para a constituição das relações no interior do clube e, conseqüentemente, a delimitação desta forma de sociabilidade. Tal diversidade de posicionamentos foi destacada também em diversos trabalhos desenvolvidos sobre o swing, ou a sexualidade grupal (ver WELZER-LANG, 2005; GOULD, 1999; BARTELL, 1972, etc).

São ainda estabelecidas internamente diferenciações quanto ao caráter de veracidade dos laços afetivo-sexuais declarados pelos casais de swingers, como vimos anteriormente, mas estes implicarão apenas indiretamente na construção das carreiras liberalistas sexuais. Se ser um casal é o mesmo que corresponder a uma posição central no contexto de sociabilidade swinger, o elo entre seus membros é objeto de permanente questionamento.

Mais uma vez os iniciados aprendem a lidar com tais questões de uma forma mais simplificada, demonstrando maiores competências em estabelecer suas parcerias sexuais. Se há casais de fato que só transam com casais de fato, há outros tantos que não apresentam tais restrições. Diante do fato de que a principal consequência ao desenvolvimento da carreira é o desenvolvimento da capacidade de vivenciá-la plenamente (segundo suas próprias percepções), assumir-se como um arranjo ocasional, ou mesmo manipular tal identidade em favor de um reconhecimento como casal de fato são estratégias opcionais e que tem um potencial equivalente de propiciar a satisfação sexual.

A grande questão, por outro lado, e sobretudo entre os iniciantes, infere sobre o grau de autenticidade dos posicionamentos, podendo inferir em questionamentos quanto às motivações para o ato sexual. Um casal montado pode sempre estar pautado em um contrato profissional<sup>136</sup>, e não na simples disponibilidade sexual compartilhada entre parceiros eventuais, mesmo que esta esteja vazia de um projeto compartilhado de cultivo de uma relação afetiva.

E é exatamente em torno da autenticidade motivacional que se diferenciam os tipos sociais no interior da sauna libertina parisiense. Igualmente a grande questão está relacionada ao que se espera que esteja por trás da satisfação sexual, mas segundo pressupostos específicos.

### **Entre identidades e situações sociais: mostra como tu te portas que lhe será dito quem és**

Entre a prática da *libertinagem sexual*, por um lado, e a assunção da libertinagem como ideologia, por outro, também os libertinos, sejam eles *échangistes* ou não, encenam jogos de delimitação identitária que culminam em uma polarização entre *verdadeiros* e *falsos*.

Os discursos que visam positivar as práticas de caráter swinger, ou mesmos os pró-libertinagem, são paralelos às estratégias de manipulação do eu que visam restringir tal identidade ao contexto dos espaços de sociabilidade erótica.

---

<sup>136</sup> Esta discussão será retomada nas Conclusões Finais.



A identidade é relacional, histórica e contextualizada, depende para se constituir daquilo que está fora dela e que, entretanto, fornece condições para a sua existência. A sua construção dá-se através de um jogo de afirmação e, com frequência, envolve reivindicações essencialistas que visam diferenciar quem pertence de quem não pertence a dado grupo, dinâmica esta que pressupõe contradições e negociações (WOODWARD, 2000). Os clubes nos quais o trabalho de campo foi desenvolvido em favor da elaboração deste trabalho são os espaços públicos de delimitação identitária entre seus frequentadores. É no interior desses espaços que libertinos e swingers assumem suas posições e se identificam com elas, ou não. É nessas situações de copresença que é necessário efetivar posicionamentos porque é lá que eles se deparam com o *outro*. Esteja esse outro em processo de integração, seja o outro *curioso* ou o outro pesquisador (curioso profissional).

É justamente através dos jogos entre o *ser*, o *não ser* e o *estar* (neste caso referindo-se tanto a uma inserção ativa na dinâmica relacional no interior dos clubes quanto ao simples fato de se estar lá, por si só significativo), apreendido como um processo de construção de identidades e de afirmação de tais formas de sociabilidade, que as próprias relações se estruturam. Assim também se seguirá a diferenciação entre os tipos sociais no contexto de sociabilidade libertino naturista: *ser* ou *não ser*, eis a velha questão!

Diferentemente da prática swinger, a libertinagem assume como denominação uma categoria que remete a uma filiação político filosófica, atrelando conceitualmente a prática sexual ao posicionamento ideológico. Primeiramente cabe-se diferenciar a *libertinagem ideológica* da *libertinagem sexual*. A segunda referindo-se ao estabelecimento de práticas sexuais liberalistas e a primeira a um posicionamento que as extravasa.

Como doutrina político filosófica o liberalismo está pautado na liberdade de pensamento, na busca por um posicionamento autonomizado com relação às normas e valores considerados limitadores ao desenvolvimento humano. Tais princípios pressupõem o desenvolvimento de uma maior tolerância à diversidade, dado se estabelecer como uma perspectiva crítica quanto à própria *norma*, admitindo a diversidade como um valor e um exercício da liberdade individual (TROUSSON, 1996). Este conceito remete à noção de indivíduo que emergiu no Iluminismo Renascentista:

uma concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo interior [...] O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2005: p. 10).

Contrariamente, o liberalismo utilizado como referência na divulgação do clube de swing brasileiro, bem como traduzido em libertinagem pela sauna francesa, refere-se diretamente a um posicionamento sexual, seja ele situado ou parte da constituição identitária individual. O liberalismo sexual se define, finalmente, pela apreensão do exercício erótico como ferramenta de experimentação e libertação de pudores que tem o liberalismo ideológico como referência, mas não necessariamente como base de construção identitária em sentido amplo.

De uma forma geral, ambos os discursos tendem para apreensões das práticas sexuais como ferramenta secundária de cultivo, seja do sujeito ou da relação conjugal. A experiência sexual liberal é um dos aspectos a uma busca por aprimoramento que, portanto, condiz ao menos de forma simplificada com o ideário libertino. Talvez devido à relação direta entre a categoria que identifica a prática e aquela que identifica o pertencimento ideológico, os jogos identitários entre os libertinos envolvem conflitos muito mais latentes no que se refere ao posicionamento político-filosófico de seus praticantes. Por fim, este se refere sobretudo a uma específica percepção de indivíduo, bem como de universalismo de direitos individuais.

Segundo os seus relatos, a noção de libertinagem remete, bem como a de swing ou *échangisme*, não às práticas específicas, mas a um comportamento sexual de caráter *liberal*. Desta forma é possível viver a libertinagem simplesmente como uma prática de pluriparceria sexual. O *verdadeiro libertino*, por outro lado, se constitui para além das práticas, apreendendo-as como um aspecto secundário (mesmo que de fato seja central) ao seu modo de vida dado que o liberalismo que integra a definição de suas identidades é, sobretudo, de caráter ideológico:

Se a libertinagem [enquanto identidade] não é um fim em si, mas um meio de ação sobre o mundo e uma maneira de aumentar desmesuradamente a própria consciência de ser, não se trata, aqui pelo menos, da satisfação brutal dos apetites (TROUSSON, 1996: p. 173).

Os libertinos irão se definir, portanto, como os indivíduos que se libertaram de um quadro ideológico que prescreve normas de conduta e fixa limites de pensamento, como salienta Neto (1996). É aquele que busca (ou conquista) uma maior autonomia com relação às referências normativas socialmente reconhecidas, dirão em coro os meus interlocutores. Marco chega a remontar o surgimento do ideário, e seu caráter basilar aos ideais da Revolução Francesa em nossa conversa ainda no interior da sauna. É um projeto de autonomização e de maximização do autoproveito em amplo sentido, que implica e exige autoconhecimento e reflexão, destaca Cristian.

Praticar a libertinagem sexual, por outro lado, corresponde a se permitir experimentar ao menos um dos aspectos deste posicionamento. Tal experiência não é privilégio dos *vrais libertins*<sup>137</sup>, ela é também um serviço oferecido pelo estabelecimento comercial. Independente do que ou quem se é, a sauna oferece um espaço e se constitui enquanto contexto de sociação que permite aos seus clientes vivenciar *práticas de libertinagem* que vão desde o ato de despir-se (mais uma vez destacado em sua dimensão simbólica) até a possibilidade de estabelecimento de relações sexuais em suas diferentes sub-regiões morais. A questão é que, enquanto espaço de delimitação identitária, estabelece-se uma hierarquização entre posicionamentos através de jogos de diferenciação empreendidos por aqueles que se julgam *libertinos de verdade*.

Os libertinos, ou os *verdadeiros libertinos*, apreendem suas práticas como parte de um processo de cultivo de si como sujeitos individuais. Tal cultivo está subordinado a sua apreensão da libertinagem como uma ideologia pautada em um posicionamento social diferenciado, bem como em uma noção de indivíduo coerente com tal percepção. Segundo esse raciocínio a libertinagem é uma identidade individual e, portanto, ela é referência para a ação individual bem como se efetiva através dela. Da mesma forma, os comportamentos apresentados passam a ser apreendidos intragrupo como reflexo direto dos posicionamentos assumidos e vice-versa. São considerados irrelevantes desta forma os ajustamentos possivelmente empreendidos pelos atores individuais em seu processo de construção de uma carreira liberalista sexual, seja ela ideologicamente engajada ou não.

Cegos por uma percepção autocentrada do posicionamento ideológico, estes passam a estabelecer classificações essencialistas entre o *ser* e o *não ser* que se choca

---

<sup>137</sup> Verdadeiros libertinos (tradução livre).

com a possibilidade do *tornar-se*. Mas a própria tendência à essencialização é também parte do processo de declaração identitária, visando naturalizar o pertencimento (nesse caso vinculado à adequação do comportamento) através da fabricação de uma tradição, dirá Agier (2001). Nestes relatos a *tradição* refere-se à vinculação ideológica individual: ser libertino como uma espécie de escolha racional e absolutamente autônoma.

São estabelecidas assim classificações quanto uma experiência libertina destacada de um posicionamento ideológico, podendo esta ser definida como *falsa libertinagem*.

Cristian, um *vrai libertin*, classifica os falsos libertinos como aqueles que praticam a libertinagem estritamente como uma busca por satisfação sexual. Assim como Marco, também libertino, o rapaz relata comportamentos inadequados a um posicionamento ideal, ambos destacando a sexualidade como um fim como o oposto direto à *verdadeira libertinagem*. Ao mesmo tempo, os meus interlocutores apresentam dificuldades em diferenciar o mau comportamento passível de ser identificado nos demais de seu real envolvimento com o ideário libertino, traduzindo ambas as coisas em uma só.

Não assumir a identidade libertina é, necessariamente, para eles, uma prática falseada, e o comportamento inadequado se apresenta como um sintoma de tal deslocamento. Assim, não há tolerância para atores em processo de construção da carreira e que, portanto, ainda apresentam dificuldades para agir em correspondência com os códigos de conduta. Muito menos para aqueles que visam justificar um posicionamento sexualmente interessado a partir de uma *libertinagem* (sexual) *ocasional*.

Entre o comportamento ideal defendido por cada um desses atores e os posicionamentos ideológicos assumidos, ser um *libertino de verdade* implica em ser um libertino político-filosoficamente engajado e que se comporta como tal. Mas é interessante observar que tal posicionamento se efetiva intrassauna, sub-região moral na qual as identidades são reconhecidas através, justamente, dos comportamentos sexuais. Não no que se refere a quais práticas empreender, mas em como fazê-lo, em uma apreensão do comportamento global do sujeito inserido neste contexto.

Destaco, por outro lado, que uma coisa é o desenvolvimento das competências necessárias para uma plena inserção no mundo da libertinagem sexual e, portanto, a

adequação do comportamento. Outra é a percepção das práticas como ferramenta de exercício de um posicionamento ideológico e, finalmente, a assunção da libertinagem como identidade político filosófica. Ainda assim é possível declarar-se libertino a partir de um parâmetro de ação estritamente sexual.

Adentramos, portanto, na arena de disputa entre libertinos sexuais e libertinos ideológicos, podendo cada um ser traduzidos situacionalmente entre falsos e verdadeiros. Devo diferenciar, ainda, o que denominam *falsos libertinos* dos *libertinos ocasionais*, classificando os primeiros como àqueles aos quais são imputados comportamentos considerados inadequados e aos segundos àqueles que, mesmo correspondendo a um padrão adequado de comportamento, não assumem a libertinagem como referência identitária. Entre declarações identitárias e a competência em sustentá-las nos deparamos com um contexto extremamente complexo e instável.

É assim que, Patrick, um declarado *libertino ocasional*, define o seu posicionamento. Ele compartilha das mesmas representações dos demais rapazes quanto aos comportamentos adequados à prática da libertinagem, mas não da assunção desta como uma ideologia.

O rapaz apreende suas experiências como práticas situadas ao contexto das saunas e clubes, afirmando tratar-se tal comportamento de parte do proveito de sua juventude que deve, portanto, ser interrompido em momento posterior: *c'est pas la vraie vie*<sup>138</sup>. É legítimo que se comporte desta forma dado ser um homem jovem e solteiro, mas esta *fase* deverá ser superada como se supera uma fase da vida através da assunção dos papéis dignos de um processo de amadurecimento posterior.

É a negação da identidade que define a ocasionalidade da sua autoclassificação. A libertinagem é vista como uma aventura apartada do contexto da sua vida, *c'est un autre monde*<sup>139</sup> que deve ser experimentado apenas ocasionalmente, em visitas pouco frequentes à sauna. Mas o rapaz critica igualmente a busca de satisfação sexual como um fim, destacando a obtenção de prazer mútuo, a sociabilidade e o proveito do ambiente do clube, de forma geral, como elementos positivos às suas experiências.

Ele não apresenta um posicionamento crítico quanto à libertinagem ideológica, identificando-a com a assunção de um posicionamento libertário, e se remete à sua

---

<sup>138</sup> Não é a vida real (tradução livre).

<sup>139</sup> É um outro mundo.

origem provinciana como um grande limitador neste sentido. Ter sido criado numa cidade do interior da França o teria tornado incapaz de romper plenamente com o que classifica como constrangimentos morais cristãos. É interessante observar como diante da minha resistência às suas investidas (que incluíram um convite à sua casa, já que aleguei não praticar a libertinagem) eu fui diretamente questionada quanto à minha formação religiosa, apreendida por ele como a barreira responsável pelo meu comportamento monogâmico exclusivista.

Patrick não assume a libertinagem como ideologia, o que nos permitiria classificá-lo, segundo os parâmetros de Marco e Cristian, como um *falso libertino*. Vivencia a libertinagem como uma experiência sexual, neste sentido, e contextualizada espaço-temporalmente em sua trajetória individual. Por outro lado, compartilha das mesmas apreensões destes quanto ao comportamento esperado como modelar àqueles que estão inseridos nestas práticas e declara competência em correspondê-lo. Ele integra o ideário de forma situada, durante os contextos de sociabilidade, o assumindo apenas parcialmente. Caracteriza-se, desta forma, de fato como um libertino, mas apenas um *libertino ocasional*.

Entre os meus interlocutores na sauna libertina parisiense são os falsos libertinos os clientes hipotéticos, mas talvez estes se confundam como equivalentes aos iniciantes swingers cariocas. Mas a iniciação aqui se refere ao domínio de competências outras, referidas aos valores e comportamentos vigentes neste espaço específico, e é relativamente autônoma quanto à formação identitária de caráter ideológico. Ao mesmo tempo, se o posicionamento ideológico deve refletir os comportamentos, perdem-se de vista os processos de adequação, bem como os reais parâmetros de classificação. Tal comprometimento assume na prática uma importância menor, neste sentido, do que a capacidade de comportar-se segundo um padrão peculiar.

Contabilizar parceiros, justificar as práticas sexuais a partir de argumentos naturalistas, agir de forma ofensiva no processo de sedução ou *usar* a libertinagem em favor da satisfação de desejos sexuais é reverter a ideologia e, portanto, agir com falsidade. A sexualidade não é apreendida como um exercício essencialista das necessidades naturais do ser humano, como um retorno à sua natureza animal, mas sim como objeto de um cultivo da autonomia individual, justificável como uma forma de libertação e desenvolvimento, mesmo que vivenciado apenas a nível individual. É a partir da valorização do indivíduo, moderno e autônomo, que se efetivam tais práticas.

A alta valorização da cultura como produto de um processo de desenvolvimento social se traduz em uma demanda quase evolucionista de superação das barreiras culturais que limitam a liberdade individual.

Sendo a identidade uma construção social histórica e fluida, não se pode construí-la sozinho, autonomamente com relação ao contexto e aos interlocutores em copresença. O processo de construção identitária pressupõe uma coerência situada, um regime de diferenciação que coloca o sujeito que é em relação direta com aquele (ou aquilo) que não é e está subordinado, portanto, ao reconhecimento do outro (WOODWARD, 2000). Não bastam declarações verbais, são necessários processos de reafirmação. Mas é possível também que os *falsos libertinos* aparentes sejam apenas *libertinos ocasionais iniciantes* e, portanto, não inseridos na construção de uma carreira de *libertinagem ideológica* e ainda incompetentes quanto aos códigos da *libertinagem sexual*.

Ao mesmo tempo, se a construção identitária perpassa um processo inter-relacional, um comportamento adequado pode ser traduzido como confirmação da sua assunção. Por mais que seus relatos apresentem diferentes auto classificações entre ocasionalidade ou constância, veracidade ou falsidade com relação às práticas vivenciadas no espaço público do clube, é possível que sejam definidas nas situações de copresença identidades conflitantes com relação a autopercepção de si. Nesta situação, importa menos o que Patrick relata quanto ao seu posicionamento intrassauna do que se seu comportamento está em correspondência com um dado padrão.

Os dados coletados no contexto da sauna libertina, bem como os relatos concedidos pelos meus interlocutores, evidenciam uma luta travada entre esse indivíduo único, racional e autocultivado, e a sociedade impositora de normas que limitam o pleno desenvolvimento dos sujeitos individuais, pretensiosamente lhe impondo papéis e moldando suas ações. O que fica evidente em cada *round* da disputa é o absoluto equívoco no qual a disputa se baseia, pois só pode haver polarização quando há relação entre os elementos em conflito.

A própria apreensão da individualidade como um valor é concomitante ao desenvolvimento dos contextos que permitem o seu desenvolvimento e vice-versa. É a partir do contexto de sociabilidade no qual tais identidades se desenvolvem que as delimitações são possíveis. A libertinagem como ideologia refere-se a um posicionamento que extrapola a prática sexual e, portanto, não será no contexto dos

espaços públicos de sociabilidade que irá se efetivar. A libertinagem sexual sim, mas não como simples reflexo dos posicionamentos extrassauna. Ao mesmo tempo, a confusão entre categorias está dada no interior do clube, sendo parte do processo de classificação em níveis diferenciados segundo as diferentes formas de inserção possíveis neste contexto.

Tais dificuldades de classificação mesmo entre os sujeitos em relação refletem a complexidade com que se delimitam fronteiras entre tipos sociais. Não é o desenvolvimento de habilidades que define socialmente a identidade libertina, mas a competência em demonstrá-las publicamente. Ao mesmo tempo, o seu desenvolvimento está atrelado a efetivação interna de tal posicionamento individual, bem como a ajustamentos que possivelmente podem incidir sobre uma nova percepção de si. Conseqüentemente, as identidades individuais são confrontadas cotidianamente, podendo se estabelecer um hiato entre os comportamentos esperados e os posicionamentos declarados.

Temos duas formas de posicionar-se claramente atravessadas entre si: aquela que tem por referência a imagem libertina ideológica do contexto extrassauna, por si só dotada de contradições; e aquela que emerge das interações no espaço de sociabilidade. Dado que há, por parte dos atores em copresença, uma pretensa identidade entre coisa e outra, estes tendem a apresentar dificuldades em lidar com as possíveis reapropriações do ideário libertino renascentista com as quais se deparam no contexto de libertinagem sexual. Assim, as outras formas de libertinagem são classificadas como menos comprometidas ideologicamente, justamente porque o comprometimento ideológico é pressuposto como obrigatório. O resto é sexo selvagem, e sexo selvagem não é coisa de indivíduo moderno, dotado de uma alta reflexividade e voltado a um projeto de cultivo de si.

Segundo os dados obtidos a construção da carreira swinger, para aqueles que com ela estão comprometidos, é um processo extremamente ritualizado que incide, portanto, em claras delimitações entre tipos sociais no interior dos espaços de sociabilidade. As diferenciações se dão, desta forma, em correspondência com os processos de assimilação de competências, processos estes que se refletem progressivamente em maiores ou menores possibilidades de estabelecer parcerias. Assim também se define um contexto no qual a iniciação dos novatos (e, portanto, a



transmissão desses saberes e símbolos) é também uma atribuição definidora dos veteranos. E esse processo é central na construção do contexto de sociabilidade.

A cobrança de um posicionamento *libertino ideológico* por meus interlocutores franceses, por outro lado, dá-se em um contexto de *libertinagem sexual*. Enquanto a iniciação sexual libertina é caracterizada por um processo semelhante de iniciação e desenvolvimento, a libertinagem ideológica é pressuposta como uma forma individual de posicionamento. O individualismo tomado como um valor basilar à própria ideologia libertina centra-se no sujeito como o responsável por suas ações, cada deslize assumindo desta forma o caráter de uma fraqueza moral. Ao invés do critério de classificação se ater aos processos de construção de si, baseia-se em uma imagem global e estática do sujeito e dos comportamentos apresentados, desestabilizando o processo de construção identitária, bem como de uma carreira liberalista sexual.

Da mesma forma, a ritualização em torno do processo de iniciação e assimilação dos códigos de conduta é fragmentada. Mais do que recepcionados pelos *habitués*, os novatos são confrontados por estes em seu posicionamento. Objeto de fetiche ou não, esses iniciantes são apenas relativamente beneficiados pelo interesse que provocam nos demais. Mais do que uma novidade presente no contexto de interação, são deslocados em potencial caso não se comportem de forma apropriada.

Devido a todas essas razões as categorias presentes nos relatos quanto as diferentes formas de *ser*, ou *não ser*, são revertidos em categorias estáticas quanto ao que *é*, e portanto está a salvo de questionamentos, e ao que *não é*, e portanto tem negado o direito de tornar-se. E estas se confundem com as habilidades em sustentá-las e, portanto, efetivá-las. Os que denominam *falsos* na prática são os desajustados aos códigos de conduta especificamente vigentes no contexto e a partir determinados pontos de vista.

A questão é que o contexto de sociabilidade caracteriza-se pelo fluxo de diferentes frequentadores em diferentes dias e momentos. Assim, a cada redefinição da situação, é possível à boa parte desses atores experimentarem novos posicionamentos, encenar novas formas de agir, se reinventando, portanto. É essa dinâmica que contribui para uma reconstrução constante da imagem, mais do que para um processo progressivo de estigmatização interna daqueles que são incapazes de manter uma fachada favorável.

Aquele que é de fato (em caráter ideológico) se mistura com aquele que não é, mas demonstra habilidades em sê-lo, podendo inclusive ser confundido como alguém que nunca pretendeu ser. Ser um *libertino de verdade*, ideologicamente comprometido, não implica na prática em uma capacidade em integrar as relações no espaço público de sociabilidade, dado que tais habilidades carecem de ser desenvolvidas progressivamente ao longo da carreira de *libertinagem sexual*. Contrariamente, o domínio das competências necessárias a um bom comportamento no interior da sauna independe da ideologia assumida fora dela. Finalmente, meus interlocutores são reféns do sistema de classificação definido por eles mesmos a partir da sobreposição de valores intra e extracontexto de interação. Ao mesmo tempo, têm a possibilidade de se reapropriar dessa própria dinâmica em favor de suas aventuras e experimentações.

Mais do que minar qualquer tentativa de estabelecimento de uma categorização metodológica dos tipos sociais da sauna, tal digressão contribui para evidenciar a principal diferença entre os contextos de observação. Neste segundo contexto de sociabilidade observa-se uma sobrevalorização do indivíduo como núcleo de autodeclaração identitária e centro das relações. São subjugados os processos de interação, os ajustamentos e graus de inserção nos grupos de relação. Tudo se refere ao indivíduo, ao seu comportamento e ideologia. E basta que dois desconhecidos estabeleçam uma relação sexual de qualquer tipo para que a prática da libertinagem sexual se concretize.

Finalmente, as injunções se estabelecem a partir dessas contradições: ajustamentos e posicionamentos à parte, *falsos* são os *incompetentes* e uma vez plenamente *capacitados*, todos são considerados ideologicamente posicionados. Senão por escolha individual, por reconhecimento social. Os superindivíduos são por fim subjugados à sua própria “sociedade”.

## **CAPÍTULO 4: Os Serviços oferecidos, as possibilidades disponibilizadas**

A autonomização de um mercado de lazer erótico aponta para um processo concomitante de desenvolvimento de formas de sociabilidade eróticas. A expressão mercado sexual é caracterizada em sua gênese semântica por um suposto paradoxo em torno da conjugação de termos incongruentes se tomados em sentido estrito. Simmel destaca que, tratando-se das relações inter-humanas, caracterizadas por primar por essência pela duração, assim como pela verdade interior das forças de ligação, o dinheiro nunca poderá ser um mediador adequado (SIMMEL, 1993: p. 51).

A idealização em torno do amor romântico tem como pressuposto, neste sentido, uma promessa de que ao indivíduo será reconhecida plenamente a sua singularidade, em contraposição a lógica de mercado, que se caracteriza por trocas nas quais prevalecem relações impessoais e instrumentais nas quais a qualificação e o desempenho, senão o poder aquisitivo, são extremamente valorizados. Seguindo tal raciocínio, Costa (2005) destaca que a idealização romântica se caracteriza pelo pressuposto da espontaneidade, da imprevisibilidade, da transgressão de regras e convenções:

se no mercado os indivíduos são avaliados segundo critérios generalizáveis e se tornam, por isso, intercambiáveis, nas relações amorosas o critério de seleção é subjetivo e inacessível à cognição, o que torna a pessoa amada única e insubstituível aos olhos do amante (COSTA, 2005: p. 112).

Analisadas desta forma as trocas econômico-sexuais são caracterizadas por relações vazias de subjetividade. Produtos *eróticos*, entretenimento de conteúdo sexual (ou sexualizado), e, fundamentalmente, serviços sexuais propriamente ditos são caracterizados, conseqüentemente, por uma lógica típica ao mercado de consumo e, portanto, contrária àquela em torno do estabelecimento de laços afetivo-sexuais. Seja ela utilitária ou não, trata-se de uma relação estritamente impessoal, voltada para a satisfação de desejos cujo caráter de insaciedade, segundo a análise de Bauman (2008), denuncia um esvaziamento de sentido.

A identificação de um processo de interseção entre mercado e envolvimento social, ou até mesmo mercado e engajamento amoroso não é unânime em sua interpretação, mas Costa (2005) demonstra que esta é a tendência analítica

preponderante. Enquanto no mercado prevalecem relações impessoais e instrumentais e o que conta é a qualificação, dirá o autor, o desempenho técnico ou o dinheiro que se tem no bolso, *nas relações amorosas, conforme a idealização romântica, deveria supostamente contar o oposto: a espontaneidade, a imprevisibilidade, a transgressão de regras e Convenções* (COSTA, 2005: p. 112).

Eva Illouz (1997) coloca-se na contracorrente ao analisar a comercialização de contextos românticos como elemento nuclear à definição do amor na contemporaneidade. Segundo a autora, a experiência amorosa contemporânea é definida por um modo de vida no qual o consumo de produtos, atividades, senão um comportamento propriamente dito, é integrante à experiência amorosa em si mesma. Ao mesmo tempo, o amor romântico é analisado como refúgio para as utopias de transformação e ruptura da ordem cotidiana, refúgio este que acaba por não se caracterizar como uma potência de mudança propriamente dita devido a uma incongruência interna: se o amor moderno é consumista por definição, o capitalismo é, neste sentido, o contexto fundamental para seu desenvolvimento.

Sob a perspectiva assumida por Eva Illouz (1997), a *comercialização dos contextos românticos*, como dirá Costa (2005: p. 113) não é prejudicial à subjetividade, ao contrário, ambos os conteúdos (amor romântico e a lógica capitalista) se complementam. O consumo daquilo que a autora denomina rituais amorosos constitui o núcleo do amor romântico contemporâneo e, ao mesmo tempo, reforça o próprio capitalismo. Em seu estudo inovador, Illouz destaca a quebra com a perspectiva de análise frankfurtiana quanto à relação vínculo amoroso/consumo/modernidade, definidos como três interfaces entre esses domínios.

Em primeiro lugar, o consumo amoroso é marcado por uma superação da rotina através do mercado de bens. Ao mesmo tempo, envolve o desenvolvimento de um cenário público para o desenrolar do enredo amoroso e, finalmente, tal relação situa-se no âmbito das escolhas amorosas já que, segundo a autora, *possuir capitais culturais equivalentes é condição sine qua non para o vínculo amoroso* (ILLOUZ, 1997 apud COSTA, 2005)

Costa, por outro lado, opõe-se à análise de Illouz ao demonstrar que, apesar de oferecer os bens que propiciam a vivência do amor romântico, o mercado de consumo permanece incapaz de constituir-se como espaço de construção de sentidos compartilhados. Primeiro por não gerar o que denomina energia amorosa, depois porque

a impessoalidade das relações monetárias se choca com a definição das fronteiras simbólicas que separam ou diferenciam os amantes de todo o resto do mundo. Segundo este autor, *o que define a relação amorosa como tal não é o consumo desses rituais, mas o (improvável) estabelecimento de uma comunicação pessoal que sublinhe e confirme as diferenças individuais* (2005: p. 122).

Ao se limitar a uma análise da relação amorosa a partir da definição do amor como uma prática cultural, a autora acaba *tomando o amor por seus rituais, não levando em conta como esses rituais e objetos são integrados à relação amorosa*, segundo Costa (2005: p. 119). O amor moderno tem como diferencial o desenvolvimento através de um código de comunicação capaz de mediar o intercâmbio entre sujeitos que se pressupõem exclusivos e que habitam mundos de significados igualmente singulares.

A possibilidade de que o consumo de produtos eróticos se constitua como elemento integrante a determinadas formas de sociabilidade também marcadas por laços afetivo-sexuais, por outro lado, sinaliza para uma compreensão do mercado do sexo capaz de apreender as suas dimensões objetivas e subjetivas em sua totalidade. O *consumo amoroso* não é o elemento que define a relação enquanto tal, nem necessariamente aquilo que caracteriza a experiência amorosa na contemporaneidade, contrariando a análise de Illouz (1997). Ao mesmo tempo, os dados contrariam uma visão do mercado enquanto lógica relacional impessoal que, portanto, se opõe a um código de comunicação afetivo-sexual. Ao mesmo tempo, as experiências liberalistas sexuais em casal permitem questionamento de uma representação do amor romântico enquanto experiência associal, dado envolver o *apartamento dos amantes do seu entorno social*, como afirma Costa (2005).

As dinâmicas de sociabilidade analisadas apontam, ao contrário, para casos em que uma forte valorização dos laços afetivo-sexuais está integrada ao consumo de formas de lazer eróticas.

Os estabelecimentos de lazer analisados são caracterizados por uma oferta de serviços passível de ser classificada como parte de um mercado sexual. Ao mesmo tempo, estes se constituem como espaços públicos de sociabilidade. São estruturas físicas que ao mesmo tempo se dispõem como espaços construídos para práticas tais ou quais, que ofertam, sobretudo, um modo de vida e comportamento. Não apenas criam ambiências, como compõem o conjunto de relações que ali se desenrolam, são atores

que participam ativamente da definição da sequência de situações sociais experimentadas em copresença. Todos estes elementos participam de um arranjo específico entre coisas e pessoas e, portanto, da definição das situações a partir das quais se efetivam as ações<sup>140</sup>.

Os empreendimentos comerciais aqui analisados oferecem, portanto, determinados serviços aos seus usuários e que extrapolam uma dimensão puramente objetiva. Eles baseiam-se em um conceito, uma forma de pensar sobre algo, sendo, portanto, uma opinião manifesta em torno das práticas às quais pretendem corresponder. São produtos, produtores e parte de processos de subjetivação da experiência de seus usuários. Frequentar determinado estabelecimento de lazer erótico é também partilhar, mesmo que parcialmente, deste mesmo conceito, esses processos são marcados por uma relação entre pessoas e coisas que não se encerra no simples pagamento pelas tarifas de acesso.

A organização ecológica de cada um dos espaços de sociabilidade analisados converge na constituição de sociedades secretas em torno de práticas liberalistas sexuais específicas. Assim também os espaços de sociabilidade são potencialmente caracterizáveis segundo modos de vida e valores. Mas estes coexistem entre si.

Os clubes são atores não humanos em relação que agem, por um lado, como verdadeiros empreendedores morais em favor de um modo de conduta espacialmente situado. Mas que também refletem e são refletidos pelas práticas que encerram.

Enquanto o clube de swing se identifica como uma *boate para casais liberais*, a sauna se apresenta como um *espaço libertino naturista*. Da mesma forma os espaços são estruturados em favor das práticas sexuais que têm o casal e o libertino como público alvo, respectivamente, entre os swingers evidenciando a valorização de um arranjo afetivo-sexual, e entre os libertinos uma específica percepção de indivíduo. Assim também se caracterizam por diferentes gradações de controle interno, a sauna conferindo ao seu autárquico cliente uma maior liberdade de circulação e ação...

O que infere, nas diferentes situações e espaços de sociabilidade analisados, em diferentes gradações de visibilidade ou escamoteamento, ou estratégias de manipulação do eu<sup>141</sup>, são sobretudo as experiências urbanas amplamente vivenciadas.

---

<sup>140</sup> Com relação a esta abordagem ver Latour (1994) e Garfinkel (2007).

<sup>141</sup> Tanto os frequentadores dos estabelecimentos, quanto estes empreendimentos de lazer por si só.

Ao que parece as casas de swing cariocas são espacialmente estruturadas segundo um padrão semelhante, senão no que se refere às instalações oferecidas, a forma como são dispostas internamente. O mesmo ocorre com as casas de swing brasileiras (ou até mesmo argentinas) de uma forma geral (vide sites de divulgação e os relatos de Renata e Paulo). Por outro lado os custos e a acessibilidade proporcionada pelo local no qual estão localizadas e, portanto, a condição socioeconômica de seus frequentadores, pode variar bastante.

Os sites de divulgação fornecem informações de todo o tipo, voltadas, sobretudo, para os novatos, mas que assumem um papel fundamental na sustentação de um comportamento entre outros. Fábio, o promotor da noite de sábado na casa de swing analisada, aponta para características da boate que ajuda a administrar que visam a sua diferenciação de outros clubes do gênero, senão o trabalho dele mesmo com sua esposa de outros casais de promoters desta mesma boate. Mito ou estratégia de mercado, o estabelecimento comercial, neste caso, estabelece regras pontuais que visam normativizar as práticas que se desenrolam em seu interior.

Os tópicos informativos disponibilizados pelo site da casa de swing sinalizam para regras de conduta, vestimentas, público alvo e até mesmo os significados em torno da idealização do espaço, valorizado pelos donos como um imóvel estruturado em sua construção em favor da prática swinger, em distinção aos estabelecimentos *adaptados*.

*Somente casais podem frequentar o clube, todos em sua maioria casados, noivos ou namorados seletos e de nível com estrutura emocional bem definidas*, destaca o tópico *Tire as suas dúvidas sobre a sua primeira vez*, disponível no site. O nível dos frequentadores, a sua *seletividade*, bem como o pressuposto equilíbrio emocional que devem apresentar apontam para uma estratégia de marketing que visa valorizar o clube sob um forte apelo moral. Assim também são definidos os comportamentos e visões de mundo reconhecidas como adequadas aos swingers em potencial, ou ao menos o tipo de swinger que este clube especificamente pretende atrair. Neste sentido, é esperada uma postura: *Sóbria, elegante, cortês sem assédios ou interpelações entende-se que todos estão ali porque querem e não por obrigação portanto o convite poderá ser feito mas um não significa um não*, sugerido um comportamento: *o [nome do clube] fornece e incentiva o uso constante da camisinha para benefício de todos os casais* e um caminho para uma iniciação satisfatória:

**QUANDO DEVEMOS FREQUENTAR O CLUBE?** Quando se sentirem preparados para atuar ou observar sabendo-se que o swing não é opção para se consertar um casamento e sim apenas um tempero ao dia a dia uma busca pelo prazer momentâneo onde todas as partes envolvidas concordam plenamente umas com as outras<sup>142</sup>.

A figura do casal, destacada em um dos trechos selecionados acima não como o público alvo, mas como o público exclusivo da casa, sinaliza mais uma vez para a sustentação do relacionamento estável como um valor, de fato ou enquanto ideal. Chama atenção neste sentido o fato da administração do clube de swing aqui analisado ser de responsabilidade de casais de *promoters*<sup>143</sup>, cuja atuação merece especial atenção.

Fábio e Cátia são os promoters da noite de sábado, terça e quinta-feira. Juntos ou individualmente, eles recebem cada um dos frequentadores que alcançam o topo da escada.

Segundo experiência própria, a observação e relatos escassos, nesta ocasião são informadas as regras da casa quanto à vestimenta, comportamento e usos dos espaços. Regras de entrada e saída, higiene e *respeito ao próximo* correspondentes àquelas disponíveis no site e brevemente apresentadas acima. O casal é o principal responsável, portanto, pela transmissão de saberes e delimitação dos comportamentos e modo de vida swinger esperados. Eles ainda agem como mediadores de conflitos, acionando e sendo acionados pelos seguranças, sempre a postos para controlar possíveis *desviantes*. São, por fim, os representantes em exercício de todo um ideário construído em torno dos serviços oferecidos pelo estabelecimento comercial.

Similarmente, a sauna libertina naturista selecionada para a coleta de dados em Paris oferece em seu site serviços de informação quanto aos eventos semanais, suas específicas regras de entrada e tarifas, divulga eventos temáticos periódicos (como concursos de dança, Djs, festas à fantasia, etc.), bem como apresenta aos interessados o que denomina *dresscode*<sup>144</sup>. Corresponde desta forma em diversos sentidos ao ideário

---

<sup>142</sup> Informativo disponibilizado no site do estabelecimento de lazer selecionado para a observação participante no Brasil, acessado no dia 21/10/2010.

<sup>143</sup> Ao menos durante a realização do trabalho de campo. Em setembro de 2012 o casal de promoters que me serviu de anfitrião neste clube específico passou a administrar os eventos de outra boate swing, sendo substituídos por um DJ.

<sup>144</sup> Traduzido do inglês, o termo *dress code* corresponde a *código de vestimenta*. O termo é empregado pelo site como se referindo de fato às *normas de conduta*, mais do que de vestimenta, dado o uso de vestimentas no interior do estabelecimento ser interdito, com exceção das cangas e toalhas oferecidas aos clientes ainda na entrada, ou trazidas por eles. Todos os presentes durante as *soirées* observadas utilizavam estritamente os acessórios oferecidos pela sauna, apesar de ser permitido portar toalhas e



refletido nos relatos de seus frequentadores: *Pour nous le libertinage est synonyme d'ouverture sexuelle mais aussi d'une ouverture d'esprit sur les plaisirs de chacun. Le respect des autres est primordial dans notre établissement*<sup>145</sup>. Mais do que às práticas sexuais de caráter público e/ou grupal, é a um comportamento e visão de mundo, subordinados a um posicionamento ideológico, que se referem na apresentação do estabelecimento, estes mesmos pressupostos servindo de base aos serviços oferecidos e as condutas esperadas.

Em se tratando de um estabelecimento de lazer voltado para a expressão de uma atitude ideológica de caráter individualista, a sauna se remete em suas normas de conduta também aos clientes solteiros, ainda que em referência às regras de entrada que visam limitar o número de rapazes sós no interior do estabelecimento:

Messieurs, votre accès au club dépend du nombre de couple présent (un homme pour un couple) et votre comportement à l'intérieur du club doit être irréprochable dans le cas contraire vous serez reconduit vers la sortie et interdit définitivement de notre établissement<sup>146</sup>.

De forma geral as recomendações quanto ao imperativo de um bom comportamento se direcionam, sobretudo, aos homens, destacando uma visão destes como os clientes inapropriados em potencial segundo a visão dos administradores da sauna. Talvez por isso a sua entrada custe 180% mais do que aquela paga pelos casais de clientes.

Advertência semelhante é apresentada apenas quanto à coibição de atividades prostitucionais:

La prostitution : Cet acte anti-libertin est totalement interdit dans l'ensemble de l'établissement. [...]

---

cangas pessoais. Estes dados foram extraídos do site do estabelecimento de lazer, acessado em março de 2012.

<sup>145</sup> Para nós a libertinagem é sinônimo de abertura sexual, mas também de uma abertura de espírito sobre os prazeres de cada um. O respeito ao próximo é primordial no nosso estabelecimento (tradução livre).

<sup>146</sup> Senhores, seu acesso ao clube depende do número de casais presentes (um homem por casal) e seu comportamento no interior do clube deve ser irrepreensível, em caso contrário você será conduzido à saída e banido definitivamente do nosso estabelecimento (tradução livre).

L'escorting est également interdit, si nous avons des doutes nous n'hésiterons pas, une fois encore, à prévenir les services de police concernés<sup>147</sup>.

A prostituição não é proibida na França, a proibição se dá quanto ao proxenetismo, incidindo sob os intermediadores de quaisquer atividades de comercialização de serviços sexuais, o que pode implicar em problemas para o estabelecimento comercial no qual tais serviços são oferecidos (HANDMAN e MOSSUZ-LAVAU, 2005). Mas é enquanto *ato antilibertino* que a prostituição, feminina ou masculina, é vedada, bem como o abuso do álcool ou o uso de drogas, estes também por questões de segurança: *Avec les installations que nous vous proposons l'abus d'alcool est dangereux*<sup>148</sup>.

As mensagens quanto à proibição de atividades de prostituição no estabelecimento, por outro lado, estão direcionadas às(aos) profissionais, e não aos clientes. Estes são interpelados a fazerem denúncias sempre que algumas das regras sejam feridas ou que se sintam ofendidos por outras pessoas no interior deste espaço. As mulheres solteiras, desde que não se prostituam, usem drogas ou abusem do álcool, são sempre bem-vindas e até mesmo incentivadas a ir, senão pelo *dresscode*, pelos benefícios tarifários e incentivos adicionais, como *drinks* ou mesmo a gratuidade.

Tais normas visam sobretudo estabelecer penalidades para os infratores, dado a apreensão de que ambos os comportamentos ferem diretamente os parâmetros definidos em torno de um bem compartilhado por todos os seus frequentadores. Mais uma vez, é a garantia da liberdade individual que impera neste contexto.

Por fim, tratam-se de interdições declaradas e cuja plena implementação conta com o apoio e denúncia dos demais frequentadores do estabelecimento, além de conferir aos funcionários da portaria o direito de selecionar os clientes, *s'ils jugent que vous n'êtes pas dans votre état naturel*<sup>149</sup>.

Assim também a proteção oferecida é direcionada claramente aos casais de clientes, percebidos, portanto, como mais suscetíveis a tais ofensas (senão mais sensíveis a elas) ou merecedores de maiores atenções: *Pour les couples, nous proposons*

---

<sup>147</sup> A prostituição: este ato **anti-libertino** é totalmente interdito no interior do estabelecimento [...] A prostituição masculina é igualmente interdita, se tivermos dúvidas, não hesitaremos, destacamos, em contatar os serviços policiais correspondentes (tradução livre).

<sup>148</sup> Dadas as instalações que nós lhes oferecemos, o abuso do álcool é perigoso (tradução livre).

<sup>149</sup> Se eles julgarem que você não está em seu estado natural (tradução livre).

*différents thèmes tout au long de la semaine. Des journées réservées aux couples et d'autres mixtes*<sup>150</sup>. O objetivo é, sobretudo, recepcioná-los e aconselhá-los: *Si vous débutez dans le monde du libertinage nous vous conseillons de venir sur l'une de nos journées couples*<sup>151</sup>. E, finalmente, garantir a eles proteção quanto aos possíveis abusos sofridos e causados por demais frequentadores do estabelecimento: *N'hésitez surtout pas à nous solliciter si un homme ou un autre couple se veut trop insistant nous ferons le nécessaire pour que votre moment dans notre établissement se passe de la meilleure manière possible*<sup>152</sup>.

Casais, aqui, são definidos apenas como opostos aos clientes sós: se constituem como arranjos heterossexuais. Não há restrição quanto à circulação de seus membros, cobrança em torno da efetividade da relação em caráter afetivo ou diferenciação entre casais ocasionais ou *verdadeiros*. A sauna é um espaço naturista de exercício da libertinagem e não necessariamente um espaço para a troca de ou entre casais.

Justamente por não fazerem parte de um arranjo prévio, mesmo que apenas sexualmente engajado, os solteiros estão mais suscetíveis a se envolverem em situações de conflito, cada vez que abordam ou paqueram alguém. Sua experiência sexual neste contexto depende ainda do estabelecimento de parcerias, o que exige um empenho interessado e resignado em torno da sedução dos demais presentes.

Da mesma forma, constituídos entre clientes e profissionais do sexo, os casais por contrato previamente estabelecidos não trazem implicações legais para o estabelecimento, sendo, portanto, inócuos. Já a presença de profissionais do sexo entre os clientes, sobretudo quando estes pretendem oferecer seus serviços no interior do estabelecimento, podem trazer sérias implicações. Os solteiros e solteiras são, portanto, o principal alvo de controle, e não os casais.

Em ambos os contextos é necessário limitar o número de homens no interior do estabelecimento, em favor da variabilidade de gênero entre os clientes em copresença (dado se tratar de um estabelecimento de caráter hetero), bem como garantir que se comportarão de forma adequada perante aos demais. Mas isso se torna um paradoxo no

---

<sup>150</sup> Para os casais propomos diferentes temas ao longo da semana. *Journées* reservadas apenas aos casais e outras mistas (tradução livre).

<sup>151</sup> Vocês debutam no mundo da libertinagem nós lhes aconselhamos a vir à uma de nossas *journées* para casais (tradução livre).

<sup>152</sup> Não hesitem, sobretudo, a nos solicitar caso um homem ou outro casal se comporte de forma muito insistente, faremos o necessário para que o seu momento no interior de nosso estabelecimento se passe da melhor maneira possível (tradução livre).

contexto da sauna devido ao ideário libertino que sustenta. Aos solteiros estão disponíveis os principais eventos da semana, ao mesmo tempo é a um tipo específico de solteiros que estes se direcionam.

As diferentes *entidades sociais*<sup>153</sup> valorizadas em cada espaço de lazer correspondem a premissas específicas e se refletem, portanto, em diferentes formas de controle, não apenas pelo próprio estabelecimento de lazer, como pelos atores entre si, como vimos em capítulo anterior.

Ser banido da sauna, ocasional ou definitivamente, devido a um comportamento inadequado assume a implicação de uma negação da própria individualidade enquanto capacidade de autogoverno. A valorização da individualidade perpassa a efetivação de uma competência de controle sobre si mesmo e, entre os frequentadores da sauna parisiense, este é o pressuposto básico à construção de uma identidade libertina.

O site do estabelecimento libertino observado em Paris não informa, questiona ou sequer sugere o uso da camisinha pelos seus frequentadores. Por outro lado, oferece a cada um de seus clientes, ainda na entrada, uma toalha, uma canga e um bracelete numerado que contém a chave de um armário e uma bolsinha com de três a cinco camisinhas, gratuitamente. Mais do que sugerir a importância de proteção quanto às doenças sexualmente transmissíveis, o estabelecimento oferece os meios necessários em seu favor. Não foram identificados equipamentos como toalhas de papel, álcool em gel ou sequer lixeiras espalhadas pelo estabelecimento, facilitando o descarte dos preservativos usados ou a higienização dos seus usuários. O uso ou não das camisinhas é de interesse, responsabilidade e cabe ao esforço de cada um.

Curiosamente, o site do clube de swing brasileiro menciona a importância do uso da camisinha e reserva um dos seus principais links informativos a dicas de prevenção. Contradizendo até mesmo os serviços oferecidos e as práticas às quais se direcionam, tal conteúdo apresenta em seu primeiro tópico a mensagem de que *O ideal é que as relações sejam monogâmicas estritamente*. Em seguida versa sobre os riscos de contaminação diversos e incentiva o uso do preservativo. Este, por outro lado, é vendido no interior da boate e pelo dobro do preço de mercado.

As lixeiras espalhadas pelas zonas escuras e os *dispensers* com papel toalha e álcool em gel visam dar praticidade ao descarte das camisinhas usadas. Mas aos clientes

---

<sup>153</sup> Segundo definição estabelecida no Capítulo 1.

cabe portar as camisinhas necessárias, ou adquiri-las ali mesmo. Ao contrário das diferentes instalações oferecidas em função da realização de múltiplos fetiches sexuais, a prevenção às DSTs é objeto de grande incentivo, mas não é percebida como parte dos serviços oferecidos pela boate aos seus clientes e, portanto, como aspecto inerente ao comportamento liberalista sexual que é oferecido como produto. Neste caso a prática do swing, pautada em um arranjo diádico afetivo-sexual como núcleo das relações, talvez se construa a partir do pressuposto de que o que transcorre entre quatro paredes só diz respeito ao casal, incluindo a responsabilidade pela prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Por fim, os estabelecimentos comerciais disponibilizam todo o aparato objetivo necessário ao desenvolvimento de determinadas práticas sexuais públicas e/ou grupais, ao mesmo tempo em que fornece informações e transmite saberes em torno de um dado modo de vida. E estas estão pautadas em pressupostos específicos. É possível compreender a forma como o estabelecimento comercial de oferta de serviços de lazer erótico participa ativamente da construção dessas formas de sociabilidade através das estruturas oferecidas. Isenta da pressuposição de que os espaços analisados se apresentem como modelos generalizáveis em termos de estrutura e organização, objetivo avançar na tentativa de entender como essas ofertas de serviço são apreendidas e reapropriadas por seus usuários a favor da efetivação de suas práticas.

### **O clube de swing: um espaço em função de práticas**

O estabelecimento selecionado para a realização do trabalho de campo na cidade do Rio de Janeiro divide-se em dois andares, que correspondem basicamente ao *hall* de entrada, no primeiro andar; a boate/bar e o que denomino as *zonas escuras* no segundo andar. Cada um desses espaços é dividido em subáreas que podem ser, elas mesmas, redivididas em função da descrição mais ampla possível, não apenas de suas estruturas, como também dos significados a elas atribuídos.

A boate oferece o serviço terceirizado de manobristas que recepcionam os clientes junto com dois ou três seguranças e a porta de entrada exerce um papel fundamental para as práticas que encerra, diferenciadas segundo os dias da semana. A boate funciona de terça a sábado e a sua programação é diferenciada fundamentalmente

pelas específicas e variantes regras de entrada e circulação em seu interior. Durante as noites de terça-feira, quinta-feira e sexta-feira é permitida a entrada de casais, bem como de clientes solteiros mulheres e homens. Já nos dias de quarta e sábado, a noite é organizada apenas para os casais e mulheres solteiras (que, segundo as regras divulgadas, só entram acompanhadas de um casal).

As regras de entrada sinalizam para a programação do dia, delimitam comportamentos e incidem sobre a construção de um padrão interativo. Ressalto que apenas aos solteiros (identificados por uma pulseira) é permitida a livre circulação no interior do clube, aos membros dos casais sendo restrita a entrada nas zonas escuras sozinhos. A regra, segundo Fábio, visa limitar o acesso de falsos casais formados por pessoas que vão à boate apenas para possibilitar a entrada do outro, sem que tenham interesse de participar de fato. Uma vez casal, deve-se agir como tal. E essa não é propriamente uma opção.

É interessante observar que boa parte dos clientes não constituem *casais de fato*, envolvendo na verdade um arranjo ocasional<sup>154</sup>. Assim também não são solicitados documentos que comprovem a relação de conjugalidade declarada, o que provavelmente incorreria sobre uma maior limitação de acesso aos possíveis clientes não casados e, portanto, a diminuição do número de clientes no interior do clube. O estabelecimento de regras de entrada e circulação é parte de um empreendimento moral, sob os termos de Becker (2008).

Além das restrições quanto à entrada de rapazes solteiros ou mulheres solteiras desacompanhadas de casais em certos dias de semana, as regras de acesso incluem também um padrão básico de vestimenta, restritivo, sobretudo, para os homens, que devem estar sempre de calça e sapato, a menos que se trate de uma festa temática.

Finalmente, a portaria é o espaço liminar de diferenciação entre clientes e transeuntes, bem como fortaleza de afastamento dos *maus curiosos*: *Aí, chapa, aí é uma boate?* – pergunta um transeunte a um dos seguranças - *É, mas tá rolando uma festa particular hoje* – respondeu o funcionário sem titubear, afastando os desavisados.

Em seguida à portaria está a mesa da recepção. Aqui os solteiros recebem uma pulseira que lhes permite a livre circulação pelas dependências do clube e todos os

---

<sup>154</sup> Esta afirmativa se sustenta pelos dados coletados durante o trabalho de campo e que se refletem nos perfis dos meus casais de interlocutores.

clientes cadastram a sua comanda eletrônica. Ao lado da mesa de recepção estão os armários, cujas chaves são disponibilizadas aos clientes da casa para que possam deixar suas bolsas, casacos ou até mesmo roupas.

O pequeno espaço do *hall* de entrada que fica no primeiro andar é ligado ao resto do clube por uma escada e uma porta dupla guardada por outro segurança. Daí se tem acesso à pista da dança, ou à boate propriamente dita. Exatamente acima do vão da escada onde adentra o visitante fica a cabine do Dj e à frente, cortando em transversal a grande área retangular que corresponde ao espaço total do clube, fica o bar em bancada. O quadrado da pista de dança, alocado entre a escada e o bar, é rodeado por sofás laterais e decorado por globos de luz, espelhos e o reflexo de luzes tão irrequietas quanto o ritmo da música, vide a Figura 3. Esse é o espaço de socialização, em cujas extremidades os casais de novatos sentam-se tímidos, ensaiando as primeiras paqueras, em cuja área central os casais mais à vontade (ou mais ébrios) dançam, seduzem ou encenam preliminares. Há duas barras de *pole dance* a disposição das moças mais *saidinhas*, uma delas em suspenso na extremidade oposta ao topo da escada de entrada.



**FIGURA 3**  
*Pista de dança*

A pista de dança poderia se confundir com a de uma boate como qualquer outra, incluindo o show de *strip-tease* que ocorre por volta de uma e meia da manhã, as frequentes cenas eróticas protagonizadas pelos próprios clientes (normalmente entre mulheres – nunca presenciei *performances* masculinas no espaço da pista de dança que não fossem empreendidas por profissionais contratados para o show), senão até mesmo os *amassos* em meio aos dançantes. A paisagem destoa basicamente por dois aspectos: a possibilidade de que uma, algumas, senão quase todas as peças de roupa de uma cliente

sejam retiradas durante uma performance de dança mais *caliente* e, fundamentalmente, pela presença maciça de casais, sobretudo nas noites de sábado. Além, é claro, do piso branco, cuja representação é objeto de análise nas conclusões finais deste trabalho.

Esse espaço corresponde às características mais gerais de uma boate: é local dos encontros, dos olhares e dos contatos. Ao mesmo tempo, é necessário que se possa ver, pois é basicamente aqui que se será visto. Quanto ao som alto, esse é sempre uma interessante desculpa para se falar ao pé do ouvido.

O nu é permitido neste espaço enquanto parte de um contexto: a dança, o *pole dance*, ou o *strip-tease* propriamente dito, desde que corresponda a uma performance adequadamente situada. O ato de nudez, neste sentido, se apresenta como parte ou artifício de sedução. É legítimo enquanto estímulo erótico, tanto para aquele (na verdade *aquela*<sup>155</sup>) que se despe quanto para aqueles(as) que olham. A pista é o espaço de paquera, sedução, iniciativa e negociação, não é permitida a prática do ato sexual neste espaço e mesmo as cenas eróticas se passam basicamente entre mulheres: *É uma questão de respeito, pra evitar confusão mesmo: os homens olham, mas só as mulheres chegam perto e colocam a mão* (Elise, sobre a performance empreendida entre ela e Michele na barra suspensa de *pole dance*).

A posição assumida pelos homens na pista de dança parece sinalizar para as características da vivência swinger masculina de uma forma geral: aos homens cabe o papel de coadjuvante e *voyeur*. Neste espaço os contatos físicos estabelecidos por eles se limitam ao acesso às suas parceiras e, mesmo quando já estabelecidas parcerias sexuais com outros casais/frequentadores(as), os primeiros toques, beijos e carícias, transcorridos ainda na pista de dança, ocorrem apenas entre as mulheres.

Independente de como se dá a abordagem inicial, são elas que se experimentam, quando tal experimentação ainda ocorre no ambiente iluminado da boate propriamente dita, têm acesso aos corpos uma das outras e *conferem* se a atração inicial procede. As trocas de casais propriamente ditas, envolvendo a inversão dos casais de quaisquer tipos, nunca foram observadas fora das zonas escuras. Fora destes espaços bem delimitados, com exceção dos casais previamente constituídos ou das moças, observou-se um interdito informal quanto aos contatos sexuais preliminares de todo tipo. Não me

---

<sup>155</sup> Parece haver restrições informais quanto ao nu masculino que estão ainda em fase de análise.



refiro aos intercursos sexuais propriamente ditos, mas mesmo aos beijos ou carícias entre membros invertidos de casais.

A pista de dança, neste sentido, se caracteriza como um cenário privilegiado para o entendimento das práticas sexuais públicas e/ou grupais dado apresentarem-se como o espaço de exposição das *fachadas*<sup>156</sup> expressas por esses atores enquanto frequentadores deste clube de swing. Neste caso, a posição mais básica ocupada na interação, ou seja, a simples copresença, já sinaliza para as disponibilidades dos atores em interagir sexualmente, mesmo que de determinada forma.

Nos cantos da pista de dança, à frente e atrás daquele que adentra o segundo andar, se situam as áreas de sociabilidade intermediárias aos intercursos sexuais propriamente ditos. Abertas à pista de dança, porém projetadas como um *lounge*<sup>157</sup>, são decoradas com sofás e, em uma delas, há uma televisão sempre ligada em canais adultos de Tv por assinatura e a escada que dá para o *camarote* privativo em mezanino (Figura 4).



**FIGURA 4**

*Lounge e, acima, no mezanino, o camarote VIP*  
(à direita o curto corredor que serve de entrada para uma das *zonas escuras*).

Nos cantos extremos de ambos os lados do espaço retangular que caracteriza o segundo andar do estabelecimento analisado (precisamente “atrás” dos *lounges*) se situam as sub-regiões morais denominadas por mim como *zonas escuras*. Ali,

<sup>156</sup> Segundo conceito de Erving Goffman explicitado na nota de rodapé número 65.

<sup>157</sup> Termo definido pelo dicionário, neste caso, como “sala de estar ou zona destinada a espera ou descontração, geralmente dotada de assentos confortáveis” (<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=lounge>, acessado em 04 de junho de 2011).

exatamente aonde *tudo é permitido e nada é obrigatório*<sup>158</sup>. Ao menos quase tudo. Ou quase nada.

O espaço do clube de swing se caracteriza amplamente por duas áreas estritamente delimitadas e subdivididas e que serão categorizadas segundo gradações de luminosidade: as *zonas claras* e as *zonas escuras*. Esta diferenciação refere-se, por outro lado, a diferentes níveis de permissividade.

Assim como na portaria principal, seguranças atentos guardam a passagem de uma subárea a outra e contribuem para o apartamento de possíveis conflitos. A casa abre às vinte e duas horas, as zonas escuras permanecem fechadas até as vinte e três horas. Sobretudo nestes espaços, apenas aos solteiros é reconhecida uma identidade individual, aos casais está reservada uma existência autorreferida dada pelas restrições de entrada quando desacompanhados de seus parceiros. Apenas aqui são permitidos os intercursos sexuais propriamente ditos.

As zonas escuras podem ser descritas amplamente por seu caráter de abertura e fechamento, exposição e anonimato, o *ver* e o *não ver* (enquanto categorias relacionais e, portanto, fluidas) representando um papel fundamental para o estabelecimento de significados em torno das práticas possibilitadas pelas estruturas físicas. As *instalações eróticas* disponibilizadas nas zonas escuras correspondem a um conjunto mais ou menos limitado de ferramentas em função de fetiches possíveis ou propostos. Os próprios corredores são um bom exemplo neste sentido, elevados ao mais alto nível na figura do *labirinto*. Este nada mais é do que um emaranhado de passagens entre pequenas cabines e alguns nichos onde as práticas sexuais podem assumir formas ilimitadas e diferentes graus de exposição, dadas as limitações físicas dos espaços e a baixa luminosidade.

Os principais produtos oferecidos enquanto *instalações eróticas* são a *masmorra*, o *aquário*, o próprio *labirinto*, a *cama de Baco* e as *cabines* diversas e que podem ser divididas ainda em abertas e fechadas. O caráter de abertura e fechamento com que descrevo estes espaços não se refere a uma visão estática das relações entre eles, mas a um contínuo de maior ou menor reserva possibilitado pelas estruturas físicas, no que se refere objetivamente a presença de portas/trancas e janelas/grades e subjetivamente a uma abertura subjetiva dos atores que fazem uso dessas instalações (e que, portanto, estão em certo sentido *dentro*) com relação aos passantes, *voyeurs*, ou

---

<sup>158</sup> Idem Nota de rodapé n° 133.

parceiros em potencial. É interessante observar como as *cabines* espalhadas pelas zonas escuras dos dois lados do clube variam estruturalmente desde a presença ou não de portas, a presença ou não de tranca nessas portas, até espaços privativos como o *camarote VIP*<sup>159</sup>, o tipo de cama ou sofá e até mesmo estruturas como *cadeiras eróticas* ou *algemas*, assim como pode ser observado na Figura 5, contendo uma fotografia da *masmorra*, ou *gaiola*.



**FIGURA 5**

A *Masmorra*, onde há duas *cadeiras eróticas* e um par de *algemas*.

A *masmorra* é uma cabine que tem uma das paredes substituída por uma grade, permitindo aos seus usuários serem vistos ou até mesmo tocados, bem como a entrada de possíveis interessados, dado que não há cadeados ou tranças. O *aquário*, por outro lado, é uma cabine com fecho na porta, mas janelas de vidro que possibilitam, portanto, uma forma discreta de *voyeurismo* com a garantia da limitação de acesso àquele que vê. Já a *cama de Baco* (Figura 6), situada no final do corredor em uma das zonas escuras, trata-se de um enorme colchão em formato octogonal situado em uma área aberta e de circulação, interligada às cabines e ao labirinto. A *cama de Baco* é apreendida pelos meus interlocutores como o local de maior exposição em todo o clube, projetada para que possa ser utilizada por um grande número de pessoas ao mesmo tempo em intercursos sexuais grupais e, necessariamente, públicos.

<sup>159</sup> Expressão que em inglês corresponde a Very Important People, ou “pessoa muito importante”. O único camarote VIP disponibilizado pelo clube observado fica situado em um mezanino, possibilitando aos seus locatários (a um preço de R\$200,00) uma visão superior da pista de dança, do bar e de um dos *lounges*, ao mesmo tempo em que os resguarda relativamente da visão dos demais frequentadores da boate.



**FIGURA 6**

A *Cama de Baco* e, no canto superior esquerdo, uma *cadeira erótica*. Ao fundo, uma mesinha alta, de alguma forma símbolo material da valorização da prática *voyeur*, dado sugerir a permanência de clientes no entorno da cama com seus copos de bebida, recostados na mesa a observar.

Da mesma forma, as noções de *clareza* ou *escuridão* são aqui utilizadas como metáforas analíticas mais do que simples dados objetivos. De uma forma geral, o grau de luminosidade apresentado nesses espaços é diferenciado basicamente pelos canhões de luz utilizados no espaço da pista de dança, fazendo com que os *lounges* apresentem uma iluminação intermediária, dado estarem apenas parcialmente apartados, sendo espaços levemente mais escuros. Já as *zonas escuras* possuem uma atmosfera homogênea de baixa luminosidade permanente.

A questão é que a relação entre a luminosidade e as atividades desenroladas em cada uma dessas áreas apresenta uma significação simbólica direta. Tais elementos refletem um ritmo, um conjunto de atividades, senão um processo interacional que se estende do ambiente agitado e sedutor da pista de dança, o aconchego da penumbra intimista nos *lounges* e a atmosfera de mistério e permissividade que parece caracterizar as zonas escuras, por sua vez infinitamente subdivisíveis.

Apartadas do amplo espaço da pista de dança e intermediados pelos *lounges*, as zonas escuras, elas mesmas espaços semiabertos em comparação à pista de dança, se caracterizam internamente por um conjunto de instalações projetadas em função de diferentes fantasias sexuais. Os usos desses espaços, bem como a reapropriação dos significados em torno de cada uma das instalações pelos clientes, por outro lado, implicam em possibilidades ilimitadas de experimentação sexual. As atividades empreendidas nos *espaços abertos* (ou seja: isentos de trancas e, em certos casos, até mesmo de portas) de uma forma geral se caracterizam por uma abertura subjetiva ao outro, àqueles que (ao menos ainda) não estão diretamente inseridos nas atividades, mas

que também participam dela de alguma (ou diversas) forma(s). Os espaços abertos são, neste sentido e mais do que quaisquer outros, espaço para a *suruba* em potencial.

A categoria *suruba* é aqui aplicada para designar os intercursos coletivos e espontâneos, ou seja, aqueles que se passam sem que sejam estabelecidas fronteiras prévias entre parceiros e disponibilidades pessoais. Intercursos estabelecidos sem que se deem as etapas verbais ou não verbais preliminares ao ato sexual<sup>160</sup>. Assim tendem a se caracterizar sobretudo, mas não exclusivamente, as relações que se desenrolam na cama de Baco, onde os transeuntes têm maior liberdade não apenas em observar, se aproximar, tocar, senão aderir às práticas em curso. Basta um olhar sugestivo ou um direcionamento mais audacioso. O mesmo não significa dizer que essas relações não sejam elas mesmas dotadas de uma dinâmica relacional internamente negociada. A sua definição é marcada por pressupostos dados quanto a uma disponibilidade sugerida pelo próprio posicionamento dos atores, os demais ajustamentos devendo transcorrer durante os intercursos sexuais.

Assim também se caracteriza a *câmara escura*, uma instalação retangular dividida em duas partes por uma parede. Em uma dessas partes estão localizadas três cabines individuais fechadas, com portas que trancam por dentro, e que estão ligadas ao seu lado inverso apenas por orifícios localizados na altura dos órgãos genitais de um cidadão de porte médio. O lado inverso é um espaço sem divisórias, aberto por uma entrada lateral sem porta e janelas envidraçadas que se estendem por toda a parede, na altura dos olhos. Os usuários que se encontram nas cabines fechadas podem expor seus órgãos sexuais através desse orifício de ligação, para que sejam manipulados, ou expor suas mãos, como um gesto de quem deseja na verdade manipular o órgão genital alheio. Estes não podem ser vistos. Os usuários que se encontram na área oposta, mas internamente à instalação, são vistos tanto por quem está dentro quanto por quem está fora dela - graças às janelas.

Nestas situações, entra-se na relação com a mesma impessoalidade com que se pode sair dela. O uso destas instalações prevê uma abertura subjetiva ao outro e, portanto, reflete um posicionamento. São os códigos corporais os principais (senão

---

<sup>160</sup> Diferencio aqui as atividades sexuais classificadas como preliminares (não penetrativas: sexo oral, beijos, carícias, etc.) das atividades anteriores ao estabelecimento do intercuro sexual. Dadas as especificidades das práticas swingers e a diversidade de práticas sexuais que integra, todo o ato sexual, seja ele de caráter penetrativo ou não é aqui considerado uma atividade sexual propriamente dita, sem distinção. Quando me refiro às atividades preliminares remeto-me, portanto, ao processo de sedução, abordagem, negociação, etc, quando transcorridos, e em função do estabelecimento da parceria sexual.

únicos) veículos de comunicação entre os parceiros, podendo ser estabelecidos contatos verbais ou não verbais.

Estes se diferenciam dos intercursos sexuais que têm início ainda no ambiente de paquera da pista de dança. Uma análise da abordagem entre parceiros em potencial permite demonstrar como as disponibilidades pessoais podem ser questionadas, ainda durante o flerte, como estratégia de sedução, bem como delimitação de fronteiras entre disposições pessoais quanto às atividades sexuais empreendidas.

Por outro lado, o estabelecimento de práticas sexuais de caráter espontâneo, entre desconhecidos em circulação pelo labirinto das zonas escuras, senão com parceiros misteriosos encerrados em uma das *câmaras*, é parte da experiência de abertura ao outro, altamente valorizada, sobretudo pelos iniciados.

O estabelecimento comercial estabelece um público alvo a partir de um modo de vida e comportamento idealizado e é em função dessa clientela que suas instalações são estruturadas. Ao mesmo tempo é um espaço de sociabilidade liberalista sexual diferenciado não apenas devido à diversidade de tipos e copresença, mas sobretudo no que se refere aos espaços e serviços disponibilizados. A realização de fantasias sexuais é o seu produto, e cada uma das instalações possibilita um conjunto quase ilimitado de usos possíveis. Todo o contexto, desde as variações de luminosidade e som, até os dispositivos práticos (dispensers com álcool em gel, toalhas de papel e cabides) são projetados em favor das práticas sexuais ali empreendidas.

A garantia de sucesso do estabelecimento depende de um fluxo de clientela regular, seja entre frequentadores assíduos ou ocasionais, e essa variação é também parte do produto oferecido. Por outro lado, deve-se manter uma coerência ao menos relativa com relação a um ideário, sob o risco de perda de clientes, descaracterização do estabelecimento e a desvalorização da sua imagem perante os frequentadores do circuito de sociabilidade swinger na cidade. Devido à relativa circulação dos clientes entre clubes, uma má reputação pode alcançar até mesmo os ouvidos daqueles que não o conhecem.

Os clubes se diferenciam pelo público que atraem, bem como pelos espaços físicos que oferecem. O clube analisado se caracteriza pela diversidade de estruturas, bem como pela flexibilidade dos usos possíveis. Mas não é dotado de saunas ou piscinas, como ocorre em outros estabelecimentos do gênero. A garantia de uma

atmosfera swinger específica, por outro lado, é dada também pelas regras impostas aos seus frequentadores. Desta forma, o clube integra diretamente o contexto de sociabilidade, atuando na disposição de instalações voltadas para um exercício sexual fetichizado, bem como na construção de códigos de conduta específicos entre sujeitos em copresença.

O clube se estrutura como um espaço *para o sexo*, em contraposição ao observado na sauna francesa e em consonância com o modo de vida que encerra. Há muito mais do que sexo no próprio sexo, certamente, mas enquanto estrutura física o espaço assume um caráter instrumental: fetichizado e asséptico. A sexualidade de grupo experimentada seja pelos casais de fato ou pelos solteiros (constituídos em casais ocasionais ou não) é múltipla em possibilidades. Ao mesmo tempo essas vivências sexuais brincam entre cenários e *sextoys* e cabe também ao clube de swing oferecer-se como um brinquedinho para maiores.

### **Profitez<sup>161</sup>! A sauna libertina como um ambiente para se criar e lambuzar**

Diferenciações estruturais são evidentes entre os estabelecimentos de lazer observados. O clube de swing analisado apresenta-se como uma *boate para casais liberais* que se estrutura e organiza a partir de práticas de caráter swinger, nas quais se pressupõe, portanto, que o casal se constitua como núcleo das relações. O espaço oferece eventos noturnos que duram no máximo 6 horas, desde a abertura da portaria até o esvaziamento progressivo e fechamento das portas (em torno das cinco da manhã aos sábados, quando a noite começa às 22 horas). De uma forma geral, se apresenta uma decoração *clean*, com sofás recobertos por tecido sintético de fácil higienização e instalações voltadas para seu uso prático, mais do que decorativo, vide as Figuras 3, 4, 5 e 6. O clube é dividido entre *zonas claras* (espaços de encontro, flerte e sedução) e *zonas escuras* (os espaços nos quais a prática sexual é permitida), estes últimos representando claramente um espaço *para o sexo* no interior do estabelecimento.

---

<sup>161</sup> Aproveite! (tradução livre). Expressão nativa utilizada com frequência pelos meus interlocutores ao e referir ao espaço da sauna, apreendida como um espaço para se aproveitar, bem a como convite ao “proveito”, seja do espaço, seja das práticas ali transcorridas.

<sup>161</sup> Ressaltado como categoria nativa, o termo corresponde ao sobrenome dos inventores da banheira de hidromassagem e que, ao nomear a empresa criada para a construção dos primeiros exemplares do produto, foi também apropriado como seu nome.

Já a sauna apresenta-se, por outro lado, como um clube *libertino* de caráter *naturista*, oferecendo uma estrutura física diferenciada no que se refere às instalações, às regras de circulação, a dinâmica de funcionamento e até mesmo aos códigos de vestimenta. O espaço é cuidadosamente decorado com motivos indianos, apresentando ambientes amplos e iluminados de forma relativamente homogênea (ainda que apresente uma maior luminosidade no andar de baixo e uma atmosfera mais intimista no andar de cima), uma *jacuzzi* e saunas, além das cabines. A decoração criteriosa é ela mesma apresentada como parte do produto oferecido, e sugerida como proveito: *Autour du bar toujours animé, vous pourrez lier connaissance autour d'un verre, et admirer le décor où sculptures et matières précieuses s'allient pour composer un décor féérique*<sup>162</sup>.

Assim, todas as paredes são delicadamente recobertas com grandes colunas de madeira entalhada, treliças, quadros e esculturas. O mobiliário, desde os chamativos sofás de estofado aveludado até os bancos e estruturas de alvenaria, correspondem ao mesmo estilo. Apenas as almofadas dos bancos próximos às *áreas molhadas*, os colchões nas cabines, bem como aquele que recobre a grande mesa no *lounge* são estofados com tecidos sintéticos, devido tanto a razões de higiene quanto às especificidades dos usos, pelos próprios clientes, muitas vezes molhados ao sair da *jacuzzi* e das saunas. A sauna parisiense se apresenta como um espaço *para proveito*, mais do que um espaço *para o sexo* e, sendo assim, deve corresponder a um ideal estético criado em referência a um ideal ideológico: a libertinagem como um cultivo de si.

Por razões metodológicas e em consonância com a análise estrutural do clube brasileiro, o espaço da sauna será dividida entre *zonas secas* e *zonas molhadas*. Tal subdivisão é menos pronunciada em comparação com o clube de swing carioca, ambas as subáreas se constituindo como um contínuo absolutamente aberto à circulação. Mais do que portas guardadas por seguranças, as suas diferenciações assumem um caráter simbólico referenciado pelos seus usos possíveis. As primeiras correspondem aos espaços de acolhimento e encontros: a entrada, o vestiário e o bar (Figura 6<sup>163</sup>). Às *zonas molhadas* correspondem as saunas, a *jacuzzi* e a *vila de detenção*, ou as diversas

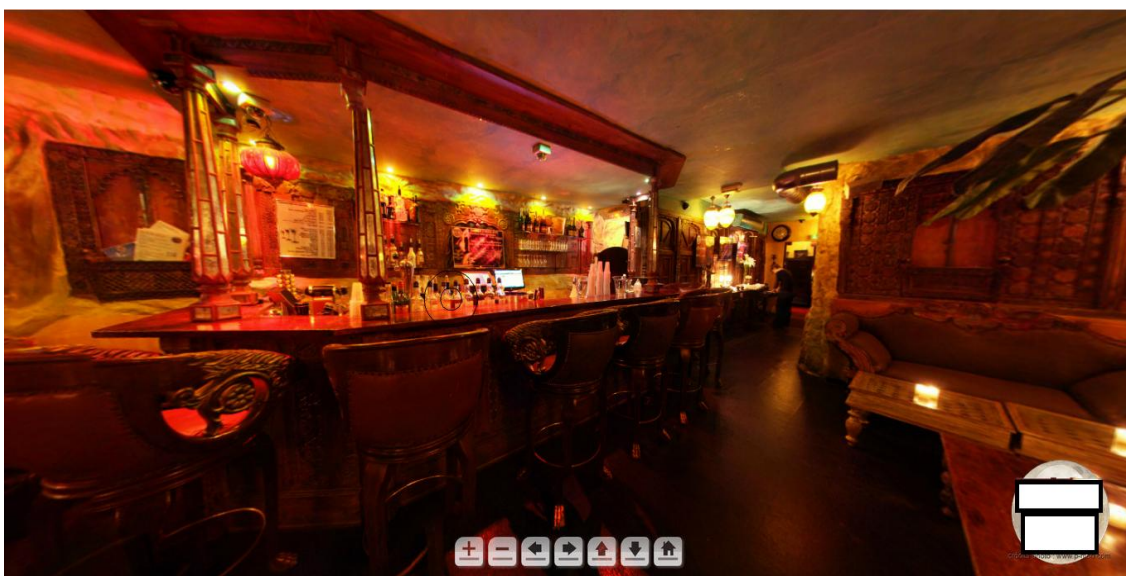
<sup>162</sup> Em torno do bar sempre animado, você pode estabelecer contatos tomando um drink e admirar a decoração na qual esculturas e outras preciosidades se combinam para compor uma decoração digna de um conto de fadas (tradução livre). <http://www.mooncity.fr/bar-lounge.html> acessado em abril de 2012.

<sup>163</sup> Todas as imagens disponibilizadas do interior da sauna foram produzidas a partir da *visita virtual* disponibilizada pelo site do estabelecimento.



cabines espalhadas pelo segundo andar do estabelecimento, onde estão instaladas as saunas.

A umidade aqui simboliza uma imersão moral bem como a *secura* se remete a condição oposta, de recolhimento. Imergir é inserir-se, seja de fato ou em potencial, nos espaços e nas atividades para as quais foram estruturados. Ao mesmo tempo, os ambientes são contíguos, relacionados entre si e delimitados simbolicamente em torno de um processo ritualizado de estabelecimento de coparcerias e empreendimento de práticas.



**FIGURA 7**

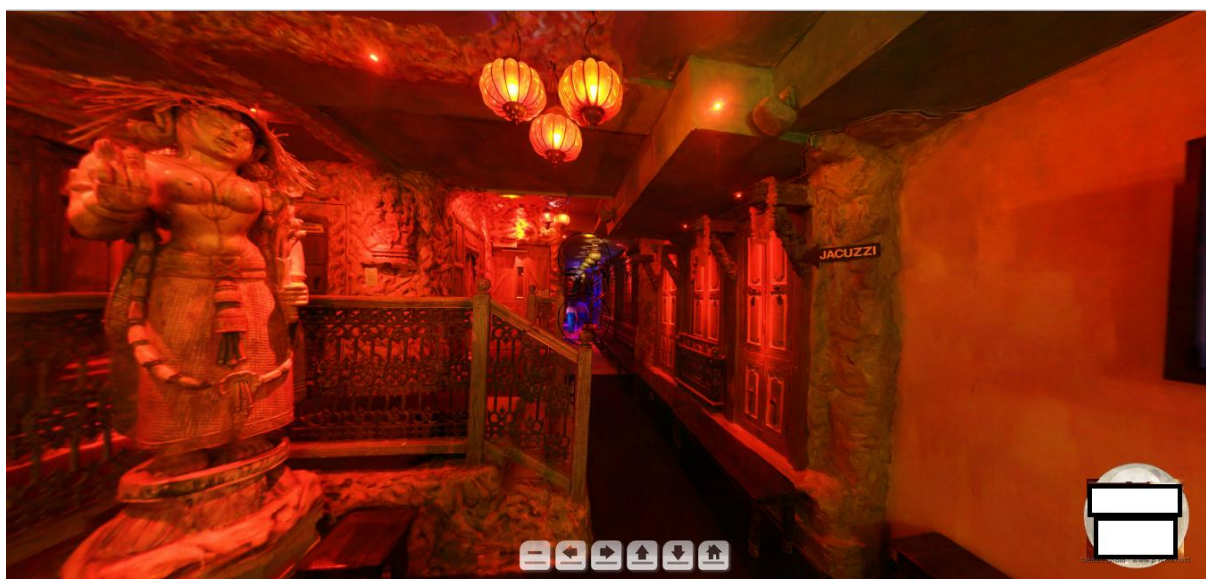
Bar. Ao fundo a porta de entrada e, à direita, o *funódromo*<sup>164</sup>.

A entrada e o salão imediatamente ligado a ela correspondem aos ambientes de encontro e sociabilidade em sentido amplo. Nas extremidades, no clube de swing brasileiro, e nas *profundezas*, na sauna, se localizam os espaços para o sexo, subdivididos e devidamente equipados. Assim como o observado no Brasil, diferentes gradações de abertura e fechamento diferenciam cada uma das cabines e saunas (algumas contendo janelas de vidro, outras carentes de portas, etc.), mas aqui no interior das cabines não há algemas, grades ou cadeiras eróticas, e sim basicamente colchões.

Outra grande e inegável diferença está no fato de que o único espaço da sauna aonde não é permitida a prática sexual é a *jacuzzi* e, ainda assim, por questões de higiene, enquanto o clube carioca restringe às *zonas escuras* os intercursos sexuais. Aqui a umidade a se impõe como elemento ritual de um processo de inserção, não apenas nos espaços, mas sobretudo nas atividades transcorridas em cada um deles.

<sup>164</sup> Fotografias divulgadas pelo site do estabelecimento através de uma visita virtual, em acesso em abril de 2012.

O *lounge* (Figura 8), a princípio integrado ao bar como parte da ampla área que se segue à porta que divisa a entrada e o vestiário (esse no segundo andar, mas cujo acesso é direto e obrigatório àquele que se encontra na região limítrofe entre a portaria e a porta que dá acesso à parte interna do local), vai se constituir como um espaço intermediário e flexível em seus usos. Ao mesmo tempo em que está integrado à área do bar, como um espaço total, quando os clientes se concentram em torno do jantar, shows ou de atividades gerais (como o concurso de *pole dance* que tive a oportunidade de observar), está também integrado à *jacuzzi*, situada no corredor que dá acesso à escada que leva ao segundo andar. A grande mesa quadrada no meio do *lounge* assume ao mesmo tempo o papel de mesa de jantar em torno da qual vários clientes se reúnem quando o *buffet* é servido e, dotada de um grande colchão de tecido impermeável, uma espécie de *cama de Baco* disponível para sessões de sexo grupal.



**FIGURA 8**

*Lounge* (imagem tirada em sentido oposto à Figura 6). Ao fundo o corredor que, à direita, dá acesso à *jacuzzi* e, em frente, às escadas que levam ao segundo andar. A grande mesa quadrada se encontra na parte central abaixo, no espaço que não se mostra visível na fotografia.

A *jacuzzi* (Figura 9), neste sentido, está para as cabines e saunas assim como o *lounge* está para o bar. É caminho, zona intermediária, mas de outro nível. Em se tratando de um ambiente *naturista* de caráter *libertino*, a *jacuzzi*, mais do que espaço de negociação e flerte é um espaço de possibilidades dadas. Ali nem toalhas, nem cangas, apenas corpos nus ocupando uma mesma área e envoltos por água e uma decoração criteriosa.



**FIGURA 9**

À esquerda na imagem, o corredor que vem do *lounge* e dá acesso à *jacuzzi* e a algumas duchas. A imagem à direita mostra a *jacuzzi*. Em detalhe na imagem a plaquinha ao lado da *jacuzzi*, voltada para a porta, onde a interdição à qualquer tipo de ato sexual é declarada e justificada. No período de realização do trabalho de campo, além desta placa havia também uma outra, com imagens de diferentes práticas sexuais sinalizadas como proibidas, como em placas de trânsito, possivelmente para os turistas que eventualmente frequentam o clube e não falam francês.

Insisto em destacar que não há interdição quanto a práticas sexuais de tipo algum no interior da sauna observada, senão àquela que se refere ao uso da *jacuzzi*, justificada por questões higiênicas, bem como preventivas no que se refere às doenças sexualmente transmissíveis. Ainda assim, uma subdivisão dos diferentes espaços da sauna é observável, variando por outro lado segundo contextos e temporalidades.

Marco relata que a tal mesa no centro do *lounge*, onde se *come o que há de comer*, é usada por grupos em atividade sexual apenas ocasionalmente, no fim da noite e apenas pelos mais desinibidos. A *jacuzzi* se apresenta, neste sentido, como um espaço de aproximação propriamente física, bem como entrar nela em muito remonta uma declaração de interesses, senão de disponibilidade potencial. Está lá quem *quer, quer procurar* ou quem acredita que talvez já possa ter *encontrado*. Pode-se estar lá para ver, certamente, mas para ver não é preciso entrar.

Ao contrário das declarações diretas de interesse ou perguntas desinibidas sobre minhas preferências sexuais (parte do processo de sedução vivenciado por mim entre os swingers), os libertinos me convidam ao coito de forma indireta, sugerindo a entrada na *jacuzzi*. O convite se dá por aproveitar o espaço, bem como as possibilidades dadas. Aqui ninguém me chama para ir a uma cabine, ou sugere as práticas sexuais que podemos realizar juntos. Eu sou convidada a *relaxar um pouco na jacuzzi*. *Profitez!* é o lema e o código de declaração de interesses. Aceitar o convite é despir-se física e simbolicamente.

Neste passeio imagético, oferecido pelo próprio estabelecimento em seu site, são destacados justamente os aspectos estéticos, apresentados como um produto em si mesmo, em favor do proveito propiciado pelo simples fato de se *estar lá*. Da mesma forma, ao invés de Djs e uma pista de dança, música ambiente e um repertório quase tranquilizante, a música eletrônica e de ritmo acelerado sendo restrita a eventos temáticos específicos. O conceito a partir do qual foi construído, desde a disposição de imponentes estátuas de madeira, estofados e luminárias, corresponde a um estilo e uma harmonia pressupostas como simbólicas a um estilo de vida e comportamento. Um lugar para se aproveitar acima de tudo. O modo de vida se abstrai do comportamento sexual propriamente dito, este se referindo apenas a um dos aspectos de um posicionamento ideológico, senão de fato, enquanto ideário e argumento. Assim a sauna libertina se caracteriza como um espaço delicadamente ornado segundo um padrão decorativo altamente rico e detalhado, oferecido aos visitantes de seu site através de uma visita virtual e, sobretudo, aos seus frequentadores, pessoalmente.

Não está a disposição do olhar do internauta o interior das saunas, as placas de advertência que são normalmente dispostas em um dos cantos da *jacuzzi* em proibição a intercursos sexuais em seu interior, nem os colchões dispostos nas cabines (ou na *village détente*, segundo os termos nativos). De fato, estes espaços contam, enquanto estruturas para o sexo, apenas com o mínimo necessário para conferir conforto aos seus usuários: camas, *foutons* e estofados. Senão uma janela aqui e uma ausência de tranca ali que corresponderiam de alguma forma às estruturas físicas oferecidas pelo clube de swing brasileiro em referência aos usos fetichistas possíveis.

Durante a minha primeira visita ao site da sauna parisiense o passeio virtual ainda não estava à disposição. Ao invés disso, fotografias ilustravam os ambientes e nelas um trio de modelos: duas mulheres e um homem, vestidos de acordo com as exigências da casa (leia-se enrolados em toalhas), em poses discretas e sequer alusivas quanto às práticas sexuais que ali transcorrem durante os eventos. Praticamente os mesmos espaços eram ilustrados: o bar, o lounge, a *jacuzzi* e o corredor da *village détente*. Mas o foco era a sua decoração, e nada mais.

Ao contrário, o estabelecimento de lazer erótico carioca não apenas fornece um grande número de estruturas diretamente voltadas aos exercícios sexuais mais diversos, como dispõe fotografias deles em seu site, retratando as estruturas e objetos (como as cadeiras eróticas, algemas, etc.). Não há atores, mas mais do que os espaços de

circulação, são os diversos nichos (*cabines, masmorra, cama de Baco*, etc.) que assumem destaque entre as imagens. Já o vídeo no qual um casal de swingers fala sobre o estabelecimento e suas dependências mostra não apenas as imagens desses espaços, bem como os usos possibilitados e ilustrados através de encenações entre um casal de atores em trajes íntimos e cenas sexualmente alusivas. Fica evidente neste caso como a preocupação estética se subordina a uma preocupação com a estrutura, com a variabilidade das instalações e as posições sexuais, fetiches e até mesmo o número de pessoas passíveis de se relacionar sexualmente ao mesmo tempo, variando, portanto, em tamanho. O espaço é uma ferramenta objetiva em favor de fins que lhe transcendem, que deve ser usado não em si mesmo, mas como um *espaço para* e, neste estabelecimento de lazer, um *espaço para o sexo* em suas infinitas formas. Ele é apresentado apenas como um espaço físico em função de práticas, práticas estas definidoras de identidades em construção.

A sauna, contrariamente, assume um papel fundamental para um exercício mais amplo de proveito mas, sobretudo, autoproveito. Não basta apresentar-se como um espaço para o sexo, bem como não é necessário disponibilizar mais do que um mínimo de conforto. As relações ali transcorridas não se sustentam (sequer de forma idealizada) por si mesmas, não se efetivam a partir de laços estáveis ou pré-estabelecidos (por mais que possam se basear neles).

O espaço é um ator não humano fundamental ao exercício de identidades que (ao menos em ideologicamente) extrapolam tanto as suas fronteiras quanto as práticas sexuais. A libertinagem se define menos pela realização de fetiches do que pela realização sexual, em um sentido mais amplo e genérico, o que se reflete na percepção de seus usuários. A diferenciação deste estabelecimento de lazer dentre outros, e que lhe confere à preferência de Marco e Francis, é o ambiente.

Encontrei Marco na sauna em uma tarde de quinta-feira quando apenas poucos clientes circulavam pela sauna. Eu estava sentada assistindo TV, cuja programação inclusive era um programa de perguntas e respostas, quando ele se sentou despojadamente no sofá. *Eu gosto de vir aqui para relaxar*, me dizia, *venho sempre que a semana está muito estressante, eu gosto de ficar aqui*. Os mesmos relatos reapareceram na entrevista concedida a mim, algumas semanas depois. Sentir-se à vontade, aproveitar o *ambiente*, relaxar, encontrar gente nova e de diferentes origens,

são alguns dos elementos destacados por todos os meus interlocutores quanto ao que lhes agrada neste espaço.

Assim também os processos de abordagem envolvem longas conversas, muitas vezes sendo interrompidos diante da ausência de sinais não verbais de reciprocidade quanto ao interesse sexual. Assim Francis passou horas comigo sem saber que meus interesses eram outros. Ele se deu conta, certamente, de que não eram os mesmos que os dele, e por isso se afastou. Mas não tentou me tocar, não perguntou sobre as minhas experiências nem contou as dele. Não falou sobre sexo, absolutamente.

O falar de sexo é um elemento básico às abordagens experimentadas no contexto do clube de swing. É sobre isso que me questionavam quando se aproximavam, era sobre isso que falavam quando eu me identificava como pesquisadora. Era sobre isso que acreditavam que eu queria saber com a tese.

Ao falarem de proveito, de aproveitar, Marco e Francis também se referem a um proveito sexual. *Profiter* do espaço é fazer uso de tudo o que o contexto tem a oferecer e que um convite à *jacuzzi* simboliza sexualmente. Um convite a aproveitar da *jacuzzi*, relaxar ou refrescar-se na *jacuzzi*, é um convite sexual. Mas importa menos saber das preferências sexuais daquele a quem se convida do que usufruir desta instalação para descobri-lo na prática, mesmo que na prática preliminar ao ato penetrativo. O sexo é, ele mesmo, um ato de proveito e de proveito de um posicionamento que o extrapola. De proveito do contato com o outro. Fala-se, finalmente, não do que se pode fazer em favor do prazer, mas do próprio prazer.

Não se trata de uma atividade de satisfação de fantasias sexuais, mas de uma atividade de satisfação em sentido amplo, o que confere ao estabelecimento comercial uma centralidade específica. O produto oferecido pela sauna, finalmente, é o éden da liberdade individual. Desta feita, deve corresponder estruturalmente a um ambiente paradisíaco, estereotipado segundo um padrão idealizado. Ele é mais do que um conjunto de instalações e espaço de encontro, ele é parte daquilo que se busca encontrar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: Notas sobre a assepsia moral**

As práticas liberalistas sexuais evidenciam muito mais do que simplesmente formas de relacionar-se sexualmente. Assim também a sua análise contribui para a compreensão dos processos de estabelecimento de formas sociais, bem como dos seus conteúdos, assim como o definido para os objetivos deste trabalho. Mais do que estabelecer generalizações sobre os comportamentos e práticas tomados como objeto de observação, este trabalho está pautado em uma análise empírica do estabelecimento de formas de sociabilidade urbanas.

Os estabelecimentos de lazer não são apenas espaços de construção destas formas sociais, são estruturas arquetípicas que a elas pretendem corresponder materialmente.

Ao se referir aos comportamentos considerados antilibertinos, a sauna se remete a valores quanto a esse posicionamento e modo de vida. O alcoolismo excessivo implica em uma perda de controle sobre si mesmo, incapacitando o sujeito para agir de forma adequada ao contexto intrassauna. É o risco da ofensa que justifica a retirada do infrator do espaço de sociabilidade, mesmo que essa se dê apenas após um ato impróprio propriamente dito, afinal, a expulsão de um cliente aparentemente inofensivo (mesmo que potencialmente perturbador) pode ser ela mesma apreendida como ato negativo.

Quanto à oferta de serviços sexuais, ele não se dá diretamente pela sauna, o que a diferencia de muitos dos demais estabelecimentos de lazer também situados nesta área da cidade de Paris. O serviço não apenas não é oferecido, como descaracteriza a proposta sustentada pelo empreendimento. A oferta de serviços sexuais entre clientes da sauna implica em um risco duplo: o de que possa ofender moralmente determinados frequentadores e o de que o estabelecimento seja culpabilizado legalmente, em acordo com a legislação francesa.

Diante das especificidades do contexto brasileiro, o imperativo da conjugalidade emerge em desconfianças em torno da presença de garotas(os) de programa no interior do clube, incidindo sobretudo sobre os casais aparentemente mais destoantes, formados por membros de idades ou potencial estético muito diferentes. Mocinhas jovens e bonitas acompanhadas de homens idosos e considerados feios são alvo de uma imputação quase imediata da classificação. O fato é que os meus interlocutores desconfiam da possibilidade de haver amor em uma situação de desigualdade

(sobretudo etária ou estética), o que nos remete a um ideal de amor romântico segundo o qual a *compatibilidade* entre parceiros é tida como uma condição para o real comprometimento amoroso.

As tensões em torno de tais classificações são evidenciadas em estratégias adotadas com vias a recusar quaisquer benefícios financeiros, bem como disfarçar sinais que indiquem quaisquer desigualdades econômicas pelas mulheres inseridas no contexto libertino analisado por Philippe Combessie. As dificuldades encontradas por mulheres de origens modestas em operar o trabalho necessário para adotar uma normatividade plástica, nos termos do autor, se traduzem em uma tendência a aceitar menos facilmente os convites realizados por pessoas mais ricas, sejam homens ou mulheres, sobretudo no âmbito das trocas sexuais. É a moça solitária que, sendo beneficiada pelas relações estabelecidas, ou mostrando-se incapaz de esconder dificuldades financeiras em mantê-las, é passível de desconfiança.

Mesmo as manifestações de solidariedade amical mais correntes (convites para ir a restaurantes, o pagamento de um taxi no retorno à casa, etc.) são tão mais dificilmente aceitas quanto mais central for a troca de natureza sexual: *Dans ces situations, l'argent peut devenir facteur de tension intra-communautaire et de réactivation de la tension inhérente à leur rapport à la domination masculine*<sup>165</sup> (2010: p.8). O dinheiro impõe limites ainda ao desenvolvimento equilibrado das trocas, no contexto analisado pelo autor, dado que esses encontros demandam uma infraestrutura, salienta, o dinheiro devendo circular livremente, seja na forma de pequenos presentes, sinais de atenção que são como símbolos de reciprocidade no seio da coletividade.

No Brasil as prostitutas (são muito mais comuns belas e reluzentes moças no interior do clube do que o seu equivalente de sexo masculino, daí a desconfiança no feminino) se constituem nos relatos como figuras mitológicas, sem dúvida presentes, ao menos no imaginário dos meus interlocutores. Alvo de desconfiança, preconceito e, sobretudo, objeto fantasmático, elas povoam os pensamentos dos iniciados, são recorrentes nas perguntas sobre o andamento da pesquisa (aqui me refiro aos meus interlocutores não swingers: colegas pesquisadores e leigos) e presença hipotética no interior do clube. Ninguém nunca viu, há quem tenha certeza *absoluta* e todo mundo diz já ter ouvido falar que elas estão lá. Ninguém é apesar de possivelmente corresponder

---

<sup>165</sup> Nessas situações o dinheiro pode se tornar um fator de tensão intracomunitária e de reativação da tensão inerente à sua relação com a dominação masculina (tradução livre).



aos mesmos estereótipos que permitem a classificação do outro. Todo mundo especula, ninguém assume que contrata, mas se for, foi... Por fim, talvez se deseje que seja, mesmo *sem querer querendo*, só pela excitação dada pela possibilidade.

Entre os casais a presença de profissionais do sexo é fonte de desconfiança e alvo de estratégias de positivação que tornam impossível ao pesquisador (e até mesmo aos mais experientes frequentadores do clube) diferenciar os casais de fato e os casais ocasionais ou por contrato. O mesmo não implica em afirmar que haja resistência quanto a possibilidade de estabelecimento de relações sexuais com casais de parceiros formados entre garotos (as) de programa e seus clientes. Mas tais conflitos evidenciam uma demanda pela sustentação de uma fachada específica: a de um casal de fato, ao menos no contexto intraclube.

As *meninas* são um fetiche. Fetiche esse que pode assumir diferentes nuances, desde o contrato consciente entre aquele que consome diretamente o serviço sexual (o cliente do programa) em função do consumo de outro produto (a prática swinger no espaço da boate), até o estabelecimento de intercursos sexuais com casais possivelmente formados por cliente/profissional do sexo pelos *casais* de swingers *de fato*. *Dá pra identificá-las entre as moças que estão lá com frequência, variando em parceiros, ou que estão recorrentemente acompanhadas de gringos*, relata Airton quanto às casas de swing da Zona Sul da cidade, mas e quando vão acompanhadas de um mesmo cliente, ou quando se está num determinado clube pela primeira vez?

Elas (e porque não eles?) podem ser o *passaporte*<sup>166</sup> de um solteiro(a) a fim de frequentar uma noite para casais, bem como um *bônus* para que clientes mal cotados possam estabelecer relações de troca mais favoráveis, senão apenas profissionais a serviço de clientes em processo de *iniciação* nas práticas swingers<sup>167</sup>. Por fim, mais vale um profissional do sexo sexualmente atraente do que um cônjuge que foge aos padrões de beleza e sedução e, amplamente passíveis de serem classificados como reflexo da média da população brasileira neste sentido (ao contrário da visão do senso comum os swingers não são nem sarados, nem lindos, nem necessariamente bem-dotados) estar com um parceiro capaz de atrair muitos olhares é estar em vantagem potencial.

<sup>166</sup> Categoria nativa que se refere às parcerias ocasionais estabelecidas no contexto da sauna parisiense.

<sup>167</sup> Airton relata que contratava algumas garotas de programa para as festas de swing que organiza. A elas caberia atender aos solteiros mais inibidos, senão aqueles que apresentassem maiores dificuldades em estabelecer parcerias sexuais.

Em um contexto no qual as práticas bissexuais femininas são recorrentes, uma bela mulher é capaz de atrair ambos os membros de outro casal, enquanto o tabu em torno da bissexualidade masculina torna um belo homem uma moeda de troca valorizada quase que exclusivamente pelas outras mulheres. Ainda assim, como importantes negociadoras, estas mulheres dotadas de desejos conferem um poder aos tais belos rapazes capazes de agregar valor às suas parceiras.

A sauna deixa claro que o interdito dá-se quanto à oferta de serviços sexuais no interior do estabelecimento. Já no clube de swing os esforços em impedir a entrada de profissionais do sexo são apenas indiretos, envolvendo estratégias de controle da entrada que subordinam a presença de mulheres sós à companhia de casais (com exceção das *noites para casais, solteiros e solteiras*, quando todos têm a entrada liberada). Por outro lado, a diferenciação entre *casais montados* e *casais de fato* evidencia a desconfiança de que são objeto os primeiros, sobretudo em se tratando de casais considerados incompatíveis em termos estéticos. Uma vez desmascarados em suas estratégias de manipulação da ocasionalidade do arranjo, a perda da face pode se traduzir na imputabilidade da classificação negativa a um dos seus membros: o mais jovem e bonito.

Entre os casais de swingers exclusivos, os adeptos da troca de casais, a preferência por parceiros igualmente fundados em laços afetivo-sexuais pode ser traduzida em uma resistência a estabelecer intercursos com profissionais do sexo. Mas diante da variedade entre atividades e formas de estabelecimento de parcerias a *seleção* pode se dar (ao menos ocasionalmente) de forma menos criteriosa, quiçá de forma alguma. Por fim, os relatos evidenciam um discurso dúbio, marcado pela desconfiança mútua e certa excitabilidade diante da possibilidade de que estas se confirmem. Há sempre uma possível prostituta presente nos imaginários, o que para muitos pode simbolizar uma roleta russa altamente excitante.

O fato é que na prática experimentada pessoalmente em campo a possibilidade de que eu mesma fosse uma prostituta circulando sozinha pelos diferentes espaços do estabelecimento de lazer nunca os desmotivou a aproximar-se. O assédio ao qual fui alvo era isento de valores morais em torno de laços afetivo-conjugais. As *rolinhas* são altamente atrativas para os casais dispostos ao *ménage à trois*.

Finalmente, bem como os *strippers* contratados pelo próprio estabelecimento para os shows de sábado à noite, garotos e garotas de programa também atendem a uma

demanda neste espaço, mesmo que esta não seja direcionada aos estabelecimentos de lazer, envolvendo apenas contratos interindividuais.

O deslocamento com relação a um modelo conjugal pelos solteiros incide sobre o estabelecimento de regras de conduta mais detalhadas. É interessante observar a partir do relato de Airton como a boa conduta de um homem solteiro está subordinada ao seu discernimento com relação à abertura do outro. *Para que eles não saiam abordando as mulheres dos outros*, descreve com relação às informações transmitidas a estes ao chegar às festas. Airton destaca desta forma que aos solteiros cabe esperar a iniciativa dos casais, senão apreender os sinais que lhes conferem o direito de aproximar-se ou juntar-se a eles durante uma atividade sexual já em curso.

Enquanto os casais podem contar com uma aproximação entre mulheres, senão com a mediação feminina, mesmo quando o seu objeto de desejo não apresenta sinais claros de interesse, ao menos aos homens solteiros é vedada a aproximação casual, sob o risco de se incorrer em uma situação de conflito iminente. Aproximar-se do homem pode ser interpretado como uma tendência bissexual, aproximar-se da mulher como um desrespeito. Assim também é necessário controlar as ações e estabelecer punições previstas a esses possíveis infratores.

Solteiros, solteiras e profissionais do sexo representam uma transposição da relação diádica, contaminando o espaço de troca swinger. Os primeiros ao se autonomizarem com relação ao núcleo básico de inserção nesses contextos. Os segundos devido ao caráter falseado com que o correspondem eventualmente. Ao estabelecerem casais montados, os solteiros se dispõem a corrigir ou ao menos minorar tais injunções. Importa menos o caráter com que os laços são estabelecidos do que a disponibilidade em sustentá-los a partir de uma pressuposta autenticidade, sobretudo quando em relação com casais de fato. Por fim, um solteiro (e, sobretudo uma solteira) é um parceiro altamente valorizado à realização de determinadas fantasias, e ainda mais raro nas *noites para casais e solteiras*.

Ao acionarem a mesma estratégia de inserção por formação de casais ocasionais, os profissionais do sexo se comprometem duplamente. A correspondência com o modelo dual implica, ao mesmo tempo, em um escamoteamento da relação contratual preestabelecida. Não é apenas o caráter ocasional do arranjo que é objeto de manipulação, mas a relação monetária que o motiva, o que exige um trabalho ainda mais complexo de sustentação da fachada.

A *veracidade* dos casais montados é dada a partir da autenticidade do comprometimento com dado posicionamento, fundado sobre um acordo mútuo cujas motivações são coerentes com tal contexto. Mesmo que estas não correspondam a um modelo afetivo-sexual. Esta formação refere-se a um tipo de posicionamento entre outros, passível de ser variante também entre os casais de fato: *conheço casais que saem separados*, relata Aurora. Membros individuais de arranjos afetivo-sexuais bem como solteiros articulados como casais ocasionais se direcionam segundo uma mesma lógica: a possibilidade de acessar a diferentes tipos de experiências sexuais a partir de diferentes formas de inserção nos espaços de sociabilidade.

E estas práticas foram relatadas tanto por meus interlocutores swingers quanto pelos meus interlocutores libertinos, assim como salienta Francis, seu hábito mesmo que pouco frequente de ir à sauna com uma parceira ocasional, e as suas parceiras casadas que circulam pelos espaços de libertinagem sozinhas.

Quando em casais, o significado do estar junto difere em termos subjetivos segundo a base do arranjo (se afetiva ou não), bem como em processos de efetivação das ações. Do ponto de vista dos solteiros o exercício sexual é uma ferramenta de cultivo individual espaço-temporalmente situada, seja como uma aventura juvenil, ou parte de um posicionamento ideológico. Mas a formação do arranjo implica em questões práticas equânimes no que se refere ao estabelecimento de parcerias e às atividades possibilitadas.

A presença de profissionais do sexo incide sobre outras questões, que têm por referência os pressupostos compartilhados pelos integrantes desses mundos secretos. Eles colocam em jogo diferentes formas de disjunção quanto a esses modos de vida.

As(os) garotas(os) de programa integrantes de *casais montados* ou acionadas como *parcerias passaporte*<sup>168</sup> colocam à prova não apenas o arranjo afetivo-sexual, como também a sua variante instrumental. A base da relação não é dada pelo elo afetivo, ou sequer pelo posicionamento individual liberalista sexual, mas por um contrato profissional. Elas *swingam* como quem faz transcrições de textos ou entrevistas para uma tese: como uma atividade integrante a seu exercício profissional.

---

<sup>168</sup> Estabeleço aqui uma diferenciação entre os profissionais contratados em favor de uma inserção diferenciada, por um cliente solitário que deseja experimentar o swing em casal, ou pragmaticamente, como via de acesso ao estabelecimento de lazer nas noites em que é permitida apenas a entrada de casais ou mulheres solteiras, respectivamente.

As prostitutas exercem um papel chave sobretudo no interior do espaço de sociabilidade swing. São uma figura mitológica dúbia, inspirando jogos internos de autoafirmação e o frisson das relações às cegas. Todo aquele que é passível de desconfiança é também um objeto coletivo de fetiche. Beneficiar-se dos seus serviços, seja como cliente direto ou indireto, é exercer um posicionamento internamente efetivado em última instância. Diante dos imperativos estéticos do mercado sexual, a contratação de um profissional do sexo é, finalmente, uma estratégia em favor do estabelecimento de parcerias no interior dos estabelecimentos de lazer. Ou ao menos de parcerias de *melhor cotadas*.

Transar com o(a) parceiro(a) de outro(a), observar o(a) parceiro(a) com outro(a), bem como experimentar o sexo pago são formas quase equivalentes de vivência do liberalismo sexual. Digo *quase* porque em sua acepção interna (segundo as situações sociais analisadas) este deve pressupor uma troca equânime em termos de reciprocidade. Segundo tais perspectivas nativas, portanto, a reciprocidade pressupõe equilíbrio no que se refere ao elemento ou o caráter da troca. Do ponto de vista do cliente, finalmente, o contrato refere-se a uma estratégia de maximização do prazer, mais uma das aventuras passíveis de ser experimentadas no contexto liberalista sexual. Contrariamente, do ponto de vista da prostituta (destaco: são basicamente elas que *existem*, ao menos no imaginário dos meus interlocutores), o intercurso sexual assume o caráter de atividade ordinária.

É nas disjunções entre a ordinaryidade da vida e suas experimentações aventurescas que a *imoralidade* da atividade prostitucional se localiza do ponto de vista liberalista sexual. Esta não se dá simplesmente devido a ausência de afetividade como a base para um arranjo dual e, finalmente, a uma definição de bem compartilhado entre os cônjuges. Nem ao menos devido a ausência de um posicionamento ideológico a partir do qual a sexualidade possa ser vivenciada em função de um desenvolvimento individual. As prostitutas provocam tanta desconfiança e ao mesmo tempo tanta euforia justamente por subverterem a lógica. Elas ironizam o próprio liberalismo sexual ao oferecerem o sexo como um serviço comercial. Ao invés de um veículo de cultivo, de si ou do arranjo afetivo-sexual, o sexo torna-se um fim prático, um meio ordinário de exercício profissional: o exato oposto ao autoproveito na concepção liberalista sexual.

*Onde o entrelaçamento com os elementos desconhecidos do destino torna duvidoso o êxito de nossa atividade, cuidamos de limitar o emprego de nossas forças,*

*de manter abertas as linhas de retirada e damos cada passo apenas experimentando,* dirá Simmel quanto às ações cotidianas. Na aventura, contrariamente,

procedemos de um modo diametralmente oposto: apostamos tudo justamente na chance flutuante, no destino e no que é impreciso, derrubamos a ponte atrás de nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias (SIMMEL, 1998: p. 177).

O exercício liberalista sexual dá-se através de uma forma de sociabilidade e é quanto a esse comprometimento que os profissionais do sexo são cobrados, assim como eu mesma. Retomamos a passagem no *chateau* em que um dos meus interlocutores aciona o seu direito de escolha quanto a ser tratado como um objeto de pesquisa, bem como ao jogo de coqueteria com que a própria situação de pesquisa se deu. Todos esses atores me interpelam a situar-me nestes contextos, a fazer parte deles segundo as lógicas que lhes são próprias e eu, como uma prostituta, insisto em me inserir nesta aventura a partir de objetivos ordinários. A nossa presença infere sobre uma redefinição das situações de copresença dado o posicionamento que assumimos. Assim também subvertemos a lógica do anonimato compartilhado, ao conferir notoriedade a um cliente específico (e suas demandas prioritárias) ou a todos os presentes no contexto, tomados como objeto de atenção em função do desenvolvimento da pesquisa.

Os espaços públicos de sociabilidade são também os espaços de delimitação de um modo de ser, são contextos rituais.

É significativo o fato do piso da boate do clube de swing ser branco. Mais ainda o esforço permanente em garantir que assim o permaneça. Esforço asséptico empreendido durante toda a duração dos eventos, a expensas das gotas de bebida devidamente pisoteadas pelos corpos dançantes e seus sapatos contaminados por uma sujeira que é objeto de controle quase neurótico.

Cada um dos membros do casal de promoters do estabelecimento porta discretas lanterninhas agilmente acionadas diante do menor sinal de sujeira no chão. Prontamente, um dos funcionários surge como um relâmpago e com um pano de chão cautelosamente preso na ponta de um rodo. Mais luz, para indicar o local que deve ser limpo. Um pouco mais, para conferir a aceitabilidade dos resultados obtidos pela ação

asséptica. Diante do aparato já montado, aproveita-se a oportunidade para conferir o entorno. Todas as máculas minuciosamente identificadas são objeto de esmero e escrupuloso confronto. Cada sombra, cada jogada de luz, tudo deve ser conferido insistentemente. Com a mesma agilidade com que surgiu, o funcionário torna a desaparecer entre os presentes.

Desde que se comporte da forma adequada o cliente tem sempre razão, o que não impede tal empreitada de interrompê-lo no meio da dança e afastá-lo da área imprópria da pista. A assepsia é o serviço prioritário a ser oferecido e que a tudo justifica. É um fim em si mesmo, bem como atividade contínua. Enquanto os seguranças representam a imponência de grandes sentinelas, os funcionários da limpeza se espalham pelos cantos como espectros do bem. A sua invisibilidade é contrariada apenas pela atividade constante.

Há sempre alguém a conferir as lixeiras dos banheiros, a secá-los e organizá-los. Cada cabine privativa é limpa nos intervalos entre uma locação e outra<sup>169</sup>, mas a assepsia das zonas escuras exige uma vigília ainda mais apurada. Observar e agir são as regra da casa. A circulação dos clientes pelos diferentes espaços nos quais a prática sexual é permitida exige um equilíbrio perfeito entre atenção e indiferença, empreendimento extremamente complexo devido à baixa luminosidade e o grande fluxo de pessoas. Aos funcionários não cabe a indiscrição *voyeur*.

É necessário ver apenas o suficiente para que se possa calcular o momento certo de agir. Nesta ocasião, primor absoluto e agilidade total. Deve-se entrar e sair sem que seja notado, mas, fundamentalmente, não se deve notar nada além do que os resíduos esparramados pelos colchões, os suores ou possíveis fluidos orgásticos. Há lixeiras espalhadas por todos os lugares, mas estas servem mais como espaços para a organização imediata dos dejetos do que para o seu acúmulo. Finalmente, os procedimentos de purificação são eles mesmos objeto de manipulação. Não devem evidenciar o desasseio sobre o qual se debruçam.

Tais evidências sugerem que os rituais de purificação são parte de um projeto de moralização. A eliminação dos resíduos sexuais pode ser analisada como pista de um processo de manipulação da sujidade que é inevitável a tais atividades. Esta mácula seria portanto apreendida como um sinal infamante que, produto de relações imorais, se

---

<sup>169</sup> A locação dá-se por períodos de uma hora.

traduzem em vergonha e risco de desonra. Procurei demonstrar, contrariamente, que o exercício sexual é dotado de significados específicos para os meus interlocutores liberalistas sexuais. Comprometidos de formas diferenciadas com um projeto de construção de uma carreira liberalista sexual, esses atores se posicionam segundo diferentes domínios de competências em agir. Ao mesmo tempo, tais diferenciações internas são também objeto de confrontação em escala interindividual, incidindo sobre processos de efetivação das ações em caráter situacional.

Finalmente, as situações sociais são definidas pelos próprios atores em copresença, relações as quais contam com os próprios estabelecimentos de lazer como atores não humanos. Estes são espaços altamente ritualizados, bem como passíveis de ritualização. O rito, finalmente, *não só exterioriza a experiência, não só a ilumina, como a modifica pela própria maneira como a exprime* (DOUGLAS, 1991: p. 51). O ritual é sobretudo um ato criativo de ordenação.

As zonas escuras do clube de swing, assim como as zonas úmidas da sauna libertina, são os lugares por excelência à realização do ato sexual (seja por consentimento ou por conveniência). São os espaços de culto, de sacrifício e veneração a um modo de vida e sociabilidade. A sua assepsia não se refere simplesmente a uma denúncia quanto à impureza dos resíduos que lhes são deixados por atividades anteriores, como também à reverência quanto às atividades que ali voltarão a transcorrer. A visibilização desses processos de saneamento deve ser objeto de grande controle, em respeito ao caráter imaculado com que o próprio espaço deve se sustentar. É uma atividade típica aos bastidores, dado que a sua função primordial é a manutenção da genuinidade do seu caráter incólume.

Por outro lado, a efetividade de tais procedimentos é dada a partir de um processo de ritualização ao qual se deve dar visibilidade. Desta forma é possível apreender os movimentos constantes de controle e supressão dos resíduos no espaço da boate do clube de swing como formas de visibilização das atividades que escapam à vista. Cada espaço do clube deve manter-se imaculado e livre de resíduos que evidenciem seus usos, mas a limpeza da pista de dança refere-se a um processo de ritualização da purificação. Confere visibilidade a um procedimento escrupuloso que deve, por outro lado, passar despercebido justamente aonde mais importa: nos espaços voltados à prática sexual.



A higienização refere-se a um processo de organização do meio social, opondo-se a impureza e seu caráter de desordem. Por outro lado, a impureza com que os resíduos sexuais são tratados não reflete simplesmente o caráter lascivo das atividades que o produziram. A impureza nunca é um fenômeno único, isolado, destaca Mary Douglas (1991), e o ritual exerce exatamente esta função prática de evidenciação de um quadro, de estimulação da memória e da percepção da ordenação.

Finalmente, o processo de moralização interna das práticas não é sinônimo a um processo de limpeza moral. Este se refere a uma admissão do contágio e um esforço em manipulá-lo, a admissão do caráter negativo das práticas empreendidas, da sua inadequação com um quadro valorativo dado e um esforço em reverter esta condição. O processo de moralização, contrariamente, envolve ao estabelecimento de referenciais valorativos, estes centrados a práticas específicas e uma definição de bem autorreferida. Não é a partir da simples reapropriação de um quadro moral extraclubes que as práticas liberais sexuais se efetivam, mas sobretudo através da administração de novos referenciais valorativos.

O estabelecimento destas formas sociais se dá a partir das relações reciprocamente estabelecidas entre os sujeitos em copresença. Neste contexto alguns conteúdos são autonomizados como referenciais de conduta, bem como são reapropriados pelos atores em relação. Diferentes ângulos de observação de tais práticas são passíveis de ser acionados com o objetivo de apreendê-las em toda a sua complexidade, e esse foi o esforço que motivou a elaboração desta pesquisa de tese. Ative-me o mais cautelosamente possível a sua análise a partir dos elementos que lhes são característicos, mais do que a aplicação de modelos analíticos dados. Desta forma, diferentes categorias foram acionadas como ferramentas operacionais, mas sempre e desde que se mostrassem adequadas à realidade observada. Espero ao menos ter me aproximado do alcance desses objetivos.

## BIBLIOGRAFIA

**ABREU**, Maurício de A. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2010.

**AGIER**, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. In: *Revista Mana*, 7(2):7-33, 2001.

**AGUSTÍN**, Laura Ma. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *Cadernos Pagu* (25), julh./dez., 2005.

**ARÁN**, Márcia e **PEIXOTO Jr**, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu* (28), 2007.

**ARENT**, Marion; **CARRARA**, Sergio. Gênero, sexualidade, corpo e trabalho: Etnografia em um Clube das Mulheres. *Revista PSICO*, v. 38, n<sup>o</sup> 3, pp. 254-261, set./dez., 2007.

**BARTELL**, Gilbert D. *La sexualité de groupe*. La revolution érotique ? Paris : Diguett-Deny, 1972.

**BASZANGER**, I. Introduction: les chantiers d'un interacionnisme américain. In : **STRAUSS**, Anselm. *La trame de la négociation*. Sociologie qualitative et interacionnisme. Paris : Éditions L'Harmattan, 1992.

**BATAILLE**, Georges. *L'Érotisme*. Paris : Union Generale d'Éditions, 1970 (1957 by Les Éditions Minuit).

\_\_\_\_\_. *Les larmes d'Eros*. Paris : Union Generale d'Éditions, 1978.

**BAUMAN**, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vida para Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.

**BECKER**, Howard. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Evidências de trabalho de campo. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

**BERNSTEIN**, Elisabeth. O significado da compra: desejo, demanda e comércio do sexo. *Cadernos Pagu* (31) julh./dez., 2008.

**BIONDI**, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

**BLANC**, Manuela. *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*. Monografia (bacharelado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Centro de Ciências do Homem, 2006.

\_\_\_\_\_. *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. Gogo services: dançarinos de *strip-tease*, identidades sociais e dilemas profissionais. *Anais da 27ª Reunião Brasileira de Antropologia*. [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_27\\_RBA/arquivos/grupos\\_trabalho/gt36/mvb.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt36/mvb.pdf), 2010.

**BOLTANSKI**, Luc [e] **THÉVENOT**, Laurent. *De la justification: Les économies de la grandeur*. Paris, Gallimard, 1991.

\_\_\_\_\_. The sociology of critical capacity. *European Journal of Social Theory*. London: Sage Publications, 2000.

**BORDO**, Susan. O Corpo e a Reprodução da Feminidade. In: JAGGAR, A.M. & BORDO, S.R. (eds.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

**BOURDIEU**, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

**BOZON**, Michel. Sociologia da sexualidade. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

**BURGESS**, Ernest W. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In: PIERSON, Donald. *ESTUDOS DE ECOLOGIA HUMANA: LEITURAS DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA SOCIAL*. São Paulo: Martins, 1948.

**BUTLER**, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *The psychic life of power – theories in subjection*. California, Stanford University Press, 1997.

**CAMPBELL**, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

**CEFAI**, Daniel e **PASQUIER**, Dominique (Coord.). *Les sens du public. Publics politiques, publics médiatiques*. Paris: PUF, 2003.

\_\_\_\_\_. La construction des problèmes publics. Définitions de situations dans des arènes publiques. <http://enssibal.enssib.fr/autres-sites/reseaux-cnet/75/02-cefai.pdf>, acessado em março de 2010.

**CEFAI**, Daniel ; **MELLO**, M. A. S.; **MOTA**, F. R.; **VEIGA**, F. B. (Orgs) *Arenas Públicas: por uma etnologia da vida associativa*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2011.

**COMBESSIE**, Philippe. Le partage de l'intimité sexuelle. Pistes pour une analyse du pluripartenariat au féminin. In: LE GALL, Didier. *Identités et genres de vie. Chroniques d'une autre France* (2008) Paris : L'Harmattan, 2008.

\_\_\_\_\_. Le pluripartenariat sexuel : une communauté interstitielle ? In : SAINSAULIEU, I; SALZBRUNN, M.; AMIOTTE-SUCHET, L. (Ed.) *Faire communauté en société. Dynamiques des appartenances collectives*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2010.

\_\_\_\_\_. Quando les femmes 'libertines' parlent de leur sexualité. Analyse des écarts entre discours entendus et pratiques observées. In : *Ethnographies plurielles*, 2011.

\_\_\_\_\_. Le socio-anthropologue et les « *libertines* ». Aceito para publicação em 2012.

**COSTA**, Sergio. Amores fáceis. Romantismo e consumo na modernidade tardia. In: *Revista Novos Estudos*, nº 73 Nov. 2005.

**COULMONT**, Baptiste. *Sex-Shops – une histoire française*. Paris : Éditions Dilecta, 2007.

**CROCCO**, Fábio Luiz Tezini. Estudo crítico sobre a transformação da ideologia e da subjetividade. [www.psicanaliseefilosofia.com.br/.../Vol2.../estudo%20critico.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/.../Vol2.../estudo%20critico.pdf), acessado em abril de 2010.

**DA MATTA**, Roberto. *A casa e a rua*. 5º edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

**DESCHAMPS**, C. et **GAISSAD**, L., « Pas de quartier pour le sexe ? », *EchoGeo*, nº5, juin/aout 2008, article mis en ligne en juin 2008 : <http://echogeo.revues.org/index4833.html>

**DEVEREUX**, Georges. *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Traduction de l'anglais par H. Sinaceur revue par l'auteur. France : Champs Essais, 1980.

**DICIONÁRIO** **AULETE**,  
[http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=sexo](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=sexo), acessado em 23 de junho de 2011.

**DOUGLAS**, M. *Pureza e Perigo*. SP: Perspectiva, 1976.

**DUARTE**, Luiz Fernando Dias Et all (Orgs.). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. São Paulo: Editora Garamond, 2005.

**FAVRET-SAADA**, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*. nº 13, 2005.

**FONSECA**, Carlos Roberto. Os segredos evolutivos do orgasmo feminino. In: *Revista CIÊNCIA HOJE*, vol. 46, nº 273, 2010.

**FONSECA**, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares - 2.ed.* - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

**FOUCAULT**, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *A mulher/os rapazes: da história da sexualidade*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

**FOZ**, I. [isafoz.blogspot.com.br](http://isafoz.blogspot.com.br), acessado em junho de 2012.

**FREIRE**, Jussara. *Sensos do Justo e problemas públicos em Nova Iguaçu*. (Tese de doutorado em Sociologia) Instituto Universitário do Rio de Janeiro (IUPERJ), 2005.

**FREUD**, Sigmund. *La vie sexuelle*. Paris: Presses Univesitaires de France, 1969.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes. Psychanalyse. Vol VI (1901-1905). Trois Essais sur la théorie sexuelle.* Paris : Presses Universitaires de France, 2006.

**FRÚGOLI JR.**, Heitor. *Sociabilidade Urbana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

**GARFINKEL**, Harold. *Recherches en ethnométhodologie.* Paris : Presses Universitaires de France, 2007.

**GEERTZ**, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

**GUIMARAENS**, Dinah e **CAVALCANTE**, Lauro. *Arquitetura dos hotéis cariocas: espaço e organização social.* São Paulo: Paz e Terra, 2007.

**GIDDENS**, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.* Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

**GOFFMAN**, Erving. Ritual de interação. Ensaio sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos.* Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* 4º edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1998.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana.* Petrópolis, Vozes, 1975.

**GOULD**, Terry. *The lifestyle: a look at the erotic rites of swingers.* Canada: Vintage Canada, 1999.

**HALL**, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**HANDMAN**, Marie-Elisabeth; **MOSSUZ-LAVAU**, Janine. *La prostitution à Paris.* Paris : La Martinière, 2005.

**HUGHES**, Everett C. *Men and their Work.* Westport, 1958.

**HUMPHREYS**, Laud. Tearoom trade: impersonal sex in public places. <http://www.angelfire.com/or3/tss/tearoom.html>, 19/09/2012

**ILLOUZ**, Eva. Consuming the romantic utopia. Love and the cultural contradictions of capitalism. Los Angeles: University of California Press, 1997.

**JOSEPH**, Issac. *L'athlète moral et l'enquêteur modeste.* Paris : Ed. Economica, 2007.

\_\_\_\_\_. Voir, exposer, observer : L'espace du public ; les compétences du citadin. *Actes du colloque d'Arcet Senans.* Paris : Editions Recherches-Plan Urbain, 1990.

**KAUFMANN**, Jean-Claude. *La femme seule et le prince charmant. Enquête sur la vie en solo.* Paris : Nathan, 1999.

**LATOURE**, Bruno. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

**LAUWE**, Paul-Henry Chombart de. *Paris : essais de sociologie. 1952-1964.* Paris : Les éditions ouvrières, 1965.

**LENZI**, Eduardo e **SOUZA**, Francina Evaristo de. *Psicanálise e Subjetividade na sociedade tecnológica contemporânea: algumas considerações a partir de Herbert Marcuse.* Anais do XIX Encontro de Psicologia. São Paulo: UNESP ([www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS\\_DO\\_XIX\\_ENCONTRO/106\\_EDUARDO\\_LENZI.pdf](http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/106_EDUARDO_LENZI.pdf), acessado em março de 2010), 2006.

**LOPES Jr.** Amor, sexo e dinheiro: uma interpretação sociológica do mercado de serviços sexuais. *Revista Política e Sociedade*, n° 6, 2005.

**LUHMANN**, N. *O amor como paixão. Para a codificação da intimidade.* Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

**MACHADO DA SILVA**, L. A. e **VELHO**, Gilberto. Organização social do meio urbano. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (dir.) *Anuário Antropológico 76.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

**MAGGIO**, Sergio. *Conversas de Cafetinas.* Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2009.

**MAGNANI**, J. C. Quando o campo é a cidade. In: Magnani, J. C. e TORRES, L. L. (Orgs.) *Na metrópole – Textos de Antropologia Urbana.* São Paulo: EDUSP, 1996.

**MAUSS**, Marcel. *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: COSACNAIFY, 2003.

**MOTA**, Fábio Reis. Cidadãos em tosa parte ou cidadãos à parte? Demandas de direitos e reconhecimento no Brasil e na França. *Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.* Rio de Janeiro: Is. n., 2009.

**MURARO**, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983.

**NAYAK**, Lucie. *Normes sexuelles et contrôle social. La participation en couple à des formes de sexualité collective,* mémoire de Master 2, Université Paris Ouest – Nanterre – La Défense, 2008.

**NETO**, José R. Maia. O ‘Tratado dos Três Impostores’ e reações judaicas ao ataque libertino à revelação. In: In: NOVAES, Adauto (Org.). *Libertinos Libertários.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**OLIVEN**, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos.* 6° edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

**PAQUOT**, Thierry. *L’Espace public.* Paris: Éditions la Découverte, 2009.

**PARK**, Robert. *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona, España: Ediciones del Serbal, 1999.

\_\_\_\_\_. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Velho, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

**PARKER**, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

**PÉTONNET**, Colette. Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. Niterói, RJ: EdUFF, 2009.

**PISCITELLI**, Adriana. Gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu* (25) julh./dez, 2005.

**POLANYI**, Karl. *A nossa obsoleta mentalidade mercantil*. (acessado em <http://pt.scribd.com/doc/2628701/Karl-Polanyi-A-nossa-obsoleta-mentalidade-mercantil>, 2012). Portugal: Revista Trimestral de História e ideias, nº 1, 1978.

**PRIORE**, Mary. *Histórias íntimas. Sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

**REDOUTEY**, Emmanuel. Trottoirs et territoires, les lieux de prostitution à Paris. In : HANDMAN, Marie-Elisabeth; MOSSUZ-LAVAU, Janine. *La prostitution à Paris*. Paris : La Martinière, 2005.

**ROCHA**, Ana Luiza Carvalho da e **ECKERT**, Cornélia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

**SANTOS**, Rafael França G. dos. As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes (2010-2011). *Dissertação* (mestrado). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.

**SILVA**, Ana Paula e **BLANCHETTE**, Thaddeus Gregory. Amor um real por minuto a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: Sonia Correa, Richard Parker. (Org.). *Sexualidade e política na América latina: histórias, intersecções, paradoxos*. v. 1, p. 192-233. RdJ: Sexual Policies Watch, 2011.

**SILVA**, R. S., Hélio. A situação etnográfica: Andar e ver. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano15, nº 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. *Certas Cariocas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

**SIMMEL**, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979 (1902).

\_\_\_\_\_. O conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983a.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983b.

\_\_\_\_\_. *A filosofia do amor*. Tradução de Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. A aventura. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

\_\_\_\_\_. *O segredo*. Tradução de Simone Caneiro Maldonado. Revista de Ciências Humanas. EDUFSC: Florianópolis, 2009a.

\_\_\_\_\_. The secret and the secret society. In: \_\_\_\_\_. *Sociology. Inquiries into the construction of social forms*. Boston: Brill, 2009b.

**SIMÕES**, Soraya. *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói, EDUFF, 2010.

**STRAUSS**, Anselm e **CORBIN**, Juliet. Metodologia da Teoria Fundamentada: uma visão geral. In: [www.orbispictus.com.br/downloads/MTF.pdf](http://www.orbispictus.com.br/downloads/MTF.pdf), acessado em outubro de 2009.

**TALESE**, Gay. *A mulher do próximo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

**TARDE**, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *La morale sexuelle*. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2008 (1907).

**THÉVENOT**, Laurent. *L'Actio au pluriel*. Sociologie des régimes d'engagement. Paris : Éditions la Découverte, 2006.

\_\_\_\_\_. S'associer pour composer une chose publique. in: Chopart, Jean-Noël et alii (eds). *Actions associatives, solidarités et territoires*, Saint-Etienne, Publications de l'Université de Saint Etienne, 2001.

\_\_\_\_\_. "Pragmatiques de la connaissance", in: BOREL, A., BOUVIER, A., PHARO, P. (eds.), *Sociologie et connaissance. Nouvelles approches cognitives*. Paris : Ed. du CNRS, pp. 101–139, 1998.

**THRASHER**, Frederic M. *The Gang. A Study of 1313 Gangs in Chicago*, Chicago : The Chicago: University Press, 1927.

**TROUSSON**, Raymond. Romance e libertinagem no século XVIII na França. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**WEBER**, Max. Classe, Estamento e Partido. In: *Ensaio de Sociologia*. RJ: Editora LTC, 1982



**WELZER-LANG**, Daniel. *La planète échangiste*. Les sexualités collectives em France. Paris : Éditions Payot & Saint Germain, 2005.

**WERNECK**, Alexandre. *A desculpa: As circunstâncias e a moral das relações sociais*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

**WIRTH**, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

**WOODWARD**, Kathryn. Identidade: uma introdução teórica e conceitual. IN: \_\_\_\_\_. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

**VAN GENNEP**, Arnold. 1960 [1909]. *The Rites of Passage*. Chicago: Phoenix Books/University of Chicago Press. (Tradução brasileira: *Os Ritos de Passagem*, Petrópolis, R.J. Vozes, 1978).

**VELHO**, G. O desafio a proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSHNIR, Karina (orgs.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 208-220.

\_\_\_\_\_. Metrôpole, cultura e conflito. In: \_\_\_\_\_. *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

**VON DER WEID**, Olívia. Adultério consentido: Gênero, corpo e sexualidade na prática do swing. *Dissertação de mestrado*. Rio de Janeiro: IFCS, 2008.

**ZALUAR**, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

**ZAMBONI**, Marcela. “*Você inventa o amor, eu invento a solidão*”: do essencialismo aos determinantes culturais em George Simmel. 33º Encontro Anual da Anpocs - GT 38: Subjetividade e emoções.